

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

GÊNERO, CORPO, EMOÇÃO E MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS:
Uma aproximação da Violência Urbana

ALEXANDRE FRANCA BARRETO

RECIFE / 2007

	Barreto, Alexandre Franca		
	Gênero, corpo, emoção e medidas sócio-educativas: uma aproximação da violência urbana. – Recife: O Autor, 2007. 179 folhas : il., quadros.		
	Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2007.		
	Inclui bibliografia e anexos		
	1. Antropologia – Violência urbana – Violência masculina – Homens jovens. 2. Gênero – Corpo – Práticas corporais – Expressões emotivas. 3. Relações sociais – Desigualdades. 4. Pernambuco – Olinda – Sistema sócio-educativo. I. Título.		
	396	CDU (2. ed.)	UFPE
	305.4	CDD (22. ed.)	BCFCH2007/22

ALEXANDRE FRANCA BARRETO

GÊNERO, CORPO, EMOÇÃO E MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS:
Uma aproximação da Violência Urbana

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia, sob a Orientação da Profa. Dra. Marion Teodósio Quadros e Co-orientação do Prof. Dr. Russell Parry Scott.

RECIFE / 2007

ALEXANDRE FRANCA BARRETO

**GÊNERO, CORPO, EMOÇÃO E MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS: UMA
APROXIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA**

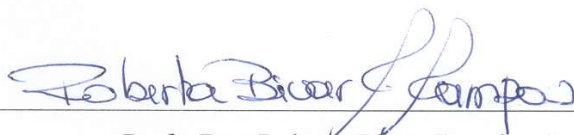
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 19/03/ 2007.

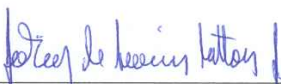
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marion Teodosio Quadros (Orientador/UFPE)



Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
(Examinador Titular Interno/UFPE)



Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior
(Examinador Titular Externo/UFPE/Psicologia)

Agradecimentos

A todos os jovens, protagonistas ou não desta pesquisa, que me envolveram em seus dramas e possibilitaram visitar suas histórias e produzir um outro olhar sobre as relações sociais, os laços, os afetos e os estigmas de um mundo injusto e desigual. Agradeço especialmente a Will, Toco, DDF e Dinho, por terem tido disponibilidade, abertura e sinceridade em tratar de suas histórias comigo;

Minha mãe, por seu amor, seus cuidados, sua força, seu saber e seu suporte. Pelo prazer de sua convivência e por suas influências acadêmicas. Meus irmãos, Tiago e Geronimo, pela fraternidade vivida, pelo amor e carinho, por saber que estão próximos. Meu pai, Michele, Sheila e Lucas, pelo carinho, por momentos gostosos e aprendizagens. A toda minha família materna e paterna, pelo carinho e por compartilhar as nossas vidas;

A Janaína, “amor para o mundo”, companheira de minhas maiores intimidades amorosas, profissionais e existências. Ela sentiu e também protagonizou ao longo desta pesquisa, as alegrias e tristezas de nossa convivência, no fortalecimento de nosso “ninho” e de nossas vidas. À família que também ganhei com nossa convivência e tenho tido momentos gostosos especialmente com Vânia, Caetano, André, Anivaldo e Marina;

Às pessoas, mulheres e homens, que compõem o Programa Liberdade Assistida, de Olinda. Cada um/a dos/as profissionais que atuam (e atuaram) neste espaço, onde pude me envolver afetivamente por alguns anos, com a temática que aqui escrevo. Lucianas, Emanuelas, Elaine, Juliana, Graças, Laura, Ana Paula, Cris, Neide, Antônio, Joana, Mauricéia, Bira, Shirleide, Syrleide, Ceça, Nete, Rinaldo e mais outras tantas pessoas, cada um/a investindo à sua maneira, com suas crenças e emoções, nas vidas de jovens e suas famílias;

Aos gestores/as da Política Social do Município de Olinda, pela abertura para o trabalho e confiança depositada em mim, em especial, Roberto Franca e Beatriz Guimarães;

A Paulo Marques, da Secretaria Especial de Direitos Humanos – o que seria uma interlocução na pesquisa transformou-se em amizade e uma relação ótima para refletir sobre o estudo, a vida profissional e as “loucuras” do mundo;

A Carol, grande amiga e companheira de jornada, que aceitou meu convite e também tem investido nos jovens. Agradeço a Mercês Cabral e outras companheiras/os “psi” da estrada;

Ao Instituto PAPAI e toda sua equipe que me introduziu ao mundo feminista. Todas as pessoas têm propiciado aprendizagens, acolhimento, desafios, críticas e muito carinho. Em especial, agradeço as pessoas que durante quase dois anos convivi intensamente neste espaço institucional e que possibilitaram trocas mais intensas: Luciana, Ana Roberta, Jorge, Mariana,

Roberto, Karina, Ricardo, Maristela, Fábio, Benedito, Tiago, Edinaldo, Ana Luiza, Sirley, Ana Carla, Nara, Auseni, Ana Paula, Rafael, Elisângela, Regina e Valéria;

Ao Libertas, especialmente Jayme e Grace, que têm propiciado grandes transformações em minha vida;

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, que foi minha entrada no mundo das ciências sociais; aos/às docentes que o compõem, na pessoa do Prof. Dr. Russel Parry Scott e das Profas. Dras. Marion Teodósio Quadros e Roberta Campos Bivar. Com ele/as que, em maior ou menor medida, pude aprofundar alguns questionamentos, dúvidas, reflexões, divergências, mas principalmente, recebi comentários valiosos e estímulos à minha criação;

Aos colegas estudantes do PPGA, nas pessoas de Normando, Thiago, Noronha, Luciana e Geórgia, com quem pude refletir sobre a ética, a estética, a ironia, a maldade, a crueldade e a beleza das coisas, bem como ter momentos divertidos e de descobertas. Também agradeço a todas/os outros/as funcionários/as do PPGA, em nome de Regina e Eliete, sempre atenciosas e prestativas;

À CAPES, pelos recursos financeiros e investimento político em minha pesquisa - sem dúvida, sem a bolsa seria muito mais difícil ter desenvolvido o trabalho ao longo destes dois anos.

O Deus da parecnça
que nos costura em igualdade
que nos papel-carboniza
em sentimento
que nos pluraliza
que nos banaliza
por baixo e por dentro,
foi este Deus que deu
destino aos meus versos,

Foi Ele quem arrancou deles
a roupa de indivíduo
e deu-lhes outra de indivíduo
ainda maior, embora mais justa.

Me assusta e acalma
ser portadora de várias almas
de um só som comum eco
ser reverberante
espelho, semelhante
ser a boca
ser a dona da palavra sem dono
de tanto dono que tem.

Esse Deus sabe que alguém é apenas
o singular da palavra multidão
Eh mundão
todo mundo beija
todo mundo almeja
todo mundo deseja
todo mundo chora
alguns por dentro
alguns por fora
alguém sempre chega
alguém sempre demora.

O Deus que cuida do
não-desperdício dos poetas
deu-me essa festa
de similitude
bateu-me no peito do meu amigo
encostou-me a ele

em atitude de verso beijo e umbigos,
extirpou de mim o exclusivo:
a solidão da bravura
a solidão do medo
a solidão da usura
a solidão da coragem
a solidão da bobagem
a solidão da virtude
a solidão da viagem
a solidão do erro
a solidão do sexo
a solidão do zelo
a solidão do nexo.

O Deus soprador de carmas
deu de eu ser parecida
Aparecida
santa
puta
criança
deu de me fazer
diferente
pra que eu provasse
da alegria
de ser igual a toda gente

Esse Deus deu coletivo
ao meu particular
sem eu nem reclamar
Foi Ele, o Deus da par-essência
O Deus da essência par.

Não fosse a inteligência
da semelhança
seria só o meu amor
seria só a minha dor
bobinha e sem bonança
seria sozinha minha esperança.

**O Poema do Semelhante / Elisa
Lucinda**

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise da violência urbana, a partir dos referenciais analíticos de gênero, corpo e emoção junto a homens jovens egressos do sistema sócio-educativo da cidade de Olinda, Pernambuco. O estudo prioriza as práticas corporais e as expressões emotivas para tecer uma compreensão sobre as trajetórias de vida dos homens jovens, seus referenciais identitários e suas experiências no sistema sócio-educativo. Estudos feministas de gênero e masculinidades, violência urbana e emoção, bem como alguns textos antropológicos clássicos de Mauss nortearam as análises da pesquisa. Ao se aproximar de jovens estigmatizados socialmente e produzir uma leitura sobre suas emoções, o estudo questiona algumas concepções binárias que ecoam em nossa cultura, tais como vítima/algoz, bem/mal, razão/emoção, cognição/afeto, bem como procura fazer um contraponto a leituras analíticas que focalizam a virilidade e a honra como justificativas centrais para a prática violenta masculina. O trabalho de campo ocorreu em dois tempos: o primeiro se refere às memórias e anotações do pesquisador durante o período que trabalhou na execução de Medidas Sócio-Educativas. O segundo tempo refere-se aos dados centrais da pesquisa, que tratam de histórias de vida, construídas ao longo de um ano de encontros e entrevistas, com quatro homens jovens egressos do sistema sócio-educativo. As trajetórias de vida dos jovens confluem para uma realidade perversa de economia de seus corpos masculinos, onde há uma escassez de recursos para utilizar em suas trocas sociais como estratégias de expressar seus sentimentos e fortalecer laços. Simultaneamente, apresentam recorrentes referenciais violentos em suas relações entre sexo, geração, classe e raça. A dor e a revolta são emoções que marcam seus corpos e se manifestam expressivamente através das infrações, alimentando feridas e dores em suas relações sociais. As experiências no sistema sócio-educativo são significativas em todas as histórias: dor, violência, receios, reconhecimento, acesso a direitos, respeito e ressocialização, enredam distintamente as diferentes histórias, despontando frágeis transformações em suas condições materiais de existências, na flexibilidade e ampliação de práticas expressivas dos corpos masculinos e no exercício autônomo e não-violento de suas emoções. A dor continua ferindo seus corpos, assim como persevera a reprodução de algumas práticas masculinas tradicionais, comunicando limites de mudanças diante da fragilidade do sistema sócio-educativo e das desigualdades nas relações sociais.

Palavras-chave: gênero, homens jovens, sistema sócio-educativo, violência, práticas corporais, expressões emotivas.

ABSTRACT

This study analyzes the urban violence, starting from analytic backgrounds of gender, body and emotion, regarding young men released from the social-educational system in Olinda, Pernambuco. The study prioritizes the corporal practices and the emotional expressions to build an understanding into the paths of the young men's life, their identity backgrounds and their experiences in the social-educational system. Feminist studies on gender and masculinities, urban violence and emotion, as well as some Mauss' classical anthropologic texts orientated the research analyses. When approaching to young men socially stigmatized and producing a view on their emotions, the study puts in question some binary conceptions that echoes in our culture, such as victim/executioner, good/evil, reason/emotion, cognition/affection, and aims to establish a counterpoint to analytical readings which focuses the virility and the honor as central excuse to violent male practices. The fieldwork was developed in two periods: the first, concerning the researcher's memories and notes during the time he worked executing social-educative measures. The second period refers to the central data of the research, concerning the life histories, built along a year of meetings and interviews, with four young men released from the social-educative system. The young men's life paths converge to a perverse reality of economy of their male bodies, where there is a resources shortage to use in their social exchanges – as strategies to express their feelings and strengthen ties. Simultaneously, they present recurrent. The young men's life paths converge to a perverse reality of economy of their male bodies, where there is a shortage of resources to use in their social exchanges – as strategies to express their feelings and strengthen ties. Simultaneously, they present recurrent violent references in their relations between sex, generation, class and race. Suffering and resentment are emotions that mark their bodies and are expressively displayed through infractions, feeding wounds and pain in their social relations. The experiences in the social-educative system are significative in all histories: pain, violence, fears, acknowledgement, access to rights, respect and resocialization entangle distinctly the different histories, unfolding fragile transformations in the conditions of their material existence, in the flexibility and widening of expressive practices of male bodies and in the autonomous and non-violent exercise of their emotions. The pain still hurts their bodies, as well as preserves the reproduction of certain traditional male practices, informing the limits on the changing before the social-educative system's frailty, and the inequalities in social relations.

Key-words: gender, young men, social-educative system, violence, corporal practices, emotive expressions.

SUMÁRIO

1. Introdução: dos bastidores e dos ventos culturais e históricos.....	12
1.1. Encontros e desencontros: quando as emoções não se ofuscam no fazer Ciência.....	12
1.2. Um olhar de gênero sobre a violência: dos valores às emoções e sua relação.....	21
1.3. Medidas Sócio-Educativas e o corpo do adolescente em conflito com a lei.....	27
1.4. Objetivos da pesquisa.....	38
2. Sintonizando os Olhares: visões políticas, teóricas e metodológicas.....	39
2.1. Dádiva Feminista.....	39
2.2. Simultaneidade não-hierarquizada: Gênero, Corpo e Emoção.....	42
2.2.1. Trilha polimorfa. Rota: Gênero-Corpo.....	44
2.2.2. Corpos: das técnicas às práticas em uma aproximação emotiva.....	47
2.2.3. Emoções: da intimidade do sujeito e do âmago da cultura.....	51
2.2.4. Da economia (política) perversa dos corpos à democracia das emoções.....	54
2.3. As estradas e o caminho: norteando os passos.....	57
2.4. Aproximações do campo e procedimentos analíticos.....	63
2.5. Participantes da pesquisa.....	70
3. Engendrando histórias de homens jovens.....	73
3.1. Will: o guerreiro da favela.....	75
3.2. Toco: o vendedor de algodão-doce.....	88
3.3. DDF: o ressocializado.....	96
3.4. Dinho: Infrator?.....	106
4. Práticas corporais e expressões emotivas: entre a rigidez e a flexibilidade.....	114
4.1. Família: relações emotivas, poder e práticas corporais.....	115
4.2. Mulheres: de coitadas a violentas na busca de fortalecer os vínculos.....	117
4.3. Homens: de agressores a cuidadores nas relações familiares.....	120
4.4. “Endireitando” os homens jovens: a participação das mulheres na amistosidade dos laços sociais.....	123
4.5. Uma breve nota emotiva sobre dinheiro, drogas e outros artefatos.....	125
4.6. Interpretando algumas questões sobre a periculosidade do homem jovem negro e pobre: a cor da infração ou a infração da cor?.....	130
5. Temperos da Infração: amargando corpos e alimentando violências.....	140
5.1. A dor dos “algozes”.....	140
5.2. A revolta das “vítimas”.....	147

5.3. Extinção, e a vida contínua: entre o medo, a domesticação e a autonomia.....	156
6. Abrindo escalas e contorcendo as costas: considerações peculiares e parciais.....	166
7. Referências Bibliográficas.....	171

1. Introdução: dos bastidores e dos ventos culturais e históricos

Qualquer simples “ato” de um sujeito é visto de alguma forma por alguém (mesmo que sendo ele próprio) e de algum lugar. O teatro apresenta seu bastidor nos palcos tradicionais, am também em anfiteatros, num *setting* terapêutico de psicodrama, nas ruas, nas prisões (origem do Teatro do Oprimido), no cotidiano das ações e práticas das pessoas, na imanência dos pensamentos e sentimentos. Nesta pesquisa antropológica, falar de bastidor é tentar expressar textualmente boa parte dos aspectos que levaram a produzir esta pesquisa, sabendo que o rigor adotado neles se funde com inúmeras influências da subjetividade e das emoções do pesquisador. Tentar nomeá-los e descrevê-los (sabendo que não irei esgotá-los) foi o caminho escolhido para evidenciar a parte da sombra que tempera, dosa e direciona a produção deste conhecimento, como me ajuda a compreender Peirano (1995), ao observar a importância insubstituível da biografia do pesquisador, das opções teóricas e das imprevisíveis situações do campo:

A obra de um antropólogo não se desenvolve, portanto, linearmente; ela revela nuances etnográfico-teóricas que resultam não apenas do tipo de escrita que sempre foi energizada pela experiência do campo, mas também do momento específico da carreira de um pesquisador, em determinado contexto histórico e a partir de peculiaridades biográficas. (pág. 41).

Ao longo desta introdução, tratarei das minhas inquietações, das vivências motivadoras e da relevância deste estudo, apontando problematizações do plano empírico e analítico que me fizeram trabalhar a história de homens jovens que passaram pelo sistema sócio-educativo – centrada nos corpos masculinos e suas emoções – através de uma perspectiva de gênero. Por fim, exponho os objetivos deste trabalho e descrevo como desenvolvo a dissertação ao longo dos capítulos.

1.1. Encontros e desencontros: quando as emoções não se ofuscam no fazer ciência

“Só podemos começar do que somos – seres que foram criados numa sociedade cruelmente racista, capitalista e machista, que moldou nossos corpos e nossas mentes, nossas percepções, nossos valores e nossas emoções, nossa linguagem e nosso sistema de conhecimento.” (JAGGAR, 1997:178).

Considerando o sensato e contundente comentário de Jaggar, pretendo ir descrevendo um pouco de minha trajetória nos contatos com a temática pesquisada - homens jovens que

praticaram infrações; desta forma, mapeio alguns encontros inesperados com eles, que remeteram, e ainda remetem, a desencontros na minha forma de compreendê-los, as situações e a própria maneira como me relaciono com as pessoas no espaço urbano. Enfim, marcas corporais de contatos que foram se constituindo de diversas maneiras (em uma sociedade que tem como pano de fundo o racismo, o capitalismo e o machismo) até chegar a ponto de me levar a produzir esta dissertação.

Era início de noite; eu tinha cerca de oito anos, e estava com minha mãe e meus dois irmãos (também crianças) na estação de metrô da República, em São Paulo. A estação estava cheia de gente. Ao passar por um corredor deserto, nos deparamos com três meninos negros que vinham em nossa direção. Quando me dei conta, um deles já havia puxado de minha cabeça uma touca. Sem pestanejar, corri atrás deles com a maior vitalidade que o sentimento de injustiça pôde, naquele momento, fazer-me expressar. Antes que eu pudesse me aproximar deles, minha mãe deu um grito que me assustou mais do que o primeiro incidente: “pare!”. Para o meu bem, isto aconteceu antes que os três meninos resolvessem me esperar e acabar com a coragem que eu havia esboçado.

Este foi o primeiro episódio - do qual recorde - de contato com a chamada *violência urbana*: eu havia perdido a “virgindade” e poderia começar a cultivar o medo, associando “pessoas mal vestidas, pobres e negras” (homens) a “vilãs da história”. Além disso, eu começava a aprender que a forma de reação a um episódio como aquele era não esboçar indignação imediatamente e depois criar estratégias para se proteger (entre elas, se privar de andar sempre pelos mesmos lugares, recluir a presença de estranhos, ter medo da rua e de locais públicos). Iniciava meus contatos com as emoções que a sensação de injustiça provoca e ensejava sentimentos e práticas cada vez mais “adequados” aos padrões culturais no tratamento da violência urbana.

Fatidicamente, alguns anos depois, ainda na minha infância e morando em São Paulo (agora aos 11 anos), eu voltava da padaria quando, em frente à minha casa, um jovem branco – poderia chamá-lo de “galego” – apontou uma arma para mim e roubou a bicicleta de meu irmão, que estava no quintal de casa. Por um momento achei que o pior da situação era saber que meus pais tinham uma descrença na Polícia: achavam que não adiantava prestar queixa. Lembro-me que a frase era: “ainda bem que não aconteceu nada demais com ninguém”.

O mais absurdo deste momento ainda estava por vir: uma semana depois do fato, vejo o homem que me roubou na esquina de casa passar me encarando. Não me agüentei de medo, mas não podia esboçar nenhuma reação de que o conhecia, pois pensava que poderia piorar

ainda mais se isso acontecesse. Este motivo fez reforçar a idéia de que não era bom prestar queixa à polícia, pois o homem morava perto de minha casa e estava de olho. Quem iria nos proteger?

Desta forma, fui percebendo que as coisas estavam muito confusas. Eu tinha um peso tremendo na consciência, me achando o culpado pela perda da bicicleta do meu irmão e ainda tremia de medo de morrer. Permanecia indignado, mas me sujeitando às relações que apareciam e ameaçavam a mim e minha família. Neste cenário, o que eu podia fazer era ser dócil e rezar.

Aqui eu ia ampliando meus contatos com a realidade: por um lado, minhas emoções eram interpretadas de maneira ambivalente e, apesar das violências, não havia espaço para a dor, para a fraqueza e/ou a fragilidade. Então, como escutar tais sentimentos num “mundo do cão”? Além disso, o episódio paradoxal que se tecia no cotidiano era o do protagonismo da “fragilidade” e da “dor” nos laços sociais, nos quais sujeitos e instituições deixavam violentas. Nesta época, eu acreditava que as infrações faziam “vítimas”, e tinha claro quem eram os culpados. Talvez eu esteja exagerando, mas acho que não. A estratégia para não se tornar insuportável era não pensar nisso como um problema nosso, mas como um problema externo, dos outros (dos pobres, do Estado, dos marginais etc).

Fui roubado por pessoas que conhecia de vista, do próprio colégio que estudava; posteriormente, fui roubado por “galeras”, e até cheguei a “inverter os papéis”: na inocência de minhas infrações, soltei morteiros em casas ao redor do bairro onde morava, pichei muros, andei com algumas “galeras”, valorizando o jeito “bandido” de ser (eu queria era ser “mau”!). Contudo, estas infrações tinham certo limite, podiam ser consideradas até “certinhas” ou “brincadeiras”, pois com a minha maldade e indignação eu não ousava pegar em uma arma, roubar ou agredir violentamente uma pessoa. Revendo este período, dou-me conta de que as “vítimas” provocavam infrações.

Nunca fui pego pela polícia, apesar de ter corrido algumas vezes dela e, em outras, ter sido “inexplicavelmente” liberado. Amigos meus já haviam sofrido agressões de policiais, bem como haviam ido parar, naquela época, na Delegacia Policial da Criança e do Adolescente (DPCA)¹. Acho que este termo - “inexplicável” - tem mais a intenção de descrever o sentimento em relação a algo que escapava de mim, tanto quando eu sofria os assaltos, como quando eu resolvia infracionar em algum lugar aos redores de casa. A idéia de acaso vem trazendo um olhar interpretativo sobre estas questões, pois evidencia o caótico e uma certa aleatoriedade nessas situações.

¹ Hoje GPCA – Gerencia Policial da Criança e do Adolescente

A última vez em que fui assaltado, há cerca de um ano atrás, foi impressionante. Eu acabara de sair da minha casa, andando em direção à esquina do quarteirão até um bar; no caminho, vi um carro fazendo um retorno. Ao entrar no bar, este carro parou e três homens jovens armados desceram. Um deles veio em minha direção e ameaçou me matar algumas vezes; fez com que eu ficasse deitado no chão e levou minha carteira, enquanto os outros faziam a “limpeza” no caixa do bar. Em pouquíssimos minutos, talvez segundos (mesmo que para mim tenha demorado tempos infundáveis), foram embora.

Neste período eu já trabalhava com jovens infratores. Olhava para os que me ali me roubava me pensava nos jovens que atendia diariamente; além disso, também os estava pesquisando. O acaso pregava esta peça em mim; talvez uma “retribuição”? Mas não foi o bastante para me distanciar deste campo de estudos, apenas favoreceu um novo dimensionamento de espaços, leituras sobre esta realidade, mais uma marca em meu corpo e me fez reviver a dor destas situações (já vivenciadas) que, sem dúvida, causaram um impacto minha forma de viver e interpretar os fatos.

Este “acaso” enfatiza a idéia de imprevisível, incontrolável, aleatório, casual, contingente, insólito. Como apontam Balandier (1997) e Barembliitt (1992), este acaso é visto como negativo e indesejável por modelos paradigmáticos que trabalham com a idéia de ordem - apesar de se constituir como possibilidade. Vivi certas situações sofridas, normativamente indesejadas e profundamente desorientantes, mobilizadoras de novos arranjos subjetivos e novas formas de lidar com elas e com meu corpo. Foram momentos de dor, medo, raiva, ódio e a minha redução a um mero objeto violentado. Fui ao encontro inusitado com a violência urbana, com assaltos provocados por homens jovens, ficando desta forma com a vida num limiar tênue entre a existência e a morte - os meus projetos de longos prazos na efemeridade de segundos que podiam ser encerrados naqueles instantes. Eu repensava a simultaneidade entre “vítimas” e “algozes” da violência urbana, produzindo continuamente pessoas feridas.

Situações várias, que também posso atribuir a correlações do acaso, me levaram a estudar a temática de Gênero. Durante minha graduação, envolvi-me em pesquisas que trabalhavam com as questões de Gênero. Fiz formação em Gênero junto aos movimentos sociais, cada vez mais me sensibilizando para o tema que, naqueles momentos, se mostrava para mim como uma categoria analítica e vivencial com grandes potencialidades nos trabalhos que realizava. Da mesma forma, foi possível refletir sobre minha própria socialização e muitas práticas pessoais. E assim foi se constituindo a minha escolha teórica. A produção teórica sobre Gênero e Masculinidades ganhou destaque em minha vida e na maneira de olhar as coisas. Eu via *homens* na prática de violências e me inquietava com as constantes recorrências. Fui

trilhando caminhos e me deparando com pessoas, instituições, pesquisas, fui me ordenando e desordenando com esses novos e velhos arranjos que ia tecendo em minha vida, os quais me conduziram até este momento.

Os momentos com a violência urbana transformaram-se em familiares: os meus contatos diretos, a mídia impressa e televisiva, amigos/as, músicas (em especial o *Rap*) e parentes faziam questão de evidenciar a proximidade com estas situações.

Apesar de toda a experiência empírica no campo da violência urbana com jovens homens infratores, naquele momento meu conhecimento e familiaridade não passavam de um estereótipo de impressões e categorias sociais inscritas na vivência de uma sociedade desigual. Apesar de conhecer tal paisagem, saber de sua existência cotidiana, eu estava longe de penetrar “no mundo” destes jovens homens. Encontros sobre suas vidas, hábitos, crenças, valores, emoções, ou seja, me adentrar nesta paisagem para além de sua nomenclatura ou codificação científica, poder estranhar sua vegetação, flores, espinhos, climas e frutos era necessário, para permitir a construção de uma crítica e revisar as representações e os corpos que os categorizam na coletividade (VELHO, 1981).

Neste sentido, meu novo contato com esta realidade foi quando iniciei um trabalho no Programa de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei, em Olinda – PE (Programa L.A. ou simplesmente, L.A.). Eu era estudante de final de curso em psicologia, e estava disposto a fazer meu Estágio Curricular fora da universidade; como buscava um espaço no campo social, foi lá que achei esta oportunidade.

O primeiro jovem que eu acompanhei tinha 16 anos e estava lá por ter roubado um fiteiro, apesar de ter fama de “matador” lá em Jardim Fragoso, onde morava. Ao me deparar com sua história, conheci a forma pela qual perdera seu pai. Ele estava no ombro do pai quando este foi atingido por um tiro; na sequência, ele mesmo fora baleado. Esta experiência trágica marcara sua vida. Ele também carregava em seu corpo semelhanças com seu pai, tanto física como de vícios, como dizia sua avó. Lembro-me que quando eu telefonava, ele atendia dizendo: “aqui é a autoridade, quem é que quer falar?”. Tempos depois, fiquei perplexo e sem reação ao saber de sua morte: o “autoridade” havia sido linchado na própria comunidade.

Ao saber desta notícia, as primeiras lágrimas de meus olhos saíram com a espontaneidade de quem teve o coração espremido de dor. Fui logo acolhido e contido pelos/as profissionais mais experientes do Programa L.A.

Considero que este Estágio foi minha iniciação empírica no campo desta pesquisa. Eu participava e observava como a contenção dos sentimentos se misturava ao acolhimento da dor nestes homens jovens. Via também o ensinamento mais bruto e banal de todos – a morte,

chegando com frequência e definindo o final do ciclo de vida de vários homens jovens que por lá passaram - bem como a violência que estava impregnada em muitas histórias de vida, pois à medida que eu ia acompanhando outros jovens no L.A., muitas situações se repetiam: pais violentamente assassinados, ou então, agressores da própria família que se encontravam distantes. Os jovens pobres, ou miseráveis em sua maioria, eram homens (era raro uma mulher aparecer fora da função de mãe ou responsável).

Lembro-me de “Baga”. Acompanhei-o no Programa por quase dois anos - ele havia agredido sua esposa e haviam terminado o relacionamento. Ele sempre permanecia com um ar de quem escondia algo, mas houve momentos em que ele se descontraía, conversava, construía projetos futuros. O jovem morreu baleado próximo a sua casa; sua filha (com dois anos na época do incidente) o viu pela última vez numa manhã de domingo, já como um cadáver.

Negão, Fido Dido, Fumo, Alê... quantos jovens que, certo dia, estavam comigo conversando ou em alguma atividade do Programa e, no dia seguinte, estavam mortos. Para alguns, esse fim trágico já se previa (por suas condutas de risco), mas outros esboçavam destinos diferentes, porém acabavam tendo histórias semelhantes aos primeiros. Assim, íamos, eu e toda a equipe que trabalhava no Programa, acumulando tristezas. O sentimento de impotência operava e eu já percebia que a morte não me abatia mais como antes - parecia se tornar o natural e normal de nossa cultura - e acostumar era questão de tempo, disciplina e, quem sabe, técnica.

Minha participação no Programa se destacou por ser constantemente questionadora. Lembro-me que uma assistente social, que eu admiro muito, dizia: “nós estamos fazendo como o passarinho que tenta apagar o fogo na floresta, é a nossa parte e o que dá para fazer: encher o bico de água e soltá-la na chama”. Por meu turno, eu indagava: “será que não é melhor semear o fogo para ver se os outros percebem e tentam fazer algo?”. Minha dúvida sempre pairava.

Logo que chegavam ao Programa, os jovens e suas famílias participavam de um momento de “acolhimento”² e eu me perguntava: será que é acolhimento ou enquadramento? Neste momento, as regras eram dadas por nós, rígidas e lineares: estudar, não chegar depois das dez horas da noite em casa, não usar drogas, não andar com pessoas de “má influência” na comunidade ou pessoas mal vistas, comparecer ao Programa sempre que requisitado, entre outras coisas – procurando sofisticar as técnicas disciplinares que Foucault pontuou

² No momento de primeiro contato do jovem e sua família com o Programa, era conferido o documento da Vara da Infância e da Juventude que encaminhava à medida sócio-educativa, procurava orientá-lo quanto à medida sócio-educativa, dar informações gerais sobre o Programa e tirar eventuais dúvidas do jovem e da família. Neste momento também se preenchia uma ficha com dados pessoais, que tinha como objetivo principal obter dados sócio-econômicos do jovem (idade, escolaridade, infração cometida etc) e sua família (configuração, renda, telefone e endereço). Ao final, novo encontro era agendado, para dar continuidade às atividades do jovem no Programa.

criticamente, dos suplícios do corpo para os suplícios da mente através da disciplina e domesticação dos corpos (2006). Tantas regras limitantes para vida de um jovem confundiam um pouco a idéia que eu tinha de acolhimento, e se tornava um espaço mais diretivo e delimitador de posturas do que cuidado e compreensão.

No segundo momento³, adentrávamos um pouco mais nas histórias da família e, sucessivamente, víamos histórias trágicas, onde as violências eram constantes – agressões físicas e verbais faziam parte do vínculo conjugal, tentativas mal sucedidas de aborto, miséria, doenças crônicas, violências físicas e psicológicas com os jovens, drogas no cotidiano da família (álcool, maconha e cola, principalmente), carências materiais, frágeis relações com as instituições do Estado. Em menor frequência eram os casos em que as situações de violência não eram tão explícitas. Os quadros já estavam pintados, e mesmo com uma diversidade de situações, era muito difícil, à primeira vista, ser otimista com a realidade que se mostrava (sem generalizar).

A extensão da miséria social e moral ganhava maiores contornos quando fazíamos visitas aos domicílios⁴ dos jovens (em sua maioria, bairros populares espalhados pela periferia de Olinda), assim como apontava Zaluar em suas idas à Cidade de Deus (1985); a proximidade com canais de esgoto abertos, ruas esburacadas, barrancos. Éramos estranhos àquele cenário, nosso passaporte era uma Kombi da Prefeitura, que por vezes não tinha identificação e provocava algumas confusões com moradores locais. Acontecia de pedirem doações/esmolas – o que não era da nossa alçada - e/ou ficavam desconfiados e com medo por verem estranhos no carro. Quando estávamos apenas homens (na Kombi), a segunda reação acontecia com mais frequência e nós também tínhamos medo de ser confundidos com policiais, com certeza a recepção não seria nada boa.

As situações vividas nas visitas eram variadas. Visitamos um jovem que morava em uma “boca de fumo” e estávamos lá, dentro da “boca”, fazendo uma entrevista com este jovem para

³ Neste segundo momento eram realizadas duas entrevistas minuciosas com o/a parente responsável pelo jovem – geralmente as mães ou avós. Uma das entrevistas era realizada por psicólogos/as e objetivava realizar uma anamnese da vida do jovem, bem como saber um pouco mais da história da família; uma outra entrevista era realizada pelo setor de serviço social e tinha o objetivo de traçar o perfil social da família (renda, trabalho, configuração familiar, moradia, comunidade etc). Além disso, também havia uma entrevista com o próprio jovem/adolescente (era feito pelo setor de psicologia e era chamada de “entrevista de conteúdos vivenciais”), onde se buscava ouvir sobre sua vida, sobre coisas que gostava de fazer, vivências boas e ruins, vínculos afetivos, experiências com drogas, vida afetivo-sexual, um pouco sobre sua trajetória na infração e seus planos futuros. Este momento tinha uma intenção de ir também construindo uma cumplicidade com a família e o jovem e ir tecendo os vínculos para o trabalho sócio-educativo. Podia também ser compreendido como um extenso interrogatório, com algumas perguntas invasivas.

⁴ As visitas domiciliares eram realizadas prioritariamente pelo setor de serviço social (mas muitas vezes as/os profissionais de psicologia também realizavam sozinhos e/ou acompanhavam as assistentes sociais). Tentava-se manter frequência bimestral nos domicílios dos adolescentes; além disso, os educadores/as sociais faziam visitas semanais ao domicílio.

saber se ele estava se “re-socializando”. Casas que se fundiam com currais de porcos, residências em palafitas sobre canais de esgoto (algumas eram só um vão com divisórias de pano). Surpresas agradáveis também aconteciam: lembramos de uma casa cheia de rachaduras, que vivia alagada com as chuvas. Quando entrávamos no domicílio, as coisas encontravam-se limpas, cheirosas e organizadas. Ficávamos impressionados como, em meio a tanta bagunça, as coisas se faziam tão centradas naquele ambiente doméstico.

De forma geral, os jovens moravam em conjuntos habitacionais e casas populares, perto de algum lugar conhecido socialmente pela frequência com que ocorriam violências, brigas, crimes, tiroteios entre gangues ou com a polícia. Em suma, um clima de “perigo no ar” que se fazia central em muitos depoimentos, mas também que se incorporava no cotidiano de suas vidas, gerando proximidade e identificação com aquelas situações.

As tragédias desses jovens homens e suas famílias ganhavam cores mais espetaculares e cruéis nos meios de comunicação. A visibilidade que a mídia impressa e televisiva dá à violência têm proporções inacreditáveis. As pessoas já vivem a violência e os atos grotescos advindos dela, sem censura. Os documentários “Falcão: meninos do tráfico”, “Ônibus 174”, “Os prisioneiros da grade de ferro”, telejornais locais e nacionais, assim como jornais impressos que se diferenciam pela quantidade de tragédias que transbordam nas matérias, especialistas em fotografar corpos perfurados e sem vida - são exemplos cotidianos da força que as mídias têm. Nesses espaços, procura-se dar ênfase à violência que, de maneira geral, coloca os homens como principais protagonistas dessas práticas e fazem aproximações perigosas da violência com a pobreza e a juventude (MARQUES, 2000).

Eu já estava obstinado a desenvolver um estudo mais aprofundado sobre algo que, para mim, aproximava a maioria dos jovens envolvidos na violência urbana: o fato de serem homens. Neste sentido, fiz um primeiro trabalho (BARRETO, 2005) no qual trazia diversas falas dos jovens sobre “ser homem” e suas práticas de infração. Este trabalho se pautou, principalmente, nos conceitos de honra, virilidade e provimento como justificativas para suas trajetórias infracionais, bem como para os fins trágicos. Naquele momento, fiquei muito contente com o trabalho, mas hoje percebo como o construí dentro de uma lógica que reforçava a idéia de violência associada a estruturas masculinas e/ou processos de socialização, valorizando um discurso sobre maldade e correndo um risco de ofuscar as dores que caminham com ela. Além disso, como veremos ao longo deste trabalho, outros estudos procuram aprofundar mais detalhadamente estes conceitos já clássicos na análise das Masculinidades.

Entrei no Mestrado pensando em aprofundar estas questões de Gênero e Masculinidades, associadas à violência e à criminalidade - já tão pautadas, mas ainda

apresentando vários aspectos a serem estudados. Porém, se afirmo que não abandonei esta idéia inicial, também afirmo que não a mantive: mais uma vez, os caminhos que iam sendo tecidos mostravam novidades e situações desordenadoras das idéias anteriormente pensadas, me fazendo buscar outras formas de olhar esses homens jovens e seus envolvimento com a violência urbana.

O presente trabalho tem suas raízes no campo teórico-empírico dos estudos de Gênero e da perspectiva política feminista. Trilha vários caminhos que sinalizam antagonismos, limitações e uma diversificação quanto à compreensão do próprio autor nesta zona de tensão - onde se produz muito sobre o cotidiano das relações de poder e das relações emotivas, sobre a violência, o prazer e a igualdade das mulheres entre si, dos homens entre si, e entre mulheres e homens. Neste contexto, construído por diversas perspectivas e segmentos, complexificam-se os olhares e as compreensões sobre o mundo.

Sem dúvida, como Scott (1991) aponta, é percebemos que os estudos de Gênero ganham visibilidade e vão se institucionalizando nas ciências a partir do fim do século passado, quando paradigmas e críticas ao modelo científico possibilitam relativizar a verdade e o rigor, dando outro sentido à produção de conhecimento. E como comenta Jaggar (*op. cit.*):

[...] emoções evocadas pelas visões feministas provavelmente estimulam outras observações, que pode gerar, por sua vez, novos caminhos tanto para a teoria como para a prática política. O circuito de realimentação entre nossa constituição emocional e nossa teorização é contínuo; continuamente, cada uma modifica a outra e é, em princípio, inseparável dela.(pág. 178).

Este estudo, que se insere nesta configuração, compreende que o conhecimento se produz na junção e imanência da razão e da emoção, da cognição e do afeto. Este saber será produzido com um profundo envolvimento afetivo, empatia, amor, intimidade e diferença.

Outro sentimento mobilizador desta pesquisa é muito bem anunciado com o choro incessante de mulheres que sofrem pela violência, dor e angústia profunda de serem violentadas. Também pode ser expresso pelo pânico e trauma construídos em situações de violência urbana – quando a vida fica “por um gatilho”. Este sentimento também pode ser comunicado pelo choro de mães que perdem seus filhos, por mortes violentas, na efervescência da juventude. Pode, ainda, ser expresso pela descrença, apatia, fatalidade e pessimismo com que são tratadas muitas vezes, ao longo de nossa História nacional, as desigualdades, a legitimidade do uso da violência por aqueles que detêm um “suposto poder” e as tristezas protagonizadas pelos erros incansáveis do modelo econômico mundial.

Este sentimento que perpassa pessoas, grupos, contextos políticos e culturais, rasgou o meu peito de dores, frustração e impotência diante de inúmeras mortes que presenciei ao longo de dois anos trabalhando diretamente com jovens homens as quais eram, ainda, seguidas e reforçadas por notícias tristes e violentas que chegavam de todos os canais de comunicação nas televisões, rádios e impressos.

Das dores que tive e tenho faço brotar este fruto, que não tem intenção de ferir, comunicar tristezas ou violências, mas de alimentar, cultivar, regar, tratar, acolher e cuidar da cultura, das instituições e dos sujeitos, produzindo um conhecimento que utilize a crítica para fortalecer os corpos, os saberes, as vias de direitos, a democracia, as instituições, sujeitos sociais e as subjetividades. É através do diálogo fértil com as emoções, a dimensão de Gênero e seu potencial analítico sobre a cultura que pretendo lançar um olhar para violência urbana vivida e praticada por homens jovens, e as Medidas Sócio-Educativas. Cultura entendida aqui como essencialmente semiótica: uma teia de significados que conecta os corpos humanos e que foi por eles tecida, segundo Gertz (1997).

As infrações provocam dores? As dores provocam infrações? Homens jovens feridos provocam dores? Estas são algumas indagações que mobilizaram a feitura desta pesquisa.

No próximo tópico adentrarei em alguns conceitos freqüentemente utilizados nos estudos de Gênero, Masculinidades e Violência. Faremos um percurso que se inicia nos valores masculinos para abordar as emoções e depois trataremos da relação entre as duas dimensões e perspectivas, produzindo aproximações e diferenças.

1.2. Aproximando um olhar de gênero sobre a violência: dos valores às emoções e sua relação

A virilidade e a honra são recursos analíticos bastante utilizados para se estudar os homens, em especial, trabalha a violência praticada por eles. Em vários estudos estas práticas de violências geralmente estão associadas com a legitimação de discursos masculinos no exercício de poder e afirmação de sua identidade.

Bourdieu (2003) diz que “a virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência” (pág. 64). Ainda comenta que a virilidade precisa aprovada pelos outros homens. Para tal, existem vários “ritos” que “têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência” (pág. 66).

No Brasil, vários estudos sobre violência e crime levantam questões relacionadas à masculinidade. Zaluar (1999) procede uma expressiva revisão de tais pesquisas, observando a forma pela qual conceitos como virilidade e honra emergem na busca de afirmação da masculinidade, através de um “ethos guerreiro” que, na prática da violência e da transgressão, afirmam sua identidade masculina.

Fonseca (2000) vai comentar acerca dos jovens da periferia de Porto Alegre que, para proteger sua imagem pública de prestígio, apóiam-se na bravura (entendida como coragem necessária para matar, ajudar colegas, resistir a torturas policiais e para manter uma solidariedade masculina), na virilidade (como conquista sexual de mulheres sem estar ligado necessariamente a um lar ou à procriação) e nas virtudes sociais (como amor pelas crianças e generosidade – quando se tem dinheiro, gastar grandes quantias em pouco tempo, distribuindo e gratificando as pessoas conhecidas).

É interessante ressaltar as histórias míticas encontradas em várias favelas e periferias do Brasil, sobre homens exaltados por sua coragem, justiça, ordem e proteção exercida nestes espaços, principalmente associados a chefes locais do tráfico de drogas ou envolvidos em assaltos e roubos. De maneira geral, estas histórias são protagonizadas por homens envolvidos em situações perigosas, violentas e ilícitas – que a princípio poderiam ser consideradas situações desonrosas – que acabam gerando o reconhecimento desses homens como chefes, aproximando-os da figura do “Robin Hood”, protegendo os pobres.

Para ilustrar tais perspectivas, Alvito (2001) fala do Tonicão e do Jorge Luiz em Acari; Zaluar (2000) comenta sobre o Manoel Galinha; Fonseca (2000) fala do Carioca; por fim, Chico Science cantava sobre o “Galego do Coque”. O interessante é a ambigüidade presente nestas situações: a virilidade e a honra também pode ser motivo de desonra, de acordo com os códigos locais e a forma como são construídos os sentidos simbólicos. Mesmo na condição de marginais, foras-da-lei, estes homens detinham respeito em seus espaços comunitários. Muitos dos enredos contados para justificar sua participação na vida criminosa são construídos a partir de uma injustiça sofrida e uma conseqüente legitimidade para ingressar em práticas ilícitas. Nem todos os criminosos e bandidos ganham tal reconhecimento: conflitos de valores nos espaços familiares, geracionais, comunitários e sociais expõem a tensão presente nesta zona de demarcação da virilidade e da honra.

Nas práticas de violência contra a mulher, a virilidade e a honra também são conceitos-chave para compreender as argumentações que subsidiam a prática de violência por parte dos homens, por se sentirem desonrados, por se sentirem com poder para possuir os corpos femininos ou simplesmente por agredir e violentar mulheres como se fossem objetos. Assim,

como analisado por Machado (1998a), o estupro de mulheres, quando em sigilo, pode ser visto como uma afirmação masculina promotora de reconhecimento entre iguais e/ou afirmação das relações de poder no ambiente doméstico. Mas quando tornado público é motivo de desonra, imperdoável dentro de presídios e espaços de detenção.

A virilidade, como Bourdieu (2003) nos coloca, “é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino...” (pág. 67). Esta afirmação abre espaço para problematizar o caminho construído por estes estudos, ao privilegiar a análise de valores - virilidade, honra, coragem, entre outros.

Existe um ofuscamento por parte da construção do gênero dos homens. O fato de se privilegiar a análise de valores na discussão sobre masculinidade e violência não está descolado das construções polarizadas, com ênfase da razão sobre as emoções, da cognição sobre o afeto na produção dos saberes científicos, ranço das estruturas binárias que também fundam o machismo e as desigualdades de gênero.

Em seu estudo sobre a dominação masculina, através do conceito de *habitus*, Bourdieu prioriza sua análise sobre as estruturas cognitivas e objetivas que incidem sobre a violência simbólica, pouco operando com as emoções como dimensão analítica valiosa para a compreensão das relações violentas. Nas entrelinhas de suas idéias, contudo, podemos visualizar algumas contribuições, tais como a dimensão do medo do feminino e o prestígio masculino.

Ainda dialogando com Bourdieu, o prestígio de ser homem, a afirmação através da violência e o ofuscado medo presente nas argumentações viris e de honra são construções que encerram em si uma fragilidade motivada por um medo e uma negação intrínsecos às performances sociais. Então, ao problematizar a masculinidade viril, destemida e honrosa, também devemos investigar a “fragilidade”⁵ masculina, que lhe incute o poder de exercer a violência e também explicita a limitação de signos e linguagens (em práticas violentas) para tratar de seus sentimentos e formas de expressão diante do mundo e em relação com as outras pessoas.

O modelo hegemônico de masculinidade, onde aporta a constituição desses valores, é compreendido como um discurso sobre a ordem masculina, sobre a verdade, o poder, privilegiando a retidão, a razão e o enrijecimento das relações. A hegemonia evidencia, assim, os valores, parecendo ofuscar as emoções – ou ainda, clareia alguns valores e emoções,

⁵ Ao utilizar o termo fragilidade, quero explicitar as ambigüidades engendradas pelos homens sem, contudo, negar o poder cultural, social, simbólico, econômico e político que pode ser exercido por homens.

enquanto ofusca outros (a exemplo da raiva nos homens, em detrimento de sua dor). Almeida (1995) tratará “a hegemonia como sendo um foco que, ao iluminar uma certa zona, deixa as outras zonas na semi escuridão” (pág. 155). Mas em nosso caso, ao dimensionar a problematização de Gênero também para as emoções, pretendemos desestabilizar algumas representações estereotipadas do masculino; em especial, aquelas sobre homens jovens, pobres, negros e infratores.

Para reforçar este comentário de Almeida utilizando os próprios corpos, Bourdieu (2002) assinala como os órgãos sexuais dos corpos masculinos e femininos trazem ambigüidades que são acentuadas como dualidade, mas que podem expressar aproximações (a exemplo do esperma com o leite materno, que dá a vida). Ao tratar do corpo, está demonstrando inscrições que trazem signos de ativo/passivo, alto/baixo, seco/úmido, quente/frio etc, que remetem às polaridades de masculino/feminino (razão/emoção, cognição/afeto, público/privado - inclusões minhas), mas que se inscrevem dentro dos próprios corpos masculinos:

[...] longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (pág. 23).

Neste sentido, o que temos são características “iluminadas”, enquanto outras se encontram encobertas. Aqui podemos ter uma valiosa sugestão sobre os delineamentos parciais de algumas pesquisas sobre gênero e masculinidades: o encobrimento ou ofuscamento das emoções, gerando algumas limitações na compreensão sobre os corpos masculinos, assim como outros olhares ofuscaram fatos culturais de desigualdades, diferenças e violências nas relações entre homens e mulheres.

Esta pesquisa também é produto de um conhecimento parcial, diante dos limites que qualquer conhecimento implica. Entretanto, na peculiaridade desta produção intersubjetiva, minhas intenções científicas, políticas e éticas têm compromissos em desvelar aspectos próprios das emoções, relações de gênero e dos corpos masculinos.

As associações da “abstinência sentimental”, da metáfora da “pedra” - para falar sobre a insensibilidade dos homens -, ou do “baú fechado” - para comentar sobre o resguardo e a falta de relatos em tons pessoais, que tratem da intimidade e da subjetividade, parecem ser recorrentes nos meios de comunicação. Para acrescentar a esta mistura, lidamos ainda com o sensacionalismo da mídia, que incrementa as informações sobre violência, construindo caricaturas e personagens com requintes de crueldade, maldade, sangue-frio, desumanidade,

enfim, afirmando sistematicamente que a expressão masculina de sentimentos esta associada à fúria, à raiva e, de uma forma geral, a sentimentos destrutivos e violência. O ápice desta compreensão ocorre quando a violência é “provocada” por homens jovens pobres, tendo como vítimas pessoas de outras classes – caso em que há uma enorme comoção pública, geradora de algumas representações bizarras.

Há claramente um reforço da estrutura binária Vítimas X Algozes, na qual uma pessoa é indefesa e justa em relação a outra pessoa, desumana, cruel e única culpada pelo ato. Alguns estudos já vêm apontando para as dificuldades de produzir ações que transformem efetivamente as condições de vítimas e algozes, partindo de leituras e compreensões que cristalizam estas posições e não interpretam a violência por um viés relacional e sistêmico (ZUMA, 2004 e BRONZ, 2005).

Se, por um lado, os trabalhos que focalizam valores e estereótipos da masculinidade hegemônica apresentam seus méritos e contribuições na compreensão sobre a violência urbana, relações de gênero e masculinidades, por outro, podem gerar “verdades” que por vezes ampliam o hiato entre o humano e o desumano, o bem e o mal, a razão e a emoção, o masculino e o feminino, o cruel e o bom, entre o agressor e a vítima, entre a própria violência compreendida como um fato social em uma perspectiva relacional.

Desta forma, este trabalho busca evidenciar outras zonas na análise de gênero sobre os homens jovens, pobres e negros que já apresentam várias marcas e referenciais sociais: infratores, destemidos, violentos e insensíveis. Também é um compromisso político com a Antropologia, com a relativização. Para tanto, pretendo interpretar narrativas e experiências culturais ofuscadas por discursos recorrentes e poderosos, a exemplo da mídia e do Estado, que os estigmatizam e rotulam de infratores e criminosos (GOFFMAN, 1988). Procurarei expor outras possibilidades para esta compreensão, ao visibilizar a dimensão das emoções em suas práticas e expressões corporais.

Jaggar (1997) comenta que as emoções são:

[...] socialmente construídas; e como todas as construções sociais, são produtos históricos, apresentando marcas da sociedade que as construiu [...] estão embutidas normas e expectativas culturais [...]. Absorvemos, assim, os padrões e valores de nossa sociedade no próprio processo de aprendizagem da linguagem da emoção e eles estão embutidos no alicerce de nossa constituição emocional. (pág. 173).

Um outro componente que a pesquisadora lança é a construção relacional da emoção e dos valores: “[...] os valores pressupõem as emoções, na medida que estas fornecem a base

empírica dos valores.”; e ainda: “[...] as emoções pressupõem os valores. O objeto de uma emoção – isto é, o objeto de medo, tristeza, orgulho, etc. – é uma situação complexa, apreciada ou avaliada pelo indivíduo” (pág. 166).

A partir destes apontamentos, podemos propor uma compreensão das emoções dos homens como experiências culturais que, simultaneamente, afirmam e constituem valores. Desta forma, apreciar unicamente os valores de virilidade e honra como justificativa para a violência é esquecer que eles também são construídos e endossados por sentimentos e suas formas de expressão, seja pelo medo do feminino, como pontua Bourdieu, seja pela dor e pela revolta nos homens jovens que analisarei nesta pesquisa.

Poucos trabalhos sobre gênero e masculinidades chamam a atenção ao tratar das emoções. Em especial, um deles parece trazer contribuições para o que estou debatendo aqui. Almeida (1995) traz a compreensão das emoções e do discurso emotivo como uma ação que afeta o mundo social, podendo ser interpretada como sendo acerca da vida social e tendo lugar na vida social partindo de experiências que envolvem a pessoa em seu todo. Nesse sentido, rompe com a idéia das emoções localizadas no interior do indivíduo ou como um “estado da alma”, para inscrevê-la em todo o corpo. Também confere às emoções um caráter de comunicação discursiva, pragmática e performática.

Apoiado em Lutz, Almeida ressalta aspectos importantes para uma análise cultural da emoção; afirma que as relações de poder e a sociabilidade são fundamentais nas relações sociais ligadas ao discurso emotivo, que por sua vez se relaciona com a ideologia de gênero. Ao tratar dos poetas populares em Alentejo, irá problematizar as simbologias presentes em poesias emotivas - dualidade razão/emoção nas formas de sociabilidade entre homens:

Elas [as mulheres] são as especialistas do amor romântico, da dor, da saudade, da religiosidade. Dos sentimentos expressos nas décimas. Em público, e à exceção dos momentos rituais (como os funerais), o controle das emoções está patente na atitude de modéstia, incorporada no próprio passo, postura e olhar. Quanto aos homens, restam-lhes duas saídas: a “desculpa” dos estados alterados, com a sentimentalização decorrente do excesso de álcool, em grupo; e a poesia. (pág. 221).

Com os homens jovens aqui estudados, parece haver outras formas de expressar suas emoções. Pretendo evidenciar como a infração pode ser interpretada como uma forma de expressão desses jovens. No último capítulo desta dissertação me dedicarei a analisar duas emoções que me parecem marcantes no exercício das infrações, enquanto expressões emotivas: a dor e a revolta.

Em um estudo sobre a experiência de pessoas vitimadas pela violência urbana, Coelho (2006) adota as emoções para analisar as diferenças de gênero e as relações de poder entre grupos e formas de expressá-las. A autora postula uma dimensão micropolítica das emoções nas configurações culturais. As emoções são, assim, analiticamente valiosas e politicamente estratégicas para construir um conhecimento que possa gerar perplexidade e outras compreensões sobre os homens, em especial os jovens, pobres, negros e infratores.

Em meu trabalho de campo, foi muito perceptível como as emoções são importantes para dar significado as suas trajetórias de vida. De fato, eles sentem muito! Assim, entendemos que as emoções operam simultaneamente com os valores e com as relações de poder nos corpos masculinos, favorecendo algumas indagações norteadoras para esta leitura.

Mas, que emoções são marcantes nas histórias destes homens jovens? Como eles expressam suas emoções? Quais referências masculinas influem em suas expressões emotivas? Como as emoções afetam suas relações sociais?

Para avançar um pouco mais no trabalho, procedemos a uma rápida contextualização e revisão das normas e tratamentos legais dispensados aos chamados adolescentes em conflito com a lei; da mesma forma, demarcarei quem são e quais deles priorizei nesta pesquisa.

1.3. Medidas Sócio-Educativas e o corpo do adolescente em conflito com a lei

Desde o início da constituição de regulamentos e normas jurídicas no Ocidente – em especial no Brasil –, os adolescentes vêm passando por diferentes formas de tratamento, quando pegos por infrações: desde a indiferenciação entre adolescentes e adultos – perspectiva mais remota excluída a cerca de um século – até o tratamento tutelar.

Na forma de tratamento tutelar, há dois momentos expressivos: o primeiro adota juridicamente a nomenclatura “menor” (e o Código de menores) e refere-se às crianças e adolescentes em situação de abandono, marginalidade, pobreza, ou de alguma outra forma de exclusão pela sociedade – atribuindo um tratamento unificado a crianças e adolescentes vítimas, infratores ou negligenciados⁶.

O segundo momento desta fase de tutelamento vem com a redemocratização do Brasil, a partir do processo de construção da Constituição Federal de 1988, seguido da ampliação dos movimentos sociais - em especial, os grupos que trabalham com crianças e adolescentes. Com a promulgação da Lei 8.069/90, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e

⁶ Para um debate mais extenso sobre as questões históricas acerca de tratamento dos adolescentes em conflito com a Lei no Brasil, Volpi (2001), Barros (2003), Nascimento (2002), Cury, Silva e Mendes (2002).

durante a década de 90, vários Tratados e Convenções Internacionais foram celebrados sob a égide da Organização das Nações Unidas e o Brasil figura como signatário deles (a exemplo da Convenção das Nações Unidas (NU) sobre os Direitos da Criança; as Regras de Beijing – Regras Mínimas das NU para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude; as Diretrizes de Riad – Diretrizes das NU para a Prevenção da Delinquência Juvenil, e as Regras Mínimas das NU para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade).

A forma de tratamento aos adolescentes infratores opera ideologicamente com algumas outras especificidades: buscou-se um rompimento com a lógica positiva, organicista e higienista presente no Código de Menores, e passou-se a ter uma maior responsabilização do Estado, da Sociedade Civil e da Família, além de uma diferenciação entre infâncias e adolescências, entre aqueles/as que precisavam de cuidados e garantias de direitos (medidas protetivas) e aqueles/as que infringiam as leis (Medidas Sócio-Educativas).

A criança e o adolescente são vistos como sujeito de direitos, com condições de participar das decisões que lhes dizem respeito. O interesse superior e a indivisibilidade de seus direitos posicionam a criança e o adolescente acima de qualquer outro interesse da sociedade, afirmando a garantia de todos os seus direitos (à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária). Além disso, colocam a criança e o adolescente em uma situação peculiar (de desenvolvimento), como cidadãos, sujeitos de direitos e deveres, com prioridade absoluta de atendimento⁷.

As Medidas Sócio-Educativas (MSE) aparecem dentro das limitações de aplicabilidade da própria Lei, com o objetivo de frear as transgressões cometidas pelos adolescentes, como possibilidade de “re-inserção” do jovem ao convívio social e coletivo, tendo como norteador práticas pedagógicas e de integração do adolescente à sociedade⁸.

O que é importante destacar sobre estas MSE, é que as medidas chamadas de “medidas de meio aberto”, como vários autores apontam, são inovadoras e refletem um outro paradigma no tratamento de adolescentes em conflito com a lei, sendo sem dúvida a maior expressão das mudanças de perspectiva do antigo código para o atual modelo, pois elas

⁷ Mais detalhes sobre estas mudanças de perspectivas procurar a bibliografia indicada na nota 6.

⁸ Os artigos 103 a 128 do ECA são importantes para se ter uma compreensão mais objetiva acerca deste tema. Nestes artigos podemos observar: a definição de ato infracional; os direitos individuais do adolescentes e suas garantias processuais; a aplicação e definição das Medidas Sócio-Educativas, e as descrições sobre cada uma das medidas que podem ser aplicadas (Advertência; Obrigação Reparar o dano; Prestação de Serviço à Comunidade; Liberdade Assistida; Semi-Liberdade e Internação).

priorizam o convívio familiar e comunitário e pretendem desenvolver ações educativas com os adolescentes em liberdade⁹(CURY, SILVA e MENDES, 2002; VOLPI 2001).

É interessante que apesar destas datas, Leis Federais, Tratados e Convenções Internacionais que confirmam as mudanças, compreensões e formas de abordar a adolescência, com as vivências de campo e a pesquisa, pude perceber que não há de fato um rompimento entre um e outro modelo em nossa realidade cultural; há ambigüidades nas forças políticas atuantes nos espaços públicos que procuram garantir suas “bandeiras” e fortalecer sua ideologia junto a outros grupos.

Um exemplo disso são os movimentos sociais e os espaços de controle das garantias de direitos de crianças e adolescentes (redes de articulação, conselhos de direitos municipais, estaduais e federal) que procuram garantir a implementação do ECA mesmo com inúmeras dificuldades que se confrontam diariamente nestes grupos.

Outro espaço é o dos meios de comunicação já comentados (especialistas em mostrar crimes e tragédias humanas), que priorizam a adoção da terminologia “menor”, sucessivamente fazem referências a termos pejorativos, pressionam pela redução da maioridade penal e, enfim, estabelecem críticas ferrenhas à compreensão da adolescência trazida pelo ECA. Contudo, estas críticas ocorrem muitas vezes sem ter conhecimento expressivo do que diz a lei, dedicando os comentários mais em relação às tensões de sua aplicabilidade.

Dezessete anos após o surgimento do ECA, a realidade mostra-se ainda bastante contraditória com seus princípios fundamentais, sendo visível o grande vão que existe entre o

⁹ As Medidas Sócio-Educativas em meio aberto são a Prestação de Serviço Comunitária (PSC) e a Liberdade Assistida (LA). Dispõe a lei, quanto à PSC:

Art. 117. – A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos, congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Parágrafo Único. – As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola ou à jornada normal de trabalho.

A Liberdade Assistida é a outra MSE em meio aberto e se caracteriza pelo previsto nos artigos:

Art. 118. – A liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente.

§ 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento.

§ 2º A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.

Art. 119. – Incumbe ao orientador, com apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros:

I – promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;

II – supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;

III – diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;

IV – apresentar relatório do caso.

plano das leis (a doutrina de proteção integral) e o plano da execução cotidiana (da realidade dos sistemas de garantia desses direitos).

Questões básicas como o trabalho infantil, a exploração sexual, a evasão escolar, a violência doméstica e a pobreza (que repercutem na falta de garantia e acesso a outros serviços da saúde, educação, cultura, assistência social etc.) manifestam que a cidadania também não é uma conquista para grande parte da população infanto-juvenil. Muitos fatos atestam que as leis e convenções foram rasgadas e, na prática, o que conduz o dia-a-dia destes adolescentes são outros valores culturais, tais como o capitalismo, o individualismo de maneira predatório, a violência e a negação do sujeito de direitos. A este respeito, Zaluar comenta que “a cultura política brasileira se caracteriza pelo enorme hiato e pelas incongruências entre o ideal e o real, entre a teoria e a prática [...] qualquer crítica cultural tem que partir daí, mas sem se limitar ao plano das idéias” (1994:19).

Na maioria dos casos, os jovens que transitam pelas MSE passam a fazer parte da política do ECA apenas quando transgridem e são enquadrados como “autores de atos infracionais”, despontando a culpabilização do sujeito por uma ação social mais ampla. Em sua infância, a proteção integral prevista no ECA e pelas Convenções Internacionais de que o Brasil é signatário não regeu sua vida, suas relações familiares e sociais; garantias na educação, saúde, lazer e direito à livre expressão não fizeram parte de seu cotidiano.

É neste contexto mais amplo que as Medidas Sócio-Educativas surgem como normas a serem executadas na década de 90 e somente em 2006 (16 anos após a promulgação do ECA) surge um documento regulador que instrui a execução das Medidas Sócio-Educativas. O Sistema Nacional de Atendimento Sócio-Educativo (SINASE) estabelece: “embora o ECA apresente significativas mudanças e conquistas em relação ao conteúdo, ao método e à gestão, essas ainda estão no plano jurídico e político-conceitual, não chegando efetivamente aos seus destinatários” (2006:15); trata-se de um sistema que se propõe a ser um “guia” na implementação das Medidas Sócio-Educativas, em especial as “bases éticas e pedagógicas” para a “efetivação de uma política que contemple os direitos humanos”¹⁰.

Foi em um espaço de institucionalização deste Sistema que participei do Programa LA. Este Programa tem um caráter pioneiro, sendo um dos primeiros a ser municipalizados no Brasil, e o primeiro em Pernambuco (foi inicialmente executado por uma ONG e em 2003, quando entrei no Programa, já era executado pela Secretaria de Políticas Sociais da Prefeitura Municipal de Olinda). Além disso, recebia muitos elogios da UNICEF e de gestores federais.

¹⁰ Por enquanto, o SINASE só foi publicado virtualmente e está disponível pelo endereço virtual da SEDH - <http://www.planalto.gov.br/sedh/>

No entanto, esta qualidade e pioneirismo coexistiam com a fragilidade das Medidas Sócio-Educativas em nível nacional e local, passando sucessivamente por falta de recursos para implementar algumas ações mais efetivas, bem como acesso a uma maior retaguarda na rede de garantias de direitos dos adolescentes, para poder executar ações mais ampliadas com as comunidades e os vários setores da sociedade.

Assim, o Programa era caracterizado por um espaço onde existia vontade política para a execução dos serviços, com profissionais engajados e comprometidos com a ação e a proposta sócio-educativa. Por outro lado, confrontava-se cotidianamente com as novidades das perspectivas pedagógicas norteadoras da execução de Medidas Sócio-Educativas em meio aberto, sem ter um suporte material e estrutural para que tal ação de fato fosse implementada.

Ao desenvolver meus trabalhos no Programa LA vivi intensamente esta realidade institucional e política, e, mais ainda, o encontro incessante com adolescentes (que cumpriam medidas de liberdade assistida e prestação de serviço comunitário no município de Olinda) e suas famílias, com suas realidades comunitárias e cotidianas.

Comecei a despertar para uma realidade explícita, diria até escancarada, mas não dialogada, pensada ou sequer refletida, comumente invisibilizada neste campo da política pública e da ação com jovens em conflito com a lei. Era enorme o contingente de adolescentes homens atendidos nestes dois anos em que estive presente no Programa. Os números variavam temporalmente, entre 95 a 99% do total de atendidos(as) sendo do sexo masculino. Segundo o vivido pelos/as profissionais desta área, não havia “nada mais natural” do que homens neste espaço. Ao me deparar com a realidade nacional, pude perceber que estes números são muito próximos, com uma média em torno dos 96% da população atendida¹¹.

É compreensível que o debate de gênero no campo das Medidas Sócio-Educativas, como em outros espaços, tenha surgido problematizando as mulheres e, ainda assim, de forma incipiente. Há poucas produções que procuram trazer a categoria gênero como central para tecer

¹¹ Estes dados são extraídos de levantamentos nacionais realizados. É importante fazer referência à fragilidade dos dados e informações estatísticas mais detalhadas sobre os adolescentes em conflito com a lei. O estudo de Rocha (2002) é o único que existe em nível nacional que traça o perfil dos adolescentes por sexo, raça/cor, condições de renda, escolaridade, enfim, que traz dados mais detalhados sobre quem é o/a adolescentes em conflito com a lei. Entretanto, limita-se apenas aos/as adolescentes que cumprem Medidas Sócio-Educativas em unidades de internação, deixando de analisar uma grande parte da população que também se encontra em Medidas Sócio-Educativas em meio aberto. Vale destacar também que há uma confusão no uso do termo “gênero”, que é utilizado como sinônimo de “sexo”, o que denota em conjunto com a análise superficial produzida sobre esta categoria, pouco domínio sobre a temática. O Estudo de Murad (2004) traz dados gerais sobre quantitativos de adolescentes em conflito com a lei cumprindo medidas, sem traçar nenhum tipo de perfil social, bem como afirma que não obteve dados de vários municípios e estados onde executam Medidas Sócio-Educativas em meio aberto. Enfim, o controle das informações e dados sobre o perfil do público atendido é fragmentado, expressando e refletindo o atual estado das Medidas Sócio-Educativas.

a análise sobre a violência urbana, os/as adolescentes em conflito com a lei e as políticas públicas – em suas intersecções com classe, raça, sexualidade e geração.

O estudo de Assis e Constantino (2001) é isolado neste sentido e procura tratar da infração feminina. Em outro estudo, Assis (1999) se dedica a analisar jovens homens infratores, mas não ressaltava fatores de gênero em sua análise, como se a legitimidade da categoria “gênero” existisse só para as mulheres e não para as relações sociais e para as construções culturais dos corpos sexuados.

A questão de gênero se tornou central para mim, mobilizando um enorme estranhamento sobre a construção, produção e manutenção desta realidade. Além das informações sobre este quantitativo de homens como público do sistema sócio-educativo, sendo o sexo da infração e da prática de violência, fui provocado também pelas sucessivas mortes de jovens que eu acompanhava, além da bibliografia sobre o assunto.

Waiselfisz (2003) traz várias estatísticas para ilustrar como a violência (em especial a violência urbana expressa por indicadores de mortes por causas externas) atua de forma diferente entre homens e mulheres, postulando que “a violência constitui, no Brasil, o grande diferencial dos problemas de saúde em relação ao sexo, sendo significativamente maior entre homens do que entre as mulheres” (pág. 156).

Outros estudos recentes no campo da saúde coletiva também vêm abordando a morbidade e a mortalidade, produzindo referências à violência como um problema marcante na saúde dos homens, em especial homens jovens pobres e negros, bem como fatores de gênero como os elencados pelos estudos citados no tópico anterior para se referir à necessidade de se pensar políticas públicas que possam atuar nestes aspectos e serem mais efetivas (SOUZA, 2005, 2006; SCHRAIBER, GOMES & COUTO, 2005; MINAYO, 2005; BATISTA, 2005).

A violência praticada e sofrida por adolescentes e jovens se estende por estudos de outros países da América Latina como no caso da Argentina, do México, do Peru e da Venezuela, onde frequentemente a juventude urbana, masculina e pobre destes locais são autores e vítimas desta violência (PEGORARO, 2002; CANCLINI, 2000).

Para reforçar estas informações, Adorno (1999) e Zaluar (1999) vão pontuar em seus estudos a faceta dos jovens do sexo masculino envolvidos com infrações na qualidade de autores e vítimas da violência, apontando também para o componente de classe, aproximando estes episódios aos grupos populares.¹²

¹² Ao nos determos na realidade do município de Olinda, a mortalidade por causas externas é o principal problema de saúde na faixa etária de homens dos 5 aos 44 anos. Em especial, a faixa etária que compreende dos 15 aos 24 anos tem o maior índice de mortes por causas externas. A discrepância é tão evidente que esta categoria compreende 88,3% do quantitativo total das mortes neste grupo etário – estes dados foram retirados do sítio do

Apesar de terem o mérito de demonstrar uma sensibilidade para o fator da socialização masculina, estes estudos apresentam, em sua maioria, pouco ou nenhum diálogo com a perspectiva feminista e de gênero, ou mesmo com a política pública alvo deste trabalho, responsável por atender a demanda de jovens infratores: as Medidas Sócio-Educativas. Assim, temos majoritariamente uma literatura feminista que não se aproxima das MSE (uma política que atende eminentemente a homens!), e uma literatura sobre violência urbana que faz pontes com a dimensão de gênero, mas não aprofunda suas análises especificamente nas MSE.

Ao longo deste trabalho, a questão de classe também é evidenciada e gera provocações sobre a fragilidade dos laços sociais; da mesma forma, a criminalização da pobreza - o que já tem sido apontado por outros estudos (ZALUAR, 1999; ADORNO, 2000; RIBEIRO, 2006). Os participantes desta pesquisa são jovens de comunidades populares e alguns passaram por situações de miséria. A violência é marcante na construção das narrativas dos homens jovens e a aproximação de suas trajetórias com o Estado surge expressivamente apenas quando eles passaram a representar ameaças, e não por uma questão de direitos e cidadania¹³.

Os dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) traz informações nacionais sobre os adolescentes privados de liberdade (ROCHA, 2002). Ao tratar da renda familiar, observa-se que quase oitenta por cento das famílias (79,6%) apresentam rendimentos de dois salários mínimos ou menos (para famílias com média de quatro componentes). Deste percentual, 16% das famílias não possuem rendimentos e 33% têm rendimentos iguais ou inferiores a um salário mínimo.

As informações disponíveis sobre raça/cor também possibilitaram perceber que questões raciais também podem contribuir para se pensar as infrações e as políticas públicas que tratam de seus autores, em especial preconceitos com a população negra. Os dados da SEDH mostram que, no Brasil, 61% dos/as jovens atendidos/as têm raça/cor negra e/ou parda, evidenciando aí uma preponderância de um público não-branco afrodescendente¹⁴.

datasus (<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt/PE.def>) 27 de outubro de 2005 e se referem a óbitos do sexo masculino (por local de residência). Os números são os mais atuais, sendo referentes a 2002.

¹³ É ilustrativa uma conversa que tive com uma das psicólogas do Programa L.A. sobre os últimos casos que haviam chegado na instituição. Ela dizia com um enorme estranhamento de um adolescente que a Juíza havia aplicado a medida de Liberdade Assistida por causa de um trote telefônico que o mesmo deu. Não preciso dizer que ele era pobre. Além disso, não eram tão raros os casos de adolescentes pobres que haviam sido pegos com uma pequena “dola” de maconha (quantidade de uso pessoal). É sabido que adolescentes de classe média não vão parar em Medidas Sócio-Educativas por trotes ou uso de maconha, a não ser que seus pais queiram, pois geralmente era isso que acontecia, quando os pais não se sujeitavam a pagar propina a policiais e achavam coerente seus filhos irem para as medidas como uma forma de castigo.

¹⁴ A pesquisa não informa qual o critério adotado para definição de raça/cor. Julgamentos, representações sociais, subjetividades e preconceitos atuam nesta classificação de diferentes formas, com base no critério de aferição do pesquisador ou pela autodeterminação.

Estas informações se aproximam dos dados específicos de Olinda, bem como de outros municípios e Estados. Estudos que procuram trazer um perfil dos adolescentes em conflito com a lei irão reforçar as evidências de que, além de sexo, a infração também tem classe e raça/cor. Além disso, características da família (mulheres chefes da família, pais distantes ou ausentes), uso de drogas, escolaridade baixa também serão marcadores recorrentes neste público (BARROS, 2003; BRITO, 2000; VALLE, 2003; BRAGA, 1999; ASSIS, 1999).

Assim, podemos perceber claramente as marcas corporais inscritas no rótulo “adolescente em conflito com a lei” ou “menor infrator”: são os homens adolescentes pobres e não brancos que ocupam as instituições e programas de execução das MSE, figurando como autores de infrações – com certeza não é coincidência o fato de vivermos em uma sociedade machista, capitalista e racista.

Na arena das infrações e MSE cabe às mulheres, majoritariamente, o protagonismo de “acompanhantes” e “cuidadoras”: são as mães e/ou responsáveis (avós, tias etc), e também as profissionais, técnicas, especialistas, educadoras. Em Olinda, durante o período em que trabalhava no Programa, também eram as mulheres as principais protagonistas da Justiça (a Juíza e as Promotoras Públicas).

Os homens são minoria no quadro de profissionais do Programa, tanto em números absolutos quanto nas funções educativas; apenas em funções mais operacionais aparecem com algum destaque (auxiliar administrativo, motorista, segurança etc). Em instituições fechadas há um número um pouco maior de homens, que são os “agentes de desenvolvimento social” – geralmente, os que recebem mais queixas dos adolescentes sobre maus-tratos e violência.

Esta realidade reitera representações acerca do masculino e feminino, afirmando objetivamente espaços sociais e inscrições corporais de homens e mulheres, fazendo destas instituições um espaço expressivo para produzir análises de gênero. Esta realidade favorece diretamente referências identitárias aos homens jovens que passam pelo sistema.

Na maioria dos casos, as intervenções educativas são conduzidas por mulheres - isto não significa que necessariamente há reiteração de regras normativas. Contudo, existe grande possibilidades para que isso aconteça; da mesma forma, intervenções promovidas por homens não necessariamente serão libertárias de amarras simbólicas, mas também se podem se apresentar reificadoras de modelos identitários de homens e mulheres.

A questão aqui não está no sexo, mas no corpo, e como cada um dos sujeitos produz sua prática educativa e seus referenciais de democracia e de igualdade. Geralmente não há uma “sensibilização” de profissionais para o tratamento das questões de gênero, ou seja, não faz parte da realidade da Política uma atenção mais crítica quanto à constituição das relações de

gênero nos espaços institucionais, que espaços estas ocupam e como se portam homens e mulheres. Excepcionalmente, há algumas iniciativas pontuais e isoladas.

O objetivo principal das políticas públicas destinadas a adolescentes “em conflito com a lei” é, sem dúvida, possibilitar-lhes uma nova forma de se portar nos espaços públicos, nas suas relações com os outros e novas práticas corporais.

Dados estatísticos sobre a reincidência dos jovens em suas práticas de infração costumam colocar em xeque a eficácia do sistema sócio-educativo. Boa parte de minhas angústias surgia por ver meus investimentos sucessivos em jovens que reincidiam e regrediam para uma MSE mais severa.

Algumas informações sobre as Medidas Sócio-Educativas, mesmo pontuando sua precariedade em possibilitar uma visualização mais global da realidade, versam a reincidência com altos índices. Em Olinda, com os jovens que passaram pelo Programa até o final de 2005, 25% deles foram reincidentes. Em levantamento realizado por Valle (2003) em um Centro de internação Provisória de Minas Gerais, a reincidência varia entre 48 e 70% dos casos.

Além das estatísticas de reincidência (que se referem aos jovens que retornam às MSE após terem passado por ela), existem os jovens que são presos (por já terem mais de 18 anos e serem pego por nova transgressão) ou os que foram a óbito. Esses casos também são considerados “insucessos”. Em Olinda, 15% dos jovens que passaram pelo Programa até o final de 2005 tiveram este fim¹⁵. Assim, as falhas e déficits na política pública parecem ser expressos quando são apontados dados de reincidência, óbitos e prisões dos jovens acompanhados pelas Medidas.

A contrapartida - o que se aproximaria que uma informação “positiva”, os dados “estimulantes” do Programa - é construída através de informações sobre a extinção da Medida. Em Olinda, 35,5% dos jovens são egressos, ou seja, tiveram sua Medida extinta. A extinção da Medida pode ser concedida quando o adolescente cumpriu com seus “deveres”, atendendo aos termos do que foi proposto na Medida. Outro caso de extinção pode ser pela liberação compulsória, quando o jovem completou 21 anos ainda no período de cumprimento da MSE.

Ao me aprofundar na dinâmica da realidade institucional das Medidas Sócio-Educativas e das leituras compreensivas dos/as Juízes responsáveis por sua aplicação, manutenção ou

¹⁵ Isto significa dizer que 40% dos jovens acompanhados em Olinda tiveram fins “indesejáveis” para o Programa. Várias coisas podem ter ocorrido com eles: terem tido regressão de Medida por descumprimento os termos da atual (serem encaminhados para a Internação ou Semi-Liberdade); podem ter sido apreendidos por nova infração, e encaminhados para outras Medidas Sócio-Educativas; pode ter sido expedido mandado de Busca e Apreensão por descumprimento de Medida e, com isso, o jovem não pertenceria mais ao Programa; pode ter desaparecido; pode ter morrido ou sido preso.

liberação, pude perceber que existem nuances que complexificam mais os casos e motivos para extinção da medida.

Raros são os casos que seguem as regras objetivas da lei, seja em sua aplicação pelas instituições responsáveis, seja pelo cumprimento por parte dos jovens. Os jovens podem ter extinção de Medida mesmo se não estiverem estudando ou se estiverem cometendo infrações mais brandas (como ser usuário de maconha¹⁶). Muitos não conseguem acesso ao mercado de trabalho e a cursos profissionalizantes; alguns deles não possuem este desejo, outros não têm a oportunidade¹⁷. Outros, por terem sofrido alguma violência durante a execução de sua Medida, também podem ter uma regressão ou extinção, como uma espécie de amenização dos problemas¹⁸. Há casos ainda nos quais as Medidas podem ser extintas por ser interpretado que a problemática é de saúde mental e não, de justiça¹⁹.

Enfim, há inúmeras situações nas quais se pode interpretar que o jovem cumpriu ou não suas obrigações com a MSE. No caso dos jovens aqui pesquisados, três deles tiveram suas medidas extintas por considerar que haviam cumprido seus compromissos com a justiça, e um deles por ter feito 21 anos.

A compreensão que perpassa o discurso institucional é de que estes jovens estão bem, em especial aqueles que cumpriram a Medida. No início de 2006, as profissionais do Programa LA realizaram um levantamento para saber como se encontravam os/as jovens que tiveram suas Medidas extintas no Programa (um total de 67 até final de 2005).

Alguns contatos não foram possíveis, pelos jovens e suas famílias não morarem mais no mesmo endereço fornecido à época do relacionamento com a instituição; outros contatos foram desestimulantes, por trazerem notícias de que os jovens haviam sido mortos ou estavam presos. Contatos considerados estimulantes e positivos davam conta de os jovens estavam “bem”. O “estar bem” geralmente se referia a quatro questões objetivas: o fato de aparentemente não estarem envolvidos com infrações (em especial, furto, roubo, tráfico de drogas, ou outras infrações mais severas); o trabalho, o estudo e a família. Ou seja, “estar bem” significava: não

¹⁶ Três dos jovens reportados nesta pesquisa nunca deixaram de fazer uso de maconha - uma prática ilegal, mas mesmo assim tiveram sua extinção por cumprimento de Medida. O que pode também ocorrer é o seu inverso e existirem casos, como já assinalados anteriormente, de ingresso nas Medidas Sócio-Educativas por uso de maconha.

¹⁷ A despeito do que se profere nas MSE de Liberdade Assistida, semi-liberdade e internação, a profissionalização dos jovens nem sempre é possível. Muitos deles passam pelas Medidas sem ter oportunidade, outros também passam sem ter interesse, e não necessariamente este é um critério para compreender um cumprimento de Medida.

¹⁸ O caso de um jovem que teve boa parte de seu corpo queimado após uma rebelião no CASE do Cabo/PE: ele teve uma regressão de Medida, indo para o Programa LA, e logo sua Medida foi extinta. Também é comum casos de jovens que são violentados na internação e são beneficiados com a progressão ou a extinção de suas MSE. Em capítulos posteriores poderemos nos aproximar um pouco mais de alguns destes exemplos.

¹⁹ Alguns jovens que passaram pelo Programa LA tiveram extinção da Medida após apresentação de laudo médico atestando a existência de algum transtorno mental.

estar infracionando, estar trabalhando, estudando e/ou construindo uma família (casado ou vivendo com alguma mulher), e as variações do “grau” de “estar bem” ocorriam quando uma ou outra destas quatro características não era contemplada.

Com exceção de jovens da classe média que passaram pelo Programa, e que figuravam entre os contemplados com a extinção da Medida, estudar era cursar o Supletivo, o Ensino Fundamental ou, em menor número, o Ensino Médio. O trabalho se referia as atividades informais, com vínculos trabalhistas frágeis e remuneração pequena e instável. Este quadro reforçava a imobilidade social destes jovens no contexto das desigualdades sociais e econômicas que marcam suas trajetórias e reforçam sua condição de pobreza e exclusão de acesso a bens e serviços.

Quanto ao casamento, a formação de um vínculo afetivo com uma mulher geralmente é vista com bons olhos. Alguns jovens já têm filhos e “assumir” a família (o filho e a companheira) é uma confirmação de que o jovem está “dando certo”. Geralmente, a formação de vínculos afetivo-sexuais é conectada à heteronormatividade e a modelos tradicionais de família, compreendendo ser estes “caminhos certos”.

Ao invés de ficar feliz e contente com estas informações “positivas” dos jovens, eu tinha uma mistura de sentimentos: uma felicidade tímida (compartilhando os investimentos dos/as profissionais na vida do jovem; por saber que ele estava construindo sua vida mesmo diante de tantas dificuldades; que há uma subjetividade e possibilidade de criações e sentidos) e um ceticismo quanto à eficácia das MSE e do que elas se propunham a ser. Para mim estes fatos teimavam em me mostrar um trabalho de construção de sujeitos subordinados e domesticados.

Assim, priorizo neste estudo o trabalho com quatro jovens que tiveram suas Medidas extintas; valorizo suas narrativas, experiências, subjetividades, corpos. Entendendo o corpo destes homens jovens como espaço privilegiado para refletir sobre a relação entre singularidade e coletividade, natureza e cultura, de forma simultânea, uma vez que o homem produz e aprende a cultura por meio de seu corpo.

Como pontua Daolio (2004): “[...] não existe corpo melhor ou pior; existem corpos que se expressam diferentemente, de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo de seus corpos ao longo da história” (pág. 45).

Assim, algumas questões são norteadoras para esta pesquisa: há uma mudança nos corpos dos homens jovens? Que marcas e práticas corporais desenvolveram ao longo de suas vivências nas MSE? Como os jovens avaliam esta passagem? Que corpos masculinos são reforçados pelo sistema sócio-educativo, suas emoções e suas expressões?

1.4. Objetivos da Pesquisa

Com base nas dimensões de gênero, emoção e corpo, esta pesquisa tem como objetivo principal fazer uma interpretação das trajetórias de vida de homens jovens infratores que passaram pelo sistema sócio-educativo e tiveram suas Medidas extintas.

Em específico, pretendo:

- Analisar os referenciais de gênero e práticas corporais adotadas pelos homens jovens em suas trajetórias, da infância até a juventude, fase em que se encontram no momento;
- Compreender as expressões emotivas masculinas construídas pelos homens jovens, e;
- Refletir sobre aspectos da socialização e da intervenção do Estado através das Medidas Sócio-Educativas e as experiências dos homens jovens.

No próximo capítulo, traçarei as perspectivas teóricas, metodológicas e políticas desta pesquisa. A princípio, farei uma referência ao Feminismo; em seguida, uma aproximação teórica de minhas opções conceituais e analíticas – as dimensões de gênero, corpo e emoção, que operam simultaneamente e de forma hierárquica nas análises que emprego neste trabalho. Posteriormente, retratarei um pouco do meu percurso nesta pesquisa, com foco no trabalho de campo. A dimensão das histórias de vida também será debatida neste capítulo, que se encerra com comentários sobre como foi desenvolvida a análise dos dados.

No capítulo três, tentarei me situar nos debates conceituais e políticos sobre juventude e adolescência, definindo minha opção de trabalhar com homens jovens; em seguida, descreverei detalhadamente cada uma das histórias dos homens jovens, com breves comentários analíticos sobre suas práticas corporais e expressões emotivas.

Os referenciais masculinos e femininos na família, comunidade e entre pares serão comentados no capítulo quarto. Nesta análise, priorizarei as diversas práticas corporais e as expressões emotivas presentes entre os sujeitos; porém, o capítulo também reforça algumas práticas que são constantes nas histórias de vida dos diversos jovens – em especial as práticas violentas e de enrijecimento dos corpos masculinos nas relações sociais. Na última parte do capítulo, focalizarei as experiências de preconceitos raciais e estigmas dos homens jovens negros, bem como as relações violentas que são produzidas nas instituições correccionais do Estado e na sociedade em geral, evidenciando as feridas e sofrimentos dos corpos.

No quinto capítulo, proporei uma análise da dor nos corpos dos homens jovens e a restrição de seus repertórios expressivos, para produzir um reconhecimento positivo de seu sofrimento. Em seguida, tratarei das infrações como estratégias corporais e emotivas para

expressar a revolta diante as dores do corpo, mas que, ao invés de gerar um reconhecimento positivo, estas práticas fragilizam ainda mais os laços sociais e as relações violentas na sociedade, semeando dores. Procurarei, também, tecer comentários sobre formas distintas de lidar com a dor e revolta, não apenas através de formas agonísticas, mas que produzam reconhecimento positivo de seus corpos e favoreçam a inclusão de outros arranjos sociais. Os caminhos percorridos pelos homens jovens durante e após as passagens pelas Medidas Sócio-Educativas também serão analisados. Por fim, encerrarei com as considerações sobre a pesquisa.

2. Sintonizando os Olhares: visões políticas, teóricas e metodológicas

Neste capítulo, procurarei apresentar um diálogo com os referenciais teóricos adotados neste trabalho. Transitarei por um percurso que inicia na perspectiva feminista, aborda conceitos de gênero, corpo, práticas corporais, emoções e expressões emotivas, até tratar da economia perversa dos corpos e da democracia das emoções. Estes “ingredientes” conceituais irão “temperar” a análise do trabalho.

Em seguida, serão pontuados os caminhos percorridos nesta pesquisa: apresentarei a metodologia levando em consideração a importância de minha própria biografia, meus contatos com o tema, meu envolvimento com o campo, o processo de análise do material coletado e os procedimentos adotados ao longo deste percurso.

2.1. Dádiva Feminista

Foi o poder do estranhamento, da negação e da denúncia trazidos nos estudos e produções feministas que favoreceram a constatação, hoje óbvia, das desigualdades produzidas cultural, histórica, política e economicamente entre homens e mulheres, além da compreensão sobre a formação enrijecida dos corpos humanos, dos diferentes sexos. Foi através dos incômodos, dos quais só quem é/foi oprimida pode falar, que foram pintadas, escritas, cantadas e discursadas inúmeras formas e modelos de dominação dos homens.

Ao falar de si mesmas e de seus corpos, as feministas também falavam das relações entre homens e mulheres, comunicavam aquelas coisas que não podiam ser vistas pelos homens: seus benefícios, vantagens e por que não?, também da crueldade e indiferença – pois ao praticar violências contra as mulheres, considerando-as bens, objetos de prazer e desqualificando sua voz, sua força de trabalho, seus sentimentos e sua sabedoria – os homens minaram possibilidades de produzir encontros, igualdade, direitos e democracia.

Foi através do olhar crítico feminista que nós, homens, já não somos tão belos, poderosos, certos e racionais; além disso, a racionalidade, a certeza e o poder já não são os mesmos. A perplexidade e crescente institucionalização destas relatividades como forma de compreender o mundo, as relações sociais, a cultura e a própria ciência me fizeram lançar um olhar crítico sobre o outro masculino, o outro homem, que não pode – pelo menos em intenção e tentativa reflexiva – ficar cego ante a tantas injustiças.

No conhecimento e reflexividade da minha trajetória de homem, ancorado aos estudos feministas de gênero e masculinidades e nas vivências de mulheres e homens, debruço meus

olhares sobre as relações de gênero, sobre os homens e masculinidades. Além disso, vejo como imprescindível a produção de trabalhos sobre relações de gênero e masculinidades, protagonizado por homens, a partir de um olhar crítico sobre a condição masculina – primeiro porque vivemos na pele as vantagens, privilégios e dores deste espaço ocupado por nós; segundo, porque acredito que as contribuições das mulheres para problematizar as relações de poder, emotivas e os espaços ocupados pelos homens pode ser potencializada e complexificada, caso nós despertemos destes amargos séculos para uma ação que tem por finalidade justiça, igualdade e abertura para as diferenças.

Desta forma, me considero dentro de uma rede de reciprocidade, de circulação e dádiva, mas, neste momento, não são as mulheres que circulam como presentes. Como pontuaram Mauss (1988) e Lèvi-Strauss (1982), elas são apenas um elo condutor da relação entre os homens (RUBIN, 1993). As mulheres aqui são parceiras, companheiras de luta pela busca de realidades mais igualitárias, e o feminismo é uma contribuição, um presente (intelectual, político e ético) que circula em minhas produções cotidianas e, dentro de minhas possibilidades, retribuo com este estudo, procurando fazer circular nas relações de gênero, a formação de um laço social, um vínculo em prol das relações mais justas e menos destrutivas, pois após tantas leituras, convívios e confrontos empíricos, tenho que retribuir esta dádiva.

Como apontado por Mauss, a dádiva fortalece os laços, aproxima sujeitos e grupos sociais. Mas ela apresenta sua ambigüidade, e neste sentido, traço o misto de reverência e irreverência dos estudos feministas, sou crente e crítico. Por isso, este estudo também encerra uma blasfêmia – que evita que sejamos arrastados pela maioria moralista – e uma ironia – que, como defende Haraway (1994), “se constitui na tensão entre elementos incompatíveis, porque ambos ou todos são necessários e verdadeiros (...) se refere tanto ao humor quanto à seriedade” (pág. 243). Afinal, que feminista clássica do início do século 20 – ou até algumas contemporâneas – poderiam conceber a realização de estudos que partissem de suas críticas sobre a condição da mulher para problematizar e refletir sobre os homens e seus corpos? Este ainda é um campo de tensão nos estudos feministas que vem sendo lapidado por esforços pessoais e coletivos de grupos que estão na arena da ação política e da produção do conhecimento. Aqui, entendo que trabalhar com homens fortalece a dimensão política e analítica do conceito de gênero, num misto de intensificação e erosão.

No tópico seguinte, desenvolverei os principais conceitos teórico-analíticos adotados nesta dissertação.

2.2. Simultaneidade não-hierarquizada: Gênero, Corpo e Emoção

De início, situarei a compreensão das masculinidades como um termo político, para dar visibilidade e amplitude a conceito analítico de gênero. Em seguida, farei um percurso de algumas dimensões teóricas e políticas do conceito de gênero para definir minha opção de estudo a partir dos corpos em movimento.

A compreensão de corpo adotada neste trabalho será o próximo passo, no qual pretendo delimitá-lo como locus privilegiado para refletir sobre relações de gênero e a cultura. Este corpo também é percebido com, pelo menos, quatro fortes inscrições identitárias (sexo, geração, raça e classe).

Após me situar no corpo, contextualizarei minha compreensão sobre as práticas corporais (expressivas) masculinas e sua relação com as emoções.

Na seqüência, introduzirei a dimensão das emoções, suas expressões e sua relação com as práticas corporais. Por fim, problematizarei a normatização perversa dos corpos masculinos e sua contrapartida, a democratização das emoções.

Em cada uma das categorias centrais que serão abordadas (gênero, corpo e emoção), procurarei demonstrar como elas operam de maneira simultânea e não-hierarquizada e encontram as práticas corporais e expressões emotivas como locus valioso para desenvolver as análises deste trabalho. Vamos ao percurso.

Em trabalhos com perspectiva de gênero que abordam os homens e as masculinidades no campo das ciências sociais, existe uma compreensão de que se produz um conhecimento sobre um grupo que ocupa uma posição de poder e dominação sobre as mulheres. Esta base não vem apenas da produção feminista, mas também de importantes teóricos das ciências sociais que abordam esta temática, como Bourdieu (2002), Simmel (1993) e Goffman (in: KIMMEL, 1998).

Entre estudiosos que tratam de gênero e masculinidades, a questão da dominação masculina também é uma problemática fundamental. Connel (1997) sugere uma estrutura de gênero ao pesquisar masculinidades – uma das partes que compõe esta estrutura são as relações de poder, em especial a subordinação das mulheres. Kimmel (1998) também vai pontuar que as masculinidades são construídas por relações de poder, apontando para as desigualdades de gênero – as relações de dominação do homem sobre a mulher – e as relações de desigualdades entre homens – baseadas em raça, etnia, sexualidade, geração e classe social.

A idéia de movimento e pluralidade caminha concomitantemente nestes estudos sobre as masculinidades (não existe uma, mas várias masculinidades, que diferem entre culturas; na cultura, entre diversos sujeitos e grupos; ao longo do tempo na cultura; e ao longo do tempo, nos sujeitos), sendo compreendida como socialmente construída, fugindo da idéia de essência, mítica ou biológica (CONNEL, 1997; KIMMEL, 1998; ALMEIDA, 1995).

Nestes estudos um conceito importante para tratar do poder ocupado pelo homem é o de “masculinidade hegemônica”. Este conceito pressupõe um modelo de masculinidade que serve de referência simbólica para os homens, e é responsável pela normatização, manutenção e subordinação de identidades masculinas (ALMEIDA, 1995; NASCIMENTO, 1999; CONNEL, 1997; KIMMEL, 1998). Esta masculinidade hegemônica corresponderia a um modelo de homem fundado em símbolos, artefatos e qualidades que retratam posições de poder sexual, econômico, geracional, étnico-racial etc (homem branco, adulto, bem sucedido economicamente, racional, heterossexual etc.).

O termo masculinidade hegemônica evoca a existência de outras masculinidades, subalternas (ou contra-hegemônicas) – todas aquelas que divergem do modelo simbólico hegemônico. Além disso, também há diferenças entre a masculinidade discursiva e retórica da masculinidade da prática e do cotidiano. As masculinidades subalternas ou marginais são referidas ao tratar de homens negros, homossexuais, pobres, desempregados, jovens ou idosos, de países periféricos. Enfim, seriam homens que, por não possuírem atributos “ideais” dentro da lógica americana-européia, integrariam grupos subordinados a uma estrutura simbólica de homem (CONNEL, 1997; KIMMEL, 1998).

Os estudos que trazem a idéia de hegemonia apontam mais para modelos do “ser homem”, um referencial simbólico e normativo que rege o imaginário de homens sobre como seria o tipo ideal masculino, ao invés de um modo prevalente entre os homens reais uma vez que poucos alcançam tal patamar (ALMEIDA, 1995; KIMMEL, 1998). Além disso, poderíamos questionar mais a fundo se estes referenciais performáticos masculinos de fato se processam em alguma subjetividade no próprio cotidiano das relações sociais.

Como vimos no capítulo anterior, ainda é incipiente a produção de gênero sobre homens no campo das Medidas Sócio-Educativas. Assim, neste trabalho, apontar para os estudos de masculinidades torna-se importante para produzir uma compreensão sobre a pluralidade de homens e corpos masculinos, e por evidenciar um percurso que tem se intensificado – o de introduzir a dimensão de gênero no trabalho com e produzido por homens.

Ciente de que nem todas as produções que pautam as masculinidades apresentam uma afinidade e companheirismo político com o feminismo (MEDRADO, 1997), ao utilizar

“masculinidades” ou “corpos masculinos” neste trabalho, estarei adotando estes termos como uma linguagem política de uma produção de gênero (ou seja, dando visibilidade a grupos menos problematizados e evidenciados nos estudos de gênero – os homens) e recorrendo ao potencial analítico do conceito de gênero para contemplar uma reflexão crítica dos sujeitos e da cultura independente dos sexos.

2.2.1. Trilha polimorfa. Rota: Gênero-Corpo.

De uma forma geral, a saída do referencial analítico “mulher” ou “homem”, pressupõe uma diferença entre o referencial empírico (mulher e homem) e o analítico (gênero). Em relação aos estudos das mulheres, parece haver a compreensão de que adotar o conceito de gênero amplia a possibilidade analítica “que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual. Quer onde estão os sujeitos concretos, substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo encontramos estes sujeitos” (KOFES, 1993:29).

Vários outros textos salientam as diferenças de recursos analíticos ao se adotar a categoria gênero (SCOTT, 1991; SOIHET, 1998; RAGO, 1998; MORAES, 1998; MACHADO, 1998b). Parece importante, ao trabalhar com o conceito de gênero, não perder o olhar crítico feminista para não correr o risco de esvaziar o caráter político deste recurso analítico (COSTA, 1998), mesmo levando em consideração a polissemia das abordagens e a possibilidade inventiva das produções de conhecimento dentro do campo feminista.

Nos estudos de gênero, em especial aqueles estudos que se fundam numa perspectiva feminista, o sexo invoca uma profunda reflexão e problematização, explicitando a aleatoriedade do biológico aos aspectos culturais, políticos, econômicos e históricos que produzem e reproduzem relações desiguais e referenciais identitários masculinos e femininos. Este debate e aprofundamento teórico sobre a categoria gênero, como aponta Scott (1991), é relativamente recente, aparecendo apenas no final do século XX:

De fato, algumas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como meio de falar de sistema de relações sociais entre os sexos, não tinha aparecido [...] A meu ver, é significativo que o uso da palavra gênero tenha emergido num momento de grande efervescência epistemológica entre pesquisadores em ciências sociais, efervescência que em certos casos toma a forma de uma evolução dos paradigmas científicos em direção de paradigmas literários [...]. Em outros casos, essa evolução toma a forma de debate teórico entre

aqueles que afirmam a transparência dos fatos e aqueles que insistem sobre a idéia de que qualquer realidade é interpretada ou construída [...]. (pág. 13).

Ao optar por trabalhar com o conceito de gênero, percebo que a distinção entre sexos (homem e mulher) é uma distinção cultural primária, que funda, constrói e dá sentido às relações sociais. O gênero, desta forma, “é um elemento constitutivo das relações sociais percebidas nas diferenças entre os sexos...” (pág. 14).

A desnaturalização biológica das categorias homem e mulher e a construção simbólica (cultural e social) das noções de masculino e feminino provocam uma ruptura entre uma noção biológica e essencialista dos sexos, para uma compreensão histórica, cultural, social, econômica, subjetiva e política da construção das relações entre homens e mulheres (MACHADO, 1998). Ao tratar de estudos variados de gênero, Machado (1998b) acentua que a construção dos masculinos e femininos é resultado do arbitrário cultural de cada configuração social historicamente situada. A autora pontua que as premissas do social são cada vez mais vistas como culturalmente construídas e passíveis de reconstruções culturais.

Além disso, o campo analítico do conceito de gênero apresenta lógicas interpretativas diferentes da perspectiva euro-americana e transcende o sexo. O gênero também está nos corpos, nas tecnologias e em variados artefatos da cultura (STRATHERN, 1988; 1995). Neste sentido, apesar das diversas perspectivas de trabalhar com o gênero, que são recortadas por diversos campos disciplinares, bases epistemológicas e lócus analítico, ter como base a aleatoriedade cultural do sexo e do gênero serve como ponto de partida para o potencial analítico deste conceito.

Neste estudo estou atento aos perigos de essencializar o sexo e o gênero. Para meu objeto de estudo empírico isto se torna uma zona de tensão. Ao optar por trabalhar com homens jovens, penso que, ao invés de essencializar homens e práticas corporais masculinas, eu estou partindo das definições de sexo baseadas nas afirmações anatômico-biológicas da perspectiva êmica, visto ser esta a categoria usualmente adotada por eles (como auto-definição), por pesquisas e dados estatísticos para ilustrar o perfil de quem pratica infrações, produzindo assim uma relevância política para trabalhar com esta perspectiva. Desta forma, a dimensão êmica adotada neste trabalho não tem a intenção de enrijecer os corpos no limite da identidade “homem”, mas procura fortalecer o movimento contínuo de transformação dos sujeitos e das compreensões sobre o masculino e feminino.

Ademais, há uma compreensão de que somos todos sujeitos e que os sexos são construções históricas, e partimos dela para avançar na compreensão das flexibilidades corporais e contínuas metamorfoses identitárias.

Há uma opção teórico-política pelos corpos sem essencializá-los. Ao tratar dos estudos que partem das análises de histórias de mulheres, Haraway (2004) traz uma definição que adoto neste trabalho: “gênero significa o fazer e desfazer de “corpos” num mundo de contestações” (pág. 208).

A dimensão de gênero possibilita problematizar as inscrições binárias e de oposição em nossa cultura, avançando em compreensões mais fluidas, democráticas e libertárias sobre os corpos em nossa sociedade. Ao adotá-la para problematizar desigualdades e diferenças em inúmeras esferas da cultura (parentesco, família, economia, política, trabalho, ciência, tecnologia, sexo, natureza, biologia etc.), com base em uma herança semiótica estruturalista em na cultura euro-ocidental, abordagens contemporâneas assinalam como tais compreensões binárias e de oposições são limitadas.

Em contrapartida, estas abordagens favorecem leituras assinalando que tais “estruturas” são bases normativas, mas a realidade das experiências e das produções coletivas desvia-se da normatividade e de sua universalidade e impõem um movimento em constante produção de pluralidade e normas processuais.

Alguns estudos enfatizam a relevância analítica e política do conceito de gênero a partir de um “sistema sexo/gênero”. O artigo de Rubin (1994) serve de marco neste debate. Não obstante, ao longo do desenvolvimento das produções acadêmicas e da militância política, algumas limitações da utilização deste sistema foram surgindo, dentre eles a própria essencialização dos conceitos de sexo e gênero, bem como a constituição de identidades coletivas singulares de mulher e homem, desta forma ofuscando uma série de desigualdades e diferenças que habitam cada uma destas identidades. Os principais componentes que vêm sendo discutido ao tratar de gênero e romper com estes sistemas partem de uma compreensão de corpos raciais, geracionais, sexualizados e de classe. (HARAWAY, 1994; HARAWAY, 2004; SCOTT, 1991; SCOTT, 2006; ALBERNAZ, 2006; OSMUNDO, 2004).

Neste estudo, trabalharei a dimensão de gênero ao analisar os corpos inscritos a partir de um sistema imanente (simultâneo e não-hierárquico), composto por “sexo/geração/classe/raça”, que servirão como referenciais semióticos de estruturas históricas em processo contínuo de produção, reprodução, contestação e capacidade inventiva e flexível. Estou trabalhando com “homens/jovens/pobres/negros”²⁰ e toda produção partirá deste referencial.

²⁰ As dimensões de sexo/geração/classe/raça partem da compreensão que de que pelo menos estas categorias apresentam uma relevância identitária e corporal em nossa cultura, a partir das históricas relações sociais sexistas, adultocêntricas, classicistas, exclusivistas e racistas. A dimensão da orientação sexual e a heteronormatividade também têm grande relevância identitária nos corpos destes homens. Durante a análise farei algumas referências,

A compreensão da imanência²¹ destas constituições identitárias normativas nos corpos destes sujeitos pautam toda a análise desenvolvida neste trabalho. Apesar de em alguns momentos me deter em um ou outro destes referenciais, falarei sempre de um corpo que apresenta tais inscrições; ao problematizar suas experiências, emoções e repertórios expressivos, estarei me referindo a este corpo.

Até o momento, é importante frisar que foi realizada uma opção conceitual pela dimensão de gênero, compreendendo “as masculinidades” como um dos termos para dar visibilidade política e ampliação analítica à dimensão de gênero. Em seguida, firmarei o lócus²² privilegiado na análise dos corpos, que encerram uma complexidade de referenciais identitários. Com isso, não encerrarei o gênero nos corpos, nem os corpos no gênero, mas privilegiarei um espaço co-habitado pelo gênero e pelos corpos para aprofundar a análise.

A seguir, pontuarei a dimensão do corpo para clarificar ainda mais qual o corpo compreendido neste trabalho e como são entendidas as práticas corporais neste estudo.

2.2.2. Corpos: das técnicas às práticas em uma aproximação emotiva

O corpo é objeto de estudo dos diversos saberes científicos. O corpo, enquanto lócus de produção e reprodução de conhecimento em nossa cultura, apresenta um extenso debate. Mauss (2003) já anunciava em 1935 que uma análise do corpo teria que incorrer não apenas pela sociologia e antropologia, mas também pela fisiologia, biologia e psicologia. Sensatamente, aprofundarei estas questões. Aqui, cabe situar de qual corpo estou falando e como compreendo suas práticas.

Goldenberg (2005a), apoiada nos estudos de Mauss, comenta que “o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo” (pág. 68), havendo a valorização de alguns atributos e comportamentos corporais em

mas não serão problematizadas tanto como as outras dimensões devido a uma delimitação da pesquisa, mas sem dúvida também apontam questões importantes para se pensar a dimensão corporal e os referenciais identitários. Vários estudos que já foram referenciados enfatizam estas dimensões como relevantes nas análises de gênero que pretendem problematizar as identidades coletivas de homem e mulher.

²¹ A noção de imanência que adoto aqui se refere ao próprio título do tópico (2.2.), e é inspirada em Guattari e Deleuze (1995); e Barremblit (2002), que traz uma definição de imanência ao se referir “... à não separação entre os processos econômicos, políticos, culturais (...), os naturais e os desejantes. Todos eles são inerentes, intrínsecos e só separáveis com finalidades semânticas ou pedagógicas” (pág. 156). A principal compreensão é que todas as dimensões de gênero explicitadas neste trabalho procedem nos corpos dos sujeitos de maneira simultânea e não hierarquizada, operando arranjos nas relações entre sujeito e cultura.

²² O termo “lócus” etimologicamente se refere tanto a “lugar” como a “posição”. Lócus também se refere a espaço territorial ou temporal. Este termo possibilita compreender um espaço de produção de conhecimento complexo, onde não há rigidez em suas fronteiras, onde não há isolamento, mas uma simultaneidade conectiva. O lócus afirma um espaço contínuo de produção que se faz no diálogo entre corpo e cultura, entre passado, presente e futuro.

detrimento de outros. Esta perspectiva assinala a dimensão da materialidade e da normatividade dos corpos e das técnicas corporais, enfatizando o poder de modelação cultural sobre os sujeitos.

Apoiada nos estudos de Schepes-Hughes & Lock, Ferreira (1998) considera o corpo “simultaneamente enquanto artefato político e cultural, produzido natural e culturalmente, e firmemente ancorado no momento histórico específico”. Ao estudar o corpo, ela procura aprofundar as relações entre três dimensões: individuais, sociais e políticas do corpo dos Yuroks, no Estado da Califórnia - EUA. A perspectiva dos “três corpos” adotada pela autora favorece também um olhar da individualidade dos corpos e suas práticas nas relações sociais e políticas da cultura.

Baseado nestas contribuições e nos estudos feministas, compreendo o corpo enquanto materialidade subjetiva existencial produzida natural e culturalmente. O corpo é referencial identitário do “eu” que objetiva (pelo menos) inscrições sexuais, geracionais, raciais, classistas e heteronormativas – produzidas através dos processos históricos e pelos diversos saberes (fortemente embasados na anatomia, biologia, antropologia, sociologia, psicologia e psiquiatria). O corpo expressa objetiva e metaforicamente a conexão entre sujeito e sociedade – ele é reconhecido através das referências semióticas culturais, assim como a cultura é reconhecida através do corpo do sujeito. O corpo constrói marcas ao longo de sua existência e se comunica com os outros através de suas práticas corporais.

Para desenvolver a idéia de prática corporal me apoio em dois estudos de Mauss: um que trata das técnicas do corpo e outro que se dedica à expressão obrigatória das emoções. Com relação às “técnicas do corpo”, ele as define como “... as maneiras pelas quais homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (2003:401). O autor cria uma série de princípios para a classificação das técnicas corporais (tais como divisão entre sexos, variação por idades, classificação em relação a rendimentos e transmissão da técnica) e, em seguida, enumera várias técnicas de acordo com o ciclo vital. Mauss privilegia a educação como fundamental na adaptação do corpo e seu uso à sociedade e proclama que “é graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente” (pág. 421).

Este estudo é profundamente inspirador e, como Goldenberg (2005b) pontua, “continua uma referência obrigatória para aqueles que querem compreender um fenômeno característico dos tempos atuais: a valorização de um determinado tipo de corpo masculino e feminino” (pág. 92). Apesar da sensibilidade analítica e da densidade etnográfica de Mauss, o contexto temporal demarca seu estudo; mesmo explicitando as diferenças dos corpos em sua análise, o autor

privilegia as recorrências e centra-se na dimensão normativa dos corpos. Além disso, traz a dicotomia razão/emoção no âmago de sua reflexão, enfatizando a necessidade do domínio das emoções para o convívio coletivo. Tal perspectiva reflete o pensamento de sua época, que tinha na ciência o ápice desta manifestação de assepsia e controle das emoções (JAGGAR, 1997).

Ademais, a intenção do artigo mausseano é produzir uma reflexão sobre o desenvolvimento e as diferentes técnicas do corpo, de acordo com os processos históricos e culturais, privilegiando uma compreensão sobre a adequação ou otimização dos movimentos corporais, com base nas demandas culturais. Desta forma o autor produz um olhar otimista sobre as técnicas que normatizam os movimentos corporais, sem gerar maiores problematizações em relação aos corpos que não conseguem se adequar à norma, ou ainda, sobre as desigualdades e diferenças que a norma implica nos corpos. Em suma, há uma compreensão de que a cultura se inscreve nos movimentos corporais, mas não há um aprofundamento das inscrições culturais e movimentos corporais que implicam em relações desiguais e violentas.

Neste estudo, será privilegiada uma análise que problematize estes campos de opressão, onde se inscrevem desigualdades e violências com base em regras normativas corporais. Desta forma, dialogarei com os repertórios corporais (enrigecidos e flexíveis) dos homens jovens ao longo de suas trajetórias: como se constituem e operam os movimentos corporais masculinos? Como produzem desigualdades e violências? Estas são algumas questões importantes nesta pesquisa.

Outro estudo de Mauss (1981), que se dedica a analisar o ritual oral dos cultos funerários australianos, enfatiza como “... toda a sorte de expressões orais dos sentimentos são, não fenômenos psicológicos ou fisiológicos, mas fenômenos sociais marcados, eminentemente, pelo signo da não-espontaneidade e da mais perfeita obrigação”(pág. 56).

Apesar de, no citado estudo, o autor não utilizar o termo “técnicas corporais” para analisar as expressões de sentimentos que são manifestas por um repertório corporal nos rituais, a leitura deste texto me sugere três compreensões. A primeira encontra-se implícita no texto, permeia toda a leitura, mas não é objeto de análise dele: existe uma aproximação entre técnicas corporais e emoção. A segunda compreensão é que as técnicas corporais demonstram-se tradicionais e normativas, expressando sentimentos esperados (retidos/imitados) nas linguagens coletivas – seguindo padrões desejados, e provavelmente restringindo a expressão de outras

manifestações corporais e emotivas do sujeito²³. Com isso, também fica claro que as emoções também se relacionam com a “segurança e presteza dos movimentos” na sociedade. E, em terceiro, as emoções são vistas também como produções sociais e linguagens expressivas.

Neste estudo, ao invés de “técnicas corporais”, adotarei o termo **práticas²⁴ corporais** (expressivas) para me referir a qualquer expressão do corpo que adote ou não recursos externos: gestos (choro, silêncio), movimentos (correr, dançar), fala (palavras, textos, contar histórias), sons (gritos, cantos), ações (furar; usar drogas e armas; pensar; compor, escrever; tocar instrumentos musicais) etc.

As práticas corporais podem ser habituais em determinados grupos/coletividades, se configuram como práticas normativas que geralmente estão associadas a reprodução de modelos hegemônicos/tradicionais de corpos masculinos e femininos (aqui se aproxima do que Mauss propôs para as técnicas corporais, com uma redução do otimismo presente em seu texto).

Também existem práticas corporais que escapam às práticas normativas dos grupos. Ter um amplo repertório de práticas corporais (expressivas) demanda acessar tanto práticas normativas como práticas não normativas. Tais práticas corporais estão diretamente associadas às inscrições corporais (sexuais, geracionais, raciais, classistas e heteronormativas) que circunscrevem o acesso e o uso expressivo do corpo.

As práticas corporais estão intimamente ligadas às emoções, uma vez que qualquer movimento expressivo do corpo está em imanência com a emoção (todas as práticas corporais exemplificadas acima insinuam emoções). Enfim, as práticas corporais operam simultaneamente expressões emotivas.

Desta forma, para compreender um enrigecimento ou uma flexibilidade das práticas corporais, é necessário compreender uma restrição ou ampliação das expressões emotivas. As emoções e suas expressões também são constituídas com base nas inscrições culturais e também são acessadas de modo desigual e opressivo.

Vale ressaltar que nesta pesquisa minha principal forma de análise dos corpos masculinos foi através das narrativas (esta aproximação com o campo e a estratégia de análise será delineada ao longo deste capítulo). Então, o exercício de uma prática corporal - a fala - constituirá o lócus privilegiado da análise - será neste lugar, de som e texto, espaço e tempo,

²³ Como vimos a compreensão dicotômica de razão/emoção instaurada hegemonicamente pode ter contribuído para esta análise da emoção como algo controlado, esperado e praticado através de técnicas corporais obrigatórias e tradicionais.

²⁴ Ao adotar o termo “práticas” ao invés de “técnica” o faço por algumas críticas já assinaladas a produção mausseana. Corroborando com esta perspectiva, adoto “prática” por uma escolha pragmática imprecisa que procure evidenciar a dimensão da imprecisão na prática, tão ofuscada (apesar de contida) na técnica.

passado e presente, lembrança e esquecimento, que a análise terá “corpo”. Além disso, as próprias experiências vividas no Programa L.A. e durante o trabalho de campo também enriquecerão este lócus.

Para avançarmos um pouco mais nas compreensões analíticas das práticas corporais, vamos nos deslocar neste momento para alguns comentários mais direcionados à emoção, para depois retornarmos ao corpo e suas práticas. Por hora, é importante compreender que o posicionamento construído aqui intensifica a simultaneidade não-herarquizada das dimensões de emoção, corpo e gênero privilegiando as práticas corporais como locus analítico destas categorias.

2.2.3. Emoções: da intimidade do sujeito e do âmago da cultura

Ao tratar da relação “espaço e gênero”, Collin (1994) vai pontuar que o espaço é um demarcador geográfico de lugar; está estruturado historicamente e inscreve uma classificação (o dentro e o fora); é um princípio físico que constrói e reitera comportamentos (comportamental); e é o deslocamento do corpo entre o móvel e imóvel. A autora parte da compreensão clássica dos estudos feministas sobre a oposição público/privado para desconstruir esta idéia de fronteiras rígidas entre os distintos territórios.

As limiaridades destes espaços e suas inscrições nos corpos de mulheres e homens, em especial os ocidentais e urbanos, estão cada vez mais se ampliando e constituindo terrenos complexos onde o público pode ser privado, íntimo, familiar e a casa, o privado, pode ser público. Por outro lado, a autora argumenta que o fato de se transitar pelos espaços públicos e privados (a rua e a casa / fora e dentro) nem sempre permite uma vida privada, íntima.

Ao trazer tais contribuições para se pensar os espaços (sociais, culturais, políticos e subjetivos), Collin procura desconstruir as oposições entre casa X rua, público X privado, trazendo uma compreensão sobre como a forma de ocupar determinados espaços incide em outros, sugerindo espaços imanentes que se articulam operando formas de estar mundo. “Deberíamos interrogar además sobre esta separación y sobre la supuesta oposición existente entre el interior y el exterior. ¿No es el arte de la separación también el arte de los umbrales, de los pasajes?”²⁵(pág. 232).

A dimensão de espaço como imanência possibilita compreendermos que análises limitadas à produção de compreensões do urbano ou do privado sem construir suas aproximações,

²⁵ Tradução Livre: “Deveríamos interrogar sobre esta separação e sobre a suposta oposição existente entre o interior e o exterior. Não é a arte da separação também a arte dos limiares, das passagens?”.

restringem uma compreensão fluida dos fenômenos sociais, ofuscando determinados aspectos de relevância para compreensão da cultura, de seus valores, emoções, subjetividades e instituições.

Ao tratarmos dos corpos de homens jovens pobres e suas práticas, será produzido um conhecimento que se dedica às subjetividades e à cultura, compreendendo a imanência e a produção relacional das práticas na esfera pública e privada.

As emoções parecem ser um lócus privilegiado para o debate da simultaneidade presente entre o público e o privado. Se, historicamente, as emoções apresentavam relevância para estudos e saberes que se dedicavam majoritariamente ao sujeito e à natureza biológica dos corpos (psicologia, psiquiatria, biologia, neurologia), hoje estas próprias ciências e saberes se aproximam da dimensão cultural. Além disso, textos clássicos da antropologia já anunciavam como as emoções também devem ser compreendidas a partir de uma interpretação das culturas (a exemplo do texto de Mauss [1981], comentado no tópico anterior).

O feminismo afirmou: “o privado é público” e os estudos das ciências sociais que tratam das emoções parecem reforçar esta premissa e ampliar as possibilidades analíticas nos reordenamentos de polaridades.

Jaggar (1997) comenta que “o caráter aparentemente individual e involuntário da experiência emocional é frequentemente considerado como prova de que as emoções são respostas pré-sociais, instintivas, determinadas por nossa constituição biológica” (pág. 163), mas reforça que esta conclusão é completamente equivocada.

A autora pontua, em seguida, como as emoções são socialmente construídas dando o exemplo de como se ensina deliberadamente às crianças aquilo que a sua cultura define como respostas apropriadas a certas situações, construindo assim julgamentos. Mais adiante comenta:

Outros aspectos da construção social da emoção são revelados através da reflexão sobre sua estrutura intencional. Se as emoções envolvem necessariamente julgamentos, requerem obviamente conceitos que possam ser vistos como maneiras socialmente construídas de organizar e compreender o mundo. Por essa razão, as emoções são simultaneamente tornadas possíveis e limitadas pelos recursos conceituais e lingüísticos de uma sociedade. Essa afirmação filosófica é corroborada pela observação empírica da variabilidade cultural da emoção (pág. 164).

“Na continuação de sua exposição sobre as emoções, Jaggar assinala: “há pré-condições complexas, algumas lingüísticas e outras sociais, para a experiência, isto é, para a existência das emoções humanas. Aquelas que experimentamos refletem formas predominantes de vida social”. Continuando seu argumento, pontua: “isso não quer dizer que as emoções do

grupo precedem historicamente ou são logicamente anteriores às emoções dos indivíduos; quer dizer que a experiência individual é simultaneamente experiência social” (pág. 162).

Em pesquisa sobre a amizade, Rezende (2002) procura fazer um mapeamento dos estudos antropológicos sobre as emoções. A autora inicia comentando estudos clássicos de Simmel, Durkheim e Mauss, para chegar a estudos mais contemporâneos, procurando localizar-se no campo específico da “antropologia das emoções”. A autora versa sobre estudos americanos e brasileiros que pautam a análise das emoções e apresentam questões teóricas comuns, compreendendo “as emoções como construções culturais e, portanto, vinculadas a determinadas sociedades ou, dentro delas, a camadas sociais” (pág. 73).

Apoiada em estudos de Lutz, White e Abu-Lughod, Resende comenta que:

[...] os conceitos de emoção devem ser vistos como elementos de práticas ideológicas locais, que envolvem negociações sobre o significado dos eventos, sobre direitos e moralidade, sobre o controle dos recursos, enfim, sobre todas as esferas da vida social [...] as emoções são tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras [...] mais do que tratar um discurso emotivo como meio de expressão dos sentimentos (que, segundo uma visão ocidental moderna, estariam situados “dentro” da pessoa), ele deve ser analisado enquanto um conjunto de atos pragmáticos e *performances* comunicativas, tanto sobre emoções como sobre aspectos tão variados como relações de gênero e de classe (pág. 74).

Neste trabalho, baseio-me nas contribuições tanto dos estudos de gênero quanto nos estudos sobre as emoções nas ciências sociais para definir a compreensão de emoção e de suas expressões. A emoção é entendida aqui como um conjunto de construções culturais que produz sentimentos e ações para as situações vividas pelos corpos, pressupondo uma linguagem e uma ordem cultural. As emoções se tornam possíveis e limitadas pelos recursos culturais e corporais. Compõem valores, hábitos, avaliações e observações, assim como estas dimensões compõem as emoções (ex: o valor atribuído ao furto, assim como o hábito de furtar, a avaliação que se tem sobre este hábito e as observações que podem ser construídas sobre o furto acompanham emoções. Assim como o sentimento de conquista após um furto bem sucedido é acompanhado por valores, hábitos, avaliações e observações sobre o ato de furtar)²⁶.

A expressão das emoções pode ser compreendida como o exercício das emoções pelo sujeito, o que se dá através do corpo. Todos os fatores culturais de desigualdades de

²⁶ Esta perspectiva de abordar as emoções não tem a intenção de destituir ou negar a importância que a racionalidade ocupa na cultura e nas diversas práticas anunciadas. Aqui, resalto a simultaneidade que opera racionalidade e emoção e suas implicações mútuas. Neste estudo, produzido por uma “racionalidade emotiva”, irei privilegiar uma “racionalidade das emoções”.

possibilidades e acessos atuam sobre a emoção. Pelo menos as dimensões de sexo, raça, classe, geração e orientação sexual são marcantes na construção das expressões emotivas no corpo (para exemplificar: a dor e o cuidado normativamente compõem práticas diferentes aos corpos femininos e masculinos, assim como a ira e a raiva também). Assim, as normatizações culturais atuam nas expressões emotivas.

Um amplo repertório emotivo transpassa as práticas normativas dos corpos e consegue acessar diferentes emoções, desenvolvendo corpos flexíveis e expressões emotivas variadas. Já repertórios emotivos mais restritos à normatividade configuram corpos rígidos, bem como um repertório restrito de expressões emotivas. Com esta definição compreensiva, não afirmo que as práticas corporais estão contidas nas expressões emotivas ou vice-versa, mais enfatizo a simultaneidade e a não-hierarquização das categorias que operam conjuntamente nos sujeitos e na cultura²⁷.

Durante a análise das histórias dos homens jovens, problematizarei algumas emoções e como elas se expressam nas práticas corporais masculinas e na cultura. Toda a análise de gênero, práticas corporais e expressões emotivas operam no encontro destas categorias de forma imanente, onde elas se constituem mutuamente.

Agora, para aprofundar um pouco mais a compreensão dos corpos masculinos, partirei de uma reflexão sobre a rigidez dos corpos e emoções para uma proposição de flexibilidade corporal e emotiva.

2.2.4. Da economia (política) perversa dos corpos à democracia das emoções

Dentro do sistema político, os homens precisam constantemente de valores para desembolsar, e eles são dependentes das entradas. Eles dependem não apenas de seus parceiros imediatos, mas dos parceiros de seus parceiros, a diversos graus de distância. (RUBIN, 1993:23).

Este fragmento foi retirado do artigo de Rubin, quando ela comenta sobre as relações matrimoniais na Nova Guiné – entre os Big Men – e sua relação com o poder político. Na época de seu escrito (1979), imagino que seria muito difícil pensar que este recorte seria utilizado para tratar de uma economia política dos corpos masculinos, apesar de que, em boa parte do texto, ao problematizar a condição das mulheres, a autora possibilita espaços para construir uma reflexão dos modos masculinos de relacionar-se, das suas práticas corporais e emotivas.

²⁷ Ao longo dos próximos capítulos, utilizarei conjuntamente os conceitos “práticas corporais” e “expressões emotivas”. Apesar de estar correndo riscos de redundância em meus comentários, optei por esta forma para enfatizar a simultaneidade dos atos corporais com as expressões sentimentais.

Já que a autora utilizou uma postura “exegética” - compreendida como uma explanação crítica ou análise, particularmente a interpretação da Sagrada Escritura (pág. 02) - para problematizar as teorias marxista e psicanalítica, dialogando de forma crítica com autores clássicos (ou talvez sagrados) como Marx, Engels, Lévi-Strauss, Freud e Lacan, acredito que ela ficaria contente com a replicação de seu método (não nos mesmos moldes e nem no mesmo foco) em seu texto. Porém, não pretendo me delongar na exegese, apenas lançar algumas questões para o que denomino de economia (política) perversa dos corpos masculinos.

No texto clássico sobre a economia política dos sexos, Gayle Rubin (1993) foca as relações de opressão das mulheres. A autora pontua uma interdependência mútua da sexualidade, da economia e da política nas desigualdades construídas entre homens e mulheres. Este artigo é muito inspirador, apesar do sistema sexo-gênero ser passível de uma série de críticas - algumas delas já pontuadas neste capítulo.

Para o que pretendo focar, este estudo tem comentários relevantes, apesar de boa parte deles se manterem implícitos. A autora pontua que toda sociedade tem um sistema de “economia política” que funda a estratificação de classes, como no caso do capitalismo, que modela as relações trabalhistas, de consumo, de parentesco e sociais. Assim, a autora também se refere à “economia política” dos sexos, que “estratifica os gêneros”, organiza “mundos sexuais” e oprime as mulheres (pág. 06).

Esta dimensão da economia política e os exemplos etnográficos trazidos pela autora – principalmente no que se refere às práticas corporais e expressões emotivas – sugerem que também há aspectos nas relações masculinas que possibilitam interpretar uma economia perversa dos corpos masculinos. Os homens se expressam hegemonicamente de forma indireta, fazendo recurso de objetos, bens e mulheres na construção dos laços sociais, no fortalecimento de vínculos e de relações afetivas.

Dialogando com Lévi-Strauss, a autora analisa os casamentos como a forma mais fundamental de troca de presentes, que também podemos compreender aqui como uma forma fundamental de expressões emotivas e de práticas corporais. Entre os povos Lele e Kuma, o casamento só era possível para homens que tinham “controle sobre alguma carne feminina” (pág. 23) - filha, irmã ou parente do sexo feminino. Já entre os Melpa os homens pagavam o preço da noiva a seus parentes - geralmente com porcos e conchas -, que cancelavam a dívida. Entre os Big Men da Nova Guiné, os homens intervinham em disputas maritais envolvendo parceiros de negócios, para que as trocas moka não fossem perturbadas (RUBIN, 1993).

Nestes comentários etnográficos, as práticas corporais e emotivas masculinas são intermediadas por mulheres, por produtos, bens de consumo. Enfim, utilizam recursos indiretos

(externos ao corpo) como estratégia principal e legítima para constituir relações maritais, laços sociais e vínculos amistosos.

A normatização destas práticas, em detrimento de expressões e práticas corporais diretas, associada às relações de consumo em nossa cultura capitalista e à ideologia individualista, produzem um enrigecimento dos corpos e uma restrição das expressões emotivas, gerando uma economia perversa dos corpos masculinos. Reproduzo uma pergunta de Rubin (1993) que está no cerne da restrição dos repertórios corporais e emotivos: "... ele (o homem) pode ser transformado em poder político ou riqueza?" (pág. 24).

O corpo dos homens jovens - inscritos também por questões de classe e raça - fomenta uma tensão ainda maior na reprodução deste modo normativo, dado à escassez de recursos externos para mediar as práticas corporais e expressões emotivas, e a forte influência do consumo provoca conflitos, fragilidade nos laços sociais e relações violentas. Há explicitamente uma restrição de suas possibilidades de troca nas relações, culminando em expressões mais severas da economia perversa de seus corpos, vivenciadas nas clausuras prisionais e nas sucessivas mortes de pares.

Em contraposição à economia perversa dos corpos masculinos, há um estudo de Giddens (2005) que também problematiza as relações matrimoniais, mas com ênfase na sociedade contemporânea globalizada. O autor comenta que "há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com os outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas, encontrando muitas resistências" (pág. 61).

O autor utiliza a família como lugar de lutas entre tradição e modernidade, como também suas metáforas. Continuando sua exposição, a família tradicional é vista como lócus para a desigualdade entre homens e mulheres, entre gerações (adultos/as e crianças) e como normatizadora de heterossexualidades – fundamentadas pelo misto tradição/natureza. Ademais, são pontuadas algumas mudanças contemporâneas nas famílias: a crise dos modelos tradicionais e o processo de institucionalização de outros referenciais, baseados na democracia e no respeito às diferenças, sem necessariamente desembocar em desigualdades. Giddens (2005) comenta:

A idéia de intimidade, como tantas outras noções familiares (...) soa antiga, mas é de fato novíssima. Nunca no passado o casamento se baseou na intimidade – na comunicação emocional. Isso era sem dúvida importante para um bom casamento, mas não o seu fundamento. Para o casal, é. A comunicação é o meio de estabelecer o laço, acima de qualquer outro, e é a principal base para sua continuação (pág. 68).

O autor ainda vai pontuar que a comunicação emocional está substituindo os velhos laços que antes uniam as pessoas em três esferas principais – relacionamentos sexuais e de amor; relacionamentos pais-filhos, e; nas amizades. O bom relacionamento dentro da ótica da democracia das emoções seria aquele “isento de poder arbitrário, coerção e violência” (pág. 71).

Sobre a democracia emocional o autor relata que “nenhuma democracia pode funcionar sem confiança. E a democracia é solapada se ceder ao autoritarismo ou a violência” (pág. 72). Ainda continua pontuando que uma democracia emocional implica na aceitação de obrigações, bem como de direitos garantidos por lei, devendo se privilegiar a proteção das crianças, a igualdade entre homens e mulheres, bem como a igualdade entre pessoas de distintas orientações sexuais.

Dialogando com a definição de democracia emocional exposta, procuro neste trabalho compreender esta democracia com base na flexibilidade dos corpos masculinos que possam transitar por práticas corporais e expressões emotivas variadas e que também possam fazer recurso de práticas corporais diretas (por exemplo: a fala e a expressão gestual do corpo) na expressão de seus sentimentos nas relações íntimas e sociais. A democracia emocional demanda o acesso e uso de práticas não-violentas que produzem visibilidade, legitimidade e reconhecimento aos sujeitos nas relações.

Aqui a democratização das emoções é o desafio da socialização dos homens jovens que praticaram infrações. A flexibilidade dos corpos, a redução das desigualdades (entre os sexos, gerações, classe, raça, sexualidades) e arranjos sociais libertários para eles inscreverem suas vidas materializam este ideal compreensivo. Esta democratização emotiva, assim como qualquer concepção de democracia, se produz na relação sujeito-sociedade, existe uma multiplicidade de atores que podem garantir a igualdade perante as leis e perante os acessos os direitos.

No próximo tópico irei desenvolver o caminho percorrido na produção deste trabalho, no campo, nas intercorrências ao longo de todo o estudo e na análise das histórias de vida dos homens jovens que trabalho.

2.3. As estradas e o caminho: norteando os passos

Ter consciência e sensação de que as coisas vão dar “certo”, mas não do jeito que foi planejado, é uma boa maneira de iniciar uma produção científica. Saber que se há dedicação, reflexividade e envolvimento existe uma boa chance de conseguir construir um conhecimento sobre o que te provoca, sobre esta alteridade que por vários momentos te mobilizou, e em outros imobilizou.

A consciência da inevitabilidade do movimento possibilita olhar para o conhecimento que estamos produzindo, vê-lo não como uma verdade universal, mas como um saber que questiona a realidade e procura traçar fronteiras conforme as formas de conhecimento existentes neste momento histórico. Neste sentido o conhecimento produzido está intimamente ligado à lógica de como opera o pensamento suas formas, informações e questionamentos. Ao invés de descrever regras ou estruturas universais, talvez seja possível analisar “estruturas relativamente estáveis sobre uma plataforma móvel” ou uma diversidade de possibilidades que expressa múltiplas dimensões do real. O desafio é buscar metáforas e signos que possibilitem a expressão destes conhecimentos (BALANDIER, 1997).

É neste oceano inquieto da ciência, que grandes ondas já ocuparam patamares de verdade universais e esqueceram em seu momento histórico, de olhar para as marés, correntezas e bases temporais que alimentavam seu movimento, elas chegaram à praia, viraram espumas e voltaram ao mar para constituir outras ondas com novas correntezas e bases temporais. Eu me aponto em uma destas ondas e o que posso fazer é procurar olhar para dentro dela e tentar explicitar o que compõe a sua cadência.

Acho que a própria idéia de onda já contextualiza possibilidades e limitações deste conhecimento, situando-o cultural e historicamente e, como aponta Velho (1981) , a construção do conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade, “a “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, percebida de uma maneira diferenciada ... a necessidade de percebê-la enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa” (pág. 42). Além disso, como nos ajuda a ampliar este debate, Peirano (1995) pontua que “a prática etnográfica – artesanal, microscópica e detalhista – traduz como poucas outras, o reconhecimento do aspecto temporal das explicações”(pág. 57).

Parte das idéias e análises trazidas aqui vem do encontro de minha subjetividade, vestida de uma sensibilidade técnica e afetiva, com uma realidade institucional que por dois anos estive imerso, do encontro com os adolescentes em conflito com a “lei”, suas famílias, seus espaços comunitários e a própria dinâmica de sua relação com a Justiça do Estado e com suas infrações. Minhas memórias e anotações demarcam um primeiro espaço etnográfico no qual me alimentei para ir delimitando este campo e construindo informações e indagações sobre o que me provocava, este ambiente favoreceu meu contato com várias situações nas quais um olhar de “gênero” estimulava indagações (os espaços onde circulavam os homens e as mulheres já diziam bastante sobre as representações e referenciais identitários que alimentavam aquelas experiências), imanente a este aspecto, foi possível construir um olhar crítico sobre uma política

pública local que tratava desses adolescentes, ensejando uma série de conflitos sobre as desigualdades sociais, os processos de exclusão e os distanciamentos culturais entre os diversos grupos sociais, suas práticas corporais e suas linguagens.

Apesar de não me encontrar institucionalmente e nem formalmente na condição de antropólogo, este primeiro momento empírico foi alimentado por algo próximo do que Roberto Cardoso de Oliveira chamou do trabalho do antropólogo (2000), pois eu ia, intuitivamente, desenvolvendo uma sensibilidade para olhar e ouvir as situações que apareciam e já esboçando os primeiros escritos – com uma peculiaridade própria – e em muitas vezes eu era assessorado por Luciana Ribeiro, que era minha supervisora e estava cursando o Mestrado em Antropologia, sempre trazendo textos e provocações com sensibilidade em descrever os encontros e as alteridades que lá se mostravam. Crédito, em parte, meu ingresso na Antropologia pela boa “sedução” que tive nos nossos diálogos e nos levou a problematizar questões vividas naquele cotidiano institucional a um refinamento reflexivo dentro de um empreendimento científico. Além disso, meu envolvimento com os debates acadêmicos e dos movimentos sociais sobre as questões de gênero iam ficando cada vez mais presentes no meu cotidiano, fortalecendo meu ponto de vista teórico.

Desta forma, o meu prolongado contato com uma realidade institucional marca intensamente este trabalho, pois ao resgatar o tempo que habitava estes espaços, inumeráveis são as situações que presenciei que podem ilustrar partes desta pesquisa. Não caberão nestas páginas boa parte do vivido e sentido ao longo deste período intenso de imersão neste campo das políticas públicas com jovens em conflito com a “lei”. Tenho consciência que esta vivência delimita muitas reflexões tratadas aqui. As discussões de gênero, emoções, corpos masculinos e suas práticas, em muitas ocasiões foi realizada tendo como norte os jovens e suas famílias que passaram pelas políticas públicas de Medidas Sócio-Educativas, neste sentido, gerando problematizações para os próprios Programas e Instituições responsáveis legais pela execução das medidas. Talvez seja um tom de objetividade e funcionalidade em uma produção que poderia ser mais descomprometida com esta esfera. Contudo, esbarro em minha subjetividade e na sensibilidade política que tenho, a possibilidade de retorno desta produção, sem a pretensão e armadilha de ser um modelo de aplicações, mas construir indagações que possibilitem pensar a violência urbana (em especial aquelas protagonizadas por jovens homens) e sua política pública específica.

Para ampliar os “temperos” desta produção, outra parte de meu campo vem de um desordenamento deste espaço, eu não pertencendo mais institucionalmente a esta política pública, nem trabalhando com jovens que pertencem mais a ela. Saindo do Programa de

Adolescentes em Conflito com a Lei, continuei desenvolvendo a pesquisa e construindo uma parte privilegiada do campo com homens jovens que eram egressos deste Programa, já não faziam mais parte dele, já não tinham mais a obrigação em cumprir medidas – esta é a parte mais privilegiada de meu campo.

Três destes homens jovens já haviam tido algum contato comigo na época que estávamos no Programa, mas procurei construir outro arranjo na relação durante o percurso da pesquisa de campo, uma vez que o Programa já era externo ao nosso tempo e interno às nossas experiências.

Este campo, construído em espaços diversos (dentro do Programa e nos espaços comunitários – fora do Programa), proporcionou visualizar a impossibilidade que tive de fazer uma análise do Programa LA como era a minha intenção de início. Os relatos dos jovens sobre suas experiências e vidas iam se tornando centrais para minha pesquisa, ficando impossível dissociar suas experiências nas unidades de internação, nos momentos de audiência, nos contatos com a polícia, com suas experiências comunitárias na constante reconstituição de seus corpos, fazendo com que o Programa estivesse dentro de uma realidade maior que era a da relação destes jovens com a cultura e que se expressava na relação de seus corpos, de suas emoções e com o “sistema sócio-educativo” como um todo.

Apesar de certa rigidez ter dificultado uma fácil visualização destes arranjos que eram constituídos na medida em que eu caminhava com a pesquisa, fui conseguindo me confortar com a incerteza mobilizadora do novo, afinal de contas era esse meu princípio básico enquanto pesquisador, entrar em contato com estes homens jovens que passou pelo cumprimento de medida sócio-educativa e poder ir tecendo um texto sobre sua experiência de vida, os sentidos acerca de sua vivência enquanto homem e de suas infrações. Buscava dados que se confrontassem com uma realidade a ser explorada e não apenas referendada com base em pesquisas e estudos anteriores, ou expectativas preliminares pessoais acerca do campo.

Estas mudanças de rumo eram comentadas como normais por orientador/a e colegas de estudos, Antunes (1994) ao construir sua dissertação com história de vida de mulheres comenta que o desenrolar das entrevistas mostrou “situações inusitadas” e, por um momento, pensou estar “traindo” os critérios inicialmente estabelecidos, contudo se entrega as “diversidades e sutilezas das situações reais” considerando as formas como se apresentavam. O sentimento de identificação com estas experiências, bem como a certeza sobre o incerto, faziam com que as desordens fossem assimiladas, favorecendo a produção deste trabalho.

Ao optar por trabalhar com os corpos de homens jovens e fazer deles uma experiência etnográfica, eu entrei em um caminho com vários intercruzamentos de sentidos e significados,

muitas vezes carregados de tensão, neste campo que se inscreve o uso da narrativa, a história de vida e a trajetória individual. Esta arena de debates não apresenta um consenso, e sim, algumas aproximações por afinidades teóricas e concepções de conhecimento. Eu particularmente trago um recorte do debate e as compreensões gerais que balizam o uso de tal recurso metodológico neste trabalho.

A história de vida é um recurso clássico adotado nas pesquisas na área de ciências sociais, em alguns momentos históricos tiveram uma grande aceitação, em outros um menor reconhecimento, principalmente por se tratar de uma técnica qualitativa vista com baixa confiabilidade nos dados, argumento principal de pesquisadores e correntes que demonstravam afinidades com a idéia de verdade universal sendo propulsora dos achados científicos. Contudo, Langness (1973) consegue descrever o seu uso mesmo dentro de um rigor “positivista” atribuindo critérios técnicos que poderiam ser muito bem controlados por um pesquisador/a bem preparado, apresentando uma afinidade com os dados qualitativos traça “o caminho” para se obter dados confiáveis. Piscitelli (1993) aponta como algumas linhas de trabalho com história de vida “tratam de controlar, através de diversos mecanismos, a “verdade” dos dados levantados para evitar os perigos implícitos na memória” (pág. 153).

Já Queiroz (1953; 1988) traz uma crítica ao objetivismo, compara a história de vida a outros métodos de coleta de dados com base oral, aproximando desta forma este recurso metodológico a outros usualmente adotados pelas ciências sociais. Sua preocupação sobre a “validade” do conhecimento produzido se pauta no que “o informante presenciou e conheceu” e não em uma pretensa verdade. Busca ainda, atingir a coletividade que seu informante faz parte, através da revelação de traços, as relações dos indivíduos com seu grupo, os comportamentos do interior das coletividades que participa. Ela ainda aponta para as implicações estabelecidas na relação entre o pesquisador/a e o/a pesquisado/a, além disso, pontua a subjetividade como podendo ser também interpretada no campo das ciências sociais, já que ela é expressa através das palavras, signos e símbolos que tem sentidos e significados culturais e coletivos.

Ao traçar uma crítica à história de vida, intitulando-a como uma ilusão biográfica Bourdieu (1998) enfatiza “os processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade (...) no privilégio concedido a sucessão longitudinal dos acontecimentos sucessivos da vida”, argumenta em defesa de uma mobilidade permanente que definiria uma trajetória como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (pág. 189). Ao enfatizar a efemeridade das situações de coleta de informações e organização dos dados nas histórias de vida, o autor evidencia

estruturas que favorecem esta operação e prioriza a assertividade e constância dos espaços sociais, sendo as mobilidades e deslocamentos possíveis apenas dentro deste campo. A subjetividade perde boa parte de seu valor, aparece como algo indesejável e furtivo sendo compreendida apenas em relação à estrutura social.

Kofes (2001) pontua a importância desta crítica de Bourdieu principalmente quando se pensam as oposições entre objetividade e subjetividade; sujeito e estrutura, enfatiza também o limite da noção de agente social quando se busca “tratar as marcas que os sujeitos imprimem as suas interpretações e as suas existências”(pág. 24). Balandier (1997) comenta que ao invés de opor o indivíduo e o social, é preciso pensá-los conjuntamente como se criando mutuamente, se definindo e se contento um no outro, pensando também na confusão e separação dos níveis de organização.

Piscitelli (1993) informa que o valor das histórias de vida “reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais a pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais”; ainda nesta argumentação, a pesquisadora afirma que o trabalho sobre as experiências do sujeito “é fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos” (pág. 153).

Nesta pesquisa, ao utilizar as histórias de vida de quatro homens jovens, construo uma afinidade com o que Piscitelli pontua, bem como idéia trazida por Kofes (2001) que define o vínculo da experiência social com a trajetória singular sendo traçado pela própria narrativa (trajetória é entendida por ela como o processo de configuração de uma experiência social singular), e afirma que a experiência do sujeito não escapa das “concretudes sócio-culturais que tensamente o realizam enquanto pessoa” (2001:13). Além disso, vários estudos (KOFES, 2001; CORRÊA, 1998 e 2003) enfatizam esta técnica como significativa para se estudar as relações gênero e experiências sociais de mulheres e homens, “as maneiras como vivenciamos nossos corpos” (HAUGG, 1983 In: HARAWAY, 2004:208).

Acho interessante ressaltar dois aspectos apontados por Kofes (2001) neste estudo que produzem uma reflexão e implicação sobre o conhecimento produzido a partir das histórias de vida. O primeiro deles aponta para a dinâmica da memória que se movimenta entre as lembranças e esquecimentos, o narrável e o inarrável, dando aberturas e fechamentos a fatos, situações e sentidos, uma seleção que os agentes fazem do que é ou não contado. Os homens jovens em suas trajetórias narram vários conteúdos, mas longe da completude de suas vidas, deixando pistas e hiatos sobre outros aspectos de sua trajetória que são destinados ao

esquecimento, pelo menos enquanto tentativa seja ela consciente ou não. Neste sentido, os dados trabalhados aqui não têm a pretensão de analisar a verdade vivida por eles, pois esta “escapa” as nossas possibilidades, mas podemos sim trabalhar com o que dizem e a forma como dizem, como eles interpretam tal realidade.

O segundo aspecto levantado por Kofes (2001), se refere aos embates políticos que permeiam a constituição das narrativas, as lembranças e esquecimentos. Levando em consideração a especificidade desta pesquisa, estes embates políticos parecem estar centrados nos campos do corpo, das emoções e da ética que vão dosar o que é ou não permitido ser dito e suas formas expressivas de dizer, estes aspectos serão desenvolvidos ao longo do trabalho.

2.4. Aproximações do campo e procedimentos analíticos

Durante aproximadamente 1ano tive contatos freqüentes com quatro jovens, como já comentei, três destes jovens eu havia mantido algum tipo de relação anterior na época que trabalhei no Programa LA. O que eles tinham em comum a princípio era o fato de serem homens, terem infracionado quando adolescentes, terem passado por Medidas Sócio-Educativas em Olinda e terem recebido extinção de medida.

Havia também mais um critério que me parecia caminhar junto com a idéia de “egresso”. À medida que fui tomando contato com esses jovens pude ir relativizando a idéia de estes jovens terem se “dado bem”, conseguido encerrar a medida sócio-educativa e supostamente estarem “melhor” do que antes, isto é significativo na pesquisa e gera interpretações sobre os corpos masculinos e a efetividade das Medidas Sócio-Educativas.

A forma como cheguei a estes jovens foi adversa, tendo mais uma vez o encontro com o acaso, visto que não houve possibilidade de aprofundar o contato com dois dos jovens programados para participarem da pesquisa, devido a dificuldades e indisposições mediante a um episódio novo em suas vidas. Um dos jovens foi preso e encontrava-se então no presídio e outro havia sido recrutado pelo serviço militar e estaria no quartel trabalhando por um bom tempo.

Estes caminhos já enunciavam trajetos e nuances sobre os homens jovens, a continuidade de suas vidas, suas práticas corporais, o prolongamento de vínculos institucionais com o Estado, pois ao saírem de uma instituição – o Programa Liberdade Assistida – logo ingressaram em outra, que são ambientes reconhecidos pela hipermasculinização, ou seja, o reforço de identidades e representações masculinas hegemônicas ligadas à força, a virilidade e a honra.

Pois bem, este impedimento acabou gerando um contato com outros dois jovens, anteriormente não planejados, que possibilitaram trilhar rumos diferentes do esperado, favorecendo assim o inusitado e uma diversidade maior de trajetórias e olhares sobre as Medidas Sócio-Educativas.

Ao longo dos meses, fui me encontrando com estes jovens em locais por eles sugeridos, na maioria das vezes em seus locais de moradia, e por vezes em outros espaços próximos a sua residência. Isto aponta para algo interessante porque nos encontramos em espaço doméstico, pouco evidenciado por homens, enquanto local de socialização e diálogo, principalmente quando falamos de jovens de têm suas trajetórias evidenciadas por ações em espaços públicos. Estar nestes ambientes familiares, dizem também do conteúdo de suas narrativas que em diversos momentos remetem a intimidades e experiências singulares.

Neste sentido, é interessante notar que em vários estudos o espaço público e coletivo é priorizado ao teorizar sobre jovens homens, em especial os que estão associados à violência e criminalidade (DIÓGENES, 1998; RIBEIRO, 2005; ZALUAR, 2004). Uma idéia recorrente dos/as estudiosos/as é dos jovens e homens se sentirem mais a vontade em grupo, seja por sua fala se tornar coletiva, seja pela afinidade entre os pares e seu fortalecimento do discurso, ou ainda por delimitar o grau de intimidade/permisividade acesso a sua subjetividade e opinião pessoal. Estas questões sugerem as dificuldades enfrentadas pelos/as pesquisadores/as ao lidar com esse universo. (DIÓGENES, 1998; RIBEIRO, 2006; NASCIMENTO, 1999).

Outro fator também pode influenciar estas produções, a própria valorização que é dada ao construído no espaço público, uma crítica fundamental da produção feminista que delimita uma assimetria de valores ao âmbito do privado em relação ao público. Além disso, o que se tem evidenciado em alguns estudos com jovens homens é a performance e justificativas para atos violentos e criminosos.

Imanentes a estas performances violentas e transgressoras destes homens jovens, há outras práticas e campos que revelam aspectos importantes para compreender suas vidas, outras vivências no campo afetivo, no espaço doméstico, na vida reprodutiva, na intimidade e sentimentos que podem ser compreendidos como contrários ao exercício da violência como a dor. Perceber que os valores de honra e virilidade frequentemente analisados em estudos se pautam em emoções ofuscadas, ou menos valorizadas socialmente e que favorecem uma compreensão parcial, reproduzindo por vezes o próprio machismo e sexismo cultural.

Estudar estes homens jovens que têm a infração com fato marcante em suas trajetórias de, não significou para mim reduzir suas vidas à violência praticada por eles, ou suas experiências enquanto homem interpretadas pelo exercício de poder. Preferi também dar

visibilidade a esferas da vida do homem por vezes invisibilizada, seja nos estudos que tratam de violência, seja nas políticas públicas destinadas a este grupo. Scott (2000) ao pensar em políticas públicas para homem dando ênfase a diferenças de homens com base nos domicílios e moradias, comenta: “é importante que se trabalhe a favor de políticas para homens que são “de casa” e não somente “da rua”. Lyra e Medrado (2000) evidenciam esta problemática ao discutirem a realidade das pesquisas e instituições que trabalham com dados estatísticos sobre informações de domicílio e no campo da saúde reprodutiva, mostrando a invisibilidade e exclusão dos homens neste campo.

As emoções servem como recurso para analisar os corpos masculinos e suas práticas expressivas no exercício de uma interpretação que complexifique as relações de violência e gênero em nossa cultura, produzindo críticas a algumas polaridades cristalizadas em nossa sociedade como, por exemplo, a de vítima/algoz.

Pensando no campo que desenvolvi, o espaço onde foi produzido, a meu ver, traz repercussões e já é um dado da relação etnográfica que se funde com as narrativas e fatos que foram vividos junto com estes jovens. No trabalho de campo olhares diversos sobre os homens, seus corpos e emoções são produzidos, através de narrativas se evidencia a subjetividade, em espaços domésticos e privados, onde o tom das falas é pessoal, de intimidade, afetividade e por vezes de confissões, como também, apresentam contradições e contrapondo com ausência desta intimidade e fala pessoal.

Um outro território é tecido, criando um re-ordenamento. Ao invés de produzir conhecimentos com/sobre homens jovens “infratores” que privilegiem os espaços públicos (ruas da comunidade, grupos de pares, gangues, em instituições correcionais e sócio-educativas), direciono o olhar especialmente, mas não exclusivamente, para espaços de privacidade (domicílios e locais marcantes em suas trajetórias). Esse recurso estimulou a fala pessoal e as experiências singulares, fazendo com que infrações e práticas de violência pudessem ser analisadas a partir de relatos de intimidade, privação e privacidade, constituindo um contraponto importante a relatos impessoais e fragmentados do coletivo, mais frequentes tanto nos estudos quanto nas reportagens da mídia.

Aqui começamos a produzir em territórios imanentes onde não se pode dissociar o público do privado e tudo que é produzido nestes espaços, que estão em coexistência e se permitem fundir no corpo e nas fala destes homens jovens.

Salas, quartos, cozinha e terraços de casa, locais privilegiados em meu trabalho de campo com os homens jovens, isso me possibilitou sentir um maior movimento nas dinâmicas familiares além de ouvi-las narradas (somado aos meus contatos prévios na época que ainda

trabalhava no Programa LA). Estes lugares foram os permitidos e convidativos para navegar em suas histórias, alguns destes cômodos se fundiam pela própria estrutura da casa, podiam ser ao mesmo tempo quarto-sala-cozinha. Houve dinâmicas diferentes em cada entrevista, com um dos jovens (Toco) nossos contatos ocorreram nas imediações de sua comunidade, fora de sua moradia.

De uma forma geral os encontros ocorreram entre mim e o jovem, contudo pessoas do ambiente doméstico e da comunidade participaram dos diálogos, interviram e conduziram para diversos assuntos quando os encontros eram realizados com a presença de membros da família ou em espaços públicos, na presença de outras pessoas. Ao longo da pesquisa de campo fiz contato com diversos parentes: mães, companheiras, irmãos(os). Contudo, meus dados se baseiam majoritariamente nos relatos dos jovens. A exceção ocorreu com Dinho, que tive um contato muito mais freqüente com D.Maria (mãe do jovem) e foi importante para conseguir construir a história do mesmo.

As entrevistas, em sua maioria foram gravadas, variando a quantidade de horas gravadas de jovem para jovem, mas com uma média de cerca 8 horas de gravação para cada um deles. Os encontros que não foram gravados eram momentos de caminhar pelos espaços comunitários que marcaram a trajetória de vida destes jovens. As atividades de um dia no campo poderiam durar cerca de uma hora como também uma manhã ou uma tarde.

Antunes (1994) comenta que teve uma variedade nas horas de entrevistas entre as informantes, em virtude das particularidades das pessoas por ela entrevistadas e pela interação estabelecida entre ela e as mulheres que falaram de suas histórias de vida na pesquisa.

Achei bem ilustrativo este comentário, semelhanças em minha experiência de campo também ocorreram, mesmo dentro de uma dinâmica própria, houve casos de entrevistas com jovens que duraram mais de 10 horas no total de gravações e em outros casos com aproximadamente 6 horas de gravação. Maria Isaura (1953; 1988) também comenta algo parecido, ela observa que cada história de vida tem tonalidades próprias, de acordo com a relação construída entre pesquisador/a e entrevistado/a.

O processo intersubjetivo que se dá na produção do campo propicia espaços para se pensar estas diversidades que se traduzem em tempo de gravações, suscitam intensidades de contatos estabelecidos entre o antropólogo e os diversos sujeitos da pesquisa, dosando disponibilidade, envolvimento, abertura, implicação e permissão, manifestando distintas formas de relacionamento entre pesquisador e pesquisado. Estas questões são levadas em consideração na análise dos dados, principalmente quando estamos pensando em narrativas

que fundem o público e o privado; a intimidade e a impessoalidade, pautadas na experiência subjetiva de uma vivência coletiva.

Roberto Cardoso de Oliveira (2000) propõe uma dimensão dialógica no encontro etnográfico, ou seja, é estabelecimento de uma relação no contexto da entrevista que faz com que pesquisador e interlocutor criem um espaço semântico partilhado, onde se constrói um vínculo que busca quebrar as relações de poder vigentes entre pesquisador e pesquisado, podendo construir uma via dupla, dando mais qualidade e profundidade aos conteúdos da entrevista.

Ressalto que, na especificidade de meu trabalho de campo, construir este “território” onde se é permitido e possível uma relação dialógica, só é possível através da vivência empírica, da abertura intersubjetiva que é vivida no momento do encontro e que não pode ser produzida através de um texto, mas sim quando algumas coisas passam a ser ditas e afirmadas através da confiança, da afetividade e do prazer diante da companhia do antropólogo, e, reciprocamente é o antropólogo recebe afetivamente partes de suas vidas, demonstrando respeito por suas intimidades e escolhas.

Acho importante fazer referência às críticas trazidas por Clifford (2002) sobre as relações de poder que balizam a produção etnográfica, a dimensão hierarquizada e assimétrica onde se consolida o intenso envolvimento intersubjetivo, bem como sua crítica ao texto. A este respeito, procuro ter clareza da efemeridade desta produção, como algo que terá triunfo se for revisitado. Além disso, me descomprometo com a verdade universal e procuro tecer algumas interpretações formuladas a partir da tensão entre minhas vivências empíricas e os recursos teóricos por mim adotados. Penso que a construção da minha relação com os jovens remete a várias questões que transbordam as possibilidades de mapear em sua totalidade estas “interferências” e prefiro que estes “problemas” sirvam de tempero para este saber que venho produzindo. Também é importante ressaltar como o respeito e a reciprocidade, favorecem simultaneamente um encontro menos tencionado pelo poder cristalizado (nas figuras de pesquisador e pesquisado) e mais alimentado pelas contribuições e afinidades que cada um só pode dar pelo lugar que ocupa no determinado momento em que a pesquisa foi desenvolvida.

Este espaço de campo produzido pelo meu encontro com outros homens também remeteu a relações entre homens com vidas e trajetórias distintas, recortadas por marcadores de condições culturais, materiais e sociais (formação educacional, poder de consumo, habitação, raça/etnia, religião, estética, orientação sexual etc). O fato de que tínhamos uma idade próxima propiciou aproximações no diálogo. Mesmo com algumas afirmações sobre relações entre homens serem muitas vezes tecidas em arenas de disputa de poder (Bourdieu, 2003), onde se

privilegia uma abstinência sentimental em benefício de uma performance seca, bruta e arredia, foi possível configurar outras formas de relação entre homens onde as relações de poder não se manifestavam pela indiferença ou agressividade, possibilitando diálogos que complexificavam os arranjos das masculinidades, evidenciando o companheirismo, a cumplicidade e o cuidado presente em nossos encontros.

O diário de campo se configurou como um instrumento muito importante, após as entrevistas e contatos com os jovens, no ônibus durante toda a viagem de volta para a minha casa, fazia meus registros refletindo sobre os episódios recentes que marcaram aquele dia e resgatando nas memórias situações vividas que enriquecessem minhas impressões. Nos momentos que não era pertinente fazer gravações, meus registros no diário pretendiam ser mais descritivos e detalhistas sobre os momentos vividos e as conversas ocorridas. Eu também estava com meu diário de campo nas reuniões de orientação da pesquisa, nos encontros científicos, enfim em todos os momentos que eram importantes e poderiam brotar situações, impressões, comentários e idéias relevantes para a pesquisa. Além disso, o diário confienciava minhas primeiras reflexões teóricas, os “insights”, os “lampejos”, que por vezes surgiam desordenados e a partir de tais anotações passavam a ganhar corpo e conduzir as páginas desta dissertação.

Em meu último momento da pesquisa de campo, convidei todos os jovens a participar de um filme que pretendia desenvolver como um material “educativo” que tivesse circulação e pudesse ser de acesso dos próprios jovens pesquisados, seus pares, bem como profissionais e outros públicos interessados nas temáticas da pesquisa e que dificilmente teriam acesso à dissertação. A participação deles consistia em comentar aspectos de sua trajetória de vida que se sentissem a vontade para falar e que circulasse em torno de suas experiências sobre sua infância, seus envolvimento com práticas infracionais e vivências no sistema sócio-educativo, com objetivo de editar depoimentos relevantes para se pensar os corpos masculinos e a violência urbana. Todos os jovens participaram com exceção de Dinho, que preferiu não participar deste momento, as filmagens ocorreram em espaços sugeridos pelos jovens e aconteceram com no máximo três encontros com cada um dos jovens. Desta forma, a idéia do vídeo também possibilitou mais um instrumento de coleta de dados, mas principalmente favoreceu a produção de um material complementar à pesquisa. Neste vídeo também houve a participação técnica de outra profissional que produziu as imagens, bem como foram entrevistadas outras pessoas que não compunham o corpo de minha análise.

A análise dos materiais aconteceu com base nas situações vividas durante o campo, minhas memórias e impressões acerca das diversas situações presenciadas. As narrativas dos

jovens foram escutadas inúmeras vezes, com os principais pontos narrados pelos jovens em cada uma das entrevistas, foram construídos resumos e esquemas para facilitar a formulação de uma estrutura de significação, indicadores e temas de análise. Apoiado nos comentários de Geertz sobre a descrição densa:

O que chamamos de dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõe – está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente (1997:19).

Ao trazer histórias de vida, mapeei inscrições de uma subjetividade que se constitui na cultura. Esta subjetividade é compreendida a partir das condições materiais e simbólicas que o sujeito tem acesso e constrói sua identidade em permanente processo de transformações, na medida em que experimenta novas condições materiais e simbólicas.

O corpo sexuado, corpo do homem, masculino, passou a ser um referencial identitário primário²⁸, suas experiências de vida são constituídas a partir deste corpo, os simbolismos e a materialidade que o acompanha.

Aqui a opção de trabalhar a partir de um referencial de gênero se faz por uma opção teórica-política de compreender o corpo sexuado como inscrição anterior²⁹ a existência destes jovens e vai se inscrevendo ao longo das suas vidas (engendrando) na relação de seu corpo com o mundo social.

Assim, construí um caminho de análise, com arranjos e desarranjos que culminaram a escolha das práticas corporais e das expressões emotivas como recursos analíticos. Procurei direcionar minha interpretação da violência através das formas que os homens jovens pautam seus referenciais masculinos, no fortalecimento e fragilidade dos laços afetivos e na forma como expressam a dor a revolta. Além disso, fiz referências temporais, de suas vidas “antes” e “depois” das MSE, tecendo uma reflexão nos diferentes arranjos ao longo de sua trajetória e as influências do sistema sócio-educativa em seus corpos.

²⁸ O fato de os sujeitos ainda em feto já possuírem um sexo e formas de tratamento de acordo com tal expectativa, ou ainda em planos e idealizações dos pais quando ao sexo do filho/a que desejam. Compreender como inscrição “primária” enfatiza a importância simbólica e material do sexo nas subjetividades e na cultura. Pontuo a relevância cultural do sexo sem colocá-lo em uma escala de posições com a dimensão racial, de classe e heteronormativa, mas reforçar a imanência de tais referenciais.

²⁹ Em nossa cultura se nasce menino ou menina, o “intersexo” é uma categoria geralmente associada a uma “anomalia”, e, neste sentido, antes de qualquer destes homens jovens existirem, culturalmente já existiam seus sexos e referenciais identitários que os nomeiam e dão sentido.

Ao utilizar o termo jovem para tratar dos homens cujas histórias formam o corpus desta pesquisa, procuro anunciar uma delimitação geracional e uma configuração cultural própria. Vou ter implícita a idéia de que são categorias construídas socialmente e se tornam categorias analíticas relevantes na academia a partir de peculiaridades, ou de coisas em comum que permeiam este grupo geracional.

2.5. Participantes da pesquisa

O conceito de adolescência tem sido menos utilizado nas ciências sociais do que o de juventude (RIBEIRO, 2004), contudo este termo tem uso empírico muito expressivo, nas normas jurídicas e na própria condução das políticas públicas, além disso, alguns estudos que tratam deste grupo geracional nas ciências sociais também adotam o conceito de adolescência e juventude indiscriminadamente a exemplo de Adorno (1999 e 2000) e Mead (1988). Também há estudos relevantes que tratam de “adolescentes em conflito com a lei” (SCHUCH, 2003; M. NASCIMENTO, 2002; BRITTO, 2000a e 2000b; ASSIS, 1999).

Assim, quem escreveu sobre adolescentes e usou esse termo trouxe informações e influencias relevantes que não gostaria de desprezar. Privilegio uma terminologia que implica em maior afinidade com o caminho interpretativo que elegi, desta forma, utilizarei preferencialmente o termo juventude. Se eu uso adolescência no corpo do texto, sem fazer referência a como falaram os outros, será uma evidencia que deseja comunicar para que não me entendam como rígido nas minhas definições desta categoria.

É importante delinear que a perspectiva de juventude/ adolescência que trabalho rompe com explicações teóricas biologizantes e considera a adolescência/juventude, um fenômeno relativamente recente na história (aparecendo intensamente, tal qual se expressa hoje em nossa cultura, por volta do século XX), uma categoria edificada a partir de várias condições que a cultura ocidental-capitalista constrói para o ingresso no mercado de trabalho, as especialidades profissionais, ampliação do tempo de estudo, necessidade de mercado de consumo, enfim vários outros fatores que vão dosando a institucionalização deste grupo como uma etapa geracional da vida que se estende da saída da infância para o ingresso na vida adulta (ARIES, 1981; AGUIAR, BOCK e OZELLA, 2001; OZELLA, 2002; FRANCH, 2004; ALVIM, FERREIRA e QUEIROZ, 2004; RIBEIRO, 2004 e 2006). As modalidades de passagem para a vida adulta, a indefinição do futuro, dificuldades para ingressar no mundo do trabalho, relação com instituições de ensino, estigmas associando adolescência à “problema” (inconseqüente, bagunceiro, irresponsável), mobilidade, seu posicionamento familiar, são fatores que dizem deste grupo.

Feixa comenta que a juventude/adolescência é uma “construção cultural, relativa no tempo e no espaço”(1998:18)³⁰. Ademais, acrescenta que “as distinções de gênero, merecem uma atenção particular, pois o acesso a vida adulta nunca tem o mesmo significado para os homens, para as mulheres ...”(1998:19)³¹. Além disso, não há apenas uma adolescência/juventude (adolescente/jovem), mas várias. Irei tratar especificamente neste meu trabalho é a adolescência/juventude de homens de bairros populares de Olinda.

O termo “homem jovem” que adoto aqui não é uma construção pessoal, mais uma nomenclatura que vem sendo cada vez mais utilizada por especialistas (LYRA, 1997; LYRA e MEDRADO, 1999 e RIBEIRO, 2006 para citar alguns) e organizações sociais³² para especificar de que grupo está tratando, levando em consideração situações, fatos, vivências e demandas específicas deste grupo, que tem sido analisado basicamente a partir de dois referenciais (gênero e geração) e sendo sensíveis a fatores de classe, raça e sexualidade.

Por fim, gostaria de fazer referencia que boa parte da literatura que trabalha com histórias de vida e narrativa procura trabalhar com sujeitos adultos e idosos, bem como histórias de pessoas que já morreram (QUEIROZ, 1953; 1988; PISCITELLI, 1993; KOFES, 2001 e CORREIA, 2003 para citar alguns). Enfim, retratam uma vida que atingiu uma certa maturidade e esta idéia permeia as produções, porque se acredita que neste estágio tem histórias e experiências para narrar. A opção por trabalhar com jovens com esta técnica parte de um referencial metodológico explicitado no capítulo anterior, mas também gostaria de dar evidencia ao fato deste grupo que pesquiso a juventude pode ser a última fase de suas vidas – dado o enorme contingente de homens jovens, pobres e negros que morrem. Estes homens jovens deste trabalho expressam esta realidade, as histórias por ele narradas e aqui focalizadas não deixam dúvidas. Neste sentido, a maturidade alcançada com a vida adulta ou a senilidade, não representa a vida de muito destes jovens, apesar de em muitas histórias emergirem enquanto projetos de vida.

³⁰ Original: “construcción cultural”, relativa em el tiempo y em el espacio.”

³¹ Original: “las distinciones de género, merecen una atención particular, pues ele acceso a la vida adulta nunca ha significado lo mismo para los hombres, para las mujeres ...”

³² Algumas organizações nacionais e internacionais vem adotando este termo homem jovem em publicações específicas. PROMUNDO; PAPAI; ECOS e Salud y Género. Projeto H – Série Trabalhando com homens jovens. São Paulo: 3 Laranjas. 2001. WORLD HEALTH ORGANIZATION, Department of Child and Adolescent Health and Development. What about Boys, a literature review on the health and development of adolescent boys. WHO/FCH/CAH/00.7 Geneva, WHO, 2000. WORLD HEALTH ORGANIZATION, Department of Child and Adolescent Health and Development. Boys in the picture. WHO/FCH/CAH/00.8 Geneva, WHO, 2000. WORLD HEALTH ORGANIZATION, Department of Child and Adolescent Health and Development. Working with adolescent boys, a workshop report. WHO/FCH/CAH/00.9 Geneva, WHO, 2000. Estas publicações tem interesse informativo e educativo principalmente no que se refere a dar visibilidade e importância em ações que focalizem este público devido a vulnerabilidades constatadas no se refere a exposição a situações de violência, risco e vulnerabilidade em DST/AIDS e drogas e o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos.

Na introdução houve um mapeamento do perfil dos homens jovens “infratores” atendidos pelo sistema sócio-educativo, abaixo tem um pequeno quadro geral com algumas características dos quatro homens jovens que foram participantes centrais desta pesquisa.

Quadro 1: Características gerais dos homens jovens entrevistados

Nome	Idade	Última série concluída	Ocupação atual	Raça / Cor	Situação conjugal	Filhos	Pessoas com quem mora (parentesco)
Will	21	3ª série	Educador de Hip-hop e Diarista de uma Pizzaria	Negro	Casado	01	Companheira e filho.
Toco	21	3ª série	Vendedor de Algodão-doce	Negro	Solteiro	0	Mãe, um irmão e uma irmã.
Derick	19	1º grau completo	Técnico em manutenção de microcomputadores	Moreno	Solteiro	01	Mãe
Dinho	22	4ª série	Segurança de uma banda de Brega	Moreno	Solteiro	01	Mãe, um irmão, uma irmã e um filho.

Os nomes atribuídos aos jovens também foi alvo de negociação com eles mesmos. Todos foram consultados em relação a como gostariam de ser apresentados nesta pesquisa. Alguns preferiram ser reconhecida por um apelido que não os deixa totalmente anônimos. Dois dos jovens (Will e Toco) sugeriram ser nomeados com seus pseudônimos/apelidos, usualmente utilizado em suas relações comunitárias, os dois também participaram do vídeo comentado no tópico anterior. DDL também participou do vídeo e manteve-se interessado em mostrar sua imagem, contudo optou por utilizar suas iniciais. Já com Dinho, estou utilizando um nome fictício, por um interesse pessoal em preservar seu anonimato.

A princípio tive dúvidas quanto à dimensão ética de utilizar nomes que possam reconhecer os próprios jovens, já que muitos episódios pessoais foram aqui retratados. Não seria possível medir o impacto positivo e/ou negativo desta experiência em suas vidas. Como um dia comentou Will (um dos jovens que fez esta opção), ao criticar “Cardinot” um apresentador de Programa televisivo local, “ele não mostra o desespero que o ladrão vive, sua vida, os preconceitos, para chega a roubar.... só rotula de alma-sebosa e diz que não deveria ter existido”. Will, em outro momento também comentou que se não pudesse colocar o seu nome, poderia utilizar “qualquer um”. A dimensão da visibilidade e reconhecimento social, parece ser algo bastante relevante para estes jovens, fator que já vem sendo apontado por algumas

pesquisas (a exemplo de SOARES, 2000). Assim, resolvi acatar suas solicitações levando em consideração a autonomia de suas vidas e principalmente a dimensão política desta ética de enfrentamento às “imagens” de jovens infratores que percorrem a maioria dos meios de comunicação³³. Na próxima parte da dissertação, à medida que for apresentando as histórias dos jovens, irei pontuando um pouco mais como se deu a nossa relação.

³³ Além disso, esta postura não fere o código de ética profissional, os Direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos são: Ser informadas sobre a natureza da pesquisa; Recusar-se a participar de uma pesquisa; Preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais; Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado; Acesso aos resultados da investigação, e; Autoria das populações sobre sua própria produção cultural. (fonte: http://www.unicamp.br/aba/secretaria/03_etica.htm . Acessado em: 25/02/2007).

3. Engendrando histórias de homens jovens

Neste capítulo procuro trazer quatro histórias de homens jovens que tiveram em suas vidas a experiência de passar pelo sistema sócio-educativo. As histórias que foram colhidas ao longo de minha expedição ao campo são intensamente longas e possibilitam construir inúmeras reflexões sobre suas trajetórias de vida, não pretendo encerrar neste capítulo o montante de suas vidas, mas construir um panorama – que em alguns momentos podem até parecer extenso – orientado por alguns conteúdos que pretendo problematizar ao longo desta dissertação e que possibilitem contribuir para os estudos de gênero e violência urbana.

Os temas tratados serão contemplados nas histórias, por vezes anunciados explicitamente, outras vezes como algo que permeia as narrativas, além disso, em algumas histórias ganharam maiores proporções do que em outras devido a construção de narrativa dos próprios jovens e suas disponibilidades para contar sobre suas experiências em um ou outro campo, bem como uma escolha do pesquisador em valorizar narrativas que se mostraram mais expressivas. Eu também procuro enunciar sobre como a nossa relação foi sendo construída e como se deu o trabalho de campo com cada um dos jovens, por acreditar que tais circunstâncias influenciaram o que era falado e o que era silenciado por eles. As diferentes dinâmicas também implicam em diferentes formas de acessar suas histórias e construir uma análise sobre seus corpos e suas vidas.

Os conceitos operacionais priorizados para a análise de gênero e violência urbana foram as expressões emotivas, as inscrições e as práticas corporais. Desenvolvo estes aspectos através das narrativas dos homens jovens sobre: sua moradia e mudanças; a família; o trabalho; as situações de violência; o envolvimento com as infrações; a relação entre pares e com as drogas; o histórico de passagens pela polícia e pelas Medidas Sócio-Educativas.

Segundo Kaplan (1972), existem os conceitos em níveis de abstração. Conceitos de observação direta, que exprimem um grau bastante operacional, constituinte de uma etapa descritiva. Conceitos de observação indireta articulam os detalhes da descrição, relacionando-os. Conceitos teóricos são os que articulam proposições e se colocam no plano da abstração. Assim, este capítulo foi dedicado mais ao plano direto e indireto, à descrição direcionada da vida dos homens jovens com algumas inferências e pequenas sínteses. Nos próximos dois capítulos, focalizei uma análise mais em nível teórica, articulando os achados com outros estudos e densificando a análise.

3.1. Will³⁴ : o guerreiro da favela

“Sou gueto, sou preto, sou pobre, e não tenho o que dizer
 O gueto é minha razão de viver
 Você não sabe, mas eu sei demais
 O gueto é minha vida. Há ladrão eu corro atrás
 Corro atrás de amor, paz, fé e confiança
 O gueto está morrendo, mais ainda tem uma esperança
 ...
 Gueto, guerrilha – você que é do gueto nunca desista”.
 (Trecho de uma composição de Will – “Gueto, guerrilha”).

Em 2003, quando cheguei ao Programa LA Will já era acompanhado há algum tempo, e as pessoas (profissionais do Programa que tinham contato com ele) faziam sempre elogios ao modo dele de ser, pela sinceridade, pelo jeito “desenrolado” de ser, por ter um discurso politizado, estar demonstrando preocupação e cuidado com sua família (na época era a sua mãe e irmã, hoje sua companheira e filho também). O consenso entre as pessoas que trabalhavam com ele era de que Will era um jovem com quem dava para se conversar e resolver as coisas.

Ainda durante a época que trabalhei no Programa conheci Will, a princípio nossas conversas eram sobre hip-hop e chegamos a trocar alguns CDs (Compact Disk) de grupos conhecidos³⁵. Depois cheguei a fazer alguns atendimentos. Logo que o jovem saiu da medida continuou freqüentando o Programa e, tempos depois, o convidei para fazer atividades educativas com outros jovens assistidos pelo Programa comigo, estas atividades tinham como foco hip-hop³⁶.

Assim que me desliguei do Programa, convidei Will para participar da pesquisa e procurei esclarecer bem as diferenças da proposta. A escolha de Will se deu por dois motivos, o primeiro pela afinidade que já havia construído com o jovem, o que me fazia pensar que possibilitaria maior facilidade para coletar relatos valiosos de sua experiência de vida, e o segundo fator, era o consenso que havia entre profissionais do Programa sobre Will como um

³⁴ Will é um pseudônimo sugerido pelo próprio adolescente para ser utilizado nesta pesquisa e com o qual ele é conhecido por várias pessoas de sua comunidade.

³⁵ Os CDs que me recordo termos trocados foram: Racionais MC's, Thaide e DJ Hum, 509 E e Relato Consciente - os dois primeiros eu emprestei a ele, os outros dois ele me emprestou.

³⁶ Esta foi uma proposta que a equipe do Programa fez à Will após ele ter manifestado interesse em trabalhar como educador social. Eu me propus em acompanhá-lo (junto com outras pessoas da equipe) na construção de uma série de cinco oficinas, onde ele poderia exercitar a ação educativa, em contrapartida receberia auxílio na organização e estruturação das oficinas – ele nunca tinha desenvolvido até então oficinas educativas – bem como, receberia uma declaração no trabalho prestado que pudesse lhe auxiliar em seu currículo profissional. Esta experiência parece ter sido bem proveitosa e favoreceu a Will conquistar posteriormente uma vaga de educador social no Programa LA - como oficineiro de Hip-hop.

caso “vitorioso”, um jovem que havia de fato se transformado com as Medidas Sócio-Educativas e as oportunidades que teve.

Will recebeu receptivamente meu convite e iniciamos a pesquisa, a maior parte de nossos encontros ocorreu em sua casa. Em algumas visitas caminhávamos pela comunidade, em outras visitas ele estava de saída por causa de alguma “ôia³⁷” e eu o acompanhava até os lugares. Estes encontros ocorreram com maior frequência durante três meses e em seguida iam ficando mais esporádicos ao longo de um ano.

Will é cativante, em nossa relação fui cada vez mais me contagiando com ele, se em algum momento pude ter medo dele – por ser um infrator – em cada um de nossos encontros e conversas fomos nos aproximando, fui reconhecendo sua humanidade, sua forma de se relacionar com a vida, seus conflitos subjetivos e sociais. Ele narrava de si com muitos sentimentos nas palavras, com muito envolvimento e muitas marcas. Ao ir narrando sua trajetória foi construindo uma vida de dores, sofrimentos, estigmas, força, manejo, amor e luta, um enredo muito cativante que a cada “capítulo” (nossos encontros) eu ia querendo saber mais e me emocionava com suas saídas e rumos, com suas formas de portar diante das situações, era muita emoção. Era sem dúvida uma saga de um “guerreiro” urbano, da favela, pobre, que tenta erguer-se diante de tantas desigualdades e injustiças, assim era retratada sua história, comovente, envolvente e passional.

Will é um jovem de 21 anos, negro, “filho de mãe solteira”, que atualmente reside no bairro de Jd. Fragoso em Olinda, com sua companheira de 18 anos e seu filho recém-nascido. Várias características o tornam um jovem interessante para fazer esta análise. Suas características sociais, econômicas, étnicas/raciais e familiares se assemelham a grande parte dos jovens autores de infração.

Em sua história já morou em vários lugares, tem sua lembrança mais remota aos 4 anos de idade, ele morava em Itamaracá, com sua mãe grávida de sua irmã. Em seguida, lembra-se que tinha cerca de 6 anos e morava com sua mãe e irmã nas ruas da zona Portuária do Recife e do Centro da cidade. Sua mãe vendia picolé e ele lembra do dia que roubaram o dinheiro dela que estava dentro de sua calcinha. Lá Will e sua família dormiam em caixas de papelão, que utilizavam para se proteger da chuva, se alimentavam de restos de comida de restaurantes próximos à sua moradia, comendo “40”³⁸ e alimentos que pessoas doavam a eles e à outros

³⁷ Ôia é utilizado para se referir à algum “bico”, “biscate”, “trabalho informal”, de curto tempo e geralmente mal remunerado. Quando houver expressões ou frases entre aspas e em itálico estarei retratando as palavras utilizadas pelo jovem em sua narrativa.

³⁸ 40 é uma papa feita de fubá, água e sal.

moradores de rua. Sua diversão era pegar “bigu”³⁹ no trem que passava no Recife Antigo e nadar na “piscina”⁴⁰ que ficava na praça do Banco do Brasil, junto com outras crianças. O jovem comenta: “Via assaltos, batidas de carro, cheira-cola matando cheira—cola, mortes de tiro, via o cara agonizando na minha frente..., era tudo normal”. Ainda diz:

Já bateram em mim e na minha mãe [...] uns caras passaram de carro e jogaram uma manga na gente, nem liguei porque estava acostumado [...] o pessoal tem dinheiro aí pensa que pode tirar onda com todo mundo, porque eles chamam a gente de escória. Agente tá lá precisando de ajuda aí eles gostam de condena, bate na gente, humilhar.

Aqui suas lembranças selecionam inúmeros episódios de contato tenro com relações violentas, por enquanto Will parece apenas passivo, olhando e presenciando em seu corpo tais situações, o cenário crítico já existia e ele só compunha mais um dos “vitimados” por tal cenário. Os corpos masculinos eram protagonistas de movimentos agressivos, violentos, condenatórios e humilhantes, assim eram tecidas algumas de suas referências masculinas.

Após uns dois anos vivendo nas ruas do Bairro do Centro e do Recife Antigo, ele se mudou com sua mãe para uma ponte nas proximidades do parque da Jaqueira (zona nobre da cidade), passou alguns meses e a única lembrança que tem deste tempo é que pegou sarna, ficou todo se coçando até sua mãe lhe dar banho de folhas melão. Lá, ganharam uma casa da prefeitura e foram morar na favela do Detran. Apesar das inúmeras dificuldades e fragilidades relatadas nas condições materiais de existência, sua mãe ocupava o lugar de cuidado e proteção da criança, além disso, aparece uma primeira intervenção do Estado para interferir nas condições de vida da família.

Alguns parentes da família também moravam “no Detran”, Will diz que “lá não era adiantado porque não conseguia esmola” e sua mãe não estava trabalhando naquela época. O jovem conseguia um trocado com o cara da padaria e “tinha uns pirraia”⁴¹ safado que corria atrás pra pegar meu dinheiro”. Neste período o jovem tinha cerca de 9 anos e ia sempre à CEASA/PE⁴² com sua mãe para “pedir e roubar” frutas e verduras, a mãe ficava esperando enquanto ele e o primo iam “pegar”. “Tinham muito e não davam a ninguém, vai ter prejuízo? Ôxe! Pegava mesmo”. “Depois saímos do CEASA porque tava ficando embaçado, tava crescendo e não dava mais pra fazer a mesma coisa”. Durante aproximadamente dois anos

³⁹ Se pendurando no trem pelo lado de fora com ele em movimento.

⁴⁰ Uma fonte que existia na antiga Praça que ficava em frente ao Banco do Brasil da Avenida Rio Branco.

⁴¹ Pirraia pode se referir a várias coisas: crianças, adolescentes/jovens, mulheres, namoradas, pares. Mas neste contexto Will refere-se a pirraias para relatar outros pares (adolescentes homens de idade próxima a sua).

⁴² Centro de Abastecimento Alimentar de Pernambuco CEASA/PE, ex-Ceagepe.

morando no Detran, junto com sua mãe e irmã se mudou para São Lourenço da Mata, o motivo: *“minha mãe tava com um cara e descobriu que ele tava sendo procurado pelo jornal, matou não sei quantas pessoas”*.

Venderam a casa e com o dinheiro da casa compraram outra, lá em São Lourenço passaram muito pouco tempo porque a passagem de ônibus para cidade era cara e, como diz o jovem, *“hoje eu sei que naquela época minha mãe ia pra lá pra sair com os gringo e traz leite e comida, eu ficava sozinho em casa tomando conta da minha irmã”*.

Continua a intensidade de situações violentas na história do jovem. Os homens ao seu redor manifestam práticas corporais através da violência e infração (quando é roubado pelos “pirraia”, quando rouba frutas na CEASA, ou próprio companheiro de sua mãe que era matador), bem como da distribuição de “dinheiro” e bens (frutas, verduras). Enquanto Will já atuava com “infrações” enquanto prática corporal para auxiliar financeiramente a família, usando-a como “moeda” de troca expressiva em suas relações familiares e sociais. As práticas corporais de sua mãe mesclavam entre o estímulo a infração e a proteção dos filhos. Através da vigília, mas permissividade de seu filho se expor em situações risco na praticar pequenos furtos e também através da venda e exposição sexual de seu corpo. Tanto Will como sua mãe fazem uso destes recursos corporais justificando como estratégias para sobrevivência da família.

Após alguns meses morando em São Lourenço da Mata, mudaram-se para Rio Doce – próximo ao mangue, junto aos parentes maternos. Em sua memória é forte a lembrança de seu avô batendo em sua mãe e em seus tios e tias, ele justifica por este motivo, uma vez ter levantado a faca pra ele. Também está marcado nas recordações de Will, o seu testemunho do modo e momento em que seu avô morreu, o acontecimento parecia ratificar as características de pessoa violenta que Will resgatava em seu relato: *“Meu avó tava num bar bebendo, foram rouba ele, tava sem grana, falou demais e enfiaram uma tora de madeira em brasa na boca dele.”*

Will tinha 11 anos quando ele e sua família se mudaram para a favela do Brum⁴³, iniciou os estudos escolares, sua mãe teve um novo relacionamento com um “estivador⁴⁴”, diz o jovem que *“ele era sem frescura nenhuma, agente não tinha problema com dinheiro, agente vivia feliz naquela época, aí ele morreu de derrame. Quem teve que assumi a família fui eu, porque sô o único homem, além disso, minha mãe tava abalada por causa da morte e minha irmã era muito*

⁴³ A favela do Brum fica em uma região central do Recife, próximo à Prefeitura, na zona portuária, vizinho ao Recife Antigo (localidade conhecida pela vida noturna e boêmia) e ao Centro da cidade.

⁴⁴ O jovem se refere apenas ao companheiro de sua mãe como estivador demarcando a identidade dele como um trabalhador “que trabalhava na estiva”.

nova”. O jovem também comenta que o que é bom dura pouco, este período durou cerca de 2 anos, e diz que aquela época foi um dos melhores períodos de sua vida.

Podemos perceber como há uma afirmação de diferentes práticas corporais para homens e mulheres, que se manifesta com a divisão sexual do trabalho. Will manifesta a felicidade que ele e sua família tiveram ao ter um homem suprimindo o espaço de provedor. Com a morte dele, parece se manter esta máxima das diferentes práticas de homens e mulheres. A maneira significativa da distribuição das expressões emotivas em família diz o que cabe a cada um/a após uma perda, onde há uma dor associada à fragilidade (mãe e irmã) e há uma tentativa de ocupar o espaço da perda e superá-la, sem necessariamente vivê-la (Will).

O jovem tinha entre 13 e 14 anos quando foi engraxar sapatos pelas ruas do Recife, várias situações que passou durante esta experiência, dizia que as pessoas não confiavam nele por ser pobre e negro. Comenta *“quando engraxava sapato o pessoal tirava a bolsa, o celular, a carteira de perto, andando pela rua as pessoas atravessam, mãe de amigo falava mal, dizia que eu não prestava, por minha cor também, preto (...) isso, uma boa parte me levou a fazer o que fiz por falta de confiança”*.

Will, mesmo demonstrando estas situações delicadas, relembra com orgulho este período e mostra uma foto sua que saiu na capa do Jornal do Comércio (em 1998) em matéria que tratava do trabalho infantil nas ruas do Recife. Existe uma mescla entre negação e reconhecimento neste trabalho do Will, enquanto existe a desconfiança e o preconceito sentido em seu corpo, há também uma visibilidade quando o jovem aparece em uma capa de jornal na matéria que retrata as difíceis condições do trabalho infantil nas ruas do centro do Recife.

Aos 15 anos recebeu uma ameaça de um homem (também morador do Brum) por ter batido no filho dele, segundo o jovem *“eu só neguei um confete pro pirraia”*. Os dois brigaram *“eu apanhei mais dei também”*, depois deste episódio *“o cara botou um ferro na cara da minha mãe”*. A mãe e a irmã se mudaram para Águas Cumpridas em Olinda enquanto ele decidiu continuar no Brum morando sozinho, *“o cara era comédia, não ia fazer nada, ele tava com a arma e num fez”*.

Após a saída de sua mãe e irmã, continuou por um tempo engraxando sapatos e comenta: *“no inverno não dá pra engraxar sapatos, a fome foi aumentando, longe da mãe, chegou um chegado Mario: Bora dá um role? E aí agente fez um arrombamento num restaurante lá no Recife Antigo”*. Fala da adrenalina e emoção que sentiu, diz que não conseguiram dinheiro, mas pegaram alguns wiskys, vários quilos de carne e um aparelho de som que trocou por um gás de cozinha.

Mais uma vez as práticas corporais de homens e mulheres são distintas, enquanto há uma ação agressiva direta entre os homens, entre as mulheres há um distanciamento e evitação de tal situação, contudo podemos supor que neste momento também pode haver um estímulo e/ou encorajamento do jovem em suas práticas violentas. Aqui as práticas corporais parecem legitimar que emoções podem ser expressas, por um lado (pelo menos) a raiva e a indignação, por outro o medo e resignação. Também é expressiva a sua infração, após ter a percepção de ter sua família e vida invadida, “arrombada”, pelo vizinho “*comédia*” que ameaçou com arma a sua mãe. Will “arrombou” um restaurante vizinho ao Brum (local onde morava), propriedade de outra família.

Nesta época o jovem já estava para fazer 16 anos, passando alguns meses voltou a arrombar o mesmo local. A polícia foi a sua procura, mas não estava em casa, diz que foi dedurado pela sua vizinha que catava latinha no restaurante. Com isso, se mudou para Águas Cumpridas e voltou a morar com a mãe e irmã que estavam passando fome, segundo comenta Will. Passou a freqüentar o centro de Recife para fazer arrombamentos principalmente em carros. Levava as coisas que achava e vendia os sons no Cais de Santa Rita.

Neste período muitas pessoas “*arrombavam*” pelo Centro do Recife, então Will passou a ir para Olinda pelos bairros de Casa Caiada e Jardim Atlântico, “*pegava o bacurau*⁴⁵, *era uma pá de gente, era cheira-cola, gente de bem, agente se dividia de Olinda até Paulista, todo mundo se conhecia, era uma doideira*”. Antes de ir fazer os arrombamentos se encontrava com uma mãe de santo e conversava com os santos, fazia oferendas em encruzilhadas, dava bebidas “*para me proteger*”. Sua mãe lhe ensinou o ritual, diz o jovem “*ela sabia o que eu fazia, mas fingia que num sabia, ela via eu chegando com as coisas dentro de casa*”.

Will circula por uma rede de homens, pares, que possuem um repertório corporal similar, enquanto sua mãe mesmo sendo conivente com sua exposição e risco nas infrações noturnas, parece representar um lugar de cuidado ao ensinar rituais protetivos. O jovem comenta sobre as relações familiares neste período:

Aquela época agente comia, tinha roupa, sorriso, dava pra sair [...] botava comida em casa, dava roupa, minha mãe parecia minha namorada, ficava cheio de asa junto das duas (mãe e irmã). Naquele momento eu queria aquilo, tá ligado, todo mundo na limpeza, todo mundo bem e tal, armário cheinho, barriga cheia, sem precisar pedir nada a ninguém, a galera tinha agente como pidão, quando as coisas estavam acabando eu ia dá outro rolé.

⁴⁵ Ônibus que circula pela madrugada.

As relações afetivas e o fortalecimento dos laços parecem reforçar as diferentes práticas corporais, enquanto Will expressa suas emoções através do dinheiro, da comida, da roupa; por sua vez as mulheres (mãe e irmã) retribuía com carinhos, afagos corporais (beijos, abraços etc) e palavras. Se por um lado os vínculos familiares parecem fortalecidos neste comentário acima, por outro ele também endossa a fragilidade dos laços sociais e a percepção que construiu de injustiça e rispidez nas relações entre classe, desta forma dá corpo a sua emoção e a expressa com seu repertório corporal, as infrações. Ele comenta:

Eu sabia que era errado, mas pra mim não era errado, tava fazendo aquilo pra me manter [...] meu negócio era arrombamento [...] nunca roubei alguém pobre, que morava em favela, era só negócio grande, depósito, carro, quem tem, quem pode ter dinheiro, olhava assim... merece ser roubado.

Sempre era parado pela polícia, *“ela já sabia o foco⁴⁶”*, mas sempre dava grana e não tinha problema, até que uma vez foi pego por uma blitz policial com uma chave de fenda *“agente usava ela pra arrombar carro”* e por negar que iria fazer arrombamentos foi levado para DPCA depois de apanhar muito, *“tinha uns 10 malucos todo mundo falou que ia arrombar e foi solto, só eu fiquei”*. O jovem evidencia a corrupção e violência policial que lhe acompanha continuamente ao longo de sua vida, ele atribui que por sua insubordinação aos policiais foi preso. Neste episódio, parece ter ocorrido uma quebra das regras de subordinação e “presentes” para manter a amistosidade da relação.

Passou poucos dias no CENIP⁴⁷ e foi liberado pelo Juiz da Vara da Infância e Adolescência. Will comenta que sua mãe sofreu muito com a situação e disse estar arrependida de ter permitido que ele se envolvesse com a criminalidade e o fez jurar que não se envolveria mais, ela também conseguiu um trabalho, para Will, de carregador na Fábrica da Schincariol:

Trabalhava das 7 da manhã até às 4 horas da manhã do outro dia, mais de 24 horas de trabalho pra ganhar 13 reais, eu tinha um dois par de roupa e um tênis, a galera falava que isso era farda, farda. Ôxe, véio! Quero isso pra mim mais não, vive comendo 40 é que não vô [...], aí voltei a fazer de novo.

Pouco tempo depois de retomar os arrombamentos foi pego por policiais e o dono carro que estava sendo arrombado, *“não conseguia nem respirar, depois de me baterem muito e dizer que iam me matar, os homem me botaram no porta-mala e deram um role⁴⁸ comigo”*. Mais uma vez Will relata o sofrimento de sua mãe e comenta que ela já estava morando novamente nas

⁴⁶ Se referindo ao local onde vendia os sons dos carros que ele furtava.

⁴⁷ Centro de Internação Provisória

⁴⁸ Uma volta

ruas do Centro do Recife e estava “endoidando”, segundo ele, por causa das agonias que ela ficava quando ele saía para roubar e comenta que nesta época ela só dormia tomando calmante (Diazepan).

O sofrimento de sua mãe (ao se arrepender e sofrer com sua prisão e riscos) e as situações de violência que ele próprio passou (as violências físicas ao ser preso com a polícia e na fábrica da Schiw as violências simbólicas). A forma como enuncia retrata mais uma vez as emoções, como circulam e são enunciadas de forma diferentes entre homens e mulheres, bem como as práticas corporais que as expressam. A agressão, rispidez e a infração parece conduzir os repertórios de Will e de outros homens com quem interage, enquanto sua mãe se flagela e auto-pune por posturas passadas.

O jovem passou um mês internado no CENIP e foi encaminhado para cumprir as Medidas Sócio-Educativas de liberdade assistida e prestação de serviço comunitária em Olinda no Programa de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei (Programa L.A.), estava com 17 anos.

No Programa L.A. teve várias “vantagens”, fez cursos, era aconselhado e sua mãe também, recebia ajuda (cesta básica, auxílio-moradia), *“o pessoal sabe tratar a gente, ninguém é mais que a gente, fala de igual pra igual (...) conheci mais coisas, mais atividades, outros caminhos”*. Mesmo após ter tido extinção de sua medida sócio-educativa por cumprimento das demandas, continuou participando de atividades no Programa.

Will comentou sobre um Projeto social que participava e gostava bastante, nesta época cumpria medida no LA, disse que se destacava no curso, era participativo e chegou a ser representante da turma, mas tinha um cara que chamava-o de passa-fome. Will, nesta época, não tinha comida em casa, e fazia refeições no curso. Além de comer seu lanche, também comia o resto dos lanches de colegas que não quisessem comê-lo inteiro. Em um destes episódios, um colega o chamou de passa-fome, Will brigou com ele. Foi advertido e mudou de sala, tempos depois outro colega do curso também passou a chamá-lo de passa-fome, Will tentou jogá-lo pela janela da sala e foi expulso do curso. Comenta que naquele tempo era muito esquentado, mais o que o incomodava era saber que foi humilhado e expulso, enquanto o outro jovem que lhe humilhou não sofreu repreensão alguma.

O jovem também trouxe outras recordações de situações em que reagia com agressões físicas ao sentir-se humilhado, seus testemunhos nos dizem que a violência física parecia ser uma expressão corporal que comunicava seu incomodo diante da percepção de injustiça. Apesar de ele ter tido acesso a vários espaços nas Medidas Sócio-Educativas, até este momento parecem ter interferido pouco em suas práticas corporais e repertórios expressivos

diante de um ciclo de violências manifesta pelas exclusões sociais, econômicas e de grupos de convivência, bem como não garante uma visibilidade e/ou outros arranjos sociais. O jovem durante este período: fez formação em cursos profissionalizantes e capacitações educativas (formações em direitos humanos e redutores de conflitos; formação e Redução de Danos – estas duas ele concluiu), e; o Programa mediou as relações familiares, auxiliou com ajudas financeiras (inserindo em Projetos sociais da Prefeitura), favoreceu outras redes de relações para o jovem.

Will não diz ter sido ressocializado, pois afirma que ainda mora em favela, convive com ladrões, é pobre e negro, usa maconha, todas estas características o marginalizam, fazendo com que não compreenda a ressocialização para si. Mesmo assim, Will credita forte influência da ajuda do Programa e as relações de confiança e respeito que teve com as/os profissionais, para sua construção de outros projetos de vida e ter parado de cometer infrações.

O respeito parece ser muito expressivo na sua relação com o Programa LA, diz que é respeitado, tratado como um igual, com consideração, e isso que possibilitou construir uma relação boa com a equipe. Will fala muito mal da Juíza e das pessoas que trabalham com ela, bem como da Justiça Criminal onde esta atualmente cumprindo Liberdade Condicional, comenta que as pessoas não têm respeito, não o tratam como “gente” e se acham superiores.

Will relata: *“se alguém confiar em mim eu não faço nada não, se desconfiar eu faço, só porque desconfia (...)” uma boa parte me levou a fazer o que fiz por falta de confiança*

O jovem comenta que ainda chegou a fazer alguns arrombamentos durante o período que estava em medida sócio-educativa, mas que era bem menos até parar por completo. Depois de passar pouco mais de 2 anos cumprindo as Medidas Sócio-Educativas, Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), teve sua extinção. Ele ainda aparecia pelo Programa, era um egresso⁴⁹ que acompanhávamos com certa frequência. Fiz alguns atendimentos à ele, em um destes, Will chegou angustiado falou muito pouco comigo, mas chorou muito e dizia que não agüentava mais e teria que roubar, pois estava passando fome, não conseguia dinheiro de jeito nenhum, estava para ser despejado do barraco com sua companheira.

Dias depois deste episódio, Will foi preso na noite de uma sexta-feira no Recife Antigo, após uma tentativa sem sucessos de roubar uma bolsa de uma mulher, o jovem disse *“tava*

⁴⁹ Egressos são os jovens que tiveram extinção de medida. Alguns destes jovens continuam sendo acompanhados, apesar do ECA prever que todos deveriam ser acompanhados, dois motivos frequentes para muitos jovens não serem acompanhados no Programa LA se dava por : uma alta demanda de trabalho da Instituição o que dificulta acompanhar quem já tem o seu processo extinto, e; os jovens que associam o Programa ao processo que cumpriram e ao se ver livre deste processo não tem mais interesse em manter vínculos com o Programa, mesmo que, por vezes, tenham tido experiências prazerosas neste espaço.

muito doido tomei uma cartela de Rivotril⁵⁰ e cai na tentação". Will que estava com 19 anos, foi para o Centro de Observação e Triagem Professor Everardo Luna (COTEL) onde passou dois meses e em seguida mais dois meses no Presídio Professor Aníbal Bruno. Desde então ficou em Liberdade Condicional, sendo esta a sua situação atual.

Com relação à escola, Will abandonou, sabe de sua importância, mas não tem estímulo em voltar, sua principal justificativa é ter sofrido uma injustiça por parte de pessoas do Grêmio Estudantil e da diretora da Instituição de Ensino que estudava. Por ter ido apenas até a 4ª série, sente dificuldades em seu trabalho, mas por enquanto não tem plano concreto para voltar aos estudos.

O jovem, ao longo dos meses que nos encontramos, relatou inúmeras situações de violência que lhe aconteciam como as suas passagens por blitz de policiais e *"baculejos⁵¹"*. Essas violências eram de extrema intensidade, continham grandes riscos de vida e geralmente aconteciam quando ele estava em companhia de um ou mais amigos. A última vez que conversamos sobre isso ele comentou que havia reduzido suas saídas noturnas, dava preferência a andar sozinho e utilizava as vias públicas de menor movimento. As reações de Will parecem ter sido modificadas em algumas situações. As posturas de confronto e insubordinação apresentam outros contornos – isto também reflete em suas relações emotivas e práticas corporais, parece que já não está tão *"esquentado"* como antes.

As mortes ou prisões de colegas conhecidos são recorrentes, com relação às pessoas com quem convivia além de sua família diz: *"tenho muito amigo, ... amigo não, colega (...) daquela época (se referindo ao tempo que praticava os arrombamentos e vivia pelas ruas de Recife) morreu tudinho e dois tão preso (...) o irmão mais novo de Mario endoido depois de leva um pau da Polícia (...) sabe como é, conhece os caras e notícia ruim corre rápido"*.

Sobre o uso de drogas, Will comenta que já experimentou de tudo *"crack, maconha, loló, bebida, cigarro, Artani, Rupinol, cola"*, mas nunca foi viciado em nenhuma. O que ainda faz uso hoje com certa frequência é a maconha que se refere dizendo que não vai deixar de usá-la que faz uso esporádico e não faz nenhum mal. Apesar de em alguns momentos referir que não estava mais fazendo uso de álcool, no decorrer de nossos encontros relatou várias situações em que havia feito uso. Ao longo de nossas conversas Will relatou vários episódios onde as drogas acompanham as relações entre pares, sugerindo mais uma prática corporal e manifestação emotiva corriqueira entre os mesmos.

Sobre seu *"pai"*, diz:

⁵⁰ Um ansiolítico que provoca sono e se ingerido acompanhado de bebida potencializa o efeito do álcool.

⁵¹ Revista Policial

Não gosto dele, ajudei e ele não reconheceu, nem me registrar não registrou, sacaneou minha mãe e num quis saber da gente, não gosto dele de jeito nenhum, já pensei em roubar a casa dele todinha já [...] ele foi preso por tráfico de drogas, passou dois anos, mas já tá solto, é aposentado ganha mais de mil conto e num dá nenhum dinheiro... ele sabe que eu tenho raiva dele.

Há muita mágoa e ressentimento na sua narrativa acerca de seu pai, ele trabalhou durante muitos anos no Porto do Recife, é aposentado por lá, durante uma época quando se envolveu com o tráfico de drogas foi preso, Will comenta que ele e sua mãe iam o visitar e estavam sempre presentes, quando seu pai saiu da prisão não quis nem saber deles. Seu pai só se preocupa com a outra família e não com ele, nunca contribuiu com dinheiro nem procura saber como ele está. Ao longo da trajetória de Will os homens expressam emoções e fortalecem seus laços afetivos através da distribuição de bens e dinheiro, o que coloca seu pai na condição de alguém mesquinho, egoísta, que não merece respeito nem valor. Will também deixa expresso o ressentimento de não ter sido acolhido por ele através de seu pensamento de roubá-lo.

Ao longo de minhas visitas em sua casa, ele comentava que sabia cozinhar, que já cuidou muito de casa e de sua irmã na época que morava com sua mãe. Mas hoje convivendo com Marilyn, o que pude perceber foi ela sendo responsável por toda a arrumação doméstica. Em alguns dias pude presenciar algo que foi confirmado como a rotina, enquanto eu conversava com Will, Marilyn varria toda a casa, lava a louça, cozinava, fazia compras de produtos domésticos, o jovem ainda fazia algumas brincadeiras pejorativas que afirmava a demarcação dos espaços masculinos e femininos, como por exemplo: Ele saía com os amigos, ficava na rua atrás de “bicos” ou fumando maconha e conversando com outros homens enquanto ela cuidava de casa, conversava com mulheres e visitava sua família. Em uma de nossas conversas ele disse que há um certo tempo que já não saía com Marilyn e ela já estava cobrando, mas que ele precisava de dinheiro para sair com ela, porque sair com mulher era diferente de sair com os homens, mesmo ela não cobrando, ele sentia esta necessidade. Aqui a relação conjugal parece manifestar também a importância das “cifras” nas formas de expressões emotivas e práticas corporais.

Will está muito feliz com o fato de ser pai e ter um filho recém-nascido, o nome foi escolhido por ele fazendo referência a um personagem histórico na luta contra o racismo norte-americano. Houve uma grande mudança em relação aos seus planos futuros, após saber a notícia, conseguiu juntar um dinheiro e comprar um pequeno terreno perto de onde moram hoje, para começar a construir uma casa própria. Will fala nas responsabilidades de pai, acompanhou

a gravidez com entusiasmo e expectativa, apesar de manter comportamentos bem diferenciados de Marilyn. Sua companheira passou pelos acompanhamentos especializados no posto de saúde próximo a sua casa, enquanto Will trabalhou e procurou juntar dinheiro para quando o filho chegar. Ele quer e está fazendo diferente de seu pai, quer ser um pai mais presente, diz que nunca abandonará Marilyn que se mostrou sincera, fiel e companheira durante os períodos difíceis de sua vida.

Will vem trabalhando de folguista (em uma pizzeria, que lhe paga R\$15,00 por dia) e também começou a trabalhar de educador-oficineiro no Programa LA, dando oficinas de hip-hop, trabalhando principalmente a rima e o grafite. Com estas duas ocupações, recebe aproximadamente R\$ 700,00 por mês, foram raros os momentos de sua vida que o jovem e sua família tiveram uma renda próxima a esta.

Com relação ao seu trabalho na pizzeria diz “sou o quebra galho”, faz de tudo, relata situações de preconceito e violência no trabalho, fala de sua fragilidade neste espaço de trabalho que não tem nenhuma garantia contratual, ainda comenta do medo que tem das pessoas descobrirem que ele tem passagem policial.

Durante um bom tempo Will estava sem trabalho certo, posso dizer que durante a maior parte de meu período de campo. Ele e sua companheira passavam fome e a única renda era de uma bolsa de Agente Jovem (R\$ 60,00 por mês, que geralmente atrasava) de Marilyn e o dinheiro ganho com “bicos” por ele. Como vimos, Will confere seu último roubo, à falta de dinheiro. Ele diz que não pensa em “roubar” hoje, pois tudo está dando certo, contudo tem medo que amanhã precise de dinheiro e não tenha. Sua condição de marginalidade e seus frequentes contatos com vários colegas que estão na “vida do crime”, podem fazer do roubo como uma alternativa para conseguir dinheiro ou o que precisar, mas espera não voltar a ter tais práticas, pois acha que seguindo tal caminho ou vai morrer ou sofrer muito na cadeia. Além de não querer magoar mais sua companheira e sua mãe.

Boa parte do dinheiro que conquistou durante estes períodos em que passava por dificuldades financeiras era adquirido com grafitagens que fazia pela comunidade, em pequenos estabelecimentos comerciais (peixarias, casas de lanche, bares etc) e em locais públicos (a exemplo de uma pequena pracinha na beira do canal de esgoto, que foi toda decorada por ele). Will conseguiu comprar equipamentos para desenvolver melhor suas técnicas de grafitagem. Geralmente nestes trabalhos conseguia algum dinheiro e materiais de consumo em troca dos serviços prestados, isso também lhe conferiu uma boa fama na comunidade, que todos sabem que ele é do movimento hip-hop e faz grafitagens. Aqui Will também estabelecia outras relações

com homens, desenvolvendo outras práticas corporais e expressões emotivas na medida em que fortalecia seus laços comunitários e ganhava outras referências para seu reconhecimento.

Seu primeiro contato com o hip-hop foi através de um primo que também faz parte do movimento, ele escutou as primeiras músicas e aprendeu noções básicas do grafite, da rima, da discotecagem e dança (break) acompanhando seu primo, em seguida foi trilhando seus passos sozinho e em articulação com amigos que foi fazendo. Durante cerca de dois anos teve um grupo de hip-hop que se chamava Guerreiros da Favela, participou de eventos locais fazendo shows, chegou a gravar algumas músicas e participar de alguns Programas na Rádio Amparo (uma estação comunitária de Olinda). Atualmente o grupo está desfeito, Will comenta que só ele corria atrás das coisas para o grupo, mas continua investindo no hip-hop.

Will tem o rap como uma “*religião*”, diz escutar sempre quando tem pensamentos ruins, que querem lhe desviar de sua meta, o rap lhe dá força, ajuda a viver, aprende várias lições de vida e o que mais quer, é conseguir se sustentar com o rap através das oficinas educativas e de suas músicas. Will demonstra uma enorme admiração por MVBill o rapper carioca da CUFA (Central Única das Favelas). O rap parece ocupar um espaço que favorece outras práticas emotivas e corporais do jovem com a sociedade em geral.

Ele mantém contatos frequentes com sua mãe, que mora na Favela do Brum junto com sua irmã, a condição financeira delas é precária, a única renda fixa provém de uma bolsa de sua irmã por estar inserida em um Programa Social do Município. Will sonha poder comprar uma casa para ela e a ajuda financeiramente quando tem dinheiro. Além disso, parece cuidar de sua mãe frente aos “perigos do mundo”, um desses episódios Will relatou que havia pensado em matar um “*comédia*” que estava “aprontando” com sua mãe, foi à favela do Brum com um amigo seu disposto a resolver o problema, mas soube que as pessoas do Brum já haviam “resolvido o problema”, o mataram após saberem dos “*vacilos*” que o cara estava dando. Will parece preservar certas práticas corporais e formas sentimentais firmadas por diferenças sexuais, coloca as mulheres, em especial sua mãe, como frágil, coitada e carente diante dos “perigos do mundo”, e se coloca na condição de forte, manifestando através de auxílio financeiro e disponibilidade para usar da violência.

Sua mãe e sua companheira não se dão bem e ele sofre por isso. A gravidez e a chegada de um novo integrante da família, seu filho, tem amenizado os conflitos entre elas e deixado Will mais esperançoso em seu desejo de ter a família unida. O jovem saiu da casa da mãe e foi morar com a companheira, esse desentendimento pode ser parte de um ressentimento da mãe. Vez que ele “deixa” a mãe passar necessidade, já que não é mais fonte constante de provimento para ela e a irmã como era antes. Esta percepção pode estar

associada as expectativas de suprir determinadas emoções com práticas corporais destinadas a homens e mulheres.

Agora vamos acompanhar a história de outro homem jovem, Toco, também vamos dedicar um olhar especial as suas práticas corporais e expressões emotivas. O trabalho e o provimento também parecem importantes nas suas relações familiares.

3.2. Toco⁵²: o vendedor de algodão-doce

O seu nome, Toco, já pode dizer muita coisa de como se insere nos espaços: pelo seu tamanho. Tem um corpo magrinho, franzino e pequeno, *“toco de gente”*, pela sua condição financeira de pobreza, pela sua raça negra, pela sua forma de se portar em boa parte dos locais (franzino, tímido e desconfiado) – principalmente aqueles associados à Justiça. Tem 21 anos.

A escolha de Toco para participar desta pesquisa não foi premeditada, muito pelo contrário, foi uma consequência de impossibilidades de desenvolver a entrevista com outros jovens planejados que me levaram até ele.

No dia que o convidei havia ido a sua casa com uma educadora social do Programa LA, após não termos o encontrado fomos dar uma volta pela comunidade, eu já me encontrava desesperançoso dos avanços do campo naquele dia quando ele aparece com os pés enlameados até o joelho em uma bicicleta e nos aborda. Após uma breve conversa com ele, Toco se dispôs a participar das entrevistas e marcamos de nos encontrar dias depois.

Fui ao nosso primeiro encontro marcado com receios do que aconteceria. Tive a experiência de acompanhá-lo durante o LA por alguns meses, e meus contatos com ele eram quase sempre monólogos com pequenas interrupções, ele não comunicava quase nada verbalmente. Toco chegou a participar de atividades em grupo, com outros jovens do Programa, e entrava calado e saía mudo, apesar de em seu semblante transparecer um contentamento por participar das atividades e fechar suas participações com frases curtas e generalistas do tipo “foi bom”, “foi legal” ou “gostei”.

Toco foi o único dos jovens que não tivemos encontro em sua casa, eu já conhecia sua moradia do tempo do Programa em duas visitas fui onde morava – além de minha primeira investida da pesquisa. O que ele alegava de fato era verdade, o risco que eu poderia correr em ir até lá era muito grande. Além de eu entrar dentro de Salgadinho (uma favela reconhecidamente perigosa, vários jovens que cumpriam medida sócio-educativa eram de lá). Sua casa ficava em

⁵² Toco é um pseudônimo sugerido pelo próprio adolescente para ser utilizado nesta pesquisa e com o qual ele é conhecido por várias pessoas de sua comunidade.

uma área de extremo risco. Para chegar lá, após andar cerca de 1 quilômetro por entre as principais ruas de Salgadinho, a certa altura eu precisava entrar em um beco e caminhar mais uns quinhentos metros passando por várias casas e por algumas “bocas de fumo”.

Outras coisas podiam fazer com que ele não quisesse me ver lá, mostrar toda aquela “pobreza” na condição que vivia, o calor que fazia nas manhãs e tardes também era enorme, a sua mãe e seu padrasto que possivelmente estariam alcoolizadas. Enfim, um cem número de motivos poderia reforçar para nos encontrarmos na “rua”, o Centro de Convenções, há pouco mais de 1 quilometro de sua casa, na “boca” de Salgadinho, onde Toco já havia vivido muitas experiências, onde já havia praticado furtos e onde hoje trabalha e consegue boa parte de seu dinheiro. Este foi o local privilegiado em muitos de nossos encontros, além disso também nos encontramos e caminhamos pelo Parque Memorial Arcoverde, que também fica nas imediações de sua casa.

Apesar desta distância, Toco que havia pedido meu telefone, sempre me telefonava para saber quando íamos nos encontrar e confirmar horários. Após os meses de encontro mais intensos, ele ficava telefonando para mim, sempre ligava perguntando se eu havia telefonado pra ele, ao invés de dizer que estava querendo saber como eu estava, ou marcar um encontro porque havia gostado de nossas conversas, de narrar e refletir sobre sua vida, uma experiência que ele comentava ser diferente, pois no dia-a-dia não costumava pensar e conversar sobre essas coisas com quase ninguém, apenas um amigo o “pipoqueiro” (vendedor de pipocas) que morreu de enfarte durante o período de nossos encontros.

Passamos cerca de um ano nos encontrando, em nosso penúltimo encontro programado na pesquisa, Toco foi me revelando “segredos” que poderiam justificar muito de seus medos em relação ao Programa, a medida e a nossa própria relação. Estes fatos foram bons para confirmar que nós havíamos construídos uma relação de confiança, compreendia também porque suas formas distanciadas de se relacionar com o Programa e as pessoas, ao longo dos 2 anos que estive por lá. Também pude confirmar sua astúcia que parece ser uma marca muito forte em sua vida e nas suas invenções diárias para conseguir dinheiro para se alimentar e ajudar sua família.

O trabalho é central em sua vida, é uma grande referencia identitária, quando eu ligava para o telefone público à sua procura (única forma de me comunicar com ele à distância, o telefone ficava na frente do beco que dava para sua casa), eu perguntava por Toco, e as pessoas do outro lado da linha perguntavam: Do algodão? Eu confirmava e por vezes iam chamá-lo, outras vezes a reciprocidade não se mostrava tão profícua. O fato de ser vendedor de algodão-doce dava a ele uma identidade própria, as pessoas o reconheciam através de seu

trabalho, bem como ele próprio se auto-denominava vendedor de algodão. Toco dizia que já havia sido cheira-cola, já tinha roubado, e hoje era vendedor de algodão, desde há muito tempo aprendeu a vender algodão-doce de diferentes formas.

Toco diz que começou a trabalhar cedo, cerca de 9 anos de idade, com seu padrasto que era ruim, mas ele gostava dele, foi quem o ensinou seu primeiro ofício. Toco lembra que seu padrasto o colocava no carrinho de mão, junto com outras coisas e ia para a “*feira do troca*”, em Peixinhos, “fazer *rolos*”⁵³. Foi lá que Toco começou a aprender a fazer rolos e tomou gosto pela atividade, chega a comentar que “*se aviciou*” nesta atividade, ao longo de nossas conversas comentou inúmeros rolos que fez e costuma fazer quando tem algum bem que deseja passar pra frente, ou alguma coisa que deseja ter. A exemplo de bicicletas que troca com frequência e ganha dinheiro com isso.

Depois de alguns anos, quando Toco tinha cerca de 11 anos, foi expulso da casa do padrasto, após uma briga que teve com ele – tentando defender sua mãe que estava sendo agredida e iria ser furada. Toco foi morar com uma tia de consideração na Burra-nua em Peixinhos (local vizinho a Salgadinho), lá Toco aprendeu o ofício com o primo, ele era vendedor de algodão-doce. Foi quando Toco comenta suas idas com o primo para Abreu e Lima (outra cidade da Região Metropolitana do Recife), trocava o algodão-doce por panelas (e várias outras coisas como caixa de marcha, torneira, ferro de engomar etc). Ele foi “pegando as manha”, tinha inteligência e habilidade para o trabalho e começou a ir sozinho. Depois começou a vender por dinheiro nas praias, no Mirabilândia (Parque de Diversões que fica ao lado do Centro de Convenções) e nas festas que aconteciam em cidades próximas. Toco procurava retribuir o acolhimento de sua tia em sua casa, diz que sempre “*botava as coisas dentro de casa*” nos lugares por onde morou, comprava alimentos e utensílios domésticos, ajudava nas despesas do lar e ainda contribuía com dinheiro e comida para sua mãe, seu padrasto e irmãs, mesmo não morando mais com elas e ele.

As práticas corporais de Toco e seus referenciais de homens parecem caminhar para estratégias similares com a de Wil, a dimensão de provedor ocupa bastante destaque. Seu padrasto é violento nas relações familiares e amigável quando trabalha, seu corpo se expressa ora ferindo – ao agredir fisicamente, ameaçar e expulsar Toco de casa –, ora atua fortalecendo os vínculos – ao fazer recurso de bens e dinheiro nas relações familiares e no ensino do ofício para Toco, nas trocas(rolos) com outros, isto também é reiterado na sua relação com primo. As mulheres (mãe e tia) parecem acolhedoras. Notadamente vai se constituindo repertórios

⁵³ Rolo se refere a trocas informais de objetos variados entre as pessoas e grupos. Um rolo também pode ser feito com dinheiro.

emotivos e práticas corporais de homens e mulheres que também se manifestam nas divisões sexuais de trabalho e nas expressões afetivas na família e na casa.

Sua tia resolveu se mudar por conta de tiroteios que começaram a ocorrer com frequência na favela, levando-o a também estabelecer outra moradia numa casa de outra tia, classificada por ele como tia de consideração, que residia em Salgadinho, lugar onde já havia morado com a sua família de origem. Continuou seguindo este mesmo padrão na relação com esta tia, considerava que trazer “coisas” para contribuir com o provimento da casa era uma forma de retribuir o acolhimento que havia recebido e alimentar os vínculos afetivos. Toco desta forma, parece comunicar que os homens de dentro e de fora de casa (seu padrasto e os homens da comunidade envolvidos em conflitos e crimes) lhe fazem mudar de moradia e as mulheres (suas tias) os acolhem em um novo lar. Em seus relatos parece não haver sofrimentos por tais mobilidades sugerindo um repertório emotivo onde não há espaço para a dor, mas sim para a superação diante das violências dentro da família e na comunidade que interferiam em seu corpo e em sua moradia. Parece não ser por acaso que passa a entorpecer o seu corpo logo que volta a morar em Salgadinho.

Ele tinha cerca de 13 anos e começou a se envolver com drogas, a princípio fumar maconha⁵⁴, depois, loló⁵⁵ e cola⁵⁶. Sua tia descobriu que ele estava fazendo uso de drogas, com isso Toco sentiu que havia rompido com a confiança dela e optou por sair da casa. Chegou a morar com outra família e depois voltou a morar com sua mãe e irmãs. Em boa parte deste período, o jovem trabalhava durante o dia na venda de algodão e à noite fazia uso de drogas, principalmente a cola de sapateiro. Atualmente o jovem diz fazer uso moderado de loló, maconha, álcool e cigarro.

A iniciação de Toco nas drogas, bem como os momentos subseqüentes que fazia uso de maconha, loló e cola, eram geralmente acompanhados de outros homens, pares de sua comunidade, que pareciam fazer desta prática corporal algo legítimo e estimulado entre eles.

Durante o tempo que estava morando com a tia, Toco queimou um aparelho de som do companheiro dela, com isso foi responsabilizado em consertá-lo, este foi o motivo que ele argumenta ter impulsionado para iniciar sua infração, diz que não iria “se quebrar” de trabalhar

⁵⁴ É uma planta chamada cientificamente de *Cannabis sativa*. Alguns de seus efeitos físicos são os olhos avermelhados, a boca fica seca e o coração pode disparar provocando leves taquicardias. Os efeitos psíquicos são ambíguos alguns deles são: sensação de bem-estar acompanhada de calma e relaxamento, sentir-se menos fatigado, vontade de rir (hilaridade). Como também pode ser desagradável: sentir angústia, temores, tremores e suor.

⁵⁵ O loló é um composto caseiro de éter, clorofórmio e perfumes ou essências caseiras. Os dois primeiros componentes também podem ser substituídos por qualquer outro tipo de solvente para compor o loló. Geralmente produz um sensação mista de torpor e euforia.

⁵⁶ A cola de sapateiro é uma mistura de vários solventes orgânicos. Algumas de suas reações ao ser inalada são: distúrbios da visão, perda momentânea da memória e do auto-controle, confusão mental e sonolência.

para pagar o conserto e resolveu “roubar”. O jovem já havia recebido vários convites de colegas para participar de furtos, mas ele havia se negado até aquele momento, que julgou justo praticar a infração. Daí descobriu o “dinheiro fácil”, Toco comenta que “ralava” a semana inteira para pegar em R\$ 70,00 enquanto em uma hora conseguia R\$ 100,00. Neste período tinha cerca de 17 anos, começou a roubar e fazia uso freqüente de drogas, comenta que o dinheiro de roubo era só para pagar as drogas e “tirar onda” com colegas e mulheres da comunidade, durante o dia trabalhava e com o dinheiro pagava as coisas para casa.

Parece que “consertar o que havia quebrado”, nas práticas corporais e expressões emotivas de Toco, se manifestaram como o estopim para suas infrações, é significativo o fato de ter quebrado um “som” e conseguir o dinheiro através dos furtos de “sons” de carro. Aqui as práticas corporais recorrem a bens materiais para expressar as emoções seja as dores, as revoltas, as desculpas ou os prazeres momentâneos entre pares e mulheres. Além disso, os convites para infracionar já existiam e demonstravam como esta prática tinha uma recorrência e valor entre pares.

Passou cerca de um ano furtando sons de carros nas imediações de seu bairro, até que foi pego pela Polícia. Toco afirmou não ter tido efeito nenhum a medida sócio-educativa de liberdade assistida, mas ele diz que ter sido “preso”, pego pela polícia e ido à Justiça, mexeu muito com ele e fez pensar mais sobre suas infrações. Passou cerca de 30 dias no CENIP e depois cerca de 2 anos no Programa LA, durante todo este período se envolveu em poucas atividades do Programa, não se interessou em participar do Projeto Social (Agente Jovem) que foi encaminhado. Sua família também era bastante distante do Programa, ele recebeu extinção sem ter uma relação muito próxima com a medida.

Toco comenta que sua opção por não mais infracionar foi uma escolha individual sem influencias da medida sócio-educativa. Mas, também diz que gostava de conversar com sua educadora social e que sente falta. O jovem também relatou que apesar de ficar calado gostava de participar das “brincadeiras” em grupo do Programa, “saía pensando em várias coisas⁵⁷”. Com sua história mais destrinchada Toco pode comunicar que um dos fatores que influenciava a sua pequena participação nos espaços do Programa era devido à preocupação que tinha das pessoas descobrirem sua idade e poder se prejudicar, ou ainda de saber que fazia uso de drogas. Naquela época o que sabíamos era que trabalhava vendendo algodão-doce e havia se matriculado na Escola.

⁵⁷ As “brincadeiras” em grupo que Toco se refere, eram oficinas educativas que ocorriam quinzenalmente no Programa LA e geralmente tratava de temáticas de cunho social: exclusão social, drogas, preconceito racial, gênero e masculinidades, relações familiares, entre outros. As oficinas de hip-hop protagonizada por Will também aconteceu neste grupo que Toco participava.

O Programa chegou a tentar fazer uma intervenção com sua família estimulando, ou talvez exigindo, que fossem feitos os registros civis de suas irmãs, desembocando uma situação de conflito entre o Programa e o adolescente junto com sua família. Tal ação mostrou-se infrutífera, mesmo com os riscos de denunciar a família ao Conselho Tutelar por descumprir a exigência de registro civil das crianças (o que poderia se caracterizar como negligência), Toco dizia *“o problema com a justiça é meu e não da minha família”*. Esta postura demonstrava a preocupação em proteger e resguardar sua família, em especial sua mãe e seu padrasto, vez que eram os responsáveis legais pela situação. Esta posição de proteção parece ser uma prática emotiva e corporal de Toco em relação a sua família, também foi expressa em outras situações como veremos ao longo de sua história.

Toco começou a freqüentar o Colégio tardiamente e chegou até a 4ª série. Ele não gostava de estudar embora achasse importante e alegava que a necessidade de trabalhar impedia o investimento nos estudos. Suas duas irmãs (uma com 13 e outra com 10 anos) até hoje não possuem registro civil de nascimento e também não estão inseridas na escola, o que corrobora pensar não ter muita importância os estudos na família, a pequena escolaridade de sua mãe e seu padrasto também reforçam este comentário.

Depois que começou a cumprir a medida sócio-educativa em meio aberto, Toco comenta que chegou a fazer outros arrombamentos de carro, mas depois de quase ter sido pego de novo, resolveu parar, avaliou que iria se dar mal – ou morrer ou ser preso novamente, como muitos conhecidos de sua comunidade. Além disso, comenta que se comoveu ao ver uma pessoa que chegou em seu carro e o encontrou arrombado: *“o cara trabalha e trabalha para conseguir comprar as coisas, aí vai outro e rouba”*. Toco também parece ter construído esta reflexão com base na sua própria vivência, após ter conquistado algumas coisas com seu trabalho e seu irmão tê-lo roubado. Ele comenta com muita tristeza e indignação sobre esta situação, durante o primeiro de nossos encontros este tema foi central, ele chorava muito e relatava que fazia compras de refrigerantes e cervejas para vender em festas e seu irmão os roubava em sua casa.

O jovem parece não ficar sem trabalhar, está sempre fazendo algo. Além de sua trabalho principal (venda de algodão-doce), o jovem vende bebidas em eventos festivos (como comentado na história acima), corta mato de casas da vizinhança, pega caranguejos no mangue, é segurança de barracas que circundam o Centro de Convenções em épocas de grandes eventos etc.

Toco diz que é considerado no seu trabalho, que as pessoas o conhecem, o rapaz que faz o algodão o trata bem, grita com todo mundo por que apronta, mas não grita com ele porque sabe que ele respeita. Fala que seu algodão-doce é ensacado com higiene, não sopra os

plásticos e é muito gostoso. Diz que vende ele por vários preços dependendo do lugar e do horário. Diz gostar de seu trabalho. Reclama apenas das condições, fala que às vezes é barrado em vender, dá o exemplo do Mirabilândia e fala que atualmente estão proibindo dele e outros vendedores entrarem no estacionamento para vender, tendo que ficar apenas na rua, e fala que estas coisas que o revoltam e fazem pensar em fazer outras coisas, “quer trabalhar e não deixam”. Mas, Toco com sua astúcia vai “driblando” as situações, enganando vigias, negociando espaços e consegue se manter dentro do estacionamento para fazer suas vendas.

Para Toco muitas referências corporais positivas de homens está associado ao trabalho, podemos perceber isso nas suas relações que estabeleceu com outros homens ao longo de sua vida. Desta forma, seu empenho e investimento com o trabalho parece reforçar um modelo de práticas corporais e emotivas masculinas.

Com relação a sua mãe, Toco relata que ela é alcoolista, desde quando era criança, diz que ela é boa com ele “porque ela não dá em mim e nos meus irmãos”. Toco parece ser o responsável pelo provimento dela, hoje ainda mais por estar separada de seu padrasto que apesar de também ser alcoolista realizava alguns biscates e com isso conseguia algum dinheiro. Sua mãe não foi visitá-lo enquanto esteve preso e só compareceu em uma audiência quando ele a levou, o que causa um certo pesar para ele, sentindo-se um pouco abandonado. Desde criança Toco procurou ajudar materialmente sua mãe, bem como defendê-la, a exemplo da ocasião em que o padrasto a agredia. Durante o período do campo que acompanhava o dia-a-dia de Toco ele teve que socorrê-la por duas vezes, devido a crises decorrentes do uso imoderado de álcool. Nestes episódios relata a insuficiência do Estado, que apesar de chamar o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), “se fosse depender dele, ela morreria” e acabou levando ela de táxi para a Restauração.

A relação com sua mãe e as percepções que o jovem traz parece diferenciar algumas emoções e práticas corporais de homens e mulheres, bem como as expectativas em relação a tais práticas. A mãe se diferencia positivamente por não ser violenta – não agredir fisicamente – com Toco e seus/suas irmãos/as. Mas, não corresponde quando não esteve presente para apoiar e acolher o jovem em momentos de insegurança (esta mesma expectativa não acontece em relação ao seu padrasto ou qualquer outra figura masculina de sua família). Toco desde criança parece ocupar um espaço de “protetor” em relação a sua mãe, o que expressa seus sentimentos afetivos em relação a ela, através de práticas corporais, que podem fazer uso da força física, como também do dinheiro e outros bens materiais.

Toco teve pouquíssimos contatos com seu pai biológico, o conheceu quando criança – vez que foi apresentado a ele por sua mãe. Seu pai morava perto de sua casa, tinha filhos com

várias mulheres, era alcoolista e *“mexia com coisa errada”*. Ele morreu há alguns anos atrás por causa de uma briga, *“era dívida de jogo”*. Toco não teve aproximações com ele, sua fala também expressa a falta que sente em não ter convivido afetivamente com ele. Seu pai, *“à distância”*, trouxe um corpo masculino que produzia contornos emotivos e práticas expressivas associadas à violência, ao desprezo e ao distanciamento afetivo.

Toco, apesar de ter vivido situações de violência com seu padrasto, e dizer que ele é *“ruim”*, tem um respeito por ele comenta *“foi ele quem assumiu agente”* (a família). Diz que desde quando foi expulso de casa – ainda quando criança, não fala mais com o padrasto, mas compra coisas para ele em seu aniversário, fim de ano e dia dos pais e pede para suas irmãs entregarem pessoalmente, o padrasto por sua vez retribui com um recado de agradecimento. Durante este último ano, ele se separou de sua mãe, mas mora nas proximidades da casa e uma de suas irmãs (filha dele) mora com ele, tendo contatos freqüentes, mas sempre por intermédio de alguém. Apesar das experiências violentas, o jovem ainda preserva um respeito e carinho por seu padrasto, em percepção ao fato dele ter *“assumido a família”* lhe conferido tal prestígio e peso – este prestígio também parece ser construído por ser um homem adulto que se agregou a família, pois sua forma de assunção baseada em violências poderia ser compreendida de outra maneira caso o personagem tivesse outras características de gênero e geracionais. As relações afetivas entre eles (Toco e o padrasto), aparecem mediada por mulheres (as irmãs), a materialidade dos corpos não se aproxima, mas se encontram através de presentes e palavras.

Com suas irmãs o jovem transparece emoções e práticas corporais com a intenção de produzir uma relação de cuidado e atenção, expressa principalmente por não deixar faltar comida para elas e de tentar *“protegê-las”* frente a alguma situação de ameaça (como no caso da tentativa de intervenção do Programa LA). Já com seu irmão a relação apesar de também ser *“protetiva”*, as emoções e práticas corporais tornam de outras formas: Toco o salvou de risco de morte, após intervir em situações dentro de sua comunidade em que ele estava sendo espancado e com grande risco de vida, o jovem diz que liberaram-no destes episódios após uma intervenção apaziguadora sua, devido a consideração que as pessoas comunidade tem dele. Mas, Toco também têm vários conflitos com ele, comenta em que se sentiu de injustiçado (após seu irmão roubar pertences seus), já tiveram várias brigas com agressões verbais e físicas.

Atualmente seu ambiente doméstico é constituído por um barraco sem paredes (com vigas apenas nas vértices), com algumas telhas Brasilit cobrindo parcialmente o espaço e pedaços de madeira fazendo um frágil cercado, estando sob aviso de despejo (pois a dona do terreno pediu para desocuparem e deu um prazo de alguns meses, mas que vem se protelando a mais de um ano). Atualmente residem na casa o jovem, seu irmão, uma irmã e a mãe. O jovem

vive nas ruas de Salgadinho, pelo mangue, pelo Centro de Convenções, em bairros próximos ou distantes, na praia, no Parque Memorial Arcoverde etc, a casa parece servir principalmente para dormir, até em suas refeições vai a casas de pessoas próximas (geralmente compra comida e as pessoas cozinham para ele, suas irmãs, sua mãe – quando não está alcoolizada - e as/os próprias/os moradoras/es e parentes das casas).

Em nosso último contato, Toco deu uma feliz notícia de que havia comprado um pequeno terreno nas proximidades de sua casa, havia conseguido juntar R\$ 300,00 e foi o preço que pagou, ele faz planos de ir construindo a casa aos poucos.

Além das situações de violência presenciadas no seu espaço doméstico, Toco comentou várias situações em que sofreu agressões, de policiais nas ruas, bem como de seguranças em alguns espaços onde foi vender algodão e não o permitiram entrar, além de outras situações protagonizadas em sua comunidade.

Toco apesar de vivenciar várias situações violentas, de forma diversa à Will, pouco as relaciona a preconceitos ou estigmas por raça. O jovem prioriza em sua argumentação questões de classe e seu passado “ilegal” e “drogadito” para justificar tais situações de violências sofridas. Relatou sofrer preconceitos em lojas do comércio com frequência, as pessoas não o atendiam e ficavam com olhares recriminadores *“como se eu fosse cheira-cola”*, além dos seguranças que ficavam o vigiando. Na última de nossas entrevistas que aconteceu no Centro de Convenções, acabamos interrompendo após sermos perseguidos pelos seguranças do local, Toco comentou *“é que eles me conhecem, sabe que eu ficava aqui antes aperreando, cheirando cola e pedindo trocado”*.

Estas situações vividas, assim como nos relatos de Will, parecem fragilizar laços sociais, produzir emoções e repertórios corporais próprios. As infrações de Toco também parecem ilustrar a violência nas relações de classe. Após sua ida ao sistema sócio-educativo, suas experiências produzidas no cotidiano parecem nem sempre favorecer novos arranjos sociais e espaços de reconhecimento, expressos por suas experiências emotivas e práticas expressivas.

Agora iremos tratar da história de DDF. Se a dimensão de “ressocializado” não está presente nem na história de Will, nem na de Toco, com ele já é bem diferente.

3.3. DDF: O ressocializado

A primeira vez que conversei com DDF foi durante a pesquisa, apesar de ele ter cumprido medida sócio-educativa no Programa LA durante o período que trabalhei por lá, não tive contato com ele, o mais próximo que cheguei foi uma conversa rápida com sua mãe, em

uma visita que realizei em sua casa. Ele se mostrou disposto a participar da pesquisa e colaborar comigo. As referências que eu tinha dele no Programa era de ser um “caso à parte”, vitorioso, que teve muita dedicação, empenho e investimento que ocasionou o sucesso do trabalho. DDF refletia este discurso ao se apresentar como ressocializado, e dizer “eu consegui”. Sua indicação para participar da pesquisa foi dada pela psicóloga que o acompanhou no Programa e outras profissionais da equipe técnica endossaram a recomendação, após uma conversa que eu solicitava nome de adolescentes que passaram pelo Programa e foram expressivos no acompanhamento e engajamento na medida sócio-educativa.

DDF é um jovem bonito, anda bem arrumado, com cabelo e barbas bem feito, gosta de conversar, é “desenrolado”, “esperto”, “ligado”, “vai em busca do que quer”. Ele diz que sabe se portar em diversos ambientes, se relacionar bem com as pessoas, em nossas conversas ele era bastante simpático, suas narrativas eram bem objetivas retratando a sinceridade em seus comentários e depoimentos. A primeira vez que nos encontramos para a entrevista ele já me perguntou se eu gostava de “fumar um baseado” (maconha), e se sentia a vontade para falar sobre este assunto, também falava sobre trabalho, sua “recuperação”, sobre vivências de violência que teve, mas ao tratar de suas relações afetivas na família suas respostas eram objetivas e geralmente generalistas. Com o passar de nossa relação e uma maior confiança e disponibilidade, foi possível mapear melhor algumas vivências.

Nossos encontros apesar de também se estenderem por cerca de 1 ano foram mais esporádicos, não foi possível estabelecer uma sistematicidade de encontros principalmente pela sua disponibilidade de tempo, muitas vezes seus horários estavam preenchidos por trabalhos – isso fez com que alguns de nossos encontros fosse em finais de semana. Além disso, fui algumas vezes à sua casa e ele não se encontrava – geralmente justificava sua ausência pelo “esquecimento” de nosso encontro.

Nossas conversas geralmente tinham menor duração de tempo (do que com os outros jovens pesquisados), a maioria das vezes nos encontramos em sua casa. Mas também, pude acompanhá-lo até Maranguape (bairro da cidade de Paulista) na casa de um educador da FUNDAC que se conheceram na época de seu Internamento, outro encontro pudemos caminhar pelas proximidades de sua casa, ele me levou a um terreno que havia “invadido” junto com outros colegas, e, em outros dois momentos pudemos nos encontrar pelo centro do Recife, próximo a Escola onde estuda atualmente.

Ao falar da infância, a primeira lembrança que trouxe foi a de uma queda que teve dentro de uma fossa de esgoto na rua, lembra de detalhes do acidente, comenta que tinha 4 anos neste período e morava no Curado 4, teve medo de ser levado pelo esgoto e chorou muito.

Depois comentou outro episódio, de quando tinha 11 anos e já morava em Rio Doce (Olinda), estava no ônibus de madrugada voltando do trabalho com sua mãe (da festa da Pitomba em Jaboatão dos Guararapes – um município da região metropolitana), o motorista foi baleado e morto por um homem que discutiu com ele após ter sido contrariado por não entrar pela porta da frente do ônibus (o homem junto com outros trabalhadores estavam carregando grandes volumes e tinham dificuldade de entrar por trás, devido à catraca) – DDF comentou: “*esse dia eu não esqueço mais*”. Outra recordação de seus tempos de infância é a de que tinha medo de bumba meu boi e chorava quando via. DDF também fala de outro episódio que estava pegando “bigu”⁵⁸ em um ônibus com seu irmão, ele caiu e feriu a testa. Após narrar situações e fatos que podem ser interpretados como desagradáveis, ele comenta que sua infância foi boa, brincava bastante de jogar bola e pipa, “*aproveitou muito*”. A inocência, ou nas palavras de DDF “*tabacudo*”, “*donzelão*”, era uma marca desta época.

Situações de medo e violência foram destaque em sua narrativa sobre a infância, incidindo em marcas corporais – inclusive cicatrizes. Parece haver também uma delimitação das práticas corporais e das emoções daquela época, em especial o choro e o medo, que não irão compor mais sua narrativa, pelo menos explicitamente, durante a continuidade de sua vida.

Em sua infância mudou de moradia algumas vezes com sua mãe e irmão, eles moraram em bairros populares de Recife (Curado 4, Imbiribeira e Santo Amaro) e depois foram morar em Rio Doce (Olinda), onde reside atualmente. Durante o período dessas mudanças o jovem relata que a princípio viviam com boas condições financeiras, sua mãe trabalhava em uma loja no Shopping Center e possuía terrenos próprios em vários locais, mas depois que perdeu o emprego, foi vendendo a casa onde moravam, os terrenos, por fim, acabaram se mudando para Rio Doce construindo a casa que vivem hoje, o único terreno que ainda possuíam. Esta derrocada financeira parece ter sido bastante dolorosa para o jovem, fixando mais uma marca em seu corpo.

Quando ele tinha cerca de 12 anos, comenta que começou a ficar “*ligado*”, mais “*esperto*”, e saber melhor o movimento da rua, foi neste período que começou “*a jogar bola com a galera*”, seus colegas começaram a fumar maconha até que um dia resolveu experimentar, ele fumou, gostou e passou a fazer uso a partir de então. No início fumava de vez em quando, mas já aos 13 anos e meio fumava sempre. Seu irmão (3 anos mais velho) era companheiro “*nos movimentos*” da rua, só após ele iniciar um namoro (com uma “*pirráia*”) é que eles foram se distanciando. DDF comenta que enquanto ela morou junto com sua família, perdeu a privacidade (pois ela ficou no mesmo quarto dele, junto com seu irmão). Fala de um episódio com seu irmão

⁵⁸ Bigu no ônibus – pendurar-se pelo lado de fora do ônibus e ir com ele em movimento.

e ela, fumando maconha, diz que antes ela não “cabuetava⁵⁹”, e agora “quer dar de santa e rebaixar os outros”.

Aqui DDF já vai assinalando outras emoções e práticas corporais que passam a compor e serem legítimas em seu repertório. Parece constituir tais referenciais identitários masculinos no convívio entre pares e com seu irmão. De “tabacudo” e “donzelo” para “esperto” para “ligado”, assim também anuncia uma certa rigidez corporal, trocando repertórios e não somando, na diversidade das expressões de suas emoções. As drogas e o espaço da rua parecem campos de comunhão e relações de troca entre os homens onde suas expressões emotivas e corporais são delimitadas.

Próximo ao aniversário de 15 anos, DDF comenta que resolveu “botar sua primeira parada” (realizar seu primeiro roubo), seu motivo anunciado era porque estava “liso” querendo muito ter dinheiro para curtir as festas (seu próprio aniversário e as festas juninas que se aproximavam). Junto com colegas da comunidade, foram roubar um carro, sua função era de ser o motorista já que sabia dirigir (tinha aprendido com o carro de sua mãe, um Passat antigo). Andaram por vários bairros, até chegar num local conhecido como Praça da Maconha, quando avistaram uma mulher estacionando seu carro, abordaram-na e levaram seu carro e pertences pessoais. Além de terem conseguido roubar o carro, na bolsa da mulher tinham jóias o que rendeu uma boa cifra, dividiram o lucro entre os participantes, ele ficou com R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais). O jovem curtiu as festividades, “deu pra passar meu aniversário e o São João bombado”. Logo em seguida (12 dias após a infração) foi “preso” pela polícia, o irmão de um dos colegas que participaram da infração o denunciou.

A infração se legitima enquanto prática emotiva e corporal. É significativo o desejo pelo dinheiro, já que uma de suas marcas da infância foi a perda dele. Além disso, dentro de uma delimitação de repertórios corporais expressivos, o dinheiro favoreceu uma ampliação dessas práticas (principalmente entre pares e mulheres) em um momento significativo emocionalmente para DDF, seu aniversário e as comemorações juninas.

DDF ao ser preso foi para o CENIP e em seguida para o Centro de Atendimento Sócio-Educativo (CASE) de Paratibe, ele comenta sobre sua passagem por estas instituições:

No CENIP é só tranca, o cara não tem direito a nada, nem a ventilador, tv, nada. Aí fui pras audiências tudinho e fui condenado, fui lá pra Paratibe, de 3 meses à três anos. O meu relatório descia de 3 em 3 meses, o primeiro relatório não pediram nada, o segundo não pediram nada, o terceiro já pediram alguma coisa e a Juíza negou, no quarto ela mandou.

⁵⁹ Contar para outras pessoas e grupos de quem se deseja manter segredo.

Ele diz que os primeiros meses no CASE foram mais complicados, se envolveu em algumas brigas argumentando que tinha que se defender. O jovem diz: *“lá dentro os outros querem testar, saber qual é a sua e tentam montar em cima, fazer de mulherzinha ... se vê que colou e amoleceu, os outros montam”*. DDF ilustra que começam roubando suas roupas, comidas e pertences pessoais, se não brigar eles começam a querer mais e fala de episódios de homens que são violentados sexualmente, ou que são alvo de violência constante por não terem uma reação agressiva a altura do esperado. DDF afirma *“tem que ser homem”* para ser considerado e ter algum respeito nas relações com os outros *“presos”*:

Eu brigava que só o caralho lá dentro, tá ligado?, os caras queriam me tirar como otário, o pau quebrava mesmo. Ficava de castigo, os três primeiros meses que eu cheguei, foi só pau, só briga, ainda levei uma furada aqui (mostra uma cicatriz no braço), de um xuxo. Aí o monitor levou ele lá pra frente, quando ele voltou eu dei um pau do caralho nele. Depois a galera tirou ele, ele furou um tarado lá na frente, tentou matar, porque tarado é foda, tarado fica separado da bandidagem, é vacilo. Tarado é quem mata a mãe, tá ligado?

Estes primeiros meses de *“(in)disciplina”*, por brigar, se ferir e ter castigos por tais atos legitimam seu corpo masculino, bem como suas práticas expressivas através do exercício da violência física e da abnegação da dor. Após este período de uma espécie de provação de seu corpo, DDF começou a participar de atividades educativas oficiais da instituição, fez aulas de música, aprendeu a tocar flauta e saxofone – e praticar outras expressões emotivas. Sobre este período comenta: *“Foi ruim por que estava preso, mas foi bom por uma parte que aprendia música lá dentro, trabalhava na Rádio Jornal, passei um ano e um mês. Aí ia pra Conservatório de Música, ia pra colégio externo”*.

DDF começou tocando flauta, quando ficou bom passou a estudar saxofone e foi para o Conservatório. Ele também ia pra passeios e comenta: *“Não podia reclamar por causa disso, mas tava preso e gostava de minha liberdade e não podia sair”*. Além disso, retomou os estudos e foi encaminhado ao final de sua Internação para um curso profissionalizante no Projeto Estação Futuro. O jovem acha que foi muito importante este período, e diz: *“eu fui errado na minha infância, fui errado, fiz uma parada errada, fui lá pra dentro, mas foi um mal que me trouxe o bem, por que lá dentro aprendi música, fui pra um colégio fora... ”*. Após um período de enrijecimento expressivo (na linguagem da violência), parece que outras práticas corporais são estimuladas na instituição, a música é destaque na história do jovem. Com cerca de 1 ano de internamento a Juíza sentenciou uma progressão de medida sócio-educativa, sendo encaminhado para o Programa LA, cumprir a liberdade assistida.

Durante este período, também ingressou na Estação Futuro fez vários cursos profissionalizantes e fez estágios na Secretaria de Desenvolvimento Social e na Vice-Governadoria do Estado, DDF fala. *“Fiz um curso de informática na Estação, sou técnico em manutenção de micro e já tenho uma boa profissão”*. Ele também se alistou no exército, tinha interesse de ficar, mas não ficou, mostra seu CAM (Comprovante de Alistamento Militar) e mostra um carimbo no qual havia escrito *“Problema Social”*, ficando *“cabrero⁶⁰”* com a busca de empregos futuros, *“problema social é bronca é problema com a sociedade”*. Ele acredita que estes fato aconteceu porque pessoas do exército perguntaram sobre sua trajetória e ele informou que havia passado pela FUNDAC.

Aproximadamente por dois anos DDF foi acompanhado no Programa LA, em muitos momentos sofreu suspeitas de envolvimento em outras infrações, além de ser um usuário frequente de maconha (este era o ponto de vista das pessoas que o acompanhavam). Mas, no relato dele, comenta que teve *“altos e baixos”* com recaídas sempre associadas ao seu uso de maconha, que pareciam lhe incomodar discursivamente. Ao longo de nossos encontros, pelo menos em três momentos diferentes, DDF anunciou que tinha parado de fumar maconha usando uma mesma frase: *“Faz uma semana, mas pra quem fuma sempre, todo o dia, uma semana é muito. Eu vou parar”*. Muitas vezes estes comentários vinham seguidos de apelos para rever sua relação com a maconha, proferido por mulheres que convivem com ele (sua mãe e/ou sua companheira).

Ainda durante este período que esteve no Programa, ele foi reinternado, passou 3 meses no CASE Cabo, após ter sido ameaço por policiais militares que suspeitavam de seu envolvimento na morte de um Sargento, apesar dele ter negado qualquer envolvimento, atribuindo a suspeita à sua vida pregressa. Após estes acontecimentos e seu regresso ao LA, foi baleado quando estava num local no Centro de Recife conhecido como *“Beco da Fome”*. Segundo seu relato, estava passando por lá quando começou uma briga, uma das pessoas envolvidas na confusão puxou uma arma e atirou, este tiro pegou nele, afirmando ter sido uma bala perdida. Chegou a ficar internado no Hospital da Restauração e em seguida foi liberado.

Sobre o LA, DDF comenta:

Passei quase dois anos lá, foi uma melhoria pra mim, a galera me ajudou, sempre me dando apoio. As vezes eu tava virando mesmo a galera me chamava e conversava, ali acontece a real tá ligado, na moral mesmo. Agora só acontece se o cara quiser alguma coisa, se o cara que o bem o cara tem que procurar o bem. Mas se o cara não quiser vai dizer que é ruim porque pega no pé, tá ligado. Mas é bom meu irmão por que pega no pé

⁶⁰ Preocupado, desconfiado.

para a melhoria, a socialização do cara, tá ligado? Tenho nada que fala do LA não, LA tudo ok ... viram que meu desenvolvimento não tava bom, mas depois viram meu desenvolvimento. Foi legal, foi bem deu pra me ressocializar bem, tá ligado. Se fosse antes eu teria saído na maligna de novo, na mão do inimigo, porque o cara faz não com a vontade de Deus, com a vontade do inimigo. Só escorregava na droga durante o LA, era massa⁶¹, era direto, só a massa, só a massa. Agora que de vez em quando dou um pega e tá limpeza, não é rock só leva o cara pra baixo, o lance é o cara se esticar pra cima.

O jovem valora positivamente o Programa, atribui sua “ressocialização” a ajuda e orientação das pessoas que o acompanharam. Seu discurso parece construir uma lógica binária rígida entre certo e errado, bem e mal, que pode também inferir sobre sua sensação de ser ressocializado. Este modo de narrar as experiências também acompanha seus comentários sobre as emoções e suas práticas corporais. Com relação à extinção da medida no LA, ele comenta:

Foi legal, foi um ato de maturidade, tá ligado. O pessoal vendo o desenvolvimento do cara, que o cara tá bom, tá apto a ir pra comunidade com ninguém atrás, correndo atrás porque isso, porque aquilo, acho que é uma forma de responsabilizar a responsabilidade do cara. Tipo um presente, ganhou um presente por causa do desenvolvimento do cara, a responsabilidade que o cara teve durante o decorrer do processo do LA. Mas sempre tem alguém acompanhando, visitando. Foi legal, foi bastante legal, eu não via a hora de não dá satisfação a ninguém só a minha mãe mesmo. Viver a vida tocando sax, dando aula de computação, só relax, na manha ... Agora eu sou um cidadão, como toda outra pessoa do mundo, sou um cidadão, e meu nome agora é juízo e responsabilidade, tá ligado. Voltando ao trabalho, estudar, sou um profissional mexo com informática, computador, e bola pra frente. Eu queria ter enxergado isso antes de cometer o ato infracional, mas agora não dá pra voltar atrás.

Sua narrativa parece reforçar o discurso institucional do certo e errado. Contudo, esta retidão corporal não se processa no cotidiano de sua vida, um exemplo disso é o uso de drogas, que pode por em cheque esta dimensão de juízo e responsabilidade. Mas, é neste ideal que o jovem procura moldar suas emoções e seu corpo, por mais que suas expressões e vivências questionem rotineiramente esta posição.

Fala de sua relação no LA lembrando o nome de várias profissionais, todas mulheres, em seguida comenta algumas percepções:

Foi tudo ótimo, tudo legal, não teve nenhum constrangimento, sempre com carinho, cuidado com o cara, o trabalho perfeito, o cara só não se

⁶¹ Maconha

ressocializa se não quiser, tá ligado. Tudo nesta vida só basta o cara querer, se o cara quiser uma coisa na vida o cara tem querer, querer e trabalhar pra ter, não é chegar e vou roubar e pá. Porque eu era muito imaturo quando eu fiz meu ato infracional, tá ligado, agora não, sou um cara cabeça. Vamos dizer especificamente eu tava na dúvida qual era o caminho certo e o caminho ruim, eu acabei indo no caminho ruim, o errado. A galera diz pau que nasce torto nunca se endireita, se endireita se quiser velho, tá ligado, só basta você querer que você consegue se endireitar. Fiz errado mas hoje em dia tô fazendo certo, vou continuar fazendo certo ... todo mundo abria meus olhos, minha mãe, elas (do Programa), tudo era no convívio geral. Aí eu fui vendo que não era isso, que não é assim, se quiser ter algo tem que ser por trabalho e tal, minha prima é um exemplo, estudou e trabalhou hoje vive bombada. Se eles conseguiram porque eu não posso conseguir, só basta eu querer, aí fui e corri atrás de minhas melhoras, ano passado passei de ano na escola por média, este ano também vou passar, ano que vem também.

O jovem traz emoções e práticas corporais de mulheres associadas ao carinho e cuidado. Em contrapartida, ao comentar suas emoções e práticas, traz o trabalho e os estudos como alternativa emotiva às infrações para suas buscas de vida.

Sua mãe também parece produzir uma grande influência em seus repertórios emotivos e corporais. Segundo DDF ela foi responsável por toda a sua criação, ela já tem sofrido muito com seu irmão, que está preso há 3 anos. Ele não quer mais ver sua mãe sofrer: *“de vez em quando ela merece uma felicidade, por isso que parei com estas ondas, tô liso, tem mais que mete a cara nos estudos mesmo, ela não merece sofrer”*.

Seu relacionamento afetivo com sua companheira também foi relatado como importante para sair das infrações, esteve casado por mais de um ano, *“por causa dela eu me consertei muito, tá ligado. Meu irmão eu solteiro, liso e solteiro ainda mais, eu ia fazer merda pra ganhar dinheiro”*.

Na percepção de DDF, as mulheres da família parecem motivá-lo a não se envolver com infrações. As práticas corporais e emotivas do jovem são envolvidas e influenciadas pelas práticas de sua companheira e mãe, reconhecendo nas mulheres a dor, o sofrimento e o cuidado que parece escapar do seu corpo.

DDF tem atualmente 19 anos, e mora com sua mãe. Durante o período que eu o entrevistava ele foi construindo um quarto no fundo da casa de sua mãe para ficar mais a vontade com sua esposa (que estava grávida prestes a se mudar para lá), pois a moradia era pequena tinha apenas cozinha, banheiro e um quarto, com divisórias de pano. O jovem também deseja reformar a casa de sua mãe se referindo a condição precária da moradia (boa parte da casa estava sem acabamento, os tijolos estavam expostos, tinha pouco espaço e com poucos utensílios domésticos, e estes em condições precárias), comenta com pesar *“minha mãe viveu a vida toda pra construir isso aqui!”*.

Sua mãe sempre foi responsável pelo provimento financeiro da família. Ele e seu irmão ajudavam sua mãe em alguns trabalhos (principalmente quando passou a fazer trabalhos informais com venda de bebidas em festas), com menor responsabilidade, sem a obrigação de estarem presentes todos os dias. Além disso, recebiam algum trocado por este trabalho para gastos pessoais. Até hoje DDF participa esporadicamente do trabalho com sua mãe. O jovem tem grande admiração, respeito e carinho, comenta que ela pode fazer tudo com ele, inclusive agredir fisicamente se ela achar que ele merece. Ele relata como exemplo “*um pau*” que levou de sua mãe, após ela o pegar fumando maconha.

Podemos observar que a mãe de DDF parece ter algumas práticas corporais diferentes das outras mães (de Will e Toco) comentadas. O espaço de principal provedora financeira, bem como o exercício da agressão física, são estratégias emotivas também utilizadas por seu corpo. Mas, alguns valores e emoções parecem estar bastante vinculados de forma similar aos diferentes corpos das mães a exemplo do carinho, amor, cuidado e dor.

Sobre seu pai, DDF relata certo distanciamento, retrata-o como um cara “*comédia*”, que não deve ser levado a sério.

Meu pai nunca ligou com a gente, separou da minha mãe quando eu tinha cerca de 1 ano. Eu o conheço, mas não tem moral sobre mim não, não criou, nunca ligou pra mim, por que ele vai ter moral ... não conto com ele pra nada, depois que eu tinha 12 anos que voltei a ver meu pai ... fui lá já faz uns 3 meses, meu pai não serve pra nada mesmo, o cara vai lá e tem que pagar brita pra ele. Mas quando ele tem, não tem frescura não. Ôxe meu irmão, fumo e bebo na frete dele, vai falar o quê? ... Eu passei um ano e um mês preso e ele só foi me visitar uma vez, no dia do meu aniversário. Eu cobreí, venha mesmo porque se não nunca mais vou olhar pra sua cara, mais a coroa tava lá toda a semana. Falo com meu pai sobre trabalho, quando to trabalhando, quando ele ganha no bicho ele me dá R\$10 conto. Ele ganha R\$450 pau e me dá só R\$10 conto, o cara fica olhando assim, dá vontade de dá um pau e tomar o dinheiro, é de rochedo mesmo, olha praí que bicho safado, ta ligado. E quando o cara discute com ele e fala: Dê em mim e pá! Fica falando estas onda, óh o coroa. Eu não tenho nada contra ele não, gosto dele ta ligado, de ser meu pai ... Eu não gosto dele é ser um cabra safado que faz os filhos e não se garante, deixou a coroa se fudendo sozinha.

Parece não ter havido uma atitude ativa do pai dele em querer se aproximar, fortalecer os vínculos que logo cedo foram distanciados. DDF acha que pode ter feito falta à presença de um pai quando houve seu envolvimento com infrações, “*mãe é só amor, carinho, afeto, pai é mais “bá”, mais rigoroso, ta ligado*”.

Podemos perceber fortes distinções das práticas emotivas e corporais masculinas, apesar de DDF ter mais proximidade de seu pai, do que os outros jovens, parece que algumas

marcas se permanecem. As relações emotivas corporais continuam distantes, sendo expressas majoritariamente – em positividade ou negatividade - por bens materiais (a exemplo do dinheiro e da bebida). As expressões agressivas e violentas também parecem permanecer, alimentadas aqui por um rancor.

Em dois momentos ao longo de nossos encontros DDF direcionou sua fala para seu relacionamento com sua companheira, nesta época permanecia grávida. Apesar de estarem construindo um lugar para o casal e com expectativas em relação ao filho, ele dizia que a relação não estava muito boa e iria se separar. Em um destes momentos ele relatou que havia tido uma briga com sua companheira, com agressões físicas de ambas as partes. Em nosso último contato, após o nascimento do bebê, ele me comunicou que haviam se separado, sem entrar em detalhes, relatou que não deu certo e que ela tinha aprontado com ele.

Durante as conversas que tive com DDF, principalmente quando sua companheira estava grávida, ele tinham uma grande expectativa em relação ao seu filho e comentava que nunca iria repetir os “erros” de seu pai. Contudo, me parece que há uma forte tendência no jovem em reificar algumas práticas emotivas e corporais masculinas que seu pai também as referencia.

Atualmente o jovem interrompeu seus planos de construir sua família com sua esposa e o filho, que o tratava com entusiasmo. DDF tem um terreno comprado próximo à casa de sua mãe e chegou a “invadir” outro terreno também nas imediações da comunidade, lá conquistou um lote para si e pretende construir futuramente sua casa. O jovem está trabalhando com contratos temporários de prestação de serviço em manutenção de micro computadores. Além disso, está fazendo o Projovem⁶², encerrou o supletivo de 7ª e 8ª séries – do 1º grau, já tem planos para concluir o segundo grau e fazer faculdade em Informática ou Administração. DDF relata o sonho que tem de ter um carro modelo “Astra”, conquistado pelo seu esforço e empenho no trabalho e nos estudos. Este carro seria uma espécie de confirmação de sua ressocialização, de “*ter se dado de bem*”.

DDF não comenta ter vivido qualquer tipo de preconceito racial. Em sua vida parece ter tido menos privações materiais do que Will ou Toco, contudo teve marcas significativas ao se aproximar da pobreza após a derrocada financeira da família. Também são marcantes as experiências de violência vividas ao longo de sua trajetória, muitas delas ocorridas durante o período que cumpria Medidas Sócio-Educativas (a exemplo das ameaças policiais, da bala perdida e do estigma no Exército). As emoções e práticas corporais masculinas privilegiadas em

⁶² Programa do Governo Federal de elevação da escolaridade de jovens pobres que confere uma renda de apoio e garante uma profissionalização técnica para eles.

seu repertório se aproximam das referências dos outros jovens, as agressões são frequentes, as dores e sofrimentos privilegiados nos corpos femininos. Ademais os bens materiais, em especial o dinheiro e as drogas, parecem manter um espaço privilegiado de seus corpos, sendo recurso para expressões emotivas.

Agora vamos para a história de Dinho, este homem jovem parece ter percursos mais contrastante com as experiências dos outros homens jovens da pesquisa.

3.4. Dinho⁶³ : Infrator?

Dinho foi um jovem que eu não havia planejado para participar da pesquisa e como no caso de Toco, acabei em sua busca por não ter conseguido realizar o campo com outros jovens. Ele tem uma característica diferente dos outros jovens em relação a sua extinção da medida sócio-educativa, ocorreu compulsoriamente quando ele completou 21 anos e não foi por algum mérito ou engajamento na medida. Contudo, também é verdade que ele nunca deu alguns “trabalhos” que outros jovens davam, a exemplo de estar exposto a situações de risco de vida, suspeita de reincidir nas infrações ou fazendo uso imoderado de drogas.

É um jovem de 22 anos, que passa uma imagem retraída e pouco ativa, tem uma tímida simpatia. Eu o conheci ainda no período que trabalhava no Programa LA, havia feito algumas visitas à sua casa e cheguei a convidá-lo para participar de uma atividade em grupo com os jovens do Programa, ele participou apenas de um encontro, apesar de manifestar ter gostado nunca mais compareceu a outra atividade em grupo.

A “fama” de Dinho no Programa era de um jovem apático, desmotivado, sem ter um projeto de vida, contido. Eu ouvia comentários que ele havia sido violentado dentro da FUNDAC, passou por sérios problemas de saúde, teve depressão, mas não sabia muito bem como era isso para ele. Eu tinha bastante receio de até aonde iríamos com nossas conversas, apesar dele aceitar prontamente em participar da pesquisa, em nossos dois primeiros encontros ele trouxe poucos comentários sobre suas experiências – não se dispondo a falar sobre seu ato infracional e sobre seu período na FUNDAC.

Mais um fato diferente nesta relação com Dinho aconteceu quando sua mãe soube da pesquisa, ela me procurou preocupada querendo informações do que se tratava, alegando não ter entendido o que seu filho lhe dissera, ao fim de nossa conversa mais tranquilizada sobre a pesquisa e me reconhecendo (lembrando de visitas e conversas anteriores que tivemos) me autorizou fazer a pesquisa, mesmo sem eu ter pedido sua permissão.

⁶³ O nome Dinho e o de sua mãe (Maria) são fictícios e não tem nenhuma relação com o seu verdadeiro nome.

D.Maria, ao longo da pesquisa, teve uma presença constante, por vezes querendo saber sobre nossas conversas e por vezes querendo conversar sobre a história de Dinho e de sua família, diferente dos outros jovens, havia uma mãe participando intensamente da pesquisa, demonstrando uma enorme preocupação com seu filho e mostrando um espaço que ocupa em sua vida, que marcadamente foi se afirmando ao longo de minhas conversas com Dinho, quando dizia não saber de certos assuntos de sua vida e me orientava a perguntar para sua mãe, o que fez com que partes do conteúdo de sua trajetória seja narrado por ela.

Os encontros com Dinho e com sua mãe foram sempre em sua casa, algumas vezes conversamos na sala, outras no terraço próximo à rua. Quando chegava lá, ele freqüentemente estava sem camisa, sentado ou deitado no sofá diante da TV. O tom de sua narrativa acompanhava seu modo ser, por vezes apática, embotada, pouco expressiva, velada, neste sentido bastante diferente das narrativas enfáticas, vibrantes e objetivas de Will e Derick.

Até aproximadamente 2 anos de idade, Dinho morou com sua avó e tia materna em Jardim Brasil, não traz lembranças de nenhum fato desta época apenas relata que sua infância foi boa e não morou com sua mãe este período porque ela estava desempregada e sem condições de sustentá-lo, logo que sua mãe voltou a trabalhar pegou-o novamente – nesta época D.Maria já estava morando em Águas Compridas e tinha um companheiro, que posteriormente teve 2 filhos com D.Maria (irmão e irmã de Dinho). A forma como o jovem comenta a relação de sua mãe com o companheiro é bem significativa e semelhante à de Toco: *“ele assumiu ela”*.

Dinho só vivia dentro de casa, não saía muito pra rua, sua mãe ia trabalhar e não o permitia sair. D. Maria comentou que neste período Dinho sofreu um acidente, uma bicicleta bateu nele e teve uma ferida na cabeça, chegou a levar pontos e fez uma cicatriz, isto motivou a deixá-lo só dentro de casa, tinha medo que alguma coisa acontecesse com ele. Segundo ela seu companheiro comentava que *“ia criar um frango”* por ele viver dentro de casa e desde cedo ajudar sua avó e sua mãe nos trabalhos domésticos. Dinho varria e arrumava a casa, cuidava da cozinha, da sala e dos quartos. Estas práticas corporais e emotivas desenvolvidas no espaço da casa destoavam de práticas normativas masculinas, sendo alvo de críticas homofóbicas do companheiro de sua mãe.

Dinho começou a ir à escola logo cedo, fala que sempre *“gaseava”* aula para ficar com as meninas (tinham muitas amigas e namoradas), *“ia pro colégio só na intenção de fica com as meninas mesmo”*. Aqui sua postura parecia contrariar com suas expressões de timidez. Ele comenta que começava o ano bem, quando estava na metade *“apagava, parava”* deixava de ir às aulas, desde os 10 anos de idade. Reprovou a 3ª série durante 3 anos seguidos, diz que tem

uma cabeça boa para memorizar e calcular mas até hoje tem preguiça de estudar. A irmã e o irmão de Dinho estudavam no mesmo colégio e quando o viam “gaseando”⁶⁴ avisavam a sua mãe que batia e dava castigos.

O jovem comenta sobre uma confusão que teve com outro estudante, acabou levando uma “pisa” da mãe na frente de todos os colegas – tinha 13 anos. Um menino pegou seu caderno e jogou longe, ele pegou o caderno do menino e fez a mesma coisa, a professora ao ver o ocorrido reclamou com os dois, mas Dinho respondeu a ela culpando o colega. Com isso, ele levou uma advertência que não mostrou à sua mãe, por isso o suspenderam do colégio e convocaram D.Maria para a Escola, com medo da reação dela, Dinho não a informou novamente. Após uma semana “gaseando” aula e evitando ser interpelado sobre sua mãe, uma funcionária do colégio avisou a ela. D.Maria que chegou furiosa, aí “*deu uma pisa na sala de aula na frente de todo mundo*” e quando chegou em casa apanhou ainda mais. Dinho ficou com muita vergonha sem querer voltar para a sala, mas acabou indo – comenta que depois de um tempo fizeram um abaixo assinado para tirar a professora do colégio e ela saiu. Até hoje ainda tem alguns colegas que se lembram deste episódio.

No espaço da escola, local privilegiado para Dinho falar de suas experiências na adolescência – diferentes dos outros jovens da pesquisa -, ele parece ter práticas corporais mais próximas dos outros jovens a insubordinação e a agressão parecem caminhar com suas narrativas, além disso as preocupações homofóbicas de seu padrasto parecem ser apaziguadas com a justificativa de Dinho para gazejar as aulas “namorar com mulheres”. Sua mãe e a professora ocupam práticas corporais mais violentas do que as outras mulheres até aqui retratadas, a agressão física, a punição e a exposição pública fazem parte de suas expressões emotivas e corporais.

Dinho fala um pouco mais sobre as meninas que paquerava, diz que elas eram “fogosas” e matava a aula para ficar namorando e às vezes apenas conversando, namorou várias colegas do colégio, até hoje mantém amizade com algumas delas que o convidam e cobram para ir ao colégio se encontrar com elas ou ir para a rua delas: “*nunca mais veio aqui, depois que terminou o namoro com Paula não vem mais ver agente?*” Dinho até hoje frequenta as portas de colégios. O jovem fez boas e duradouras amizades com mulheres, o que não parece ter acontecido com os outros homens jovens.

Sobre os namoros, Dinho diz que na época que trabalhou em um bar conheceu “uma menina”, começou a namorar e moraram junto durante uns seis meses, ela depois o deixou e foi morar com a mãe dela. Em seguida, ela começou a namorar outro cara, uns três meses depois

⁶⁴ Não ir as aulas; escapar do colégio; fazer outras coisas durante o horário das atividades escolares.

se encontrou com D.Maria dizendo que estava grávida de um filho que era de Dinho. Ela não acreditou e esperaram o filho nascer, queriam fazer exame para confirmar, mas quando nasceu o bebê tinha a “cara e a careta” de Dinho. Pegaram para cuidar, Dinho diz que é muito apegado a ele, é o responsável pelos cuidados, ele é quem dá banho, dá comida, leva à escola etc. Seu filho tem hoje 3 anos, diz que ele só quer estar o dia todinho na rua. A mãe da criança está casada com outra pessoa e já tem outro filho, ela mora perto, mas raramente vai visitá-lo. Aqui Dinho também manifesta uma prática corporal adversa dos outros homens jovens, sendo responsável pelos cuidados diários de seu filho. E, seguindo seus comentários também parece haver uma inversão com a mãe da criança, que se distancia do filho e não demonstra interesses nem proximidade com a criança. O jovem anuncia outras práticas corporais e emotivas masculinas.

Sobre o ato infracional, Dinho comenta:

Isso aí foi um negócio que aconteceu, a mulher do meu tio não se dá comigo, não gosta de mim, aí queria só um pezinho pra fazer de tudo pra..., eu tive uma discussão com minha prima, briguei com minha prima, aí agente discutiu, ela veio dá em mim, aí eu dei nela, aí ela ficou chorando aí, aí de um rolo, ela deu parte de mim, inventou altas coisas de mim, chegou a espalhar pra rua aí, falando que eu era ladrão, que eu era isso e aquilo, aí meu tio também é outro seboso, ela ficou fazendo a cabeça do meu tio, meu tio acreditou nela, aí aconteceu, mas eu não to nem aí pra ela [...] porque ela (a prima) veio em casa aí eu ofendi muito a mãe dela, e aí a mãe dela foi dizer que a bola caiu lá atrás, aí pulei pra pegar e foi dizer que eu tava roubando atrás: Esses maconheiro safado fica pulando aqui no muro – se referindo a mim. Ai eu mandei se lascar.

O jovem também relata que até hoje sua tia ainda passa por ele agredindo-o, “*soltando umas gracinhas*”. Dinho diz que Deus é justo e que seu tio “*pegou ela botando gaia, aí ele arriou-lhe a madeira, deu um pau nela, e hoje são separados*”..

Ele comenta que se a juíza acredita que ele fez alguma coisa de errado ele já pagou. Errar errou, mas diz: “*eu sou mais eu, vô ficar por baixo dos outro é?*”. Chegou a pensar em responder a sua tia com agressão após ter sido preso, “*ia fazer besteira ... quando sair daqui (da FUNDAC) eu mato essa miserável*”, mas depois desistiu “*não vale a pena*”.

Ele teve muita dificuldade de falar sobre sua infração e ao questionar um pouco mais de detalhes, bem como questioná-lo sobre como foi sua sentença e percurso no sistema sócio-educativo ele comenta que sua mãe poderia lhe responder melhor.

Em um dos encontros que tive com D.Maria ela me mostrou uma pasta cheia de documentos. O primeiro deles foi o seu Boletim de Ocorrência (B.O.) de um estupro que havia

sofrido na sua própria casa – de madrugada dois homens invadiram sua casa, violentaram sexualmente, a obrigaram a cozinhar para eles e ainda roubaram pertences seus. Ela comenta que Dinho nesta noite estava em casa supostamente “dormindo”, mas foi encontrado na manhã do dia seguinte *“embaixo de sua cama com medo”*.

D. Maria comenta que demorou para se recuperar e 2 anos depois do ocorrido, Dinho foi acusado de estupro. Ela mostra outros documentos da pasta, o B.O. que a esposa de seu irmão fez junto com a filha de 10 anos (este documento se referia ao mesmo episódio narrado por Dinho sobre sua infração, contudo com versões bem diferentes). Dinho nesta época tinha 14 anos, a ocorrência dizia que ele havia pegado sua prima dentro de casa, levado para o quarto na cama, tirado suas roupas e se esfregado. Outro documento que D. Maria mostrou era o exame do Instituto Médico Legal de corpo delito da prima de Dinho que constatava não ter havido nenhum tipo de violência física e/ou penetração no corpo, mas ela comenta que este laudo não teve muita interferência no encaminhamento dele para as Medidas Sócio-Educativas. O jovem foi sentenciado para o cumprimento de internação no CASE (Centro de Atendimento Sócio-Educativo) em Paratibe como *“estuprador”*.

Se Dinho comentou que não “iria ficar por baixo” me parece que tanto para a sua história quanto para esta faz algum sentido na sua infração praticada, seu corpo não ficou por baixo apesar de haver dúvidas quando a real intensidade de sua agressão. Diferente dos outros jovens, a infração de Dinho se dá espaço familiar, mas parece significativo ao pensar que boa parte de suas vivências, em contraposição a dos outros jovens, se deu no âmbito doméstico e familiar, para se tornar público.

D. Marta comenta que Dinho nunca fala sobre o tempo que ficou em Paratibe, não dizia nada quando ia visitá-lo, se lembra apenas dos pedidos que ele fazia para tirá-lo de lá. Quando conversava com os funcionários sempre diziam que ele era calmo, na dele. D. Maria lembra que Dinho só queria dormir durante o dia, não se interessava pelas atividades de lá e à noite ficava acordado, pois *“os meninos abusavam com ele”*. Em um dos documentos da pasta havia um parecer de técnicos da FUNDAC onde falava sobre *“ameaças de ser molestado por adolescentes mais velhos”*. Dinho comentou em um de nossos encontros que, até hoje, quando vê matérias da FUNDAC, se lembra do tempo que ficou preso, se emociona, chora e não gosta de ficar lembrando do que aconteceu com ele.

As práticas corporais do jovem e sua idade tenra parecem ter dificultado sua adaptação na FUNDAC. Com vista aos comentários feitos anteriormente por DDF sobre como as relações entre corpos masculinos se davam através da violência e agressões, práticas que aparentemente não faziam parte do repertório de Dinho. Ele parecia ter uma habilidade maior

nas relações com mulheres (mãe, avó, amigas etc) pela quantidade episódios narrados por ele que envolviam figuras femininas. Assim, a linguagem de seu corpo e de suas emoções não favoreceu relações de trocas amistosas entre pares e nem garantiu sua defesa, pelo contrário, as relações violentas parecem ter sido constantes durante o período que esteve internado.

Logo após ser liberado da Internação, Dinho teve um rápido adoecimento e foi hospitalizado na Restauração, D. Maria fala das dificuldades que teve para conseguir um tratamento adequado, ele foi mal-examinado, tinha 14 anos e não podia ter acompanhante e sua doença foi se agravando até quase a morte. Teve que mentir sobre a idade de seu filho e reclamar muito até que fosse dada a devida atenção ao caso. Dinho ficou internado no hospital por 15 dias, fez quatro cirurgias de apêndice, chegou a ficar em coma. D. Maria comenta que a médica falou que ele sofreu fortes pancadas no estômago para estar naquele estado, além de estar numa constante tensão. A equipe médica chegou a suspeitar que D. Maria maltratava seu filho, pois ela resolveu não comentar sobre a sua internação na FUNDAC. Dinho ficou com uma cicatriz que marca sua barriga do umbigo à pelve. Só houve espaço para dor e sofrimento em seu corpo após sair da internação e quando já estava bastante grave sua debilidade física.

D. Maria diz que Dinho nunca comentou nada sobre ter sido molestado, ela por sua vez nunca perguntou diretamente a ele, tem medo. Após este período Dinho foi para o CASEM (Semi-liberdade), uma vez chegando de lá escreveu na parede de casa “*Dinho dá o cú*”, ela ficou muito preocupada e procurou conversar com ele. Depois de um tempo foi encaminhado para o LA, ele teve depressão durante um período e chegou a fazer uso de medicamentos. Diferente dos outros jovens, ele tem um adoecimento que manifesta um processo corporal e emotivo de sofrimento e dor, contudo é pouco colaborativo e disponível com o tratamento não o reconhecendo como uma alternativa em sua “ressocialização”.

D. Maria fala que Dinho só conheceu seu pai biológico quando estava preso no CASE, ela o levou lá para conhecê-lo, diz que o pai não sabia com certeza que havia tido filho com ela, só contou quando o convidou para ir à FUNDAC e Dinho já tinha com 14 anos. Aqui também diferente das outras histórias, houve uma postura mais diretiva de sua mãe na omissão da participação do pai biológico na formação de Dinho. O pai segundo comentários de D. Maria não esteve presente e nem colaborou na educação a princípio por não ter conhecimento.

Dinho, ao comentar sobre quando conheceu seu pai, traz algumas informações diferentes. O jovem diz que tinha entre 16 e 17 anos, encontrou com ele perto de casa, sua mãe disse que o achou, conversaram e depois foi falar com ele. Considerava seu pai, o pai de seus irmã e irmão, mas tinha vontade de conhecer, tinha curiosidade, quando pequeno ele não o viu.

Não mudou nada em sua vida, de vez enquanto o encontra pela rua, ele é cobrador de uma empresa de ônibus e às vezes passa perto de sua casa.

D. Maria, ao se referir ao seu filho, comenta que ele é *“muito devagar”*, *“mole”*, *“não quer nada”*, *“fica só na dele”*. Ela com frequência o pressionando para ver se *“engata”*, e diz que Dinho já tem 22 anos e que não vai ficar cuidando de homem até o final da vida.

Uma das formas que D. Maria tentou fazer seu filho *“engatar”*, foi um casamento arranjado. Pediram para Dinho ir morar um tempo na casa de sua avó que estava inabitada *“porque estavam querendo invadir”*, chegando a casa havia uma ex-namorada de Dinho morando lá, a família toda se mobilizou para que os dois se juntassem, o único que não sabia era ele. Sobre este episódio Dinho diz *“aconteceu e eu fui”*, conviveu com uma mulher *“infelizmente”* e comenta *“o que eu não faço por minha avó”*. Passou um tempo por lá (na casa de sua avó), mas *“não deu satisfação nenhuma a mulher que também estava morando lá”*. O plano não durou muito, Dinho desaprovou a situação.

A cobrança exercida por sua mãe é em torno de expectativas em relação às práticas corporais e emotivas de Dinho, parecem ser prioritariamente em torno de sua saída de casa, constituição de uma nova família e trabalho. Dinho por sua vez recebe as cobranças, mas parece não ter conflitos diretos, diz respeitar muito sua mãe e que ela geralmente faz coisas para o seu bem.

Com Dinho, as Medidas Sócio-Educativas foram marcantes pelas cicatrizes construídas em seu corpo, pelas memórias trágicas que buscar esquecer, especialmente a de ter sido violentado, que constitui uma marca bastante (i)mobilizadora em sua vida. O jovem fala bem das relações que teve com profissionais e com alguns outros jovens na Semi-liberdade e no Programa LA, dizendo ter sido respeitado e ter gostado de conversar e ser cuidado. As oportunidades de formação enquanto esteve Internado não foram aproveitadas (até porque pelo que parece era momento que ele tinha para dormir após uma noite de violências), bem como as oportunidades de curso que teve durante o LA também não, por um desestímulo e também inadaptação ao ambiente (fazendo referencia a um curso que abandonou no Estação Futuro – mesma instituição onde DDF fez sua formação em computação – alegando ter colegas muito violentos e bagunceiros).

Como nos ajuda a entender o relato anterior de DDF. O fato de Dinho ter ido para a FUNDAC como *“tarado”*, bem como *“não saber se defender”* das agressões físicas, fizeram com que a Internação servisse como um espaço de punição e violência, por não corresponder as ações esperadas de *“homem”*.. As expectativas em relação as práticas corporais e emotivas masculinas nos espaços de ressocialização eram diferentes das práticas desenvolvidas e

exercidas geralmente por Dinho, o que fez com que não se adequasse a normatização de pares e sofrendo por tais conseqüências. O trabalho sócio-educativo parece ter sido direcionado em parte para a introdução da violência física como linguagem normativa dos corpos e, em parte, para tentar fazer com que superasse ou esquecesse tal situação, o que parece não ter tido muita eficácia.

Com relação às drogas, Dinho diz nunca ter experimentado qualquer tipo de droga ilegal, diz apenas fazer uso moderado de álcool, já chegou a experimentar cigarros, mas não gostou. Aqui mais uma prática expressiva comum entre pares infratores e estranha a seu corpo.

Dinho também relata a importância de um trabalho, que está parado e deseja algum serviço, mas sua postura é bastante passiva e caseira. Ele já teve algumas experiências ao longo de sua vida, chegou a trabalhar por um tempo em um bar próximo à sua casa, mas resolveu sair *“porque o cara estava querendo enrolar”*, ao invés de conversar com o dono do bar resolveu dizer que *“não estava mais interessado em trabalhar e saiu para evitar confusão”*. Aqui o jovem procura evitar conflitos, mesmo sentindo-se injustiçado, prática corporal bem diferente da Will quando ficava *“esquentado”* ou mesmo com as situações opressivas permanece no trabalho porque precisa do dinheiro.

Dinho ficou um bom tempo sem ocupação, até que durante a pesquisa, um colega seu o chamou para trabalhar de segurança para uma banda de brega e Dinho passou a trabalhar nas noites de fim de semana e feriados, ganhando entre R\$10,00 à R\$15,00 por noite. Fala que é melhor do que ficar parado, se diverte um pouco e consegue algum trocado que ajuda nas despesas com o filho. Com relação à escola não tem interesse em voltar aos estudos. Seus projetos futuros são pouco elaborados. O que deseja é ter um emprego, sem preferência no que trabalhar.

Dinho atualmente mora com sua mãe, irmã, irmão e filho. O namorado de sua mãe e pai de seus irmãos mora no bairro e segundo comenta sempre aparece por lá, apesar de eu não o ter visto, nem conseguido falar com ele ao longo do tempo que o entrevistei. As pessoas responsáveis pela parte financeira da casa são principalmente as mulheres, sua mãe (que trabalha como doméstica em outra residência) e sua irmã (3 anos mais nova que ele) que trabalha em uma empresa como atendente. Dinho é responsável pela maior parte dos trabalhos domésticos, como limpar a casa, cozinhar e lavar roupas, além dos cuidados requeridos pelo seu filho. O seu irmão estuda e está em busca de trabalho, realizando alguns bicos esporadicamente.

O jovem parece manter relações amistosas com todos os membros da família e diz ser muito apegado com sua mãe e uma tia materna, tem muito respeito por elas, elas sempre quiseram o seu bem e ajudaram quando ele precisou.

Na família parece ter uma inversão em relação à família de Will, aqui as responsabilidades pelo provimento financeiro são das mulheres, em contrapartida aos trabalhos domésticos que são dos homens. Este dado também explicita as diferenças nas práticas corporais e as formas de comunicar os sentimentos na família, bem como assinala uma diversidade de práticas masculinas e femininas ao longo das quatro histórias aqui anunciadas, apesar de existir tendências normativas, rigidez de ambas as formas de práticas corporais e expressões emotivas.

Nos próximos capítulos iremos dialogar mais entre as histórias elencar algumas práticas corporais e expressões emotivas que parecem marcantes e significativas para refletir sobre os homens jovens e a violência. Além disso, também utilizarei outras histórias, episódios e anotações por mim vivenciadas ao longo do período que estive no LA e nas próprias observações de campo durante a pesquisa.

4. Práticas corporais e expressões emotivas: entre a rigidez e a flexibilidade

Como os homens jovens desenvolvem seus laços afetivos e sociais? Que práticas corporais se referenciam nas suas expressões emotivas? Quais “recursos” eles tem disponíveis em suas trocas sociais? Estas são perguntas centrais que direcionaram minha análise neste capítulo. A princípio foi analisado as referenciais e relações familiares (com ênfase nas mães e pais), em seguida analisei algumas práticas corporais dos jovens, aspectos de suas relações entre pares e a dimensão racial. Esta leitura esteve privilegiou a análise de aspectos constitutivos e práticos da economia perversa dos corpos dos homens jovens pesquisados.

4.1. Família: relações emotivas, poder e práticas corporais

A compreensão de família que permeia este estudo apresenta uma afinidade com a perspectiva comentada por Scott:

Quem aborda família como objeto de estudo costuma entender que é um conceito inerentemente polissêmico. Família remete à incorporação de relações de consangüinidade e aliança em torno da normatização de identificações de pares com relações sexuais estabelecidas, que empregam noções hierarquizadas de gênero, de geração e de idade para construir referências de pertencimento social a grupos. Desta forma, quem faz parte de famílias produz, reproduz, distribui, herda, e reside de acordo com diversos princípios citados para a casa (2005:79).

Nos arranjos familiares dos homens jovens eles vão se constituindo como homens, produzem e reproduzem práticas corporais e emotivas, ocupam espaços na divisão dos trabalhos, regulam sua sexualidade e enraízam seus referenciais simbólicos de gênero nas relações entre os sexos e gerações.

Retomando a idéia, Giddens (2005) sobre a família enquanto realidade e metáfora para problematizar a tradição e a modernidade, acompanhamos o movimento constante de arranjos familiares e suas intensas transformações, impossibilitando tratar da família brasileira enquanto singular. Os fluxos de mudanças contemporâneas atualizadas pela democratização global e a atuação dos movimentos sociais – em especial os movimentos feminista, de direitos da criança e adolescentes e os movimentos de livre expressão sexual – temperam este panorama (SCOTT, 2006).

Alguns estudos vêm apontando para arranjos familiares onde à mulher, além de estar no foco da coalizão afetiva, torna-se centro da coalizão econômica e de tomadas de decisão com seus filhos, são nomeadas famílias matrifocais, e se refere a:

uma complexa teia de relações montadas a partir dos grupos domésticos onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isto se traduz em relações mãe-filho mais solidárias que relações pai-filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc, todos mais fortes pelo lado feminino (SCOTT, 1990:39).

As histórias dos quatro jovens aqui tratadas parecem ilustrar uma proximidade com este arranjo familiar. O vínculo afetivo, as relações de solidariedade e cumplicidade, os locais de moradia, as trocas de favores e bens e proximidades de parentesco são bem mais desenvolvidos na relação mãe-filho. Ademais, um grande número de famílias de adolescentes em conflito com a lei, anunciam este arranjo. Durante o período que acompanhei jovens eram muito mais freqüente dialogar com sua mãe e/ou parentes maternos do que familiares paternos, outros estudos realizados em outros Estados brasileiros também confirmam este quadro (ASSIS, 1999 e VALLE 2003; BARCELLOS e VAN DER PUT, 2000).

Aqui também estamos tratando de famílias de classes populares, além das condições materiais de pobreza das histórias aqui retratadas, também podemos estender esta realidade à maior parte da população dos jovens infratores (vide as estatísticas do capítulo um, além dos estudos que também reforçam tal realidade ASSIS 1999 e VALLE 2003). Couto (2005) propõe que a abordagem nos estudos de família populares e gênero, vise analisar as estratégias de sobrevivência, com base nas relações simbólicas e concretas, a partir de uma perspectiva de inversão teórica e comenta:

Qualquer estudo que intente abordar as transformações que atravessam a vida cotidiana familiar dos sujeitos que vivem no universo da pobreza deve considerar que, junto aos valores tradicionais e familiares, estão postas aspirações individualistas e modernas. Se a noção de indivíduo moderno (relacionada a valores de privacidade, autonomia, autodesenvolvimento e igualdade) não deve ser ingenuamente utilizada na compreensão das relações de entre sujeito neste universo; há que conceber, ao menos, a interface entre moderno e o tradicional, que aspirações de mudanças e novas expectativas de vida permeiam o universo prático e simbólico dos sujeitos [...] defendo a construção de abordagens aproximativas que, não perdendo de vista a especificidade de vários elementos envolvidos, sejam orientados menos à busca da reificação das oposições, mas que possam oferecer elementos da junção das abordagens (2005:212).

Aqui pretendo operar com a inversão compreensiva das posições masculinas e femininas, através de uma análise de suas práticas corporais sejam elas normativas ou não – podendo evidenciar a flexibilidade dos diferentes corpos no exercício do masculino e feminino – apoiadas em expressões afetivas, estratégias de sobrevivência e preservação dos laços familiares, uma vez que estas lógicas das práticas transitam mais nas esferas de valores e poder. Contudo, também iremos ressaltar algumas práticas que parecem frequentes na história dos homens jovens e parecem anunciar a rigidez dos corpos e sua economia perversa. Esta abordagem aproximativa pode conferir mais caminhos na tessitura complexa que se dá no âmbito das relações familiares.

4.2. Mulheres: de “coitadas” a “violentas” na busca de fortalecer os vínculos

Nas quatro histórias há uma gama vasto repertório de práticas corporais adotadas pelas mães e mulheres da família dos jovens para expressar suas emoções, exercer seus poderes e demarcar seus espaços. Da mãe incapaz e frágil, passando pela mãe cuidadora e manipuladora, à uma mãe mais ativa e provedora que pode fazer recursos da agressão física em nome do cuidado familiar.

Talvez a história de Toco retrate o corpo feminino como mais frágil, sua mãe aparece por vezes como “incapacitada”, sendo cuidada de diversas formas. A conformação da identidade alcoolista de sua mãe corrobora para que existam poucas expectativas em relação a suas iniciativas. Além disso, Toco acaba ocupando um lugar de cuidador de sua própria mãe – a acompanhando para hospitais, garantindo alimentação – bem como também cuida de outros membros de sua família. Toco diz pouco sobre sua mãe em nossas narrativas, é um assunto que não foi tão fluente quanto outros. O jovem comenta poucas coisas, entre elas afirma que sua mãe é boa por não ser violenta – “por não dá na gente”. Além de sua mãe representar um corpo frágil e docilizado, há outras duas práticas corporais que também co-habitam seu espaço, a drogadição com o uso recorrente do álcool e a habitação dos espaços públicos – vez que sempre esta pelas ruas da comunidade em pequenos grupos de alcoolistas. O jovem teve experiência de morar em outras casas, após protegê-la, ainda quando criança, de agressões de seu padrasto. As outras mulheres que aparecem na narrativa de Toco, insinuam comportamentos corporais domésticos, geralmente associados à administração do lar, e uma disponibilidade afetiva para acolhê-lo.

A mãe de Will também aparece de maneira dócil e cuidadora, que sacrifica seu corpo em prol da família (quando Will comenta sobre a prostituição de sua mãe para prover a casa), a

imagem que o jovem produz sobre ela é de uma mãe amável e zelosa. Contudo ao longo de sua história há indícios de uma certa manipulação do filho, estimulando e/ou sendo permissiva com suas infrações desde criança quando fazia pequenos furtos na CEASA. Ao longo da narrativa de Will, sua mãe tem vários companheiros, alguns chegam a partilhar a moradia, mas todos são pouco duradouros. Parece sempre haver a necessidade de um homem para prover a família, que se reflete no próprio início tenro de trabalhos e infrações de Will, geralmente justificadas pelo provimento familiar. Além disso, também há o próprio conflito com a Marilyn (companheira de Will) e sua mãe que pode ter sido estimulado pela perda do jovem enquanto provedor do lar e possíveis déficits na subsistência familiar.

Sua mãe também tem o seu corpo intensamente inscrito por dores e sofrimentos, à medida que vai se “arrependendo” do fez com Will (auxiliando em seus furtos), segundo os comentários do jovem, ela vai “*endoidando*” e fazendo uso de medicamentos ansiolíticos para dormir e reduzir sua ansiedade. Will também retratou alguns episódios aonde sua mãe ia ao hospital fazer exames ou tratamentos. As outras mulheres de sua convivência (Marilyn e sua irmã) também aparecem como companheiras, amáveis, confiáveis e dóceis, retratando um imaginário emotivo e corporal feminino esperado na literatura de grupos populares brasileiros (SCOTT, 2005; COUTO, 2005 e SARTI, 2007), apesar das contradições cotidianas de como se processa este modelo.

A mãe de DDF apresenta corpo ativo e forte que apesar das dificuldades financeiras e emotivas que enfrentou na relação com seu ex-companheiro (pai do jovem) e de trabalho, conseguiu educar ele e seu irmão. O provimento financeiro também é um recurso corporal e afetivo utilizado por sua mãe no fortalecimento dos laços familiares. Além disso, a convivência cotidiana entre DDF e sua mãe parece lhe conferir uma cumplicidade afetiva, na qual suas expressões corporais e emotivas são legitimadas pelo jovem. DDF afirmou que sua mãe é “mais amor e afeto” e narrou em seguida pelo menos três situações que sofreu agressões físicas pela sua mãe que marcaram o seu corpo (inclusive “surras” com instrumentos de pau e fero), mas o jovem não considera tais situações uma ofensa, e diz que ela tem “moral” para o exercício deste poder.

A violência familiar se constitui com base em valores e modos de relacionamento do grupo que conferem seu significado. Isto pode fazer com que determinadas práticas agressivas possam não serem entendidas por seus atores e atrizes como violentas. A convivência com os dramas diários, a proximidade corporal entre mãe-filho parece favorecer uma tolerância e disponibilidade para lidar com as diversas práticas corporais e conferir um “corporificação” da lei (SARTI, 2007). A mãe de DDF como pessoa material e moralmente responsável pela família,

aproxima-se de práticas familiares que também estão presentes no modelo patriarcal, mas encenadas por mulheres e homens em outras posições.

Na sua relação com os pais e pares esta tolerância parece ser reduzida o que reflete em seus comentários punitivos as práticas mais violentas. Este fato também corrobora com os homens (em especial os jovens) serem as principais vítimas deles próprios (ADORNO, 2000; ZALUAR, 1999). Além disso, a própria intolerância nas instituições correcionais de crimes cometidos contra mães e violências sexuais com mulheres, constatados pelos dados etnográficos desta pesquisa através dos comentários de DDF sobre as relações na FUNDAC, a própria experiência de Dinho e outros estudos pontuam a recorrência destas práticas agressivas (MACHADO, 1998).

Semelhante a prática da mãe de DDL, é a atuação corporal de D.Maria que já agrediu fisicamente seu filho em espaços públicos (a sala de aula de um colégio, com a conivência da educadora), bem como nos espaços domésticos. Apesar das marcas, reconstituídas pelas memórias do homem jovens (Dinho e DDL), as agressões físicas das mães parecem ser reconhecidas como práticas educativas, sendo assim legítimas. Similarmente a mãe de DDL, D.Maria também faz recurso de seu corpo para prover financeiramente o lar e desse dinheiro expressar emoções que garantem a manutenção dos laços domiciliares. D. Maria também se envolveu na pesquisa com Dinho, procurou “arranjar” casamento, teve uma participação ativa para que Dinho cuidasse de seu filho, enfim ela exerce uma ação bastante ativa na vida do jovem.

É significativo como as duas mães que são majoritariamente as provedoras financeiras fazem uso da força física com os filhos, enquanto as outras duas mães que tem um papel menos ativo no provimento financeiro, explicitam sofrimentos físicos em seus corpos.

Podemos perceber uma variedade de repertórios corporais e expressivos na circulação dos afetos familiares, as formas corporais de troca e de garantias para sobrevivência. Estas dinâmicas parecem interferir diretamente nas práticas corporais e emotivas dos homens, aquelas aceitas e legítimas, enquanto outras não são permitidas. Em cada um dos jovens as dinâmicas propiciam relações diferentes, mas repercutem na eleição de suas estratégias corporais de troca. Irei desenvolver um pouco mais estas questões no próximo tópico, antes gostaria de ressaltar que há a recorrência da marginalidade dos homens de gerações pregressas (em especial os pais biológicos) no espaço da casa.

Vários olhares podem ser lançados sobre esta questão, minha intenção não é aqui explorá-la, e acredito que meus dados não são tão privilegiados para analisar este fator. Gostaria

de pontuar apenas que relacionalmente “nem sempre fica claro se o homem abandona a mulher ou se a mulher expulsa o marido de casa”(SCOTT1990:39).

O fracasso no desempenho de expectativas em relação ao homem e a própria fragilidade de manutenção dos vínculos afetivos, pode ser um fator importante na saída do homem da casa. Agora vamos nos deter em algumas práticas corporais masculinas e suas expressões emotivas.

4.3. Homens: de agressores a cuidadores nas relações familiares

Os pais biológicos estão marginalizados da casa e, de maneira similar, também estão distantes das instituições correcionais, dos Programas e da participação cotidiana nas relações afetivas que fortalecem laços familiares. Longe de encerrar as justificativas para tal posição é marcante na literatura sobre paternidade uma tensão entre a reiteração das desigualdades de gênero, entre homens e mulheres – que propicia a negação do homem de habitar estes espaços, excluindo os cuidados da casa como referencial identitário da paternidade - e a problematização dos direitos reprodutivos – que enfatizam posições históricas e construções culturais do distanciamento dos homens neste espaço produzido não apenas pelo exercício de poder dos homens, mas também por um ofuscamento que se reflete na ausência de políticas públicas que favoreça novos arranjos e práticas corporais masculinas (QUADROS, 2006; LONGUI, 2001; LYRA 1998; LYRA E MEDRADO, 2000; ARILHA, 2005)

As práticas corporais e emotivas de seus parentes antecessores e outros homens que transitaram por suas narrativas, parecem está bem alocadas em duas posturas: a primeira que pode ser vista como negativista, associada ao abandono, desprezo e posturas violentas. Já a segunda postura é mais positiva e está associada ao trabalho e ao provimento financeiro.

Em todas as histórias há homens agressores, violentos, com robustez, maldade/traição, frieza. O avô de Will e alguns companheiros de sua mãe ilustram estas práticas expressivas. Com Toco seu padrasto e seu pai biológico, que apesar de não ser violento com a família teve uma morte trágica e há uma representação em sua narrativa de um homem “envolvido com coisas erradas”.

A ausência, o abandono e o desprezo também se manifestam enquanto prática corporal e emotiva nas narrativas, principalmente com relação aos pais de Will e DDL. Em alguns casos a ausência vinha ampliada com sentimentos de desvalorização, rancor, mágoas – fica bem expresso nos comentários de Will tais emoções ao esboçar vontade de roubá-lo e comentar que seu pai só se interessa pela outra família.

Ainda, existem outros homens, avô, pessoas da comunidade, policiais etc, que aparecem em muitos dos relatos também para protagonizar situações desagradáveis, muitas delas envolvendo práticas corporais violentas.

Na história de Dinho parece haver uma referencia menos violenta ou triste em relação ao seu pai, e sua mãe corrobora na justificativa da “ausência” dele, também como uma ação ativa dela. O jovem não manifesta explicitamente sentimentos de falta ou recordações violentas com seu pai, apesar de na história familiar, alguns homens serem agressores – a exemplos das pessoas que violentaram sexualmente sua mãe e que o agrediram no CASE Paratibe.

A contrapartida a esta representação “negativa” dos homens, há os relatos que vinculam o homem à práticas corporais remuneradas. Assim, o homem que foi mais marcante na história de Will como uma pessoa boa era um “estivador” e a “boa” recordação de Toco em sua relação com o padrasto, foi ter aprendido a fazer “rolos”.

Estas construções sobre os homens “mais velhos” retratam uma percepção negativa nas relações de troca corporal direta e uma percepção positiva nas relações de trabalho e renda. Há, em suas narrativas, modelos corporais masculinos de expressões emotivas e de poder com base na violência e no trabalho e renda.

Estas práticas corporais e expressivas de agressivo e provedor são recorrentes na literatura dos estudos de gênero e corroboram com estereótipos do modelo machista. Contudo, tendem a ser relativizados e reificados em análises mais aproximativas. Alguns estudos reforçam a manutenção das desigualdades de gênero por tais práticas, outros demonstram que estes modelos acontecem mais enquanto discurso do que práticas. Além disso, também a relativizações da presença paterna no cotidiano dos adolescentes e jovens e como elas vão se tecendo de formas diferentes, como por exemplo os cuidados com os espaços sociais e grupos de pares que o jovem participa (QUADROS, 2006; LONGUI, 2001; NASCIMENTO, 1999; ALMEIDA, 1995).

A minha vivência no Programa LA aponta para a recorrência de histórias paternas com mortes violentas (associadas à criminalidade, a jogos e drogas), também há estudos que retratam esta realidade (ASSIS, 1999). As práticas corporais violentas de agressões se configuram como a expressão mais explícita das formas de troca que compõem a economia perversa dos corpos. Compõem-se como estratégia corporal e emotiva destes homens que se comunicam com os outros desta forma, na mesma medida que constroem tenros fins para suas vidas em prisões e lápides.

Também, durante o período que estive no Programa LA, percebi pais que ocupam outros espaços nas histórias dos homens jovens, acompanham-no ao Programa e dedicam cuidados e atenção no acompanhamento de seus filhos para que não reincidam nas infrações.

As histórias dos jovens versam também entre o exercício da agressividade e da violência – expressa em suas infrações – e, nas relações familiares majoritariamente fazem recurso do dinheiro para se expressar, trocar afetividades e investir nos laços familiares. Com Dinho podemos perceber aproximação maior com o trabalho doméstico através de práticas no cuidado cotidiano com seu filho e nas tarefas domiciliares.

Como vimos aqui também há uma diversidade de práticas corporais e estratégias de expressões emotivas entre os homens, o que favorece um deslocamento de compreensões binárias entre os sexos. As práticas violentas, o provimento financeiro e os cuidados domésticos circulam entre homens, mulheres e gerações. No entanto, esta circulação não se processa de forma homogênea, embora ainda se ancorem em formas históricas e desiguais. A legitimidade e o estímulo para o exercício de cada uma destas práticas vai se operar fortemente influenciado pelos arranjos e acordos do grupo familiar.

A violência, suas práticas corporais agressivas tem um forte referencial masculino, servem como estratégia expressiva de suas emoções e “moeda” de troca nas relações sociais. Os homens no âmbito familiar (o avô de Will e o padrasto de Toco), assim as mulheres (mães de DDF e Dinho), fazem como que estas práticas intermedeiam relações dos grupos. Além disso, os homens fora do grupo doméstico (seja os pais biológicos ou outros homens que não apresentam parentes), assim como algumas práticas maternas estimulam (ou são permissivas) o exercício de práticas violentas e delituosas.

A contrapartida, como vimos, são as relações de troca pautadas no provimento, onde cada unidade doméstica estimulará mais ou menos os homens jovens a ocupar este espaço com base no próprio exercício das mães e de outras referências dos homens jovens. Tais práticas corporais e formas emotivas de expressão recebem estímulos diferentes nas histórias: com Will, inicia este exercício desde criança; com Toco, também há um exercício na infância, mas as práticas ilícitas, só acontecem na adolescência; na história de DDF, as demandas são diferentes, mas desde cedo acompanha sua mãe nos trabalhos e demonstrou ter uma necessidade expressiva do dinheiro, e; com Dinho, as demandas ocorreram com expressões no âmbito do trabalho doméstico restringido suas experiências de trabalho remunerado, que são bem menos expressiva que a dos outros jovens, a sua infração também foi a única que não se relacionava diretamente com dinheiro.

Associado as condições de pobreza, privações materiais e uma demanda cultural individualista e consumista, as estratégias corporais hegemônicas que acompanhamos até o momento parecem enrijecer os corpos masculinos – balizados pelas dimensões de classe, geração e raça – e delimitar repertórios expressivos para este grupo, que apresenta dificuldades em ocupar um espaço satisfatório de provedor (ou no caso de Dinho, no trabalho doméstico), simultaneamente os mesmos corpos vêm a violência em diversas facetas, como prática viável em suas relações sociais.

É interessante destacar que até aqui, as práticas violentas (expressas, por exemplo, pela drogadição, agressões físicas e simbólicas e infrações) legítimas no âmbito das relações familiares (seja na relação interna do grupo, seja nas buscas por estratégias de sobrevivência) são presentes em todas as histórias (em maior ou menor medida) provocando e produzindo feridas nos diversos corpos.

Após contextualizarmos referenciais identitários nas famílias dos jovens sobre práticas corporais, expressões emotivas e como tem se operado estes arranjos, dedicaremos a nossa próxima análise para refletir sobre a recorrência que os homens jovens parecem fazer de alguns recursos expressivos para estabelecer laços amistosos. Estes recursos são prioritariamente humanos e materiais, exposto sucessivamente pela importância das mães nas mediações dos homens jovens com vários espaços sociais e pelo dinheiro e as drogas nas relações familiares e entre pares.

4.4. “Endireitando” os homens jovens: a participação das mulheres na amistosidade dos laços sociais.

Este título é inspirado nos comentários de DDL que afirma que um homem jovem solteiro e “liso” (sem dinheiro), vai fazer “merda”, roubar para conseguir dinheiro e drogas, para curtir. É como se seu corpo sozinho fosse indomável, disposto a tudo para saciar seu apetite emotivo. Já com uma mulher apaziguaria sua sede, “ela apaga o fogo” e o torna mais domesticado e disponível para as relações amistosas. Este sentido é recorrente nas histórias de outros homens jovens e também povoa as representações em geral. É como se a mulher acalmasse o homem nervoso, uma mescla entre docilidade e violência daria a dose certa para convívio amistoso.

Na vasta literatura sobre alianças e laços sociais, as mulheres circulam como expressão para consolidar vínculos mais estáveis e amistosos através do matrimônio. Mauss (1988) e Lévi-Strauss (1982) assinalaram expressivamente as trocas entre grupos sociais onde as mulheres eram elos de lições entre os homens. A literatura feminista apoiada nestas produções e em

outros dados etnográficos analisaram criticamente a condição da mulher nestas relações – um bem dos homens que circula e tonifica sua condição de opressão (RUBIN, 1993). Neste trabalho, me parece que as mulheres continuam desempenhando práticas corporais e emotivas que retratam esta função de elo entre homens para consolidar vínculos mais estáveis e amistosos, favorecendo expressões afetivas no fortalecimento de laços sociais.

Contudo, a mulher não é compreendida como um simples bem dos homens, aqui são entendidas como partilhadoras e ativas nas relações entre sujeitos inscritas em redes semióticas de relações desiguais de gênero. Porém, como vimos, as mães também tem suas estratégias para exercer seus poderes sobre os homens, principalmente em se tratando de seus filhos que também implica em relações hierarquizadas entre gerações.

O próprio fato de serem próximas no convívio cotidiano dos filhos e na sua educação desde a infância, favorece a introdução de suas representações, valores e estratégias de como lidar com a vida. A mãe o apresenta para mundo em sua infância e é geralmente a primeira mediadora da linguagem com seu filho e das formas comunicativas com o espaço social.

Quando há um rompimento das relações sociais amistosas com penalidade de sua infração, produzindo uma restrição da mobilidade corporal dos jovens. São as mães, mulheres familiares, que freqüentam majoritariamente as Delegacias, audiências da Justiça, Unidades de Internação, os Programas de Medidas Sócio-Educativas. São elas que também vão as escolas fazer matrícula dos filhos, às unidades de saúde marcar consultas e intervêm em conflitos comunitários que seus filhos estão com risco.

Nas histórias de Will, DLL e Dinho suas mães estão presentes mediando suas relações durante todo o processo das Medidas Sócio-Educativas, desde o momento que foram presos até o término de sua medida. Reciprocamente, são endereçadas as mães os comentários de agradecimentos pelo apoio em situações difíceis da vida. Com Toco suas irmãs mediam a relação com seu padrasto.

Uma das mágoas de Toco em relação à sua mãe, se refere justamente a ausência de práticas que suprissem esta expectativa em relação ao corpo feminino. Sua mãe não o visitou enquanto esteve internado, nem na primeira audiência com a Justiça, foi preciso ir atrás dela e pressioná-la para ter sua presença. Durante a participação de Toco no Programa LA, foi rara a presença de sua mãe, comparecia apenas nos momentos em que era convocada, diferente das outras mães que sempre buscavam a instituição.

Por sua vez, Toco desempenhava práticas adversas dos outros jovens, no cuidado com suas irmãs e com sua própria mãe, sendo acompanhante dela por suas passagens no hospital. Um fato que também me parece significativo é que dentre os jovens que tive a regularidade de

encontros, Toco era o que ligava para mim com maior frequência. Mesmo que em suas palavras ele não manifestasse que estava com saudades de nossos encontros, ele da sua maneira parecia ter mais habilidades em cultivar uma relação afetiva, sempre ligando para mim quando passava cerca de duas semanas sem nos vermos. Toco assim reatava a distância nossa relação, diferente dos outros homens jovens, que se eu não preservasse os contatos poderíamos passar meses sem se falar.

Além do exercício de cuidado nas relações sociais, esta prática parece conferir outras formas corporais de troca e comunicação das emoções, nas relações entre sujeitos, mas também com as instituições. Aqui me parece que a dinâmica produzida na maioria das relações dos homens jovens, parecem conferir a mulher um “poder” de apaziguar os homens e torná-los mais dóceis para o convívio social. Esta compreensão demonstra outra faceta da economia perversa dos corpos, sugerindo um enrijecimento de algumas práticas corporais masculinas e sua autonomia para ensejar algumas estratégias expressivas nas relações sociais – destituindo-se deste poder. Toco parece demonstrar um exemplo às avessas desta recorrência, o jovem faz uso de outros recursos expressivos, mesmo que ainda timidamente.

No próximo tópico iremos adentrar em outras relações que os homens estabelecem, focando alguns bens materiais, prioritariamente o dinheiro.

4.5. Uma breve nota emotiva sobre dinheiro, drogas e outros artefatos.

O dinheiro pode ser considerado um artefato que agrega o valor do “poder” dentro de nossa cultura, e na maioria das infrações acompanhadas nesta pesquisa, assim como as praticadas pelos adolescentes em conflito com a lei em nosso país, obterem dinheiro é uma das finalidades de tal ato. Para estes homens jovens pobres ter dinheiro pode ser uma maneira de conquistar algum prestígio, já que sua condição de pobres e negros não lhe conferem status de valorização e visibilidade. O dinheiro surge como uma via rápida de ascensão entre os pares, mulheres, familiares e nas relações que estabelece em seu cotidiano. Ter mais dinheiro pode expressar ter mais poder e por isso ter maior “liberdade” para exercer seus desejos e submeter os/as outros/as aos seus gostos (VELHO, 1996; ZALUAR, 1999; FONSECA, 2000; RIBEIRO, 2006).

Na literatura feminista há uma extensa afirmação sobre formas de dominação dos homens sobre as mulheres, o exercício do provimento financeiro e o poder que o dinheiro confere é recorrente nestas análises, mas também é afirmada uma dependência afetiva-

emocional que acompanha este poder e dificulta um exercício mais autônomo das mulheres em busca de sua libertação (GROSSI, 1998).

Penso que o dinheiro com os homens jovens de fato confere um poder e um exercício de prazeres que são impossíveis quando não o têm (a exemplo dos passeios que Will fazia com sua família ou quando possibilitou DDL curtir suas festas). Mas, imanente a este poder que o dinheiro confere, também há uma circulação afetiva-emocional. Está prática se traduz também como uma forma “cifrada” de expressão emotiva. Simmel (1987) ao tratar do sujeito urbano e sua relação com o dinheiro fala que o dinheiro possibilita transformar todas as coisas em valor de uso.

Strathern, em seu estudo nas terras altas da Papua-Nova Guiné, trás comentários sobre a versatilidade do dinheiro:

É divisível, multifocal é uma medida de valor, bem como um meio de troca [...] Há muitas coisas para se fazer com o dinheiro. Pode-se pensar em comprar comida, ou uma passagem de ônibus, ou em contribuir para um pagamento de reparação [...] o dinheiro pode ser dividido em pequenas quantias [...] A utilidade do dinheiro encoraja as pessoas a se agarrarem às migalhas. E se o dinheiro pode ser gasto em numerosas coisas, então numerosas coisas também têm um preço [...] Idéias demais acompanham o seu uso: o dinheiro divide a mente” (1998:116).

Entre os homens jovens aqui pesquisados, me parece que o dinheiro também apresenta uma versatilidade podendo ser utilizado de várias formas, e gostaria de chamar atenção para o “valor dos sentimentos” e para as “trocas afetivas”, vez que suas expressões emotivas na formação de vínculos amistosos parecem recorrer frequentemente ao dinheiro como linguagem. Principalmente nas histórias de Will e Toco é marcante a expressão do dinheiro como mediador das relações amistosas no ambiente doméstico e das relações conflituosas de classe nas relações sociais mais amplas (esta será privilegiada no próximo capítulo).

Assim, o dinheiro pode favorecer a aproximação das relações afetivas e suas expressões emotivas, mas paradoxalmente encobrir os sentimentos e valores, manter ou criar vínculos que são frágeis expressivamente. O papel de provedor desempenhado por Will não se sustentou por muito tempo, assim como as efêmeras relações estabelecidas entre a mãe de Will e outros homens. Com Toco, o provimento não se configura como a única linguagem afetiva, apesar de talvez ser a mais forte. Parece ser limitante e dolorosa as expressões afetivas que se mantêm apenas “cifradas”, e a incompatibilidade no desempenho destas expectativas e a realidade social dificultam a manutenção dos laço, Scott pontua: “Sob condições de pobreza urbana (...) em casa onde o ciclo está em expansão, nem os maridos conseguem contribuir

adequadamente para a casa, nem as relações afetivas conseguem manter-se suficientemente satisfatórias para garantir a duração da maioria das uniões”(1990:39).

Toco distingue o dinheiro que ganha no trabalho do dinheiro de suas infrações. O primeiro, surge desde cedo em sua vida e aprende a fazer uso dele para retribuir e valorizar principalmente as mulheres que cederam suas casas (tias) e seu corpo (mãe), desta forma expressando afetivamente com pessoas da família. O uso do dinheiro da infração, inicialmente é para quitar uma dívida com outro homem (consertar o som quebrado), e o utiliza majoritariamente para trocar afetividades em grupo de pares, com mulheres que não são da família e no uso de drogas. Estas relações que se mantiveram mais intensas apenas enquanto existia o dinheiro das infrações, mesmo sendo efêmeras e inseguras. Com DDF, o dinheiro das infrações tinha fins parecidos com os de Toco: “curtir as festas” com pares, drogas e mulheres.

Existem comentários de jovens que parece expressar mais nitidamente a cisão entre o dinheiro do trabalho e o dinheiro da infração. O primeiro seria “abençoado” e o segundo “maldito”, um tem “longa duração” enquanto o outro “evapora” e daí seu uso para coisas “sagradas” e o outro para coisas “profanas”. Estes comentários parecem ecoar as leituras sobre relações de troca e a lógica da dádiva (Mauss, 1988), o roubado, pego sem permissão, assim como causará dor e tristeza ao seu antigo dono, também causará a quem carrega, será “maldito”.

Esta leitura entre sagrado e profano nos comentários pode ser mais ou menos severas, contudo as performances cotidianas flexibilizam esta observação, sugerindo muito mais uma ambigüidade – como a própria leitura mausseana pontua – do que uma cisão. Zaluar (2000), ao comentar sobre a relação entre trabalhadores e bandidos, também reforça as ambigüidades, demonstrando que as oposições não se dão de forma tão rígida no cotidiano das relações. Assim, também vemos por exemplo que Toco e DDF utilizam o dinheiro “sagrado” nas drogas. Ou no caso de Will, que é expressivo o amor e a compaixão por sua família e procura retribuir os afetos através do dinheiro “profano”. Este dinheiro das infrações, por sua vez, favorece momentos de prazer em família também provoca dores no decorrer das práticas endossando a efemeridade do dinheiro e a “maldição” que levava para a casa.

Outra prática corporal comumente utilizada pelos homens jovens na circulação de afetos e cumplicidade entre pares é através do uso de drogas (presente nas histórias de DDF, Toco e Will). O álcool, o tabaco, a maconha e a cola parecem marcantes nas histórias⁶⁵. O uso de

⁶⁵ Em todas as histórias familiares as drogas circulam em quantidade e diversidade. Nos homens (pais) parece ter um impacto mais severo, visto já ter provocado mortes (a exemplo do pai de Toco) e relações violentas (como o avô de Will ou o irmão de DDF), mas as mulheres também usam com frequência (a mãe de Will com ansiolíticos, a mãe de Toco com álcool e as mães dos outros dois jovens usam o tabaco).

drogas também anuncia o desejo de entorpecerem seus corpos, alterarem seu estado de consciência. No início da adolescência os convites começam a surgir, após iniciar o uso, os jovens não gozavam apenas do prazer propiciado, por um ou outro entorpecente, mas também desfrutavam de companhias, prestígios, valores, afetos. As noites que Toco cheirava cola eram sempre em companhia de colegas, DDF fazia uso de maconha junto com pares na comunidade e “fazia render” estes momentos jogando dominó nas proximidades de sua casa. De forma similar acontecia com Will, em algumas de minhas visitas ele estava em rodas de homens conversando e fazendo uso de maconha, além disso, ele bebia sempre acompanhado de amigos próximos. Existem alguns estudos que retratam o espaço dos bares e os momentos de embriagues como situações onde se manifesta emoções, que em outras situações seriam “irreconhecíveis” para homens (NASCIMENTO, 1999 e ALMEIDA, 1995).

Contudo, as drogas assim como o dinheiro, parecem não sustentar em si as relações e fazer com que elas sejam duradouras, além de serem tecidas em terrenos frágeis onde pode haver conflitos, brigas e discussões, mostrando o lado “traíçoeiro” destas práticas corporais. É freqüente nas narrativas situações violentas em que as drogas também ilustravam as paisagens ao das histórias dos homens jovens. As brigas em bares (palco da morte do avô de Will e da morte de adolescentes acompanhados pelo Programa LA) e festas, confirmam tal panorama.

Se as práticas de dinheiro e drogas são tão usuais e legítimas expressões emotivas nas relações familiares e pares dos homens jovens, também podemos perceber que existem exceções. Dinho faz recurso de outras práticas corporais nas relações familiares e entre pares. O jovem em sua casa contribui afetivamente nos cuidados domésticos. Contudo, o jovem parece indefeso diante das práticas violentas de outros homens jovens (a exemplo do curso Estação Futuro e de sua própria experiência na FUNDAC), nestas relações há uma dificuldade de constituir trocas satisfatórias e amistosas com seus pares. Aqui, a restrição a determinada linguagem expressiva nas relações de troca também toma proporções perversa, na medida que desenvolve relações de sofrimento com os outros.

Nas práticas corporais dos homens jovens estão operando imanes expressões afetivas. Parece-me que, majoritariamente, há uma rigidez em suas formas expressivas dificultando a mobilidade de uso em diversas práticas corporais. A condição de pobreza, distanciamento de estabelecimentos de ensino e boa parte das referências masculinas sugerem restrições de acesso. Se percebemos, que ao longo das histórias de vida, os jovens passam fazer uso de outros recursos expressivos (a exemplo da música para DDL e Will), é bem verdade que na época de início da adolescência e de quando praticavam suas infrações, é mais evidente

a escassez de alternativas para expressar seus sentimentos positivos nas relações sociais que se mostram injustas e desiguais em seus corpos.

Os próprios valores individualistas e consumistas parecem corroborar com uma certa impossibilidade criativa pela normatização dos corpos masculinos, demonstra como eles usam o dinheiro e as drogas para expressar seus sentimentos internos, de maneira cifrada e entorpecida, em notas, de valor e de uso, em “lombros” e “viagens”. Aqui o dinheiro pode expressar também os usos de sentimentos positivos, de carinho, de cuidado, de amor e prazer, além dos próprios símbolos que o capitalismo evidencia no dinheiro. As drogas parecem estratégias para apaziguar suas feridas, favorecer momentos amistosos, contudo apresentam sua ambigüidade e, por vezes, parecem intensificar as feridas e dores.

Com outros objetos materiais e simbólicos a exemplo de presentes, roupas, comida, festas, shows etc, ou o trabalho doméstico de Dinho, também há imanente a carga emotiva de tais atos. Desta forma, não há como dissociar o valor do objeto e seu uso, das emoções e do poder que se confere a quem dá e quem recebe. Neste sentido, como pontuado, a dádiva expõe o caráter ambíguo e a indissociabilidade das pessoas e das coisas, emoções e poder, nas relações de trocas.

A reificação de expressões emotivas e práticas corporais, fortalecido pelas condições materiais e simbólicas dos homens jovens, dificultam o acesso a outros movimentos e expressões de tais emoções, constituindo um vínculo perverso entre o dinheiro e outros artefatos culturais como via prioritária (e em alguns momentos talvez única) de sentido para expressão “positiva” de seus sentimentos. Metaforicamente os corpos precisam de “bengala” para “andar”. Se em nossa cultura o dinheiro se configura como uma condição para a existência e relações sociais recíprocas, o que produz normatizações nos diversos segmentos de nossa sociedade.

Esta realidade ganha tonalidade distinta nestes homens jovens aqui pesquisados, levando em consideração as especificidades de gênero, geração, raça e classe. Os referenciais identitários masculinos e a escassez de acesso a estratégias positivas de reconhecimento nas relações favorecem articulações perversas entre corpos de homens jovens, expressões emotivas e a violência urbana. A dificuldade de acesso a bens materiais e simbólicos que favoreçam cifrar suas emoções ou ampliar seu repertório expressivo, operando simultaneamente com referenciais de práticas violentas nas relações de troca e a produção de feridas e dores em seus corpos por tais vivências, parecem intensificar a economia perversa dos corpos.

Iremos adentrar na dimensão racial como mais um componente que tem fragilizado as relações os laços sociais e alimentando trocas perversas entre homens jovens e a sociedade. Esta experiência vivida pelos homens jovens na relação com a cultura produzem, em distintos

graus, relações desiguais e violentas que semeiam a dor e temperam suas representações no imaginário social.

4.6. Interpretando algumas questões sobre a periculosidade do homem jovem negro e pobre. A cor da infração ou a infração da cor?⁶⁶

Se os jovens estudados são homens e pobres, apresentando realidades inscritas por esta condição, eles também são em sua maioria afrodescendentes. Dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos (ROCHA, 2002) possibilitaram perceber que questões raciais também podem contribuir para se pensar relações violentas, as infrações e as políticas públicas que tratam dos homens jovens aqui pesquisados, em especial preconceitos e discriminação com a população negra. Mais uma vez os dados da SEDH mostram que na região Nordeste 71% dos/as jovens atendidos/as tem raça/cor negra e parda, evidenciando aí uma preponderância de um público não-branco afrodescendente⁶⁷. Entre os jovens entrevistados em minha pesquisa, todos os quatro se enquadram dentro destas estatísticas como não-brancos, dois deles se consideram negros (Will e Toco) e dois pardos (DDF e Dinho).

Dois fatores recorrentes em estudos sobre relações raciais no Brasil, podem facilitar a compreensão destas estatísticas. A primeira se refere ao ideal de branqueamento como um projeto nacional, e; a segunda se refere ao mito da democracia racial que mantém em estado latente a subordinação social dos negros e sua a desapareção (HASENBALG, 1996a e 1996b; MAGGIE, 1996; FIGUEIREDO, 2004; CARNEIRO, 2005).

Na história de Toco, como na de Will aspectos de pobreza, exclusão social e violência apresentam uma intensidade marcante em suas vidas. Sem dúvida a questão racial suscita aqui as formas de preconceito que ampliam as desigualdades nas duas trajetórias. Se todos os homens jovens que pesquisei são pobres e não-brancos, é Toco e Will que vivem uma segregação de maneira mais severa. Moram na favela, em casas com condições mais precárias que os outros, bem como ao longo de suas vidas majoritariamente habitaram moradias emprestadas e de aluguel, enquanto os outros dois jovens moram em casas próprias de suas

⁶⁶ Minhas experiências de campo me fizeram voltar um olhar para este fator a princípio não se mostrava de tanta relevância em meus estudos. A questão étnico-racial foi aparecendo de diversas formas e foi apontando para a necessidade de construir um olhar, mesmo que com certos limites por não ocupar a centralidade deste trabalho, para fatos que ia me deparando e não podiam ser excluídos de uma interpretação que tem compromissos com a análise de gênero, para não cair em riscos de tratar de identidades totais, bem como perceber que imanente aos corpos masculinos que pesquisava, existia uma cor, ou, uma não cor.

⁶⁷ Mais uma vez ressalto que a pesquisa adota o quesito raça/cor e não informa qual o critério adotado para esta definição. Julgamentos, representações sociais, subjetividades e preconceitos atuam nesta classificação e de formas diferentes com base no critério de aferição do pesquisador ou pela auto-determinação.

mães. A renda familiar também toma formas mais precárias. Há um maior agravamento dos conflitos familiares, drogadição (alcoolismo e uso crônico de ansiolíticos) e agressões físicas são retratadas mais intensamente nas famílias de Toco e Will. A escolaridade, bem como o vínculo com as instituições de ensino deles também é menor em relação à DDF e Binho, as situações de violência policial também são bem mais recorrentes nos jovens negros. Enfim, parece que há um acirramento dos componentes de exclusão e vulnerabilidade que favorecem a restrição de recursos corporais em suas relações de troca e a infração como uma prática viável, simultaneamente há um o distanciamento de algumas instituições oficiais do Estado (por exemplo, instituições responsáveis pelo acesso a educação, saúde e lazer), prejudicando mais as condições reais de vida destes dois jovens, sugerindo uma maior restrição de acesso a distintas práticas corporais.

Figueiredo comenta:

A importância da identidade ético/racial/religiosa na construção da personalidade não é universal, e a primazia destas identificações na construção do indivíduo mantém uma relação com os valores da sociedade abrangente e com a trajetória da pessoa. E em que pese os limites da ideologia brasileira, esta, efetivamente, tem inibido algumas dinâmicas e processos de emancipação que necessitam do discurso sobre a diferença (2004:226).

Esta consideração possibilita compreender as diferentes dinâmicas, em especial as de Toco e Will, para lidar com sua dimensão étnico-racial e empreender justificativas sobre seus corpos e trajetórias de vida. Figueiredo (2004) ao tratar de trajetórias de vida e experiências de preconceito racial com a população de classe média negra baiana, demonstra como cada uma das pessoas lida com as experiências de forma diferente, assim como o referencial étnico-racial ganha contornos e visibilidade na identidade do sujeito com base em suas experiências de vida.

A maneira como Will lida com sua cor é bem diferente de Toco. Em Will existe um reconhecimento étnico-racial, afirma sua identidade negra, faz ligações de preconceitos e humilhações sofridas desde sua infância ao fato de ser negro. Ao cantar músicas de hip-hop exalta a negritude, quando descobriu que iria ser pai disse que nomearia seu filho de Luter King ou Marley se fosse homem e Anastácia ou Dandara se fosse mulher, fazendo referencia a personagens negros/as que lutaram pela igualdade entre etnias e raças.

Toco, apesar de se considerar negro, tal reconhecimento não produzia inferências sobre suas percepções de desigualdades e preconceitos vividos ao longo de sua história, justificando experiências de estigma muito mais como advento da sua condição de pobreza e por vezes se

culpabilizando por trajar-se de maneira indevida nos espaços ou por ter feito práticas ilícitas no passado. Contudo, podemos observar que suas condições concretas e simbólicas afirmam constantemente as desigualdades raciais que também norteiam sua vida e parecem ratificar a dificuldade de evidenciar algumas diferenças que as experiências dos corpos negros vivem.

Figueiredo também tece comentários sobre as relações de consumo e racismo na classe média e pontua que “o reconhecimento ou a percepção de que o próprio indivíduo tem acerca de ser alvo de preconceito racial, não se traduz, necessariamente, na tomada de uma atitude que consideremos eficaz ou politicamente relevante no combate ao racismo”(2004:202). A autora traz o exemplo de pessoas que receberam tratamento preconceituoso diante a vendedores do comércio e ao invés de ter uma postura de denuncia e buscar instituições que pudessem assegurar a medida legal para tal ato, procuram consumir e comprar produtos além do que a princípio desejaram como estratégia de dar “um tapa na cara do vendedor”. Esta postura é bem ilustrativa para compreender as formas corporais de lidar com tais situações.

Existe uma relação entre emoção, poder, relações de consumo e individualismo que favorecem a afirmação do sujeito ao invés de uma postura que valorize a identidade coletiva, ou seja, as pessoas ao invés de produzirem um reconhecimento ético-racial e compreender as posturas de preconceito e discriminação como uma afronta a si e a seu grupo, há apenas um reconhecimento individualista que passa a ser respondido a partir deste referencial.

Com os homens jovens desta pesquisa, existe uma possibilidade imensamente menor de utilizar como recurso corporal o dinheiro para coibir e/ou desqualificar, mesmo de forma individualista, a prática preconceituosa. A estratégia corporal utilizada por eles, se aproxima da retribuição de tal agressão, através de seus referenciais que se manifestam pelas expressões emotivas e corporais violentas, sendo uma espécie de prática reparadora, mesmo que de maneira destrutiva e insuficiente, talvez reificando o próprio estigma. Se as respostas não são necessariamente automáticas às ofensas recebidas, bem como não necessariamente elas podem ser “retribuídas” as próprias pessoas que praticaram, dado as configurações das relações de poder (a exemplo das experiências de violência sofridas por policiais com Will que não gerou uma resposta direta a tal agressão), outras respostas podem ser prontamente produzidas.

Uma história parece emblemática neste sentido. Um jovem que passou pelo Programa, ainda quando trabalhava lá, trouxe um relato interessante que aponta conflitos de corpos de homens jovens negros e pobres. Carlos⁶⁸ disse que a primeira vez que roubou tinha 8 anos, na Escola, dias após sua professora o chamar de “macaco”, afirmou que roubou só de raiva. Ainda nos relatos de Carlos, depois comentou algumas infrações que praticou só de “raiva” por

⁶⁸ Nome fictício

perceber que estava sendo alvo de preconceito, uma dessas ia andando pela rua e uma senhora “dondoca” que vinha na mesma calçada atravessou após dar uma olhada denunciadora para ele, Carlos disse que não pensou duas vezes, atravessou a rua em sua direção e a abordou levando sua bolsa, afirmando que só estava roubando por ela ter sido preconceituosa com ele (Will, em seus relatos também faz referencia que “só faz mal” a quem não o respeita).

Carlos dizia que não gostava de ser negro e não gostava de coisas de “macumba”, comparecia ao Programa sempre “bem arrumado”, de acordo com os “padrões europeus”. Infelizmente seus conflitos não puderam ser explorados, pois ele morreu cerca um mês após esta nossa conversa.

A estratégia expressiva de Carlos foi retribuir através das infrações a dor que sentia em seu próprio corpo, pelas vivências estigmatizantes que carregava, trocando feridas e semeando dores nas relações sociais. Por hora, é interessante destacar a dimensão de desigualdade de acesso e legitimidade as dores, implicando nas formas expressivas que criminalizam a população masculina negra.

Assim, as experiências de desigualdade sofridas e sentidas em seus corpos que ainda permanecem fortemente escritas nas relações sociais (a exemplo da “cor” da pobreza (HERINGER, 2002; HASENBALG 1996b), interferem na criminalização e enquadramento dos corpos dos homens jovens na manutenção de uma realidade racista.

Sobre as legislações penais e o controle de vidas da população negra, Carneiro (2005) procura fazer uma reflexão e traça um perfil perverso nas relações raciais brasileiras que repercute na violência e dominação dos corpos da população negra pobre e jovem, a partir das relações de controle do Estado ela utiliza o conceito foucaultiano de Biopoder⁶⁹. Apoiado no estudo de Cardoso comenta que os ex-escravos e os descendentes de escravos formaram a primeira grande massa de populações marginais inferindo que ainda não ocorreu a passagem de escravo para cidadão. Houver uma condução jurídica sobre a “vadiagem” e “marginalidade” que foi ganhando requintes e enquadramento ao longo do século vinte e permitindo manter as relações de institucionalização e segregação social dos corpos da população negra, bem como direcionando os corpos masculinos a espaços de criminalização e controle. A subordinação e investida estatal nas relações entre corpos e legalidade vão tomando proporções e configurações com base na fragmentação dos laços sociais e insubordinação à legalidade hegemônica.

⁶⁹ Biopoder é compreendido neste estudo como “... uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico, ou pelo menos uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico ... o direito de soberania, o defazer morrer e deixar viver”(ib idem:73)

Deise Benedito (2005) em um artigo sobre a construção da identidade negra criminosa no Brasil procura mostrar como a infância e adolescência da população negra vem desde os tempos da escravidão passando por instituições do Estado responsáveis por regular, disciplinar e reificar a segregação racial. Neste estudo ela percorre a trajetória de diversas instituições no Brasil e no Estado de São Paulo responsáveis pela tutela das crianças negras filhas de escravos e após abolição, filhas de famílias negras pobres. No século XVIII e XIX, a Casa dos Expostos ou Casa dos Rejeitados, regida por Santas Casas acompanhavam os adolescentes homens até 18 anos. Eles eram encaminhados para casas de famílias para realizar trabalhos, enquanto recebiam algum rendimento, sendo acusados de insubordinados eram encaminhados para as Forças Armadas – Arsenal de Guerra ou a escola de Aprendizes de Marinheiro – ou para oficinas do Estado.

Entre o século XIX e XX, sob a égide higienista e influências de teorias biológicas de hierarquização racial, teve início a Assistência do Estado, foram criados serviços de assistência social de menores e a constituição do Código de Menores, responsável por regular juridicamente a vida de crianças e adolescentes. A “vadiagem” e o “abandono” recebiam tratamentos indistintos, o que antes dava um tratamento de “caridade” ofuscando relações desiguais na sociedade, passava a receber tratamentos “disciplinadores” ofuscando os mesmos fenômenos com o aditivo de práticas institucionais totais, cada vez mais haviam exilamentos, muros altos e nenhum profissional com habilidade técnica para o trabalho com juventude, como pontua Benedito:

Prevalecia a política dos castigos e das surras com barras de ferro e correntes, choques elétricos e humilhações públicas como parte do processo de reeducação, numa reedição do sistema penitenciário (...) ao passo que o Brasil tornava-se signatário de tratados e convenções Internacionais relativos à proteção da criança e do jovem, mesmo tendo uma legislação que mascarava uma prática escravagista, arcaica e discriminatória como o uso da força (2005:57).

A autora pontua a constituição da FEBEM e a ampliação das práticas de institucionalização da população de adolescentes negros e pobres, bem como a estigmatização da deles como “elementos de alta periculosidade”: “O sim senhor e não senhor, herança da colonização, das relações feitores e escravos permanece no interior através da herança do militarismo da época da ditadura”(2005:62). Após relatar vários fatos formulam a compreensão de torturas e destituição de direitos dos adolescentes, Benedito pontua: “são nestas condições que estão abrigando milhares de meninos ... estão cumprindo Medidas Sócio-Educativas pelo ECA, em um país democrático as luzes do século XXI. No século dos direitos humanos,

podemos assistir pela televisão as rebeliões ao vivo e o confinamento destes jovens como na antiguidade dentro das masmorras”(2005:62).

Nas experiências de DDF, foram três meses de provações, violentando corpos e tendo o seu corpo violentado por agressões físicas entre pares e castigos em selas próprias aplicado por agentes correcionais da instituição. Dinho também passou três meses experienciando violências, com indicações seqüenciais de sofrer abusos sexuais e não houve nenhuma intervenção institucional para impedir tais ocorrências, apesar de ser do conhecimento da equipe técnica. Existem vários outros casos que também podem ilustrar as situações de violência nestes espaços.

Um jovem negro (Lucas), amigo de DDL, ficou cerca de 1 ano internado no CASE Cabo, ele eram um dos “comandantes” da unidade de internação. Após um período que a maioria de seus parceiros recebeu progressões de medida e saíram do CASE, ele ficou sozinho e “visado” por outros jovens que construíram inimizades durante sua estadia. Houve uma rebelião na Instituição, tocaram fogo em Lucas, mas ele ainda conseguiu se salvar apesar de ter ficado com queimaduras em quase 70% do seu corpo. Após este incidente os/as profissionais do CASE deram a progressão de medida a ele, que saiu da Unidade de Queimados no Hospital da Restauração, para o Programa LA. Uma das coisas que muito me provoca nesta história é: Qual o critério pedagógico adotado nestes episódios cada vez mais recorrentes? Uma política da violência e ditadura do dor, onde os corpos que superarem a tais provações serão liberados?

Apesar desta linha pedagógica hegemônica em várias unidades de Internação, também há possibilidades de visualizar algumas linhas fuga deste caminho, mesmo que possam ser frágeis e reificadoras de outras lógicas opressivas. DDF ao final de sua experiência institucional conseguiu colher outras coisas, além de experiências traumáticas de relações violentas, aprendeu a música, tocar instrumentos de sopro, além de se inserir em cursos profissionalizantes.

Os dados etnográficos e os comentários de Benedito possibilitam ratificar como as relações raciais, em especial, de homens jovens, suas inscrições sociais e o Estado, ainda estão fortemente submetidas a relações de sujeição, estigmatização e controle por parte dos corpos masculinos e suas vidas. Estas relações “raivosas” parecem gerar uma intolerância em relação às dores nos corpos e simultaneamente a violência como estratégia legítima nas relações sociais. Todas produzem feridas e perpetuam uma rigidez em suas práticas.

Com este contorno, as relações onde os adolescentes aparentavam estar mais domesticados e sujeitos as relações de poder fruto das experiências da escravidão, hoje se

encontram insubordinados, o que pode ser compreendido dentro das próprias relações de redemocratização no Brasil atual.

Carneiro traz dados apoiado em outros estudos que tratam da violência, sobre a morte da população masculina jovem, pobre e negra. Pontuam que alguns estudos demonstram que a morte desta população é 74% maior que da população de jovens brancos, e assinala que:

É o corpo do homem negro em que a violência se torna grandemente no solo constitutivo da produção do gênero masculino negro (...) uma guerra fratricida na qual se articulam gênero, raça e classe, consolidando um verdadeiro genocídio de homens negros. A indiferença para com essa mortandade de negros encontra seu contraponto na indignação que assola o país, quando a vítima de violência são pessoas brancas das classes superiores (2005:91).

Neste contexto, existem práticas normativas de tratamento dos corpos, com diversas formas de lidar com as dores e emoções dos diferentes corpos raciais, sexuais, geracionais e de classe. A dimensão racial articulada com as questões de gênero, geração e classe dos sujeitos pesquisados insinuam relações desiguais e opressivas baseadas em estratégias violentas que atravessam os corpos masculinos e negros somam a suas experiências familiares e comunitárias violentas, potencializando estratégias expressivas de mesma intensidade, semeando dores e fragilizando os laços sociais.

O tratamento desigual para fatos similares (por exemplo, distintos tratamentos as mortes e as infrações aos diversos segmentos populacionais, pensando gênero, classe e raça), produz questionamentos sobre a legitimidade das emoções dos homens jovens com base nas normas jurídicas e a forma como ela é empregada para analisar as suas infrações. Legalmente e publicamente os homens jovens são bem mais conhecidos como agressores do que como vítimas.

Os termos “menor infrator⁷⁰” ou “adolescente infrator”, trazem um sujeito presente (menor/adolescente) e um sujeito oculto (a lei – a que julga o menor ou adolescente de “infrator”). Mas, o ocultamento de um sujeito, faz com que o outro seja o único ativo de tal prática. Estes termos apesar de serem ultrapassados na linguagem de parte dos ativistas de direitos da criança e do adolescente, são os termos mais usuais nos meios de comunicação, a opinião pública e entre a população em geral.

⁷⁰ Este termo que legal e juridicamente está em desuso desde a promulgação do ECA, é condenado por vários/as ativistas que afirmam estigmatizar a infância e adolescência pobre. Contudo, ainda é um dos termos mais utilizados pela imprensa para reificar o imaginário social discriminatório (MARQUES,2000).

O termo “adolescente em conflito com a lei”, trás um sujeito ativo (adolescente) e outro sujeito passivo (a lei), gerando a compreensão de que o adolescente é o autor do conflito. Contudo, antes de existir o conflito (praticado pelo adolescente) existe a lei (o ECA), e, é a lei que confere ao adolescente a posição de “conflito”. O sujeito passivo (lei) ocupa o maior poder nesta relação, sendo ela que confere ao adolescente a sua condição conflituosa. Porque não se fala do conflito da lei, assim como se fala do conflito do adolescente? Ou talvez, porque não se responsabiliza a lei, assim como se responsabiliza o adolescente?

O Estatuto da Criança e do Adolescente, a lei que regula a vida e a condição social dos adolescentes, com base na doutrina integral segue uma compreensão de co-responsabilização do adolescente. Ou seja, tanto o Estado, como a família, como a comunidade – enfim a sociedade em geral – é responsável pelos adolescentes, e estes são “prioridade” por serem sujeitos em desenvolvimento, ocupando um espaço tutelar privilegiado.

Contudo, como percebemos ao longo das histórias dos homens jovens (e de mais tantas outras histórias de adolescentes que cumprem Medidas Sócio-Educativas), a lei “infraciona” suas vidas desde cedo e nem por isso é responsabilizada ou punida por tal fato. O ECA em sua prática, as avessas do que propõe, pune o adolescente, culpabiliza-o como único sujeito, reduz seu ato infracional a uma relação de causa e efeito, onde um é desviante e o outro é correto, reproduz desta forma a lógica da estrutura vítima/algoz⁷¹ e envia para longe o outro “sujeito” (ela própria), negando a sua responsabilidade na construção deste desvio. Por mais que o discurso seja o de reconhecer as falhas, quem “paga” é o adolescente. Pois, normativamente quem se fere com tal infração é “vítima” e quer punição de tal infrator, seja qual for o grau de parentesco⁷².

A maioria dos adolescentes “em conflito com a lei” são homens, pobres, negros e passam, como vimos, por sucessivas privações, vivências de violência e dor para produzir a revolta. A relação de culpabilização nestes casos é mais severa, ocorre uma inscrição negativa do Estado. Negando desde cedo seus direitos e quando há uma intervenção diretiva é para negativizar sua revolta, sua circulação social, e, geralmente, mais uma vez os seus direitos –

⁷¹ Sobre o binaridade vítimaXalgoz, nos estudos de gênero há uma séire de problematizações e perspectivas na tentativa de deslocar a estrutura. Por exemplo, para as relações de “violência contra a mulher”, existem perspectivas que se centram mais numa compreensão de mesmo diante das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, a violência pode ser produzida pelos dois sujeitos que estão implicados de formas diferentes e com proporções diferentes, demonstrando a necessidade de um descolamento da vitimização passiva, para uma posição mais ativa diante das relações (a exemplo de ORTNER, 2006; GREGORI, 1993 e GROSSI, 1998).

⁷² Como vimos, as pessoas que são “vítimas” variam de acordo com a infração: as mulheres brancas geralmente são mais roubadas, enquanto as mulheres pobres e afrodescentes sofrem violência sexual; os homens em sua maioria jovens – afrodescentes e pobres – sofrem mais homicídios, roubos e também sofrem violência sexual; e existem sujeitos “ocultos” tem seus bens furtados e arrombados.

através de inscrições punitivas e de coerção em seu cotidiano, muitas delas invadindo o seu corpo.

Esta negação segunda – do sujeito de direito homem jovem, negro e pobre – se dá por uma positivação do direito do outro ou o risco da negação do direito do outro.

Me parece que o acesso a formas de punir o “culpado” são lançadas com base nos recursos corporais e expressivos de cada sujeito. Assim, enquanto os homens jovens parecem optar com maior frequência pela infração, algumas de suas vítimas optam pela “justiça” – o aparato do Estado responsável para “reeducá-los”, que como vimos historicamente seguem algumas práticas violentas com intensidades tão parecidas quanto as práticas exercidas pelos homens jovens.

Mas, se todos os homens jovens que praticam infrações, ou melhor, que são responsabilizados por suas infrações podem não passar por uma privação tão intensa e não se configurar nesta dupla negação de direitos, também é bem verdade que muitos de suas “vítimas” não tem seus direitos garantidos, a lei também é falha com eles e não necessariamente gozam de uma visibilidade social, muitos são seus pares (a exemplo, da guerra fratricida que Sueli Carneiro pontua: ver citação na página 131).

Este fato só corrobora para complexificar ainda mais as relações, fragilizar os laços sociais e gerar alguns questionamentos. Qual é a legitimidade desta lei diante a realidade social? Qual é sua capacidade/potencialidade de garantir coesão social e relações justas entre pessoas? Será que os julgamentos sobre vítimas e algozes são, de fato, justos? Suas estratégias pedagógicas fortalecem o elo social ou fragilizam? Qual a legitimidade da dor destes homens jovens que tem seus corpos feridos por violências e privações sucessivas?

Na minha interpretação com base nos dados da pesquisa, há uma postura nítida dentro das relações sociais que conduz, ou que reduz, as alternativas de existência destes jovens. Neste contexto parece que hegemonicamente não existe dor para sociedade na violência sofrida por estes adolescentes, como também não se é legitimado de forma positiva as relações desiguais, da pobreza e dos preconceitos raciais. Com isso, prevalece a fragilidade dos laços sociais e as trocas violentas.

Esta perspectiva nos faz compreender que a fragilidade do Sistema Nacional de Execução de Medidas Sócio-Educativas se dá por um norte das políticas públicas e do caminho do Estado que traça outras preferências e intenções políticas, assim como as fragilidades de em outras instituições do Estado (a exemplo das escolas e das instituições de saúde) e da própria família. A execução do ECA tem uma relação de mais afinidade com as políticas econômicas e as relações capitalistas, do que com a integridade humana e as emoções destes jovens que

pesquisa. Há uma convergência entre a hegemonia capitalista, a lei e uma economia perversa dos corpos dos jovens homens, nas relações de disciplinamento e insubordinação pela violência.

Iniciativas públicas e da sociedade civil tem procurado construir e desenvolver ações que procurem favorecer as diferenças e ações afirmativas que produzam mecanismos legítimos de ações pró-equidade. Um exemplo dessas iniciativas é a existência da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial) e da SPM (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres) que incidem na formação de Programas educacionais, jurídicos, políticos, econômicos que favoreçam populações negras, indígenas e mulheres. Essas são atitudes de uma sociedade que esboça um reconhecimento dessas questões, mesmo que não priorize-as como centrais ou não saiba como enfrentá-las de modo eficaz.

Por fim, com este panorama traçado sobre as relações emotivas em nossa cultura, partindo da compreensão da construção social das emoções, onde elas só existem no sujeito na sua relação com a cultura, fica um questionamento. Se hegemonicamente a dor dos homens jovens não existe para a nossa cultura como pode existir para eles? Este questionamento parece anunciar mais uma vez a fragilidade dos laços sociais e fortalecer práticas corporais violentas.

Nos iniciamos este capítulo problematizando as práticas corporais e formas expressivas das emoções que serviram de referencia aos homens jovens em suas relações familiares, vimos que apesar de uma amplitude de práticas, existem aquelas mais recorrentes nos referenciais masculinos, em suas experiências familiares e comunitárias. Procuramos adentrar nas formas que opera a economia perversa dos corpos através das restrições simbólicas e materiais que caminham simultaneamente com referencias de corpos masculinos enrijecidos por práticas tradicionais, relações violentas, e as dimensões geracionais e de classe em sua relação com as mulheres, dinheiro, as drogas e o consumo. Esta experiência tem produzido sucessivas feridas em seus corpos, fragilizando os laços sociais e colocando a violência como uma prática corporal e expressão emotiva “legítima” nas trocas sociais. Em seguida procuramos analisar a dimensão racial e a construção dos corpos masculinos negros e a criminalidade, observando uma negação do sujeito de direito e restrição à legitimidade das emoções, bem como delimitando repertórios expressivos violentos na disseminação das dores e fragilidade dos laços sociais.

No próximo capítulo iremos nos dedicar a problematizar um pouco mais a dimensão da dor nos corpos masculinos de homens jovens e sua relação com a revolta e as infrações como estratégicas expressivas destas emoções.

5. Temperos da Infração: amargando corpos e alimentando violências

5.1. A Dor dos “algozes”

Para problematizar a vida e a prática de infração destes jovens, só se faz possível a partir das perspectivas expostas anteriormente. As emoções são construções sociais, e a relação entre a experiência emocional de um indivíduo e aquela do grupo a que ele pertence pode ser expressa pela analogia da relação entre a palavra e a linguagem da qual ela faz parte. Para a palavra ter um significado pressupõe que faça parte de um sistema lingüístico, do contrário não teria sentido, assim como a linguagem em si não tem outro significado além do presente nas palavras com que é composta e de sua disposição gramatical (JAGGAR, 1997).

Desta forma as palavras que adoto aqui para dar significado as emoções percebidas nas histórias dos homens jovens – em especial a dor que terá ênfase neste capítulo – são nomeações dadas por mim às impressões sobre os sentimentos que emergiram nos relatos dos jovens e no meu processo interpretativo. Portanto, o uso desta forma é instrumental para gerar inteligibilidade sobre as emoções, mas não as encerram e podem ser dadas outras nomenclaturas e outras formas expressivas. Além disso, os homens jovens que pesquiso não adotam a dor para dar sentido a dimensão que emprego nesta categoria. Afinal, talvez o grande problema que iremos empreender aqui é justamente refletir sobre a legitimidade e o reconhecimento da dor em seus corpos e nos corpos dos outros.

A dor, sendo auxiliado pelo dicionário para construir sua representação recorrente, pode ser entendida como “impressão desagradável ou penosa, proveniente de lesão, contusão ou estado orgânico anômalo; mágoa, pesar”(FERREIRA, 1985).

Na contemporaneidade a dor é uma emoção que agrega inúmeros especialistas. Existem Sociedades nacionais e internacionais que tratam da dor como foco de intervenção profissional⁷³. A maior parte destes especialistas tem uma dedicação mais aproximativa da dor física (dedicando a produção de conhecimentos e tratamentos de lesões e fraturas corporais). Mesmo com uma dedicação prioritária a lesões ósseas e de tecidos do corpo biológico, tais especialistas também reconhecem influências sociais e psicológicas da dor⁷⁴.

⁷³ A exemplo da Sociedade Brasileira da Dor (<http://www.dor.org.br/>) e da Sociedade Internacional da Dor (a qual a Sociedade Brasileira é filiada). Congrega profissionais de fisioterapia, ortopedia e outras especialidade medicas afins.

⁷⁴ Isto pode ser comprovado em uma página do site que tratam dos fatores causadores da dor: http://www.dor.org.br/dor_fatores.asp

Nos estudos antropológicos também podemos encontrar abordagens que fazem aproximações com a problemática da dor e do sofrimento, em destaque os estudos de antropologia da saúde. Duarte (1998) ao retratar este debate comenta que estas categorias (o sofrimento e a dor) são adotadas “para lidar com a dimensão estranha do adoecimento ... quer se o entenda no sentido “físico” mais restrito, quer se entenda no sentido “moral”, abrangente ... e que engloba, inclui, o sentido físico”(1998:13).

Aqui não irei adotar a dimensão do adoecimento por não estar tratando de fenômenos de saúde/doença sob a perspectiva antropológica (apesar de poder se tratar de um recurso metafórico e até objetivo para refletir sobre os laços sociais), a dor será compreendida no sentido amplo, englobando o corpo e a moralidade. Um exemplo ilustrativo da indissociabilidade destas dimensões (como tenho argumentado operam simultaneamente nas histórias dos homens jovens), é a própria experiência de fome que Will viveu, ou a experiência de violência vivida por Dinho, que induz dores morais e no corpo.

Nos relatos de Will, Toco, DDF e Dinho é perceptível como esta emoção permeia suas vidas, em alguns relatos com maior evidencia, mas em todos sua presença é marcante.

Will narra sua vida numa relação constante com dores, suas experiências de rua; as violências que ele e sua família sofreram nestes espaços; uma doença que adquiriu; a fome que lhe acompanhou por parte de sua vida; as vezes que sofreu agressões de pares; com maioria dos homens que surgiram em sua família – violentos e indiferentes; a morte violenta de seu avô; a morte de colegas seus; o sofrimento que causou a sua mãe; as violências policiais que sofreu; as humilhações e desconfianças; os preconceitos raciais e de classe; enfim, inúmeros episódio vão alimentando a dor.

Toco também narrou relações dolorosas em sua casa – a agressividade de seu padrasto, o alcoolismo e o descuido de sua mãe, a agressividade e a invasão de seu irmão; violências policiais; a experiência da pobreza; preconceitos e estigmas de classe e raça em espaços públicos; a drogadição, todos são componentes que marcam sua vida.

DDL relata a dor de não ter tido um pai no seu cotidiano; as dores de experiências violentas na infância, quedas, medos, e o contato com a violência urbana; as dores pela derrocada financeira de sua mãe e consequentemente da família, por não ter dinheiro; pelo sofrimento de sua mãe.

Dinho sente as dores da injustiça que sofreu na escola, de agressões físicas que sofreu de sua mãe na sala de aula e em casa; da violência que sua mãe sofreu ao ser violentada; dos conflitos familiares; as dores da internação da FUNDAC, de ter sido violentado, as dores de suas cicatrizes na barriga e no rosto.

Apesar destas “fraturas expostas” na história dos homens jovens um outro componente da dor percebida no meu contato com estes jovens é a sua própria existência. Ou seja, esta dor existe para eles? Existe um significante e um significado que possa expressar este sentimento? Faz parte de seu repertório lingüístico, é assimilável? Existe a palavra (mesmo que não seja dor)? A dor pode ser expressa por seus corpos de diversas formas e ganha visibilidade, sendo assim legítima em nossa cultura e possibilitando novos arranjos nas relações sociais? Ou ainda, fazendo referencia às suas condições de “menores infratores”, existem dores entre os algozes?

Em momentos do trabalho de campo com os jovens, as narrativas eram embotadas e as informações eram produzidas por expressões corporais, choros, silêncios e a negação de falar sobre determinado tema, que pareciam comunicar “para mim é difícil falar sobre isso, não sei como tratar deste assunto verbalizando o que sinto e vivi diante dele, não quero resgatar de minha memória esta experiência” ou ainda “este é um assunto triste e vou sentir dor, sofrer”.

Isto acontecia principalmente com temas “delicados” em suas trajetórias como, por exemplo, situações de violência sofrida, distanciamento ou perda de parentes e pessoas próximas, ou ainda situações que tinham intenso envolvimento afetivo por parte dos jovens. As dores “íntimas” difíceis de serem penetradas nas narrativas masculinas, principalmente se tratando de homens jovens, como já foi pontuado na metodologia deste trabalho, boa parte dos estudos expressam esta dificuldade. (DIÓGENES, 1998; NASCIMENTO, 1999; RIBEIRO, 2006).

No Programa LA era raro chegar adolescentes para falar de suas “dores” de forma direta, era restrito o número de jovens que interessavam por um processo psicoterapêutico para “tratar” de seu sofrimento. Os jovens em sua maioria, com exceção das atividades educativas em grupo e ações comunitárias, compareciam com demandas “concretas”, pediam por trabalho, abrigo por risco de vida, tratamento de drogas, cursos profissionalizantes etc. Estas eram algumas das freqüentes demandas materiais que deixava nas entrelinhas a sua dor.

Estudos que tratam de masculinidades comentam como a dimensão da dor opera em boa parte dos homens jovens e em várias culturas. A resistência, mistificação e superação da dor como prova de sua virilidade e força são práticas habituais. Muitos rituais e práticas masculinas procuram iniciar jovens homens a situações de violência física e moral para comprovar sua masculinidade. Há uma compreensão que demonstrar o sofrimento e as dores são provas de fraqueza e fragilidade (BOURDIEU, 2003; DIÓGENES, 1998; GASTALDO, 1995; BORIS, 2002; ZALUAR, 1999).

Will teve a “sarna” ainda criança e se permitiu ser cuidado por sua mãe. Nos relatos de DDL é interessante perceber que ao retratar sua infância situações de fragilidade pessoal também podiam ficar expostas – as dores que sentiu com quedas, os medos do boi-bumba e de

violências que presenciou – estes comentários vinham acompanhados de atributos pessoais de “tabacudo” e “donzelo”. Mas, a partir do início de sua adolescência seus relatos não têm mais espaço para a fragilidade ou dor, mesmo ao relatar sua prisão e suas experiências nos primeiros meses de FUNDAC – nestas falas o que se evidencia é a confirmação de ter superado as situações de violência, de ser “caba homem”, coroando a sua “regeneração”.

Nos outros relatos, existem similaridades com esta forma narrativa adotada por DDF, pois apesar das inúmeras situações que insinuam sofrimento e dor, majoritariamente a dimensão da “força” afirmava a impossibilidade de se banhar nas dores, ou pelo menos senti-la. Assim acontece na história de Will quando o “estivador” morre (companheiro de sua mãe e admirado pelo jovem), as mulheres ficam sofrendo e ele assumindo a responsabilidade pelo provimento financeiro. Na história de Toco, ainda quando criança “briga” com seu padrasto para proteger a mãe, sendo expulso de casa – não sucumbindo às dores de tal episódio, mas já aprendendo um ofício e cuidando financeiramente de seu novo lar e do antigo. Ou, ainda, na história de Dinho quando retrata sua infração e afirmando que nunca “ficaria por baixo”. Estes são apenas alguns episódios que ilustram a dimensão de como os homens jovens lidam com a dor. Nestas situações parece haver um reforço dos valores de virilidade e honra. A repressão à dor ou a não publicização direta, vivida em seus corpos comunica um ônus destas práticas.

Mesmo sentindo muita dor no contanto com estes homens jovens e percebendo em seus relatos o quanto falavam delas, o sofrimento, a dor e o choro apareciam mais relacionados à “dor” da sua mãe ou de suas companheiras, do que a sua própria. Quando Will chorou em nossas conversas foi porque se sensibilizou com o sofrimento materno e de sua companheira, e não com sua condição de ter sido “preso”. DDF diz que ficou “marcado”, mas se comove ao dizer que não quer causar mais dor para sua mãe, “ela não merece”. Aqui a dimensão de “elo condutor”, ou melhor “ela condutora” também se expressa, sugerindo uma moderação em práticas corporais transgressoras estimuladas pelos sentimentos maternos.

A dor não é apenas constante nestas quatro histórias. Em minha experiência pregressa no Programa LA, ao acompanhar adolescentes e famílias, suas histórias eram preenchidas por dores, muitas delas também estavam expressas nos corpos, de maneira mais explícita, quando homens (principalmente adolescentes, pais e irmãos) apareciam geralmente através de cicatrizes e ferimentos de faca, tiro, cirurgias, acidentes; ou quando mulheres (principalmente mães, avós e companheiras), expressavam através de doenças, dores de cabeça, “enchaquecas”, “sopro no coração”, “depressões”, enfim repertórios que também se mesclavam quando apareciam jovens com doenças de pele, DST/HIV ou depressivos (como no caso de Dinho), ou ainda com outras doenças mentais e adolescentes mulheres ou suas mães com

cortes e cicatrizes. Às vezes, me impressionava com a clareza e a franqueza com que as dores eram expostas.

Me parece, que nos relatos dos homens jovens, os incômodos e sofrimentos eram comunicados quando visíveis por alguma alteração corporal, “mas só nas últimas”. Dinho suportou cerca de três meses de violências contínuas e após sair da FUNDAC, ainda passou alguns dias suportando de forma reclusa a sua dor até se tornar insuportável, chegando a ficar em coma, se submetendo a três cirurgias e dias na internação. DDF também necessitou de cuidados médicos e sentiu dores quando foi baleado. A permissão para dores em fraturas, cortes, ou ainda, situações limites, que há uma necessidade de internação, parece ser uma prática não apenas destes homens jovens, mas da relação do homem com a saúde e o cuidado de si (SOUZA, 2005 e 2006; SCHRAIBER, GOMES, COUTO, 2005).

Estas formas de lidar com a dor em seus corpos me parecem ter implicações mais amplas. Ao problematizarmos as dimensões de espaço, percebemos que o privado e público operam em imanência e não há indissociabilidade entre como se sente no corpo (ou como pode sentir no corpo) e como se expressa no mundo.

Assim, estas práticas de “superação” da dor que constituem formas culturais normativas nas socializações masculinas, operam em culturas tradicionais com laços sociais mais fortalecidos, produzindo violências legítimas em tais contextos. Assim, os homens podem oprimir suas companheiras e /ou mulheres (a exemplo das violências contra a mulher tão pautadas pelo feminismo), ou então, ser violentos e agressivos com outros grupos que não tem laços amistosos(a exemplo das guerras protagonizadas pelos Estado Unidos), enfim parecem operar dentro de uma lógica violenta, mas permitida em diversas instituições.

Nos homens jovens que pesquiso, este processo de socialização agregado ao individualismo, suas condições materiais de vida, a fragilidade dos laços sociais e a escassez de recursos expressivos em suas relações de troca, parecem favorecer práticas violentas “não legítimas” socialmente, pois operam nas frouxidão institucionais dos abismos entre classes, raças e sexos. No momento que adotam as infrações como práticas corporais e expressão de seus sentimentos, caminham pela economia perversa dos corpos, num limbo entre a “obrigatoriedade” de suportar as dores corporais (e morais) e a incapacidade expressiva de acessá-las de modo compreensível. A dor no corpo também é uma dor cultural, que comunica agonisticamente o sofrimento.

Uma vez, ainda quando era estagiário do Programa LA, atendi um jovem – vou chamá-lo aqui de Kenedi⁷⁵ – e sua mãe. Ele tinha apenas 13 anos e havia chegado para cumprir medida sócio-educativa. Após conversar com sua mãe soube da morte de seu avô e do pesar dele com isso. No diálogo que iniciei com Kenedi ele foi estimulado a falar sobre sua vida e situações desagradáveis (eu seguia um roteiro de perguntas do Programa), questionei se para ele tinha sido dolorosa a morte de seu avô, ele mergulhou em um choro intenso durante longos minutos. Ao encerrarmos seu atendimento ele nunca mais voltou, soube apenas de notícias de seu envolvimento com drogas, roubos e tiroteios, fugiu de casa e como sua própria mãe disse “teve sorte de ter sido pego novamente pela polícia e ter sido preso”.⁷⁶ Pensei durante algum tempo, como havia sido incompreensível para ele expor daquela forma sua dor e resolveu construir uma fama destemida, um frágil poder que provocava sofrimento e dor a outras vidas urbanas, que fugia do próprio medo de sentir.

O avô de Kenedi morreu, segundo relatos de sua mãe, no Hospital da Restauração aguardando o atendimento, mais de 5 horas depois de sua chegada. Esta morte que provoca tal emoção no jovem, inscreve fatos sociais que geram sofrimento para além da dor da perda de um ente querido, mas a dor da relação com o Estado, com o espaço público, com as relações sociais, lesa a subjetividade e os laços coletivos. Esta interpretação também pode ser percebida nas experiências de Will, DDF, Toco e Dinho e no próximo capítulo nos dedicaremos a refletir sobre suas infrações.

Estas incursões de campo endossam a interpretação da dor como: uma construção social que se inscreve no corpo destes jovens; se expressa em sua relação com a cultura – nas experiências e significados construídos com os aparelhos do Estado, nas relações de gênero, classe, raça e sexualidade, nas relações comunitárias e familiares, e; se faz na própria cultura que este corpo atua – deixando marcas, criando frestas, em alguns casos abismos de dores em suas formas de manifestação e negação.

Assim, me parece que os “algozes” também sentem. E, é justamente por sentirem-se, mais especificamente enquanto “vítimas”, que produzem a violência como expressão legítima diante das restrições de seu repertório corporal e emocional. Todos os jovens, ao infracionar têm justificativas que esbarram em relações feridas, trocas dolorosas, entre classe, raça, sexos e geração.

⁷⁵ Seu nome era de um antigo presidente dos E.U.A., por isso optei por preservar esta lógica que me pareceu muito significativa para se pensar as construções sobre os espaços masculinos nomeados por seus antecessores parentais, neste caso em especial sua mãe.

⁷⁶ Para os adolescentes/jovens e seus familiares, assim como vimos nas histórias dos jovens nos capítulos anteriores, os jovens não cumprem medida sócio-educativa de internação, os jovens são presos.

As mulheres que convivem com os homens jovens (mães, avós, tias etc.) construíam outras formas expressivas de lidar com a dor. Muitas delas demandavam um espaço no Programa LA para comunicar sua dor e conquistavam visibilidade com isso. Seu sofrimento era acolhido, pelo menos em intenção, sendo retribuído ao falar de sua imagem e de seu engajamento no trabalho com o adolescente, ao conquistar benefícios sociais ou até ganhando alguns favores pessoais de algum/a profissional. O reconhecimento das mulheres pela dor, se constituía de forma adversa dos homens jovens, ao afirmá-las e publicizá-las em palavras e, por vezes, em somatizações no corpo, eram bem vistas, podiam conquistar privilégios e firmavam laços.

Márcia Pereira Leite em seu texto que trata de familiares de vítimas de violência demonstra como uma mulher da classe média carioca, mãe de uma adolescente vítima de bala perdida, faz uso de sua dor como um capital simbólico para ganhar visibilidade pública, reconhecimento social e lutar pelo fim da violência e por justiça. A dor de “Maria” é solidarizada, uma dádiva que circula nos espaços de poder do Rio de Janeiro gerando reconhecimento identitário e possibilitando novos arranjos sociais em prol de uma causa individual e coletiva (2006).

Aqui podemos ver outras formas de legitimar a dor, conquistar reconhecimento e visibilidade, pensando também as condições de existência das mulheres que freqüentam o Programa LA e a Maria (que Leite investiga), fatores de classe e raça operam na intensidade e extensão que seus corpos percorrem, bem como nas alterações dos arranjos sociais.

Durante meu trabalho de campo, com jovens egressos das Medidas Sócio-Educativas (que de alguma forma comunicavam seu novo arranjo de “não-infratores”), mesmo com as práticas recorrentes comentadas ao longo deste tópico, considero que durante nossas conversas pude penetrar em algumas de suas dores, bem como eles puderam expressar de diferentes formas, priorizando a fala – estratégia também priorizada por mim no campo, quando estimei suas narrativas.

Toco durante um de nossos encontros priorizou falar de sua dor nos conflitos com seu irmão e dos roubos que havia sofrido dele. O jovem também se mostrou sensível ao sofrimento de outros homens, como no caso que ele presenciou do rapaz que sofreu ao chegar em seu carro que encontrava-se arrombado. Will falou das dores de vários “baculejos” com policiais, de ter passado fome, de necessidades financeiras e seu sofrimento ao ter sido preso pela última vez. DDF, além de seus episódios de infância (já comentados), também pode falar de seus incômodos em relação ao seu uso drogas. Dinho teve mais dificuldades para utilizar linguagens diretas na comunicação de seu sofrimento, demandando de sua mãe para esta função.

Iremos agora analisar outra emoção, a revolta, que me parece ter um vínculo expressivo com a dor. Na medida que a revolta existe por não negar o sofrimento de seus corpos. Também iremos fazer um exercício de analisar esta emoção e suas práticas corporais em dois tempos. O primeiro mais fixado as normatizações corporais (com uma forma de lidar com as dores) à época de suas infrações. O segundo tempo é do trabalho de campo e que construíram suas narrativas, expressões corporais e práticas expressivas que tentam ser distintas, mesmo que não tão distantes das anteriores, mas que possibilita outras nuances expressivas da dor e da revolta.

5.2. A Revolta das “vítimas”

A princípio iremos tratar das infrações dos homens jovens enquanto expressão da revolta. Desta forma, gostaria de ressaltar a dimensão agonística, ou também poder referida como microfacista⁷⁷ (GUATARRI e ROLNIK, 1986), que opera através do que tenho chamado de economia perversa dos corpos. A rigidez como concebem seus movimentos corporais e práticas expressivas, favorecem um repertório semiótico de práticas corporais e emotivas intolerantes e violentas. Havendo uma relação direta na forma como lidam com suas dores e na forma como expressam sua revolta, opera uma simultaneidade entre os sentimentos e as formas como lidam corporalmente com eles.

Além disso, paradoxalmente existe uma fixação nas polaridades vítima/algoz, que reproduz a indissolubilidade e fluidez destas categorias na complexidade de como operam em nossa sociedade. Assim, o fato dos homens jovens perceberem-se enquanto vítimas de uma série de privações, preconceitos, estigmas e, em alguns casos, violências físicas, legitimam a operar na outra categoria de algozes. Enquanto o outro (a sociedade, a classe média, os/as brancos/as, adultos/as, os próprios pares etc), também são reconhecidos nestas duas categorias algozes e vítimas. Um círculo vicioso que cultua dores, trocam-se feridas e almejam distância.

A revolta (fazendo também recurso ao dicionário, onde as expressões trazem representações hegemônicas e por vezes perigosas) pode ser entendida como: “indignação, repulsa; ato ou efeito de revoltar(-se); manifestação (armada ou não) contra autoridade estabelecida; revolução” (FERREIRA, 1985). Como Camus escreve:

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro momento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda sua vida, julga

⁷⁷ Guatarri adota este conceito ao se referir a práticas semióticas realizadas por sujeitos e pequenos grupos baseadas na violência e intolerância.

subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado do não? [...] Significa, por exemplo “as coisas já duraram demais”, “até aí, sim; a partir daí não”; “assim já é demais, e ainda, “há um limite que você não pode ultrapassar”. Em suma, este não afirma a existência de uma fronteira. Encontra-se a mesma idéia de limite no sentimento do revoltado de que o outro “exagera” (1997:25).

Retomando as histórias dos homens jovens, há inúmeros episódios onde o sentimento de revolta pode ser observado. Sem relatar as situações em cada uma das histórias que já foram textualizadas aqui, com Will, DDF, Toco e Dinho as humilhações sofridas, ofensas pessoais, condições materiais de vida, a pobreza, preconceitos raciais, conflitos familiares, parecem expor esta emoção como legítima na interpretação de seus relatos. Há uma afirmação de suas dores e renúncia do modo com as relações estão estabelecidas. Contudo, a clareza está mais em suas práticas corporais transgressoras, expressão de incômodos, inconformismos e insubordinação, do que em alternativas não reificadoras das práticas violentas que habitam suas trajetórias.

Com este tempero as infrações ganham “corpo”. A fronteira corporal invadida por uma humilhação ou violência sofrida (seja ela verbal, física, simbólica, psicológica etc) é “retribuída” através de uma outra violência ou transgressão. Sarti em pesquisa desenvolvida com jovens internos da FEBEM de São Paulo coloca:

Em um universo moral, como das classes populares, baseado em princípios segundo os quais se retribui quando se recebe e, na mesma medida, se espera receber quando se dá, a reciprocidade transforma-se em seu avesso: o ressentimento. Quando se sentem lesados e desprovidos, cobram – um preço tanto mais alto quanto maior for a lesão ou a falta internas – e se julgam, na mesma medida, no direito de privar os outros, de seus bens e de sua vida. Por esse mecanismo subjetivo, negam a possibilidade do arbítrio da lei” (2003:79).

Esta afirmação de Sarti reforça a exposição de como emoções vividas no corpo favorecem expressões semelhantes na sociedade, mas existem dois pontos que gostaria de abordar: primeiro, a autora restringe as emoções a “mecanismos subjetivos” e ao “universo moral das classes populares”; segundo, não relaciona questões gênero, como a construção do corpo masculino, apesar de formular esta leitura em uma Instituição “masculina”.

Sobre o primeiro ponto, as emoções são construídas nas relações sociais, e seguindo a própria lógica de Sarti, ao se constituírem na subjetividade não estão deslocadas da cultura, desta forma acredito que mais do que uma moral exclusiva das classes populares ou de uma subjetividade, esta prática se refere a uma ideologia ocidental que apresenta suas repercussões nas classes populares e nas subjetividades deste segmento. Esta ideologia é o que Dumond

(2000) chama de individualismo e basicamente se refere à valorização do indivíduo, que tem ele como sentido, negligenciando ou subordinando a totalidade social. Parece-me que as diferenças estão nas estratégias expressivas que os diversos sujeitos adotam e fatores de classe, raça e sexo operam na normatização de práticas corporais e acesso bens e mecanismos sociais para garantir seus ressarcimentos morais e afetivos.

Pensando os homens jovens pobres e negros, as reflexões de Oliveira parece nos ajudar nesta compreensão:

A percepção de desonra ou de indignação experimentada pelo ator que vê sua identidade negada, diminuída, ou insultada não encontra instrumentos institucionalizados adequados para viabilizar a definição do evento como uma agressão socialmente reprovável, nem mecanismos que permitam a reestruturação da integridade moral dos concernidos... entramos na problemática da dádiva e de seu potencial interpretativo para a compreensão da dimensão moral de conflitos (2004:123).

Aqui podemos ver que a “reciprocidade”, ou sua inversão como Sarti refere, associado ao individualismo tem implicações nos conflitos sociais, e como a fragilidade dos aparatos institucionais do Estado também são falhos, implicando nos homens jovens, outras estratégias expressivas mais acessíveis para comunicar suas percepções de incômodos e dar visibilidade as suas identidades.

Sobre este ponto vários estudos fazem referência a fragilidade e/ou rompimentos dos laços sociais, dádiva (Mauss,1988), troca (Lévi-Strauss, 1982) e reciprocidade (Malinowski, 2003) como mobilizadores de crimes, delitos, e práticas de violência⁷⁸.

Construindo algumas reflexões sobre o multiculturalismo norte-americano, Walzer comenta que os grupos mais barulhentos na cacofonia contemporânea são os mais fracos e mais pobres, pontuando: “ A assistência mútua, a preservação cultural e a auto-defesa são afirmadas ruidosamente mas praticadas de modo ineficaz ... não contam com instituições sólidas ou bem fundadas que possam canalizar suas energias ou disciplinar membros indóceis. Estão socialmente expostos e vulneráveis”(1999:128).

⁷⁸ O conceito da mausseano da dádiva favorece várias incursões para análise das relações e laços sociais, desta forma lança possibilidades interpretativas valiosas para a antropologia. Malinowski ao pesquisar entre os Trobriandeses na Nova Guiné observa que a “reciprocidade” estabelecida como obrigações mútuas nas relações sociais, econômicas, matrimoniais, familiares, religiosas e políticas é um dos pilares fundamentais para a manutenção da ordem e da lei nos grupos e entre eles, e serve como base fundamental da estrutura social. O autor ressalta que “cada comunidade tem uma arma para fazer cumprir seus direitos: a reciprocidade” (MALINOWSKI, 2003:26). Mais adiante ao comentar sobre a lei nesta sociedade, Malinowski vai falar que “é o resultado da configuração de obrigações que impossibilitam o nativo de esquivar-se à sua responsabilidade sem sofrer por isso no futuro” (2003:49). Para Lévi-Strauss a troca e um princípio fundamental nas relações sociais, e coloca que “o jogo sábio das trocas (...) consiste em um conjunto complexo de manobras, conscientes e inconscientes, para adquirir garantias e prevenir-se contra riscos no duplo terreno das alianças e das rivalidades” (1982:94).

O autor ainda assinala que o fato de serem pobres e estarem nos escalões mais baixos da ordem social não gera uma conscientização “apropriada”, “o reflexo mental da derrota: resignação e deferência. Não existe uma cultura difundida de aceitação passiva, nenhum grupo de pessoas moralmente preparadas para serem maleáveis e resignadas, como os “respeitáveis pobres de – assim parece – muito tempo atrás”(1999:129).

Pensando aqui no Brasil, os homens jovens pesquisados parecem fazer parte desta cacofonia, insubordinados, “revoltados” e sem a resignação nas relações de classe. As últimas duas décadas tem sido bastante expressivas na desconfiguração das relações de subordinação entre classe, sexo e raça. Se por um lado a democratização vem possibilitando espaços de fortalecimento de identidade de minorias nos grupos sociais, por outro lado a violência cada vez mais também compõe um dos problemas mais graves do Estado, principalmente no que se refere à violência entre classes e “praticada” majoritariamente por homens negros pobres, pois é esta que ganha visibilidade, muitas vezes culpabilizando a pobreza⁷⁹. A classe média dos grandes centros urbanos utilizam, cada vez menos a rua, as grades e muros dos domicílios aumentaram, as cercas elétricas se ampliaram, a desconfiança é companheira de todas as horas, como um compositor contemporâneo nos ajuda a relativizar estes fatos, Marcelo Yuka fala “as grades do condomínio são para trazer proteção, mas também deixam a dúvida se é você que está nesta prisão”⁸⁰.

Alguns estudos brasileiros tematizam os laços sociais ao afirmar que os processos de troca e reciprocidade têm como motor a crença em valores comuns que estabelecem precedências, direitos e deveres. Na sociedade brasileira, onde a cidadania não se firmou como valor e nem desenvolveu um sistema sócio-político satisfatório para a maior parte da população, falta-se uma noção compartilhada minimamente de justiça e a ausência de um sistema de reciprocidade eficaz, surgindo espaços para expressão do individualismo em formas agonísticas e a impessoalidade, fazendo com que a violência faça parte do cotidiano. Também fazem referencia a uma enorme adesão de grande parte do contingente de homens jovens pobres à transgressão, vez que são compensados por gratificações sociais através de bens de consumo que proporciona poder e prestígio, sucesso junto às mulheres e temor por parte dos homens. E

⁷⁹ A violência contra a mulher também ocupa certa visibilidade na sociedade por uma luta, insistência e poder político do movimento feminista que conseguem pautar em alguns meios de comunicação suas críticas e posicionamentos em relação a esta temática. Mas, diferente do que acontece com o movimento feminista, os meios de comunicação de massa que relatam maciçamente a violência urbana por interesses institucionais e políticos – priorizam a condição social de autores e vítimas da violência, invisibilizando o sexo e a raça (e consequentemente as relações de gênero e raciais) das pessoas que protagonizam tais relações de violência (as “vítimas” e “algozes”).

⁸⁰ Marcelo Yuka é músico e compositor, ex-integrante da banda carioca O RAPPÁ, este trecho citado faz parte da música “Minha Alma”.

afirma que a carreira bandida coloca-se como uma alternativa real para boa parte da população masculina jovem (VELHO, 1996; e ZALUAR1999).

DDL e Toco apesar de não afirmarem diretamente ressentimentos nas relações de classe, a opção de suas infrações sugere que também existem laços fragilizados, uma vez que optaram para roubar e furtar bens comuns a outras classes. Will em sua narrativa comunica o rompimento dos laços sociais entre classes, afirma humilhações e estigmas sofridos por pessoas que tinham dinheiro, passavam de carro e atiravam mangas e desconfiavam dele quando trabalhava engraxando sapatos. O jovem afirma sua opção para “roubar quem tem”, carros e estabelecimentos privados foi sua preferência de locais para infracionar. Além da demanda material, há uma necessidade moral e emotiva de um reconhecimento positivo nas relações entre classe⁸¹.

A este respeito Luis Eduardo Soares comenta:

Nosso problema mais grave – o tráfico armado de drogas nas favelas – tinha mais relação com a escassez de recursos simbólicos para a construção positiva das identidades dos meninos, do que com a escassez de recursos materiais para sua sobrevivência física. Ou seja, a fome que leva ao crime é a fome de ser alguém visto, reconhecido e respeitado, e não a fome propriamente dita ... a fome física pode conduzir a desesperos e até a atos extremos, mas dificilmente leva uma pessoa a imersão no mundo do crime ... a não ser com a mediação da revolta, que, associada à falta de perspectiva de identificação positiva, transformar-se em duplo ódio, contra si próprio (vazio de valor) e contra o mundo (na qual não há espaço para uma integração que valorize positivamente o portador do ódio) (SOARES, 2000:158).

Talvez o “ódio contra si próprio” enunciado por Soares, compreendido como o vazio de “valor” opere simultaneamente com o vazio da “dor”. Os jovens ao praticarem suas infrações reificam relações agressivas, disseminam a dor de seus corpos, em um ciclo perverso de reprodução da violência. O não reconhecimento positivo de seu corpo implica no não reconhecimento positivo do corpo do outro, não há espaço para a transformação da dor, há uma ampliação do abismo de sofrimentos.

Passemos para o outro ponto que se refere ao sexo dos jovens que Sarti analisa, os homens, ofuscado em seu comentário anterior e anunciado por Soares, Zaluar e Velho.

Nas trajetórias da infância e adolescência, podemos acompanhar a construção dos corpos masculinos, como vão moldando a si e a paisagem social que pertencem. As inscrições

⁸¹ No caso de Dinho podemos transpor estas considerações para relações familiares, quando o jovem afirma ser reconhecido por sua tia de forma negativa como “ladrão”, “maconheiro safado”. Assim, também parece haver uma necessidade afetiva e moral de reconhecimento positivo.

sexuadas que polarizam o masculino e o feminino (assim com as condições materiais de existência, experiências raciais e de sexualidade), favorecem e delimitam o repertório expressivo normativos de seus corpos, alguns de seus referenciais identitários por vezes limitam sua ação emotiva à violência – no que venho chamando de economia perversa dos corpos. Gostaria de fazer referencia a história trazida sobre Kenedi que atendi no LA, entre a dor expressa no choro e a “revolta” comunicada na infração social, optou pela segunda opção, como nos ajuda Soares, pela “fome” de corpo e de símbolos positivos.

As práticas corporais masculinas vão sendo compostas por atos violentos – através das experiências de agressões provocadas por homens nos jovens e em seus familiares (Policiais que agridem os jovens, homens – parentes ou não – agridem suas mães e a eles, pares que tem performances violentas). Alguns corpos também vão sendo domesticados a ouvir quando sofrem algum tipo de agressão física ou erupções mais brusca (a exemplo das “pauladas” maternas que fazem marcas e efeitos doutrinadores – apesar de serem por vezes pouco douradores e frágeis em sua própria expressão da violência como prática educativa).

O repertório expressivo construído com base nas experiências dos homens jovens parece demonstrar que a “palavra” falha – seja pela frágil inscrição nos aparelhos oficiais do Estado para garantir a utilização da “língua oficial”⁸² (em especial a Escola), seja pelas tentativas sem sucesso de utilizá-las (a exemplo de episódios onde dizer, pedir, expressar pela palavra não garantiam o sucesso ou o reconhecimento, sendo por vezes recriminados por tal fato – Will na Ceasa; DDF no ônibus com sua mãe quando criança e nas experiências da FUNDAC entre pares; Binho na Escola), seja ainda pelo vocabulário lingüístico apreendido não dar conta de suas emoções. Não se trata predominantemente de uma limitação no vocabulário lingüístico por questões classe, mas de estratégias expressivas que possibilitem visibilidade e reconhecimento de seus corpos e sentimentos, e aqui me parece que a palavra não é efetivada em várias de suas experiências, inclusive nas maneiras de lidar com a dor.

Dentro deste panorama a infração se faz como uma manifestação expressiva da revolta. Os homens jovens fazem uso deste “poder” para conquistarem outras inscrições sociais e visibilidade. Semeia-se o vazio da dor – invisível em outras formas expressivas de seus sofrimentos – através de sua revolta produzida por furtos, roubos, estupros - visível a outros grupos sociais.

⁸² A língua oficial não se refere apenas ao Português em si, mas como operar com as regras sociais, as leis e conseguir recorrer ao ser “lesado”, poder ser reconhecido em relações mais próximas da dimensão de igualdade e democracia preconizadas pela Constituição Federal.

Will afirmou sua revolta de uma forma silenciosa e brutal, assim como a dor que vivia. Fazendo um uso próprio de chaves de fenda e outros instrumentos causava a dor aos outros em silêncio com a prática de seus arrombamentos. Não estava lá para conferir as expressões e sensações de suas “vítimas”, simplesmente invadia o espaço delas e levava o que lhe convinha, que lhe apresentava utilidade, o que tinha significado para sua revolta. Como em alguns momentos também deixava sinais, mais ou menos expressivos – uma porta arrombada, um telhado aberto, suas fezes à vista. O jovem iniciou suas infrações no inverno e não sentia-se reconhecido em seu trabalho, foi quando invadiu um restaurante para saciar sua “fome”.

Assim como Will, Toco também fazia recurso do arrombamento para expressar sua revolta, sons de carros, segundo seu relato, foi seu único alvo durante suas infrações. Ironicamente esta revolta explodiu após “quebrar” um som em uma das casas onde morou.

Já com DDF, seu objetivo era dinheiro, o que foi “tomado” com a derrocada financeira de sua mãe. Junto com colegas armados pode expressar sua revolta, fazendo recurso de suas habilidades no volante de um carro, para conseguir o dinheiro que desejava diante de uma mulher.

Na história de Dinho há uma dubiedade sobre sua infração, contudo, deixa claro um tabu nas relações familiares e sociais que estabeleceu a violência sexual que atingiu sua mãe, e que pelo menos juridicamente, feriu sua prima e também se inscreveu em seu corpo. Esta revolta que foi anunciada por ele, teve grande contribuição das mulheres de seu parentesco, em especial sua mãe e sua tia.

Um caso marcante que acompanhei no LA, me deixou atônito e sem capacidade de agir, foi a história de Fábio Júnior⁸³. Narrada por sua mãe, ele foi um aborto que não deu certo, quando criança seu pai (usuário de álcool e outras drogas) gostava de algemá-lo em casa e agredi-lo sistematicamente com as mãos, apagando pontas de cigarro em seu corpo e outras formas que a violência lhe permitisse. Aos 10 anos por uma intervenção da Justiça, teve uma Medida Protetiva⁸⁴, pois havia se envolvido, junto com outros homens jovens de sua área, em um homicídio. Aos 12 anos, já respondendo pelas suas infrações, voltou ao sistema de Justiça por outro envolvimento em homicídio. Fábio Júnior foi Internado, em seguida foi para o Programa LA, sua estadia por lá foi curta, a dificuldade de estabelecer uma relação e uma linguagem

⁸³ Este nome trás uma significância ao seu nome verdadeiro, que era de um famoso cantor brasileiro de músicas românticas.

⁸⁴ Segundo o ECA as medidas protetivas à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos no próprio ECA foram ameaçados ou violados. O ECA enuncia três principais motivos para a sua aplicação: I- por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis, e; III – em razão de sua conduta. Aqui percebemos que havia uma recorrência dos dois primeiros motivos, mas foi preciso um menino de 10 anos junto com outros jovens, ter condutas ilícitas para o Estado intervir.

pedagógica entre os profissionais e o jovem foi o motivo – o jovem havia roubado uma técnica dentro da própria instituição e não havia um comprometimento familiar para que sua medida tivesse o efeito desejado. Ele passou mais um tempo internado, ouvíamos notícias que ele sofria abusos sexuais freqüentes de outros homens jovens na FUNDAC. Fábio Júnior teve sua medida extinta após mais alguns meses de corpo violentado. As notícias que tínhamos de sua mãe, vez ou outra, era de que ele estava “virado” até ser morto por outros homens jovens.

A revolta de Fábio Júnior expressa na extrema invasão do corpo do outro, nas práticas de homicídios, foi sua linguagem com os outros, sua “moeda” de troca, com os homens e foi sua forma de se relacionar ao longo da curta e trágica vida. Não houve espaço para um reconhecimento positivo de sua dor e de si, em sua curta estadia entre os vivos apenas pode semeá-la de forma perversa e agonística através de suas expressões violentas de revolta.

O poder que lhes confere a emoção da revolta também é um componente importante na compreensão de suas expressões corporais. Me parece inclusive que o poder caminha simultaneamente com a revolta – é exercido por ela, na medida que ele só é expresso e tem sentido ao analisar a emoção, da mesma forma que a emoção é uma demanda de poder. Assim emoções (revolta) e valores (poder) vão sendo tecidos conjuntamente. O vivido, o que foi construído na sua relação com a sociedade, o tamanho da revolta e sua forma expressiva dá a dose de poder de seus atos: na infração “escondida” (o arrombamento) onde não há um confronto direto com a vítima; no roubo onde há um confronto direto o Outro em busca da posse de seus bens e objetos, na violência sexual com o poder de transformar o outro em objeto; no homicídio com o poder de retirar a vida.

A infração expressa objetivamente traz significados da revolta (emoção e poder) destes homens jovens, na linguagem dos corpos indóceis, vibra com a insubordinação nos espaços do Outro, seja o corpo, seja o carro, seja o dinheiro ou qualquer outra matéria que possa expressar simbolicamente o que lhe indigna, mesmo não se encerrando neste momento efêmero do ato e com suas decorrentes conseqüências. Há uma ditadura da dor, que permanece sendo semeada nas relações de troca sociais, alimentada sucessivas negativizações de identidades e mantendo uma rigidez dos repertórios corporais dos homens jovens pobres e negros. A contrapartida desta troca perversa se processa na manutenção de práticas institucionais baseadas em “pedagogias” violentas, na reificação de estigmas e preconceitos dos homens jovens por outras classes sociais, das práticas discursivas nos meios de comunicação, das arquiteturas de condomínios e bens privados, tecnologias de segurança e a recorrente falta de acesso a bens expressivos.

Nas histórias dos jovens que passaram pelo Programa LA e nos relatos dos jovens participantes desta pesquisa, é possível perceber que a ação violenta, a infração, não é a única

alternativa em suas vidas, mas que são esculpidas profundamente em sua subjetividade, é uma tentadora alternativa – talvez hegemônica em seu grupo social. Homens com outras práticas e formas de se relacionar com a dor e a revolta, existem no seu cotidiano, às vezes dentro do próprio ambiente familiar. Em suas subjetividades também estão inscritas outras formas de lidar com as situações, se “o choro” aparece ele existe, se “a palavra” surge ela também pode ser um repertório, e, no decorrer de suas experiências de vida outras formas também vão se mostrando positivas nas relações sociais, assim como a violência vai apontando a fragilidade destas relações e, por vezes, gerando ainda mais dor (a experiência de ser “preso” e episódios que não foram “bem sucedidos” ao utilizar de agressões físicas ou verbais, assim como a morte de pares com que tinham algum vínculo afetivo que faziam uso deste recurso).

Os episódios e experiências que foram narrados pelos jovens também comunicam alterações em suas práticas corporais e formas de lidar com a dor, enquanto expressão que fere, e a revolta, como expressão que procura dar limites ao ferimento. Will parece produzir uma análise de seus comportamentos passados com a expressão “antes eu era muito esquentado”, informando que hoje não se “esquenta” mais como antes com algumas ações e reage de formas diferentes. Parece haver uma mudança da chave de fenda “companheira” de arrombamentos, para “a caneta e o papel” companheiros de composição de suas letras de Rap. A música também foi um recurso expressivo utilizado por DDF. Os jovens também parecem ter estabelecido laços positivos com outras classes, a exemplo dos/as profissionais do Programa LA e de espaços onde fizeram cursos e/ou cumpriu prestação de serviço comunitária, que o trataram com confiança – diferentes de outros/as que desconfiavam e eram agressivos.

A identificação e reconhecimento positivo pelo trabalho também tem sido uma via seguida pelos três jovens, que apesar de comunicarem a precariedade de certas condições e relações trabalhistas, projetam seus futuros ligados ao trabalho.

Um estudo extenso coordenado por Assis (1999) com 92 jovens do “sexo masculino”, foram analisadas suas trajetórias de vida, experiências na infração, nas Medidas Sócio-Educativas e perspectivas futuras dos jovens autores de infração (com 61 jovens), bem como analisou as trajetórias e caminhos trilhados por seus irmãos e primos não infratores (com 31 jovens). Apesar de não dar um enfoque de gênero neste estudo e não ter problematizado o “sexo masculino” (o gênero que o compõe) é um material que pode favorecer análises interessantes neste sentido e corroboram para a compreensão das emoções – a dor e a revolta – para construção da prática infracional destes homens jovens de vários Estados do Brasil que participam da pesquisa. No que se refere aos outros jovens que constroem distintos repertórios expressivos comenta sobre suas histórias “... destruída no nível das relações afetivas ... poderia

ser chamado de resiliente ou bem-sucedido pelos padrões sociais ... mas, ficou profundamente marcada pelas experiência que vivenciou”(i1999:203), enunciando a fragilidade de tais práticas masculinas no lidar com a dor inscrita em seus corpos.

Talvez o caso de Dinho possa melhor expressar esta condição, com sua resignação corporal e domesticidade nas relações familiares e sociais, o jovem parece ter dificuldades de retomar suas experiências passadas e produzir práticas corporais mais expressivas e positivas.

O uso de drogas contínuo (boa parte delas ilegal) dos outros três homens jovens pesquisados, também sugerem que em algum grau ainda há expressões transgressoras e que a dor precisa ser trabalhada em outros níveis para que não continuem semeando sofrimentos.

Vários fatores foram expostos para construir as relações de gênero, corpos masculinos, infrações e violência urbana, principalmente na problemática das emoções, da reciprocidade e do individualismo. Estes fatores que operam simultaneamente nos homens jovens pobres e negros, favorece uma relação econômica perversa dos corpos e legitima uma ditadura da dor – objetivada pela decisão por cometer infrações e se manter dentro dessa vida, tendo ela como único sustentáculo ou complemento do trabalho.

As alternativas a esta escolha de reificar as relações violentas protagonizadas pelos homens jovens, operam simultaneamente em suas formas de sentir e expressar suas emoções e em formas positivas de constituir os laços sociais. Mas estas expressões ainda estão distantes de representar a democracia das emoções (com seus corpos flexíveis) e simultaneamente garantir espaços mais sólidos de reconhecimentos e legitimidade social para os jovens.

Vamos analisar agora de modo mais detalhado a vida dos jovens após a extinção das Medidas Sócio-Educativas e supostamente não utilizarem mais a infração como estratégia expressiva.

5.3. Extinção, e a vida continua: entre o medo, a domesticação e a autonomia

Como vimos na introdução deste trabalho, a extinção de medida está longe de ser a “salvação” destes homens jovens, como será que podemos então refletir sobre uma possível efetividade das Medidas Sócio-Educativas. Aqui ao pensar efetividade muito mais do que se pensar em disciplina e domesticação dos corpos, estaremos atentos a democratização emotiva e flexibilidade corporal. Então algumas perguntas parecem dirigir este tópico às problemáticas analisados.

Será que estes jovens foram “ressocializados”? Será que houve uma democratização das expressões emotivas e ampliação dos repertórios corporais expressivos dos homens

jovens? Será que há outras formas de lidar com a dor e a revolta que favoreçam o fortalecimento dos laços sociais, ao invés de fragilizá-los? Será que seus caminhos atuais e futuros demonstram uma maior flexibilidade dos corpos masculinos, podendo lançar algumas vias de fuga da economia perversa de seus corpos?

Sobre ser ressocializado, este próprio termo gera alguns incômodos a ativistas, profissionais e a alguns jovens. A idéia de re-socializar, significa socializar novamente, outra vez, de novo, ou seja, esta palavra sugere que seja re-feita a socialização dos jovens, evidenciando em si a possibilidade de tal fato. Como é que podemos re-fazer as experiências dolorosas destes jovens? Suas privações afetivas, emocionais, materiais, como podem ser re-editadas? Ou então, como pontua Volpi (2001), como fazer suas vidas re-tornar a uma situação anterior de “normalidade”?

A compreensão deste trabalho é que se continua o processo de socialização e não há um retorno, mas podem se operar novos arranjos, espaços e acessos que favoreçam ampliar as possibilidades de socialização, não tendo que se findar em práticas violentas e infracionais. Além disso, o que a maioria dos Programas de Medidas Sócio-Educativas desenvolve, é o que Volpi (2001) chama como “alternativas de socialização tradicional”, visando a frequência escolar, desenvolvimentos de atividades esportivas e culturais, integração familiar e colocação profissional.

Mas a querela deste debate o que temos neste estudo é um jovem ressocializado e três não. DDF que se diz ressocializado parece ter introjetado em sua narrativa muitos termos utilizados oficialmente em instituições do Estado como a FUNDAC. A sua compreensão de ressocialização é por se encontrar no lado “certo”, no caminho do “bem”, sendo um “cidadão”. Pode ser entendido aqui, como uma participação social não conflitiva, se ajustando as relações sociais de trabalho, caminhando pela formação escolar com auxílio de programas oficiais, procurando se comportar nas relações familiares, fazer uma nova família e ter desejos de consumo, que almeja conquistar pelo esforço e dedicação aos estudos e ao trabalho. Contudo, apesar desta sua postura “ressocializada” e sua freqüente afirmação de tal posição, podemos perceber que as coisas não se dão tão exatas assim, não há esta rigidez. Um exemplo de como há fugas deste padrão é o fato de ser usuário de maconha, droga ilegal, e neste sentido fugir as regras “certas” da sociedade. Mas para DDF o que marca sua estadia no programa é a re-edição de um provérbio: Se antes “pau que nasce torto nunca se endireitava”, hoje se “endireita”.

Will comenta que não rouba mais e deseja que não “precise” mais realizar nenhuma infração. O jovem traz um discurso mais politizado e afirma sua condição de “marginalidade”, enfatiza que objetivamente poucas coisas mudaram: ainda é morador de favela, negro e sofre

preconceitos raciais freqüentes; tem uma rede de colegas e amigos envolvidos em práticas ilícitas; tem uma fragilidade de sua condição trabalhista; distanciamento da escola; é usuário de maconha; foi preso após sua extinção de medida. Assim afirma que diante de suas condições materiais de vida e a frouxidão de seus vínculos com o Estado, esta lógica de ressocialização para avaliar a efetividade das Medidas Sócio-Educativas. Para Will “ladrão não para, dá um tempo”, além disso, ele afirma que tem optado por cometer outro “crime” o RAP.

Com Toco o fato de ter sido preso e passado pela experiência das Medidas Sócio-Educativas interferiu na continuidade de suas práticas infracionais, mas também não se considera ressocializado. Além disso, os Programas parecem não ter tido nenhum tipo de intervenção expressiva no âmbito de suas relações familiares, em sua vida escolar e profissional. O jovem também continua fazendo uso de drogas ilícitas, em especial a maconha e o loló, boa parte de sua rede de relações em seu espaço comunitário são de pessoas que transgridem a Lei do Estado. Toco constrói sua vida e suas relações familiares sem dialogar com as instituições do Estado, a não ser quando precisa dos serviços de saúde para sua mãe, e estas experiências desagradáveis, parecem fortalecer sua distância e desinteresse.

Dinho que se refere as Medidas Sócio-Educativas dizendo que pagou o que queriam que ele pagasse e agora está tudo certo, não deve mais nada. Diferente dos outros jovens teve sua medida extinta devido a sua idade, após completar 21 anos. Assim como na história de Toco as medidas interferiram pouco em seus arranjos sociais e familiares, alternativas de trabalho e renda, aproximação com estabelecimentos de educação e formação profissional. Além disso, o jovem teve experiências de violência profundamente dolorosas durante sua internação conferindo mais um agravamento para pensar que o mesmo possa ter sido ressocializado.

Neste sentido, o que temos são jovens em processo contínuo de socialização, que tem intenção de não se envolverem mais em assaltos, roubos ou violências sexuais, tem investido esforços corporais em trabalhos formais e informais que lhes conferem recursos financeiros. Concomitante a isto continuam sendo usuários de drogas ilegais (com exceção de Dinho que nunca foi usuário), vivendo experiências de exclusão social, preconceitos raciais e fragilidade nos vínculos com o Estado, em graus diferentes persistem as relações dolorosas entre os homens jovens e a sociedade.

Sobre democratização das expressões emotivas, me parece que de maneira frágil – em maior ou menor intensidade – os jovens tiveram a possibilidade de transitar por experiências de trabalho, favorecendo ampliar e/ou fortalecer repertórios corporais expressivos no que se refere prioritariamente à renda. Se antes uma alternativa fortemente valorizada eram os roubos e/ou arrombamentos, hoje através de trabalhos formais ou informais é a alternativa majoritária para

constituírem renda. Will trabalha como diarista em uma pizzaria e também dá aulas de hip-hop, DDF faz manutenção de computadores, Toco é vendedor de algodão-doce, Dinho é segurança de um banda de brega. Além disso, as experiências de trabalho e algumas formações profissionais (aqueles jovens que passaram por esta experiência) possibilitaram novos contatos e acesso a estratégias de expressão emotiva.

No entanto, estas experiências reificam um modo masculino de expressões emotivas e pouco interferem na rigidez dos corpos masculinos. Ademais parecem formas secundárias de abrandar a “dor”, ou talvez, amenizarem a revolta, do que reconhecerem a legitimidade da dor e produzirem alternativas que ampliem os repertórios corporais expressivos.

As relações conjugais estabelecidas pelos homens jovens e suas parceiras parece ainda refletir a rigidez dos corpos masculinos. Não apenas três dos quatro jovens priorizados aqui na pesquisa, mas também muitos outros homens jovens que acompanhei no Programa LA, foram se tornaram pai durante o período que estavam cumprindo a medida sócio-educativa. Havia uma forma que prevalecia nos movimentos destes jovens. A felicidade contagiante em saber que iam ser pai, seguido de construção de planos e sonhos em formar família, conseguir um trabalho e ter sua própria casa para morar junto com a família. Contudo, estes sonhos eram geralmente deixados de lado, para alguns jovens homens levava meses (como no caso de DDL), já com outros jovens 1 ou 2 anos, mas poucos escapavam a esta sina. O principal motivo argumentado pela maior parte deles tinha haver com a incompatibilidade de expectativas.

Os jovens homens não conseguiam ser provedores, não negociavam suas frustrações, dores e dificuldades de ocupar esta função com suas companheiras, como também, não conseguiam produzir outras formas satisfatórias na troca de afetos em suas relações. Assim, os casais geralmente produziam e se finalizavam em conflitos, muitas delas com agressões físicas. O distanciamento dos homens jovens da casa, das mulheres e do filho acaba sendo mais uma consequência da rigidez de suas práticas corporais e emotivas. Em outros casos, o distanciamento se processava com a morte ou a prisão dos homens jovens, onde as dores das relações privadas também incidiam explicitamente na via pública. Will, anunciou em alguns de seus comentários que caso não estivesse trabalhando, iria roubar para sustentar sua família, comenta: “eu mato e morro por minha família”. Mesmo após suas experiências educativas, o jovem sugere como ainda permanece rígido em seu corpo a dimensão do provimento como a via legítima (e imprescindível) para expressão e reconhecimento de seus afetos familiares.

Uma outra emoção que entra em cena e tem interferências nos rumos das vidas dos homens jovens e suas práticas corporais é o medo. Geralmente expresso em relação ao medo de serem presos novamente e/ou o medo de morrerem. Por suas experiências pessoais,

conviverem cotidianamente com notícias de pares que morrem ou são presos, todos os jovens afirmam que se continuar infracionando suas vidas serão curtas e só podem ter estes dois fins “atrás das grades (preso) ou na cidade de pé junto (morto)”.

O medo sentido por eles, também está associado ao medo de ferir, entristecer e perder o afeto das mulheres próximas (mães e companheiras). Este medo, nos relatos dos homens jovens, parece que vai ampliando o sentido na medida que avaliam a importância de seus vínculos afetivos, em especial com suas mães, companheiras e filhos. Os homens jovens não querem dar tristeza para seus familiares, desejam retribuir todo o cuidado recebido, apesar de no cotidiano das relações íntimas muitas vezes a reciprocidade afetiva não transparecer fielmente este ímpeto.

O medo domestica, deixa os corpos contidos, subordina, parecendo favorecer pouco uma autonomia emotiva dos corpos, neste caso a pedagogia efetiva é a do temor e não a da democracia ou das diferenças.

Uma outra forma de como o medo opera pode ser evidenciada em uma de minhas experiências etnográficas. Em uma manhã que estive no Programa LA levantando alguns dados estatísticos, em certo momento chega Will apavorado, comentando que havia presenciado um assalto a algumas quadras do LA. Quando ele vinha andando pela rua em frente uma Farmácia, parou um carro e homens armados com pistolas e metralhadoras passaram ao seu lado e entraram no estabelecimento. O jovem estava com seu telefone celular no bolso e comentou que pela primeira vez teve medo ter sido roubado. Enquanto ele retratava a cena que presenciou já estávamos em uma roda, eu e mais três profissionais do LA. O diálogo que se prosseguiu foi sobre assaltos e roubos, todos/as haviam sido roubados/as pelo menos uma vez com exceção de Will, que até o presente momento só havia furtado e praticado assalto.

Esta situação põe outra forma do medo atuar na economia perversa dos corpos, ele reduz os laços sociais, impossibilita o reconhecimento do outro e oprime os próprios corpos, que constrói a suas práticas com base no temor ao invés da reciprocidade, confiança e autonomia. A rua é um espaço reconhecido pela desconfiança e o medo de ser roubado ou sofrer violências. Os corpos das classes média e rica ficam nas “prisões” domiciliares, estabelecimentos privados enquanto os corpos masculinos, pobres e negros ficam nas cadeias públicas e presídios. E na história em particular Will encontra-se num limbo, como boa parte dos jovens pobres sente a opressão da violência urbana nos seus corpos das duas formas, enquanto vítima e atores – por mais que não atuem mais nas infrações, os dispositivos institucionais continuam atuando neles de forma violenta (a exemplo dos sucessivos “baculejos” que Will sofre dos policiais, ou a sua

ficha policial; ou ainda no caso de DDL em seu comprovante de alistamento militar tem um carimbo escrito “problema social”).

A fragilidade aparente das colocações sociais dos homens jovens, bem como a pequena interferência nas práticas corporais dos homens jovens parecem demonstrar a intensidade de como a dor deles está situada em nossa sociedade. A escassez de recursos financeiros para as políticas públicas, as precárias condições trabalhistas de profissionais que atuam neste espaço (relações contratuais, formação defasada, remuneração pequena, falta de recursos pedagógicos, excessiva demanda burocrática, riscos de vida, são apenas algumas de inúmeras dificuldades cotidianas que enfrentam as/os profissionais neste serviço), as fragilidades da rede de proteção e sistema de garantias de direito (serviços de assistência social, educação, saúde, esporte/lazer e profissionalizante ao adolescente e a família), o pequeno interesse da sociedade civil organizada com este público (diante dos direitos das crianças e adolescentes há uma preocupação maior com as “vítimas”, e eles são na maioria das vezes considerados os “agressores”) e a inexpressiva relação com instituições privadas são pontos expressivos para demonstrar o desprestígio no trabalho com estes adolescentes. Assim, há pouco espaço para o reconhecimento de que os corpos dos homens jovens pobres e negros sofrem, sentem dores. As dimensões de vítimas e algozes parecem bem fixadas na compreensão das prioridades públicas e sociais.

A dimensão de re-socialização discutida anteriormente, relega a construção relacional da dor e como este processo opera de forma violenta e agressiva – que favorece expressões violentas da revolta e semeiam mais dores – a colocando muito mais no plano de um desvio individual, um erro de um culpado insensível, do que uma construção social, que promove revoltas intolerantes nos diferentes corpos inseridos em uma coletividade e que se inscreve de maneira diferente, com base pelos menos nas relações de gênero, geração, classe e raça.

Nas perdas de homens jovens pobres e negros, ocasionada por sucessivas mortes cotidianas, escuta-se choros de familiares, amigos/as e de alguns/mas profissionais (educadores/as sociais e técnicas/os) que o acompanham, mas não há uma comoção dos meios de comunicação, da “opinião pública”, da maioria dos representantes políticos e outros espaços sociais que garantiriam visibilidade as suas dores. Existem comoções sucessivas quando há morte de crianças e adolescentes de classes sociais diferentes da que os homens jovens habitam e, o que se problematiza, é a redução da maior idade penal. O problema não são as violentas dores que suporta em seus corpos, mais a revolta violenta que as expressa. Além disso, a preocupação está no medo e nas formas de amenizá-los, e não na liberdade ou

autonomia e nas formas de estimulá-los. Aqui uma ironia acompanha as práticas sócias, são as “vítimas” que mais tem poder para manipular as leis e a opinião pública.

O compromisso de gerar reconhecimento positivo dos homens jovens implicaria em contestações sociais contundentes ao atual modelo de relações sociais em nossa cultura e especialmente nos espaços urbanos. As formas masculinas de legitimar e expressar dor e a revolta devem acessar linguagens corporais mais democráticas. Para isso devem reconhecer toda a potencialidade seus corpos as diversas formas expressivas que eles possibilitam (a dor pode ser superada, negada ou alimentada, mas também pode ser esquecida, tratada, cuidada, investida etc.), bem como devem saber utilizar instrumentos que favoreçam conectar-se a formas expressivas legítima nas relações sociais (a exemplo do acesso as tecnologias e a meios de comunicação).

Parece-me, que o grande desafio nas ações sócio-educativas é produzir corpos masculinos mais flexíveis e que criam caminhos de fuga da economia perversa dos corpos, sem incorrer em práticas violentas. Não se pode unicamente discipliná-los para se adequar à sociedade – pois assim continuariam reproduzindo práticas violentas e/ou sujeitando seus corpos a práticas desiguais. Há a necessidade de favorecer a construção de novos percursos masculinos, que dosem a receita tradicional e possam ser ativos ao adicionar outros temperos.

Contudo, este desafio parece em alguns momentos fadado a sua impossibilidade de concretude, em outros momentos parece dar lampejos de esperança. Ao analisarmos as condições materiais, a invisibilidade, a recorrência de produção de dores sociais ofuscadas, uma reiteração da rigidez de corpos masculinos, a heteronormatividade, a drogadição, a manutenção de processos de exclusão e estigmas, bem como, a reificação de valores de consumo, nos deparamos com quadros tristes, talvez até mórbidos, que retratam uma deficiência estrutural na socialização destes homens jovens pobres e que potencializa a ampliação das dores e revoltas sociais, regando violências e traumas com inscrições subjetivas e coletivas.

Mas ao observarmos como cada um dos corpos masculinos produziu sentidos e tem direcionado suas práticas cotidianas, com produção e cultivo de vidas em busca de novos arranjos para “ingressar” na vida adulta, faz com que relativizemos este quadro anterior.

Will mantinha relações de violência “indireta” com outros grupos sociais, através de arrombamentos comunicava sua revolta pelas dores inscritas em seu corpo. Suas manifestações no âmbito privado e público semeavam relações de insegurança, desconfiança e violência. Através de suas experiências vividas ao longo do tempo que esteve com Medidas Sócio-Educativas, ampliou sua relações com outros grupos sociais, e se por um lado há uma subordinação a tais relações desiguais, como no seu trabalho na pizzeria, por outro há a

possibilidade de uma contestação e crítica através de suas músicas de rap. Um momento marcante foi quando Will fez grafitagens e apresentação de seu grupo de rap na mesma praça pública que há meses atrás havia sofrido violência policial. Na parede que ficava em direção à guarita policial desenhou um olho enorme com os dizeres “Ninguém se esconde aos olhos de Deus”, e em seguida cantou músicas que criticava tais violências, moradores locais de classe média, em especial as crianças, interagiram bastante com suas pinturas e música⁸⁵.

Além disso, no âmbito familiar Will comprou um terreno para montar uma casa, em outros momentos de sua vida nunca conseguiu com recursos conquistados por atividades produtivas comprar algum lugar para residir (as casa que sua mãe comprou foi a partir de recursos de assistência do Estado). Aparentemente tem mantido relações desiguais com sua companheira no que se refere a divisão sexual do trabalho, mas tem se manifestado cuidadoso em relação aos destinos da família com base nas práticas corporais que teve como referencia ao longo de sua vida, pretendendo ter posturas menos violentas e omissas que outros homens de gerações pregressas em sua família.

DDF teve atos violentos para conquistar dinheiro, hoje se aproximou das práticas permitidas de ganhar dinheiro em nossa sociedade e com isso tem direcionado seus desejos de consumo e projetos de vida através de investimento profissional e educacional. Hoje ele possui dois terrenos, um comprado e outro conquistado por “invasão” (como ele próprio afirma) onde pretende construir futuramente a casa para sua família. Tem fortalecido seus vínculos afetivos com sua mãe. Apesar de terminado o relacionamento com sua ex-companheira, DDL tem pretende construir relações corporais masculinas diferentes, das que seu pai e seu irmão mais velho protagonizaram com as mulheres e os filhos. Ele também mantém vínculos afetivos com outros homens baseado em relações de respeito e aprendizagens, principalmente com seu ex-educador da FUNDAC que lhe ensinou a tocar instrumentos musicais. DDF tem um saxofone, comprado com dinheiros conquistados pelo trabalho, tem praticando pouco, mas quando toca, favorece momentos de prazer a si e sua família. Apesar de não produzir críticas mais diretivas em relação as desigualdades e dores vivenciadas em seu cotidiano, DDF fortalece relações sociais baseadas em respeito e confiança.

Teco estabelece relações de troca com a sociedade através da venda de “doces”, antes amargava a vida de algumas pessoas com seus furtos. O jovem ocupa um espaço importante nas suas relações familiares, cuidando de sua mãe e irmãos, protegendo e estando presente em momentos de risco de vida (por exemplo, quando houve demanda por serviços de saúde) e

⁸⁵ A grafittagem da capa da dissertação foi feita nesta mesma atividade, por Teco, um jovem homem que também participação do evento.

também em momentos de lazer. Garante boa parte dos recursos financeiros auxilia na alimentação e também comprou um terreno, o primeiro conquistado por sua família. Também tem ampliado sua relação com outros grupos sociais seja através de seu trabalho, ou através de sua experiência pelo sistema sócio-educativo. Toco também parece se distanciar dos modelos de homens pregressos em sua família, seja seu pai, seu padrasto ou seu irmão, ele produz uma crítica as suas relações violentas e desrespeitosas e parece conquistar um valor positivo não apenas nas suas relações familiares, mas também um reconhecimento em suas relações de trabalho (o homem que vende algodão-doce para ele) e na comunidade (que todos o conhecem como o Toco do Algodão).

Dinho, de violentador na família e nas relações com mulheres, se responsabiliza por seu filho e passa a construir uma relação de cuidado não vivenciada por ele com outras figuras masculinas em sua família. Ele também tem exercitado ocupar espaços, pouco praticado por outros homens jovens de sua rede de relações, como nos cuidados domésticos e centralidade nos cuidados de seu filho. O jovem também tem realizado trabalhos esporádicos e com isso conquistado algum dinheiro que emprega para si e o provimento de algumas necessidades de seu filho.

Outro ponto, que todos os homens jovens dessa pesquisa desenvolveram dentro dos limites da cada um, que suas memórias não deixavam escapar e da forma como nossa relação foi desenvolvida, foi a possibilidade de olhar para seu passado, analisar suas práticas e avaliá-las. Entrar em contato com algumas de suas dores e poder expressá-las através de nossos diálogos, com a palavra, com choros, risos, com silêncios, podendo manifestar alguns incômodos antigos sem fazer uso da violência. Os jovens, à sua maneira, puderam construir a trajetória de seus corpos feridos.

Enfim, a imagem que construo deles é de caminharem por um chão que está em constante movimento, apesar das rotinas diárias, da permanência de hábitos e a permanência de relações excludentes. Seus passos em alguns momentos são centrados, em outros estão descentrados, às vezes caminham para frente, às vezes em diagonais, às vezes para trás, as vezes circulares. O chão que serve de base para este enredo é o da cultura, que reproduz relações desiguais, o enrigecimento dos corpos masculinos, a produção das dores, mas também que constitui a existência, que dá sentido a experiência e molda os significados produzidos por suas subjetividades.

Em meio a ambigüidades, realidades históricas de corpos rígidos, restrito repertório expressivo de emoções, relações desiguais e violentas, produtoras de práticas agonísticas de dor e revolta, desafiando com os sonhos, desejos e ações cotidianas no interesse de

transcender a tais heranças, vivem em uma zona fronteiriça⁸⁶. Caminham, ainda, entre a domesticação dos corpos, o medo, a reificação de práticas corporais tradicionais positivas masculinas (rigidez), autonomia, flexibilidades corporais e democracia emotiva. Os arranjos sociais em que os jovens se encontram, refletem a produção de suas subjetividades em meio a este turbilhão de forças culturais, a dimensão da efetividade das Medidas Sócio-Educativas pode ser compreendida na maneira como os jovens e as instituições sociais se relacionam afetivamente, de como expressam suas emoções e quais são suas práticas corporais.

⁸⁶ A zona fronteiriça é aqui pensada como uma zona cultural próximo do que Hannerz pontua (1997), demarcando um espaço lúdico, de sentidos para as pessoas e grupos culturais, de perigos, de ambigüidades e liberdade. São espaços que não são completamente seguros, que estão em deslocamento, em movimento para mudanças e transformações através dos contatos culturais, por isso pode se tornar perigoso, na medida que desterritorializa relocando para um lugar novo. Demarca entre o interno e o externo, entre o estar e o não estar, enfim, expõe um espaço territorial onde as ambigüidades, muitas vezes pensadas como polaridades, estão incertas.

6. Abrindo escalas e contorcendo as costas: considerações peculiares e parciais

Produzi um conhecimento com alguns sabores: o relativo poder que tenho; o que eu consegui enxergar diante das limitações subjetivas e temporais (até onde meus “olhos” conseguiram penetrar) e como as coisas se processam neste momento histórico.

Não se fixar nas explicações binárias, mas provocá-las, invertê-las, erodi-las, parece um bom exercício intelectual e político para tratar de questões que se referem a contínuos históricos, culturais, econômicos e políticos que operam nas relações desiguais cotidianas. O sexo, a raça, a geração e a classe na rigidez dos corpos parecem produzir uma série de prejuízos, vidas, dores e medos, compõe um quadro trágico, cada vez mais habitual na vida dos grandes centros urbanos.

Fiz um exercício de tratar deste panorama, partindo das narrativas de homens jovens e minha experiência na execução de Medidas Sócio-Educativas, um recorte parcial de uma realidade. Além de um tempo-espço privilegiado (a trajetória de jovens egressos de Olinda), também privilegiei um referencial teórico proposto a operar de forma simultânea e não-hierárquica – gênero, corpo e emoções – analisados prioritariamente nos pontos de encontro das práticas corporais e expressões emotivas. Estas opções delimitaram a peculiaridade desta pesquisa, como também expressam sua parcialidade.

Através desta peculiaridade, algumas polaridades puderam ser questionadas, entre elas: vítima/algoz; ativo/passivo, bem/mal, privado/público e emoção/cognição. Estas binaridades interferem diretamente nas análises sobre a violência urbana, na maneiras de compreender “autores” e “vítimas” das infrações, na força de exercer a “Justiça”, na maneira como se aplica as políticas públicas que tratam desta problemática.

As reflexões construídas ao longo do trabalho possibilitaram compreender que a fixação em algum destes pólos parece favorecer o exercício da violência e a ampliação das feridas sociais, afinal como vimos foi a “clareza” dos jovens que os colocaram na condição de vítimas, assim como foi a “clareza” da sociedade que os colocou na condição de “algozes”. É justamente a perpetuação destes locais que semeia dores coletivas.

Os referenciais de gênero e práticas corporais adotadas pelos homens jovens em suas trajetórias foram fortemente influenciados pelo que foi denominado como economia perversa dos corpos, expressa não apenas pelas relações violentas, mas também pelas formas perversas com que se processam as relações dos homens jovens pobres com a sociedade, a escassez de

recursos simbólicos e materiais que favoreçam suas trocas, através da delimitação do acesso a bens de consumo, ao dinheiro e as relações sociais (familiares, entre pares, afetivas, sexuais, raciais e entre classes). De uma forma geral, é uma reiteração de algumas práticas contínuas de homens ao longo do processo histórico que limitam as expressões emotivas e enrijecem seus corpos, acirrada de forma mais agressiva pelas condições peculiares de jovens, pobres e negros. Além das estatísticas oficiais sobre as Medidas Sócio-Educativas poderem confirmar que as infrações são recorrentes neste grupo, os dados de morbi-mortalidade também reforçam a complexidade deste cenário.

Procurei compreender como a dor e a revolta são emoções vividas intensamente e expressas pelos homens jovens, dando destaque ao exercício das infrações. Uma prática corporal que congrega as feridas produzidas por vivências violentas e uso de recursos semióticos restritos para expressar o limite de seu sofrimento. As infrações reproduzem relações violentas em nossa sociedade semeando dores, ampliando abismos (ou mais objetivamente, muros, vidros, tecnologias de segurança e especializações de tratamentos de infratores) entre classes, raças, gerações e sexos.

Pude também ensejar um caminho interpretativo que evidencia as emoções na arena da violência urbana e das práticas masculinas, fazendo aproximações e contribuindo para os estudos de gênero e masculinidades que se pautam nos valores e na dimensão do poder como central para a análise dos fatos sociais. Procuramos produzir algumas articulações mais próximas entre emoção e poder ao tratar das infrações, bem como emoção, virilidade e honra, ao tratar da dor. Com certeza estas aproximações ainda devem ser mais problematizadas e aprofundadas, no exercício de produzir conhecimentos que possam visibilizar à complexidade e/ou integridade de como operam os arranjos sociais, os símbolos culturais e a relação sujeito-cultura.

Alguns aspectos da socialização e da intervenção do Estado através das Medidas Sócio-Educativas com base nas experiências dos homens jovens e em algumas literaturas também foram pautados ao longo da análise. Foi demonstrado como em cada história houve intervenções diferentes, como cada um dos homens jovens, construiu de forma diferente suas vivências e percepções sobre as MSE. Experiências de extrema violência mesclam-se com percepções de respeito e acolhimento, demonstrando discrepâncias existentes no trabalho com os jovens.

As ações educativas parecem reificar modelos masculinos tradicionais, baseados no ideal hegemônico de masculinidades, destoando da realidade dos jovens e provocando dificuldades na sua socialização. Parece que ainda há dificuldades de se pensar políticas

públicas de gênero, ainda mais em uma instituição de trata majoritariamente de homens. Parece difícil compreender que referenciais identitários operam para inscrever relações que produzem desigualdades e sofrimento nos homens.

Esta compreensão interfere pelo menos nas práticas pedagógicas, os jovens “ressocializados” (fazendo referência aos jovens que tiveram sua medida extinta por corresponder as expectativas institucionais – Will, Toco e DDF) reificam algumas práticas corporais masculinas enrijecidas pelo provimento financeiro, as divisões sexuais do trabalho e o uso de drogas, o que dificulta a formação de relações mais democráticas nos arranjos familiares, fragilizando muitas das relações e se aproximando de modelos masculinos de gerações pregressas em sua rede de convivência. Os jovens que têm outras práticas corporais (trabalho doméstico, educação e cuidados diários com o filho), a exemplo de Dinho, constroem marcas profundas da violência sofrida.

O sistema sócio-educativo pareceu refletir, de forma similar, as representações simbólicas hegemônicas e suas tentativas de fuga. Após dezessete anos de existência, ainda não possui recursos estruturados e bem definidos que viabilizem planejamentos e uma maior análise de suas práticas, todavia, algumas vozes que compõe esta estrutura produzem documentos (a exemplo do SINASE e outras produções técnicas e políticas) e ações que favorecem o diálogo, mesmo que frágil, entre Estado e a população masculina jovem, pobre e não-branca.

A democracia é geralmente reivindicada pela promoção de recursos tecnológicos, educacionais, de saúde, de direitos, culturais e de lazer, enfim, bens simbólicos e materiais que garantam relações igualitárias aos diferentes segmentos sociais. Uma reflexão crítica sobre as emoções, demonstra que, de forma similar a outros campos da cultura (a exemplo das relações de trabalho, políticas, econômicas etc.), as emoções também são acessadas de maneira desigual e restrita, com base nas dimensões sexuais, raciais, geracionais e de classe. Nesta pesquisa, a democracia é somada também a uma outra forma de acessibilidade indiscriminada às emoções, seu reconhecimento e legitimidade, podendo favorecer outros arranjos e compreensões dos sujeitos, suas relações sociais e da forma como a cultura opera com as paixões humanas. Democratizar a dor pode favorecer para que ela seja reconhecida em suas diversas formas e não precise produzir revoltas agonísticas.

Da mesma forma, é preciso o acesso a recursos corporais diretos e indiretos para que as linguagens possam ser equalizadas e não produzam tantas cacofonias estridentes. Além dos tradicionais “murros” estimulado nos corpos masculinos desde crianças, para “aprender a defender a si e à sua família”, que também possam ser estimulados de forma expressiva a “abrir

escalas”, “rebolar”, “teclar⁸⁷”, “dançar”, “escrever” (concreta e metaforicamente), como formas de não ferir a si, nem à sua família.

Com relação à parcialidade desta pesquisa, ao longo do processo pude refletir vários outros temas que não puderam ser priorizados neste estudo, mas que seriam de extrema relevância para avançar nos conhecimentos tematizados aqui. Estudos que possam investigar as práticas corporais e expressões emotivas de homens jovens de classe média, no exercício de suas “infrações”, mesmo que estas não tenham a nomenclatura propagada pelo Estado, podem produzir boas reflexões para compreender com maior globalidade os corpos masculinos juvenis e suas expressões, podendo gerar mais consistência em algumas reflexões. Além disso, outros temas também parecem desafiadores, a exemplo: de trabalhar com jovens que tenham cometidos infrações mais graves; problematizar os limites da “relativização” e da cristalização das compreensões de vítima/algoz em nossa cultura; aprofundar as reflexões sobre a Justiça tradicional hegemônica e as Justças contra-hegemônicas nas práticas de relações violentas em nossa cultura e, ainda, analisar a dimensão heteronormativa nas práticas pedagógicas e disciplinares do sistema sócio-educativo.

Para desenhar meu objeto de estudo e as reflexões da pesquisa, tomei como base alguns autores mais clássicos da antropologia, alguns estudos feministas e de gênero (tanto os trabalhos mais conceituais, quanto os que se aproximavam do debate sobre violência), boa parte da literatura das ciências sociais, especialmente a antropológica, dedicada a violência urbana no Brasil e alguns estudos que sobre as Medidas Sócio-Educativas e os adolescentes em conflito com a lei. Também me aproximei de alguns estudos, tanto feministas quanto das ciências sociais, que tematizam o corpo e as emoções. Sei que ainda poderia ter feito recurso de outros estudos que enriqueceriam ainda mais minhas análises e considerações, contudo também me deparei com os limites de uma dissertação: seu tempo, seu texto, seu autor e seus/suas interlocutores/as.

Por fim, a minha parcialidade também se refere a minha subjetividade. O que ela produz neste fazer intersubjetivo, na relação com os homens jovens e na eleição do que e como priorizar analiticamente. Foi nesta interseção entre minha subjetividade e a dos jovens pesquisados que produzi os referenciais analíticos, em especial, defini a dor e a revolta como sentimentos relevantes para produzir um conhecimento sobre as dimensões da violência urbana no exercício das infrações. Ao me deparar com violências, agressões, mortes, conflitos familiares, perdas, preconceitos sociais, estigmas, privações e, ainda mais, algumas linhas de palavras e conceitos frequentes nas narrativas dos homens jovens. Assim, falas recorrentes dos

⁸⁷ Usar a internet – prática cada vez mais habitual à jovens de classe média, tanto homens como mulheres.

homens jovens, sobre suas histórias, relações e infrações incidiam em minhas percepções sobre o que supunha a dor destas experiências e a revolta provocada por elas, que não necessariamente eram utilizadas por eles estas duas expressões. Contudo, me parece que estas concepções pessoais reverberaram com outras noções, talvez hegemônicas, do que outras pessoas e grupos teriam destes termos – a exemplo da literatura que utilizei para me apoiar em meus comentários. Além disso, percebo que os dados produzidos nesta pesquisa são expressos desta forma, por terem sido produzidos a partir de uma relação humana, no exercício contínuo em que tive que conviver com alguns estigmas sociais e exercitar encontros com semelhanças e diferenças.

7. Referências Bibliográficas

ADORNO, S. Nos Labirintos da Violência. In: Medrado B., Franch M., Lyra J. & Brito M. (orgs.). Homens: tempos, práticas e vozes. Recife: Instituto PAPAÍ/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004.

_____. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*. [online]. jul./dez. 2002, no.8 [citado 10 Dezembro 2005], p.84-135. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-4522.

_____, BORDINI, Eliana B. T. e LIMA, R. S. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. *São Paulo Perspec.* [online]. out./dez. 1999, vol.13, no.4 [citado 10 Dezembro 2005], p.62-74. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839.

_____. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. e SPOSITO M.P. (Ogrs.) *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

ALBERNAZ, L. S. F. Orlando: homem invisível? Gênero, raça e (in)visibilidade nas relações de alteridade. In: CAMPOS, Roberta B.C. e HOFFNAGEL, Judith. C. *Pensando Família, Gênero e Sexualidade*. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2006.

ALMEIDA, M. V. Senhores de si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 1995.

ALVITO, M. "A Honra de Acari." In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcus. (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

_____. *As Cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ANTUNES, A. R. "Eu não queria ser só no meio do mundo" – O significado da maternidade para mulheres de camadas de baixa renda. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, 1994. (Dissertação de Mestrado)

ARIÈS, P. *História Social da Criança e Família*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981.

ARILHA, M. O masculino em Conferências e programas das Nações unidas: para uma crítica do discurso de gênero. Tese (Doutorado em Saúde Pública , Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo). São Paulo: USP. 2005.

ASSIS, S. G. *Traçando Caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

_____. e CONSTANTINO, P. *Filhas do Mundo: Infração juvenil feminina no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

BALANDIER, G. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBOSA, M. J. S. Chorar, verbo intransitivo. In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 321-44, 1998.

BARCELLOS, R. C. S. e VAN DER PUT, M. C. Preservida: lutando pela sobrevivência. In: BRITO, L. M. T. Jovens em conflito com a lei. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

BAREMBLITT, G. F. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Felix Guatarri, 2002.

BARRETO, A. F. “O cara quer ser mais homem”: masculinidade e violência juvenil. Anais do 4º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, Salvador, Maio/2005.

BARROS, F. O. Tô Fora: o adolescente fora da lei. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

BATISTA, L. E. Masculinidade, raça/cor e saúde. Ciênc. saúde coletiva., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005.

BENEDITO, D. Os deserdados do destino: construção da identidade criminosa negra no Brasil. In: Revista Palmares-Cultura Afro-Brasileira. Ano 1- n.2, 52-63, dez.2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2i.pdf>. Acessado: 27/02/07

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. AMADO J. (Orgs.). Usos & Abusos da História oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, R. S. Situando o adolescente infrator de Belo Horizonte atendido no SAREMI. Monografia de conclusão de curso. Belo Horizonte: Instituto de Psicologia da PUC-MG, 1999.

BRITO, L. M. T. (Coord.). Responsabilidades: ações sócio-educativas e políticas públicas para infância e juventude no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.

_____. Jovens em conflito com a lei. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

BRONZ, A. Redundância, reflexão e violência. Monografia de Especialização em Terapia de Família e Casal. Rio de Janeiro: ITFRJ, 2005.

CAMUS, A. O Homem revoltado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Honra, dignidade e reciprocidade. In: MARTINS, P.H. & NUNES, B.F. (Orgs.). A nova ordem social: Perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15, 2004.

CARNEIRO, S. A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação na Universidade de São Paulo). São Paulo: USP/PPGE, 2005.

CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COELHO, M. C. Emoção, gênero e violência: experiências e relatos de vitimização. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*. Vol. 5, nº 13, abril de 2006. Disponível In: <http://www.rbse.org3.net/> - http://paginas.terra.com.br/educacao/RBSE/t4_mclaudia.pdf.

COLLIN, F. Espacio domestico, espacio publico. In: *Cuidad y Mujer*. Madrid: Seminario Permanente "Ciudad y Mujer", p. 231-237, 1994.

_____. A mesma e as diferenças. 2ª ed. Recife: SOS Corpo, 1993.

CONNEL, R. W. La organización social da masculinidad. In: T Valdés & J Olavarría (eds.). *Masculinidades: poder e crisis*. ISIS Internacional – Ediciones de las Mujeres. Chile: nº24, p.31-48, 1997.

CORRÊA, M. Uma pequena voz pessoal. n: *Trajetórias de Gênero*. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 127-40, 1998.

_____. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSTA, C. L. O tráfico do gênero. In: *Trajetórias de Gênero*. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 127-40, 1998.

COUTO, M. T. Estudos de famílias populares urbanas e a articulação com gênero. In: *Revista AntHropológicas*. Universidade Federal de Pernambuco/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA). Recife: Ano 9, v. 16(1), 2005.

CURY, M.; SILVA, A. F. A. e MENDEZ, E. G. *Estatuto da Criança e do Adolescente comentado*. São Paulo: Malheiros, 2002.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 2004.

DELEUZE, G. e GUATARRI, F. *Mil Platôs*. V. 1 e 2 . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop*. São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

DUARTE, L. F. D. *Investigação Antropológica sobre Doença, Sofrimento e Perturbação: uma Introdução*. In: DUARTE, L.F.D. e LEAL, O.F. (Org). *Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

DUMONT, L. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FEIXA, C. *El reloj de arena: culturas juveniles en México*. Cidade de México: Causa Jovem, 1998.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Dicionário*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1985.

FERREIRA, M. K. L. Corpo e história do povo yurok. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0034-77011998000200003

FIGUEIREDO, A. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. In: *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP*. Campinas, nº23, 199-228, 2004

FONSECA, C. Família, fofoca e honra: Etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1997.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: O que a globalização está fazendo de nós?* Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0103-56652005000200006

_____. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S1413-81232005000100015

GREGORI, M. F. *Cenas e Queixas. um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GROSSI, M. P. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal. In: PEDRO, J. M. e GROSSI, M. P. (Org). *Masculino, feminino, plural: o gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*. [online]. abr. 1997, vol.3, no.1 [citado 08 Janeiro 2006], p.7-39. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-9313.

HARAWAY, D. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu* (22), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2004, pp.201-246.

HASENBALG, C. A. *Os Números da Cor*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1996.

HASENBALG, C. A. Entre o mito e os fatos; racismo e relações raciais no Brasil. In Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cad. Saúde Pública*. 2002, vol.18 supl, p. S57-S65. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-311X2002000700007

JAGGAR, A. M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. Ins: JAGGAR, A.M. e BORDO, S.R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LANGNESS, L. L. *História de Vida na ciência antropológica*. São Paulo: EPU, 1973.

LÉVI-STRAUSS, C. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LONGHI, M. *Ser homem, pobre e pai*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPE): Recife, 2001.

LYRA, J. e MEDRADO, B. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Revista Estudos Feministas*. Dossiê Relações de Gênero e Saúde Reprodutiva. CFH/UFSC. Vol. 8, nº 1/2000, p.145-158.

_____. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M. RIDENTI, S. e MEDRADO, B. (Orgs.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. ECOS/Ed. 34, 1998
GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª Edição: LTC: Rio de Janeiro, 1988.

KAPLAN, A. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo: Herder, 1972.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, nº9, p.103-117, out., 1998.

KOFES, S. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. Categorias analíticas e empíricas: Gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. In: *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP*. Campinas, nº1, 19-30, 1993.

MACHADO, L. Z. Masculinidades, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 231-74, 1998.

_____. Gênero, um novo paradigma? In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 107-26, 1998.

MAGGIE, Y. Aqueles a quem foi negada a cor do dia: As categorias cor e raça na cultura brasileira. In Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

MALINOWSKI, B. Crime e Costume na Sociedade Selvagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MARQUES, J. A mídia e a construção do Imaginário Popular. In: BRITO, Leila M.T. de. Responsabilidades: Ações Socioeducativas e Políticas Públicas para a Infância e Juventude no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:EDUERJ, 2000.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos. In: S. A. Figueira (org.), Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

_____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEAD, M. Sexo e Temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEDRADO, B. O Masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1997.

MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. Ciência & Saúde Coletiva., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005.

MORAES, M. L. Q. Usos e limites da categoria gênero. In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 99-106, 1998.

MURAD, J. G. P.; ARANTES, R. S.; SARAIVA, A. L. R. Levantamento estatístico sobre o sistema socioeducativo da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. (SPDCA/SEDH-PR). Brasília, 2004. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/sedh/> .

NASCIMENTO, M. L. Pivetes: a produção de infâncias desiguais. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2002.

NASCIMENTO, P. F. G. Ser homem ou nada: Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE. Recife: Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, 1999. (Dissertação de Mestrado)

PEGORARO, J. S. Notes on youth bearing juvenile violence within post-industrial societies. Sociologias. [online]. jul./dez. 2002, no.8 [citado 09 Janeiro 2006], p.276-317. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-4522.

PEIRANO, M. A favor da etnografia. Rio de Janeiro, Relume/Dumará, 1995.

PINHO, O. A guerra dos mundos homossexuais resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde. VVAA. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PISCITELLI, A. G. Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico. In: Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP. Campinas, nº1, 19-30, 1993.

QUADROS, M. T. Paternidade, trabalho doméstico e envolvimento com os/as filhos/as. In: CAMPOS, R. B. C. e HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). Pensando família, gênero e sexualidade. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2006.

QUEIROZ, M.I.P. Histórias de Vida e depoimentos pessoais. In: Sociologia. Vol XV, São Paulo, 1953.

_____. Experimentos com Histórias de Vida. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais. Sociologia. Vol XV, março de 1953, São Paulo, 1988.

RAGO, M. Descobrimos historicamente o gênero. In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 89-98, 1998.

REZENDE, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0104-93132002000200003

RIBEIRO, L. Juventude, Violência e Pobreza no Bairro de Peixinhos: questionamentos e alternativas. In: ALVIM, Rosilene; FERREIRA JÚNIOR, Edísio; QUEIROZ, Tereza. (orgs.) (Re)construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2004.

_____. Meninos Bandidos: interfaces entre criminalidade e identidade masculina em homens jovens. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de

Pernambuco). Recife: UFPE, 2006.

ROCHA, E. Mapeamento nacional da situação das Unidades de execução da medida socioeducativa de privação de liberdade ao adolescente em conflito com a lei. Brasília, IPEA/DCA-MJ, 2002. Disponível em: <http://planalto.gov.br/sedh/>.

RUBIN, G. O tráfico de mulheres: Notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SARTI, C. A. FEBEM: relações internas e imagens externas. In: SARTI C. O reconhecimento do outro: uma busca de diálogo entre ciências humanas e ciências da saúde.[tese de Livre Docência]. São Paulo (SP): Departamento de Medicina Preventiva, Universidade Federal de São Paulo/Escola de Medicina, 2003.

_____. Violência familiar: relações violentas e contexto social [NO PRELO]. In: Miriam Grossi; Gustavo Lins Ribeiro. (Org.). Antropologia e Direito: palavras chave para o diálogo. : , 2007.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005.

SCHUCH, P. Trama de significados: uma etnografia sobre sensibilidades jurídicas e direitos do adolescente no plantão da delegacia do adolescente infrator e no juizado da infância e da juventude de Porto Alegre/RS. In: KANT de LIMA, R. (Org). Antropologia e Direitos Humanos 2. Niterói: EdUFF, 2003

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

SCOTT, R. P. Homens, domesticidade e políticas públicas na saúde reprodutiva. Recife: UFPE, 2000.

_____. Gênero, Família e Comunidades: Observações e aportes teóricos sobre o Programa Saúde da Família. In: Villela, W.; Monteiro, S. Gênero e Saúde: programa saúde da família em questão. Rio de Janeiro: ABRASCO, Brasília. UNFPA, 2005.

_____. A família brasileira diante as transformações o cenário histórico global. In: Revista Anthropológicas. Universidade Federal de Pernambuco/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA). Recife: Ano 9, v. 16(1), 2005.

_____. O Homem na matrifocalidade: Gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: (73): 38-47, maio 1990.

_____. Etnografia, contextualização e comparação no estudo de jovens e famílias. In: CAMPOS, Roberta B.C. e HOFFNAGEL, Judith. C. Pensando Família, Gênero e Sexualidade. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2006.

SIMMEL, G. Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O. (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

SOARES, L. E. Meu Casaco de General. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

SOIHET, R. História das mulheres e história de gênero – um depoimento. In: Trajetórias de Gênero. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas: (11) 77-88, 1998

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. Ciência & Saúde Coletiva., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005.

_____. Panorama da Violência Urbana no Brasil e suas capitais. *Ciênc. saúde coletiva.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2006.

STRATHERN, M. *The gender of the gift*. University of California Press: Berkeley: Los Angeles: London, 1988.

_____. Necessidade de pais, necessidade de mães. *Revista Estudos Feministas*, vol. 3, n.2, 1995. p.p. 303-330.

_____. Novas formas econômicas: um relato das terras altas da Papua-Nova Guiné. *Mana.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100005&lng=pt&nrm=iso>.

VALLE, F. A reincidência dos atos infracionais em adolescentes em conflito com a lei: marcas de uma subjetividade. In: BARROS, F. O. de. *Tô Fora: o adolescente fora da lei*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G. e ALVITO, M. (Orgs). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

_____. Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

VOLPI, M. *Sem Liberdade, Sem Direitos: A privação de liberdade na percepção do adolescente*. São Paulo: Cortez, 2001.

WALZER, M. *Da Tolerância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZALUAR, A. Violência e Crime. In: MICELI, S. *O que se ler na Ciência Social Brasileira*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS: Brasília, DF: CAPES, 1999.

_____. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZUMA, C. E. *A violência no âmbito das famílias: indicando práticas sociais de prevenção*. Monografia de Especialização em Gestão de Iniciativas Sociais. Rio de Janeiro: LTDS/COPPE/UFRJ e SENI/DN, 2004.